David Irving

A destruição de Dresden

Anatomia de uma tragédia

PALAVRAS PRÉVIAS

pelo Marechal-do-Ar Sir Robert Saundby K.C.B., K.B.E.. M.C., D.F.C., A.F.C.

Quando o autor deste livro me convidou para escrever um prefácio para o mesmo, a minha primeira reação foi a de que eu tinha estado muito estreitamente vinculado aos fatos. Mas, embora intimamente ligado, não fui de nenhum modo responsável pela decisão de realizar um ataque maciço a Dresden. Nem o foi o meu Comandante-em-Chefe, Sir Arthur Harris. A nossa parte consistia em executar, empregando toda a nossa habilidade, as instruções que recebíamos do Ministro do Ar. E, neste caso, o Ministro do Ar estava apenas transmitindo as instruções recebidas dos responsáveis pelas altas decisões da guerra.

Este livro é um trabalho sério. A história, altamente dramática e complexa, também encerra um elemento de mistério. Não estou ainda certo de ter compreendido por que aconteceu. O autor colheu, com muito engenho e paciência, toda a evidência, separando a realidade da ficção, dando-nos um relato minucioso tão próximo da verdade, talvez, quanto o poderíamos obter.

Ninguém pode negar que o bombardeio de Dresden foi uma grande tragédia. Poucos acreditarão, depois de ler este livro, que tenha sido verdadeiramente uma necessidade militar. Foi uma dessas coisas terríveis que ás vezes acontecem na guerra, provoca da por uma infeliz combinação de circunstâncias. Os que a aprovaram não eram nem perversos nem cruéis, mas podia ser que estivessem muito longe das duras realidades da guerra para compreender perfeitamente o terrível poder destruidor de um bombardeio aéreo na primavera de 1945.

Os defensores do desarmamento nuclear parecem acreditar que se pudessem alcançar o seu objetivo a guerra tornar-se-ia tolerável e decente. Fariam bem em ler este livro e ponderar o destino de Dresden, onde 135.000 pessoas morreram em conseqüência de um ataque aéreo por armas convencionais.

Na noite de 9 para 10 de março de 1945, um ataque aéreo a Tóquio, realizado por bombardeiros pesados americanos, usando bombas incendiárias e altamente explosivas, causou a morte de 83.793 pessoas. A bomba atômica lançada sobre Hiroshima sacrificou 71.379 vidas.

As armas nucleares são, por certo, as mais poderosas em nossos dias, mas é um erro

imaginar que, se fossem abolidas, grandes cidades não poderiam ser reduzidas a pó e cinzas, com terrível morticínio, por aviões usando armas convencionais. E a abolição do medo da guerra nuclear - que reduz a guerra moderna total a um aniquilamento mútuo pode ainda uma vez de novo tornar o recurso à guerra convidativo para um agressor.

Não são este ou outros meios de fazer guerra que são imorais ou desumanos. Imoral é a própria guerra. Desde que uma guerra total começou nunca poderá ser humanizada ou civilizada, e se um dos lados espera que assim aconteça será mais provavelmente derrotado. Enquanto recorrermos à guerra para resolver diferenças entre nações, teremos que sofrer os horrores, barbaridades e excessos que ela acarreta. Essa é para mim a lição de Dresden.

O poder nuclear permitiu-nos ver finalmente o fim da guerra em escala total. É agora demasiado violenta para ser um meio de resolver qualquer coisa. Nenhum objetivo, nenhuma vitória imaginável que a guerra possa proporcionar poderá pesar mais que uma palha se comparada com a tremenda destruição e as perdas de vidas que ambos os lados sofreriam.

Nunca houve a menor esperança de abolir a guerra por meio de acordos ou desarmamentos, ou por motivos de moralidade ou humanidade. Se o for será porque se tornou tão tremendamente destruidora que não pode mais servir para qualquer fim útil.

Este livro conta, sem paixão e honestamente, a história de um exemplo profundamente trágico, em tempo de guerra, de desumanidade, de homem para homem. Esperemos que os horrores de Dresden e Tóquio, Hiroshima e Hamburgo possam mostrar a toda a humanidade a futilidade, selvageria e por fim a inutilidade da guerra moderna.

Não devemos contudo cometer o engano fatal de acreditar que a guerra possa ser evitada por desarmamento unilateral, por recurso ao pacifismo ou recorrendo a uma neutralidade insustentável. É o equilíbrio do poder nuclear que conservará a paz até que a humanidade, como deverá acontecer algum dia, retorne ao bom senso.

PREFÁCIO DO AUTOR

Há três anos que estou coligindo elementos sobre a história que está por trás do ataque a Dresden, para desfazer a emaranhada teia de falsidades e de propaganda de guerra do inimigo, tecida em torno da verdadeira natureza do objetivo, e analisar em detalhe a importância histórica do esquema de ataques durante fevereiro de 1945 e no qual cabem os três maiores reides contra Dresden. Tentei reconstruir o ataque, minuto por minuto, ao longo das quatorze horas e dez minutos do tríplice golpe que, segundo cálculos autorizados, matou mais de 135.000 habitantes de uma cidade com a sua população duplicada em relação ao tempo de paz em virtude do afluxo maciço de refugiados do leste, prisioneiros de guerra aliados e russos e milhares de trabalhadores forçados. Havia, naturalmente, por múltiplas razões, muita gente de serviço na cidade, além dos que estavam nos hospitais militares; só os grandes aquartelamentos da Cidade Nova de Dresden abrigavam vários milhares. Mas esses aquartelamentos não foram o alvo do ataque e na verdade permaneceram indenes até depois de abril de 1945. Na tempestade de fogo de Dresden, as baixas entre o pessoal militar foram proporcionalmente ligeiras.

Como fui prevenido quando comecei este trabalho, a minha tarefa não foi tão fácil como se o ataque a Dresden tivesse ocorrido nos primeiros anos de guerra.

Para a primeira parte da guerra há, apreendidos, numerosos documentos da Luftwaffe, em Washington e Londres, mas os diários de guerra operacionais germânicos de 1945 foram quase todos destruídos durante os dias do colapso final.

A maior parte do meu trabalho consistiu portanto em encontrar as principais personalidades e aviadores relacionados com os três reides a Dresden e, recompor, mesmo temporariamente, as suas recordações, para fixá-las nesta forma mais permanente.

Meus agradecimentos aos duzentos aviadores ingleses que prontamente prestaram as informações que pedi. Do mesmo modo a tripulação de algumas centenas de bombardeiros e de aviões de combate americanos forneceu-me detalhes sem os quais o capítulo dos ataques americanos teria sido impossível. A narrativa da participação da Luftwaffe é obviamente mais sumária; o número de pilotos de caça que não somente tomou parte nas ações defensivas na noite em que Dresden foi o objetivo da força principal, mas que

também sobreviveu à guerra não é realmente grande. Agradeço à imprensa da Alemanha Ocidental, especialmente ao Deutsches Pernsehen, pela assistência que me prestou para localizar os sobreviventes da Luftwaffe em cujos depoimentos está baseada a narrativa da tragicômica imobilização dos caças noturnos na noite de 13 para 14 de fevereiro de 1945.

O material para a descrição do objetivo e do efeito do ataque sobre os seus habitantes proveio de uma larga variedade de fontes, não menos que das duas centenas de velhos habitantes de Dresden dos quais somente um punhado é identificável nas listas de referências dadas no fim deste livro; esses cidadãos prestaram-me informações sobre Dresden e responderam ao questionário formulado sobre o seu significado industrial e militar.

Agradeço a assistência de Sir Arthur Harris, antigo Comandante-em-Chefe do Comando de Bombardeiros da Royal Air Force e a do Marechal-do-Ar Sir Robert Saundby, que usou a sua prodigiosa memória relembrando os fatos de bastidores da execução dos ataques da RAF e que pacientemente revisou e corrigiu o texto deste livro.

Em alguns capítulos recorri amplamente à magistral obra oficial A Ofensiva Aérea Estratégica Contra a Alemanha, 1939-45, por Sir Charles Webster e Noble Frankland (H. M. Stationery Office, 4 volumes, 1961). Embora reconhecendo a minha gratidão a esse livro, devo acentuar que em todas as passagens em que o cite ou recorra às suas informações, quaisquer conclusões (a menos que claramente indicada por citações) são inteiramente minhas. Quando uso as palavras "Historiadores Oficiais" refiro-me a seus autores.

A narrativa da execução do ataque seria incompleta sem a relação detalhada da composição das forças atacantes e de vanguarda, que foi forneci da pela Divisão de História do Ministério do Ar, e as completas informações prestadas pelos Chefes de Bombardeio dos dois ataques aéreos da RAF a Dresden, que também fizeram a revisão do manuscrito do livro à procura de erros ou de inexatidões. Para a localização dos sobreviventes do pessoal da aviação participante dos ataques, prestaram-nos indispensável assistência muitos jornais, tais como: Daily Telegraph, Guardian, The Sootsman, New York Times, Washington Post, o magazine Air Mail, órgão da RAF e o magazine da U. S. Air Force.

Há ainda, sem dúvida, muito que escrever sobre a tragédia de Dresden. Alguns dos mistérios assim provavelmente continuarão, mas muitos deles serão certamente esclarecidos quando o historiador americano Joseph Warner Angell, Jr. da Divisão de História da Força Aérea Americana for autorizado a publicar o seu trabalho secreto sobre os reides de Dresden, escrito vários anos atrás para o Governo americano. Mr. Angell é o

único historiador que teve acesso a uma coleção contendo documentos pessoais e mensagens troca das entre Roosevelt, Churchill, Stalin, Eisenhower e os chefes russos da época, e a papéis secretos, junto com equipes de oficiais subalternos e de categoria mais elevada. Mr. Angell e eu fizemos repetidas solicitações para a total liberação deste estudo e nossos pedidos foram favoravelmente acolhidos pelo General Spaatz e outros oficiais de elevada patente da Força Aérea Americana. Essas tentativas logo conseguiram transformar a classificação dos documentos, de *altamente secreta* para a categoria de *para uso oficial somente*.

Devemos finalmente agradecer à Wiener Library. de Londres, o uso de seus ricos arquivos sobre literatura dos países de Nacional Socialismo e aliados, particularmente pelo capítulo A Reação do Mundo na qual a violenta propaganda que países simpatizantes com a Alemanha foram capazes de produzir é examinada detalhadamente, sendo feita referência especial às transmissões radiofônicas captadas pelos serviços de escuta da BBC através do mundo.

DAVID IRVING

Parte I

OS ANTECEDENTES

ELES SEMEARAM VENTOS

Os historiadores da Guerra aérea situam as primeiras investidas contra a Alemanha pela altura do dia 10 de maio de 1940.

Antes dessa data, a RAF somente realizou ataques aéreos contra navios capitânias, pontes ou embasamentos de artilharia. Por ocasião da invasão da Polônia pelos nazistas, em setembro de 1939, o bombardeio de Varsóvia pela Luftwaffe criou, ao causar baixas entre os civis, antes da rendição da cidade, um precedente no ponto de vista britânico. Deve ser mencionado que não existe lei internacional regendo de modo específico a guerra aérea, embora o Tribunal Militar Internacional de Nuremberg tenha reconhecido que certos artigos da Convenção de Haia eram aplicáveis à guerra no ar.

Navios de guerra foram atacados no Canal de Kiel já no dia 4 de setembro de 1939, mas foi somente na noite de 19 para 20 de março de 1940 que as primeiras bombas foram lançadas em território germânico, ao ser bombardeada a base de hidraviões em Sylt; três dias antes, a Luftwaffe tinha sobrevoado as Ilhas Orkney, matando um civil inglês.

A Royal Air Force, contudo, continuava limitando as suas operações sobre a Alemanha a martelamento, lançando folhetos sobre o Reich, e assim prosseguiu até a tarde de 10 de maio de 1940, o dia em que começou a invasão pelos ale mães da França e dos Países Baixos, mas também o dia em que Neville Chamberlain, decidido adversário do uso do bombardeio como meio de intimidação; foi substituído por Winston Churchill.

Às 15h59m da tarde quente, mas nublada, de 10 de maio de 1940, na Alemanha do sul, três bimotores, voando a cerca de 1600 metros, emergiram das nuvens de cúmulus nímbus sobre Freiburg-im-Breisgau; cada um deles lançou um feixe de bombas e fugiu rapidamente. As pequenas mas poderosas bombas de 50 quilos explodiram muito longe do alvo, o aeródromo militar; somente dez nele caíram, enquanto trinta e uma, incluindo quatro que não explodiram, caíram nos limites da cidade, para oeste; seis, perto dos quartéis de Gallwatz e onze na Estação Central.

Duas das bombas atingiram um playgrounde infantil, na Kolmar Strasse. A polícia anunciou um total de cinqüenta e sete vítimas, incluindo vinte e duas crianças, treze mulheres, onze homens e onze soldados.

A reação do Ministério da Propaganda alemão foi imediata e a agência de notícias

oficial do DNB, declarou naquela noite: "Três aviões inimigos bombardearam hoje a cidade aberta de Freiburg-im-Breisgau, completamente afastada da zona germânica de operações e desprovida de objetivos militares" acrescentando que a Força Aérea alemã responderia a essa "operação ilegal" de maneira semelhante: "A partir de agora, qualquer outro bombardeio inimigo sistemático da população alemã será respondido por um número cinco vezes maior de aviões alemães atacando uma cidade inglesa ou francesa."

Uma informação secreta de Freiburg dizendo que tinham sido vistos três Heinkel alemães lançando bombas sobre a cidade somente serviu para adensar o mistério.

Os franceses, porém, acusados de terem executado o ataque, proclamaram-se inocentes, embora um avião Potez 63 tenha sido visto na área; satisfeito por essa defesa, o Ministério do Ar Britânico publicou uma nota serena considerando a alegação alemã como "inverídica e outro exemplo da falsidade germânica".

Suspeitavam tratar-se de uma justificação prévia para um assalto da Luftwaffe a cidades aliadas e na tarde de 10 de maio o Governo britânico fez uma declaração formal: enquanto relembravam que no dia 10 de setembro de 1939 haviam dado uma garantia ao Presidente dos ainda nominalmente neutros Estados Unidos de que à Royal Air Force havia sido proibido o bombardeio de populações civis, garantia que, deve ser realçado, o Primeiro-Ministro britânico observou rigidamente até 10 de maio de 1940, proclamavam agora publicamente que se reservavam o direito de tomar qualquer decisão que julgassem adequada na eventualidade de bombardeios de população civil por reides dos alemães. Freiburg, na realidade, fora bombardeada por aviões alemães, embora de maneira não aparente, como parte de uma bem organiza da trama.

No mesmo dia do incidente de Freiburg, a Alemanha invadia a Holanda, Bélgica e Luxemburgo. Embora em relação a outros acontecimentos do mesmo dia o incidente de Freiburg fez-se de menor significação, era mais um golpe na manutenção dos princípios humanos na condução da guerra aérea.

Alguns dias depois do incidente de Freiburg, a Luftwaffe desencadeou o seu mais tristemente famoso reide de toda a guerra, durante a batalha pela corajosa Rotterdam. Contudo, como o ataque a Freiburg, este reide não deve ser considerado como ataque de área, embora qualquer referência anterior ao bombardeio aéreo seria muito incompleta sem a descrição das circunstâncias influenciando a opinião pública britânica em relação aos últimos vigorosos ataques da Royal Air Force a cidades alemãs.

O próprio Primeiro-Ministro referiu depois "a perfídia longamente preparada e a brutalidade que culminaram no massacre de Rotterdam, no qual muitos milhares de holandeses foram chacinados".

Desculpas teóricas são possíveis, como torna claro cuidadoso estudo dos mais recentes registros; embora muitos dos mais importantes arquivos da Luftwaffe tenham sido destruídos num incêndio acidental ,em Potsdam, na noite de 27 28 de fevereiro de 1942, as origens e natureza do ataque podem ser claramente delineadas: no dia 13 de maio, a 22 Divisão Aerotransportada, com 400 homens, estava em sérias dificuldades na posição em que fora lançada no dia 10 de maio, a noroeste de Rotterdam; a 9 Divisão Blindada e os reforços do III/IR 169 Regimento de Infantaria tinham invadido a cidade chegando à Ponte Maas , capturada no verdadeiro primeiro dia da ofensiva por pára-quedistas para evitar as tentativas dos holandeses para demoli-la: a ponte foi uma das chaves da defesa holandesa.

Às 16 horas de 13 de maio, o Tenente-Coronel von Cholchitz, Comandante do III/IR 169 mandou uma delegação ao Comandante holandês da cidade exigindo a rendição imediata. O Comandante, Coronel Scharroo, recusou-se a negociar e tudo indicava que durante a noite os holandeses deveriam bombardear as posições alemãs. A 22ª Divisão Aerotransportada, sitiada no outro lado de Rotterdam, pedia um ataque aéreo à artilharia holandesa antes que esse bombardeio pudesse ocorrer.

Contudo, apesar de urgente necessidade desse ataque tático, as ordens eventuais para a Operação-Rotterdam traduzem uma intenção positivamente diferente:

"A resistência em Rotterdam deve ser esmagada por todos os meios (ordem do General von Küchler, Comandante do 189 Exército ao XXXIX Corpo do Exército, às 18h45m de 13 de maio). Se necessária, a destruição da cidade deve ser considerada e realizada."

O Grupo de Bombardeiros Kesselring da 2ª Força Aérea destacou o esquadrão de bombardeiros KG 54 para a Operação-Rotterdam e, na tarde de 13 de maio, um oficial de ligação do KG 54, o Coronel Lackner foi enviado à sala de operações da 79 Divisão Aérea para recolher o mapa do objetivo "no qual as zonas de defesa holandesas que deviam ser destruídas por bombardeio de saturação (Bombenteppiche) estavam assinaladas, como depois declarou o General Lackner ao Dr. Hans Jacobsen, o autor alemão da mais exata história do assunto Rotterdam; deve ser aqui dito que não existe evidência documentada em favor da assertiva de Lackner de que somente deviam ser atacados os objetivos militares. Mesmo o relatório da Divisão de História do Ministério do Ar, sobre o ataque a Rotterdam, publicado como apêndice em um volume da História Oficial da Segunda Guerra Mundial, é errôneo em alguns pontos.

Na mesma tarde, foi ordenado ao intérprete da 9ª Divisão Blindada, que redigisse um ultimato ao Comandante holandês, nos seguintes termos: "A resistência oposta ao Exército

alemão que avança obriga-me a informá-lo de que se a mesma não cessar imediatamente, ocorrerá a destruição total da cidade. Peço-lhe, como homem de responsabilidade, que use a sua influência para consegui-lo. Como testemunho de boa-fé peço-lhe que envie um intermediário. Se não receber resposta dentro de duas horas, serei obrigado a utilizar os mais severos meios de destruição. (a) Schmidt - Comandante das tropas alemãs. "

Foi evidentemente um impacto para os holandeses, mas parecia que o General Schmidt, Comandante do XXXIX Corpo de Exército, esperava que os mesmos fossem chamados à razão e capitulassem.

Naturalmente, os holandeses não viam razão para uma tal precipitação; as suas comunicações com o seu Comando-em-Chefe estavam intactas e a parte norte de Rotterdam ainda estava seguramente em suas mãos.

O intermediário alemão somente regressou às 13h40m de 14 de maio, pois os holandeses o vinham retendo para ganhar tempo; um desembarque por via aérea de reforços britânicos era esperado mas não se concretizou. No entanto, Scharroo tinha mencionado que mandaria um plenipotenciário às 14 horas, para negociar.

O General Schmidt não teve alternativa senão adiar o reide planejado para as 15 horas. Radiografou para o QG da Frota Aérea:

"Ataque adiado motivo negociações . Aviões devem retornar prontidão para decolagem. "

Nos campos de aviação de Quakenbrück, Delmenhorst e Hoya, na Alemanha do Norte, algumas centenas de aviões da KG 54 já tinham sido instruídos para atacar as zonas de resistência de Rotterdam em duas vagas de bombardeiros. O tempo de vôo até Rotterdam seria de cerca de 95 a 1 00 minutos; cerca do meio-dia, o sinal em código para atacar foi dado, depois de já estar com grande atraso a volta do enviado; entrementes, também, a 22ª Divisão Aerotransportada tinha de novo radiografado clamando desesperadamente por auxílio.

A KG 54 foi instruída para atacar" de acordo com o plano" a menos que foguetes vermelhos avisassem à última hora a rendição de Rotterdam. Às 13h25m as duas formações levantaram vôo; a ala direita de bombardeiros formada pelo II/KG 54 e a esquerda pela I/KG 54. Ao mesmo tempo, os holandeses, ainda lutando contra o tempo, diziam não poder aceitar a mensagem do General Schmidt "por não estar assinada e não trazer indicação da patente"; mas o emissário holandês, Capitão Backer, foi credenciado para discutir as condições alemãs de rendição. Quarenta preciosos minutos decorreram enquanto os Generais Student, Schmidt e Hubicki (Comandante da 9 Divisão Blindada) redigiam as condições.

Faltavam então cinco minutos para a hora marcada para o adiado ataque a Rotterdam. Mas não tinha sido possível retransmitir o sinal de chamada para os bombardeiros Heinkel, pois tinham-se desviado ao atravessar a fronteira holandesa e estavam agora apenas acessíveis no menor alcance de rádio. O General Speidel mandou, sem sucesso, que um avião de combate veloz, pilotado pelo Tenente-Coronel Rieckhoff, detivesse as formações de bombardeio.

Logo que ouviu a aproximação dos bombardeiros, Schmidt mandou disparar os foguetes de aviso vermelhos, como combinado, para prevenir que o ataque fora cancelado.

O Comandante da vaga de bombardeiros da I/KG 54 atacando Rotterdam vindo do sul, informou: "Estava concentrado à procura de qualquer luz vermelha. O meu bombardeador ditava pelo rádio a leitura dos alvos, nitidamente identificados. Quando ele informou que teria que largar as bombas para que não caíssem além do alvo detalhe muito importante pela proximidade de tropas alemãs - mandei que as soltasse na posição dos ponteiros do relógio marcando 3 horas. Foi exatamente então que vi surgirem dois pequenos foguetes vermelhos, em lugar dos esperados sinais por lâmpadas vermelhas. Não podíamos sustar as bombas porque o disparo era inteiramente automático, nem o poderiam fazer os outros dois aviões da minha esquadrilha. Lançaram as suas bombas quando viram as minhas caindo. Mas o sinal do meu radioperador foi lançado justo a tempo para os outros aviões."

Dos cem Heinkels, somente quarenta ouviram o sinal a tempo, os outros desfecharam um ataque muito concentrado nos alvos designados. Exatamente no início do reide foi cortado o principal abastecimento de água, e como os primeiros ataques táticos tivessem avariado consideravelmente as canalizações, o deficiente serviço local contra incêndios foi incapaz de lutar contra os progressivos incêndios, sobretudo porque um dos edifícios mais severamente atingidos era uma fábrica de margarina, da qual jorravam jatos de óleo ardente. Na verdade, os alemães, apesar de tratar-se de um ataque a posições com artilharia, não usaram bombas incendiárias. Foram lançadas noventa e quatro toneladas de bombas - 1.150 de 50 quilos e 158 de 250 quilos - para comparar, por exemplo, cerca de 9.000 toneladas de bombas altamente explosivas e incendiárias foram despejadas no Porto de Duisburg, no interior do Ruhr, durante o tríplice ataque de 14 de outubro de 1944.

Às 15h30m, Rotterdam capitulava, o Comandante asseverando amargamente que as negociações de rendição estavam em curso antes que o ataque tivesse início.

Às 19h30m, o General Winkelman, Comandante-em-Chefe holandês, radiografou que: "Rotterdam bombardeada esta tarde sofreu a fatalidade da guerra total. Utrecht e outras cidades cedo acompanharão o seu destino. Cessamos a luta." Como tática, o

fortemente apoiado reide tinha sido esmagador; como estratégia, o ataque terror não poderia mais dramaticamente ter atingido os seus objetivos. Os chefes militares alemães insistiram, porém, no fim, que o reide tinha tido apenas objetivos táticos.

- Não pretendiam obter uma vantagem estratégica aterrorizando a população de Rotterdam? - perguntou Sir David Maxwell Eyfe ao Marechal Kesselring, em Nuremberg, em 1946.

- Nego-o com a consciência límpida - respondeu Kesselring. - Tínhamos uma única tarefa: dar cobertura de artilharia às tropas de Student. Como testemunha alemã da defesa, dificilmente poderia dizer algo diferente.

O comunicado do Alto Comando Alemão, de 15 de maio de 1940, anunciava com impudente cinismo que: "Sob a pressão dos ataques de bombardeiros de mergulho alemães e do iminente ataque à cidade por tanques, Rotterdam capitulou salvando-se assim da destruição".

As vítimas não foram muito numerosas, para tempos de guerra: morreram 980 pessoas, de acordo com os dados fornecidos (1962) pelas autoridades de Rotterdam, sobretudo civis, em incêndios que devastaram três quilômetros quadrados da parte mais importante da cidade; o fogo ainda lavrava em alguns pontos quando os rapidamente organizados regimentos de bombeiros, sob o comando do General Rumpf, chegaram, alguns dias depois. Vinte mil edifícios foram consumidos pelo fogo e 78.000 habitantes ficaram desabrigados. Com a queda de Rotterdam e do resto da Holanda, excetuada a Província de Zeeland, somente restava aos aliados saber que proveito poderiam tirar das ruínas. No dia 16 de julho surgiu a primeira manifestação do que viria a ser uma virulenta propaganda da guerra aérea: a Legação holandesa em Washington emitiu uma declaração, à qual o Primeiro Ministro da Inglaterra, durante a guerra, parece ter replica do em suas memórias. A declaração holandesa dizia:

"Quando Rotterdam foi bombardeada, a capitulação do Exército holandês já havia sido entregue ao Alto Comando Alemão. O crime contra Rotterdam foi um assalto delibera do e criminoso a civis desarmados e indefesos. Nos sete minutos e meio do ataque, morreram 30.000 pessoas - 4.000 inofensivos homens, mulheres e crianças por minuto."

Os americanos ficaram horrorizados e os cinegrafistas das Forças Aéreas britânica e americana devem ter ficado envergonhados quando leram que "o toque dantesco final para esse inferno de morte criado pelo homem era que os alemães filmavam o trabalho que suas mãos tinham feito" .

Não deveria ter sido necessário descer a tais detalhes sobre o planejamento e

execução dos ataques aéreos alemães a Rotterdam em um livro cujo objetivo é descrever o tríplice ataque a Dresden cinco anos depois.

Fica-se inevitavelmente levado a considerar, pensando no que os alemães fizeram, que em Dresden e nas outras tragédias maiores da ofensiva aérea contra a Alemanha, o povo alemão estava apenas colhendo as tempestades que os seus chefes semearam em 1940.

Exageros dramáticos custam a desaparecer, não menos que os criados pela dura necessidade de manter o moral em tempo de guerra.

O pesquisador deve, portanto, somente relatar o que realmente aconteceu. De outro modo estará desservindo à posteridade.

Deixando o aspecto moral, se foi uma operação tática ou - como proclamado em Nuremberg - apenas usada para aterrorizar a população civil, o bombardeio não foi ilegal, de acordo com o Artigo 25 da Convenção de Haia de 1907, subscrita tanto pela Alemanha como pela Inglaterra: Rotterdam não era uma cidade indefesa.

Mas essas considerações parecem puramente acadêmicas em face do criminoso procedimento nazista em relação à Holanda neutra.

O Alto Comando da RAF estava convencido de que a Luftwaffe não poderia ser derrotada no continente; os bombardeiros e as formações de combate inimigas deveriam ser atraídas ou provocadas para combates diurnos sobre as Ilhas Britânicas, dentro das poderosas defesas de combate aéreo da RAF. Obedecendo a este plano, os primeiros ataques a alvos a leste do Reno foram desferidos na tarde em que o reide a Rotterdam foi comunicado ao mundo; menos de vinte e cinco dos noventa e seis bombardeiros enviados cumpriram o seu objetivo. Nenhum avião alemão foi desviado da batalha germânica sobre a França. Foi somente após a rendição da França e a continuação dos ataques da RAF ao interior da Alemanha que o Führer resolveu voltar a sua atenção para alvos industriais em Londres.

O primeiro ataque da RAF à Capital do Reich foi desfechado na noite de 25 para 26 de agosto de 1940, como revide ao reide da Luftwaffe na noite anterior, no qual pela primeira vez foram jogadas bombas no centro de Londres, danificando St. Giles, Cripplegate. A Batalha da Inglaterra estava então aumentando há mais de seis semanas. O primeiro ataque em larga escala ao Reino Unido ocorreu a 10 de julho, quando setenta aparelhos germânicos incursionaram sobre as docas de Gales do Sul. Em cinqüenta e dois dias morreram 1333 civis vitimados por ataques à Inglaterra. Os ataques aumentavam de intensidade alcançando o seu máximo em meados de agosto, sendo os aeródromos os principais objetivos. Aos ataques a Portsmouth sucederam, poucos dias depois, os pesados

reides do dia 15, cobrindo uma ampla área incluindo Newcastle e Croydon, com uma perda total de 76 aviões alemães. No dia seguinte, pela primeira vez, caíram bombas nos subúrbios de Londres. Um dia depois, o fogo antiaéreo abateu 71 aparelhos inimigos; seis dias após, porém, a Luftwaffe atacou grande número de cidades, incluindo Londres, Birmingham e Liverpool.

Apesar do fracasso da RAF, mesmo nas noites consecutivas ao primeiro ataque, em produzir pesados danos à Capital do Reich, esse novo assalto proporcionou ao Führer, ainda animado pelo sucesso de sua ofensiva ocidental, a desculpa de provocação de que necessitava.

Falando a 4 de setembro no Palácio dos Esportes, em Berlim, declarou: "Se eles ameaçam atacar as nossas cidades, arrasaremos as deles."

Indiferente à ameaça, a RAF desfechou novos ataques a Berlim, incluindo um muito forte no dia 6.

Na tarde de 7 de setembro, três dias depois do desafio e duas semanas depois do primeiro ataque da RAF a Berlim, a Luftwaffe desencadeou, pela primeira vez à luz do dia, severo ataque a Londres: 247 bombardeiros escoltados por centenas de caças pulverizaram depósitos de gasolina e instalações portuárias ao longo do curso inferior do Tâmisa, com um total de 335 toneladas de altos explosivos e 440 de incendiárias. Isto marcou o fim da batalha da Inglaterra; na blitz de Londres, que continuou, a Luftwaffe, entre 7 de setembro de 1940 e 16 de maio de 1941, anunciou ter lançado 18.921 toneladas ele bombas em 71 ataques importantes; no fim de 1940, a blitz havia causado a morte de 13.339 civis e deixado ao desabrigo 375.000 pessoas, aproximadamente.

Embora tenham sido levantadas dúvidas sobre a eficácia dos reides noturnos de bombardeio da RAF, a confiança neles depositada pelo Ministério do Ar e pelo Comando de Bombardeiros não pareceu diminuir durante o verão e o começo do outono de 1940. Em carta de 11 de outubro dirigida a Sir Richard Peirse, então Comandante-em-Chefe do Comando de Bombardeiros, falava o Vice-Marechal-do-Ar Harris da "precisão com que a nossa aviação atinge objetivos militares ao invés de apenas enegrecer as cidades"; e embora em outubro último Peirse tivesse feito algumas restrições à capacidade do Comando, em setembro, quando Vice Chefe do Estado-Maior do Ar, em carta ao Primeiro-Ministro, tinha defendido firmemente o bombardeio de precisão de cidades em oposição ao bombardeio indiscriminado.

Essa confiança não era exagerada nem mesmo à luz da evidência então conhecida. Os canais oficiais de informação do Ministério do Ar, embora contrários às notícias dos jornais americanos, concordavam em seus relatos. As informações do Comando de

Bombardeiros sobre os reides eram detalhadas e claras, contendo poucas referências a qualquer dificuldade encontrada na localização de alvos. Nada foi feito para desfazer a impressão de sucesso transmitida pelos hábeis e numerosos relatórios recebidos da Alemanha e países neutros. Muito enfatizada especialmente a desmoralização provocada pelos reides, e uma informação de 10 de outubro, marcada especialmente por Harris, estimava em 25 por cento a perda da capacidade total de produção alemã de terminada pelo bombardeio.

Mas um quadro muito diferente estava sendo apresentado na imprensa americana. O Times queixava-se da escassa divulgação dos efeitos dos reides nos telegramas enviados para Nova York pelos correspondentes americanos ainda em Berlim. A manchete no Herald Tribune de 29 de agosto dizia: "Nem sinal de reides ingleses em Berlim" e dúvida semelhante foi por eles provocada quanto ao alegado sucesso britânico em Hamburgo, em fins de julho. A propaganda nazista tirou rapidamente vantagem da presença desses correspondentes neutros na Alemanha, levando-os em visitas de inspeção aos estragos proclamados pelos ingleses. Se o Ministério do Ar via ou não essas notícias dos jornais, baseava naturalmente a sua crença na eficácia do bombardeio nas suas próprias fontes oficiais de informação. A confiança na exatidão das informações somente começou a diminuir no fim do outono de 1940, quando a primordial importância da documentação fotográfica foi reconhecida e formada uma Aviação de Reconhecimento Fotográfico, em 16 de novembro.

Anteriormente, o reconhecimento do sucesso era baseado em considerações teóricas sobre a exatidão da pontaria de bombardeio e navegação, considerações que tinham sido contrariadas apenas por uns poucos oficiais graduados em High Wycombe, entre eles Sir Robert Saundby; ele era profundamente cético quanto às declarações feitas pelas tripulações de bombardeiros.

No Quartel-General do Comando de Bombardeiros havia como ele descreveu, um mapa coberto de quadrados vermelhos e pretos, os primeiros representando a existência de refinarias de petróleo, os pretos significando as que a RAF tinha "achatado".

Interrogado por Saundby, o oficial encarregado do mapa explicou que as estatísticas tinham demonstrado que 100 toneladas de bombas poderiam destruir a metade de uma refinaria; cada um dos quadrados pretos tendo recebido 200 toneladas, deveriam ter sido destruídas; o oficial sabia que elas tinham sido atacadas "pois essas eram as ordens das tripulações". Ao que Sir Robert Saundby teria respondido càusticamente: "Vocês não lançaram 200 toneladas de bombas nessas refinarias; vocês exportaram 200 toneladas de bombas, e devem esperar que algumas delas tenham-se aproximado do alvo." Esta

observação, nos primeiros dias do Comando de Bombardeiros, deve ter chocado profundamente o oficial envolvido, mas revela claramente a atitude realística que os oficiais mais graduados do Comando deviam adotar se o mesmo queria sobreviver.

Um típico "quadrado negro" poderia representar a Refinaria de Gasolina Sintética de Ilse Bergbar, em Ruthland, perto de Dresden, atacada pelo Comando de Bombardeiros na noite de 10 para 11 de novembro de 1940.

A grande refinaria, identificada pelas suas seis altas chaminés, foi regada com bombas incendiárias pelos primeiros que chegaram e os grandes reflexos dos muitos incêndios por elas provocadas ajudaram os aviões seguintes a apurar a pontaria. Impactos diretos com bombas de alto poder explosivo entre os edifícios da refinaria e sobre a base do conjunto de chaminés provocaram violentas explosões cuja força podia ser sentida nos aviões, a centenas de metros acima.

Ao cabo de uma hora de ataque, gigantescos incêndios, levantando densas nuvens de fumaça negra, lavraram na refinaria e os últimos atacantes, ainda durante 20 minutos, podiam avistá-los depois de iniciado o vôo de 800 quilômetros de regresso à base.

Tudo isso a despeito de nuvens "erguendo-se contínuas a mais de 6000 metros". A própria Dresden foi "também bombardeada pela primeira vez, com grandes incêndios nas principais junções ferroviárias da cidade e pesados danos às instalações de gás, água e eletricidade, em um ataque estendendo-se das 21h15m às 23 h".

Embora as sirenas de Dresden dessem o alarme às 2h25m, na verdade não caíram bombas. Um ataque de ensaio executado em Dresden no dia 22 de setembro de 1940 foi referido no Boletim do Ministério do Ar. 1796, quando "foram atacados desvios ferroviários e atingidos dois trens de carga". Mais uma vez soaram as sirenas mas não parece que tenham caído bombas. O Relatório Parlamentar de Hansard também referiu que dois ataques a Dresden foram desferidos já em 1940.

Se o Ministro do Ar foi muito otimista acerca da habilidade de seus aviadores para navegar, pelas estrelas, corretamente, para objetivos do tamanho de cabeças de alfinete, a Luftwaffe era mais realista: já em março de 1940 a apreensão de documentos em bombardeiros alemães abatidos mostrava que os aviões tinham sido dotados de emissores Knickebeir para correta navegação noturna: quando a Ala nº 80 e a organização especializada em rádio Contra-Medidas, sob o comando do Comandante de Ala E. B. Addison, descobriu meios de defletir aqueles raios, a Luftwaffe, na noite de 14 para 15 de novembro de 1940, recorria a um novo sistema, compreendendo o XGerãt pelo qual os primeiros aviões provocadores de incêndios poderiam lançar eficientemente chuvas de bombas incendiárias sobre os alvos, abrasando a cidade -- no caso Coventry. A principal

força de bombardeiros não teria então dificuldade em identificar o alvo.

O aperfeiçoamento final dos alemães no tocante à guerra de radio-emissões foi a introdução em fevereiro de 1941 do Gerãt: uma irradiação emitida por uma estação alemã em terra era captada pelo equipamento do bombardeiro e retransmitida para a estação em terra; o intervalo fornecia uma medida exata quanto à correta posição dos aviões sobre a Inglaterra. Dois anos depois. esta técnica, sob o nome de Oboe, constituiria uma das armas mais poderosas do arsenal do Comando de Bombardeiros durante a Batalha do Ruhr.

O progresso e o equipamento técnico da ala K. Gr. 100 dos esclarecedores alemãs eram sempre motivo de estudo para o Comando de Bombardeiros no seu preparo para a primeira grande ofensiva contra a indústria alemã na Batalha do Ruhr. A luz dos incêndios provocados pelos Heinkels K. Gr. 100, navegando orientados pelas emissões do XGerãt, os esquadrões remanescentes da força principal eram capazes de localizar facilmente os seus alvos: à I/L G 1 foi atribuído como objetivo a Standard Motor Company junto com a Coventry Radiator and Press Company; a II/K G 27 devia atacar a fábrica de motores de avião Alvis; a I/K G 51, a British Piston Ring Company; a II/K G 55, as fábricas Daimler; e a K. Gr. 606 os depósitos de gás. Dos 550 aviões enviados, 449 chegaram a Coventry, que estava apenas fracamente de fendida, embora informadores idôneos do Serviço de Inteligência tivessem prevenido o Governo com dois dias de antecedência do ataque iminente. Os bombardeiros despejaram 503 toneladas de altos explosivos e 881 bombas incendiárias. A segunda lição que o Comando de Bombardeiros da RAF devia aprender em Coventry foi a do enorme dano que a destruição das canalizações de água e gás e de instalações elétricas causava à produção industrial; assim vinte e uma fábricas vitais foram severamente danificadas pelo bombardeio, das quais nada menos do que doze ligadas à indústria aeronáutica. Mas o colapso dos serviços públicos determinou a paralisação total de nove outras indústrias vitais que poderiam, não fosse isso, recomeçar a operar pouco depois do reide. Os danos em Coventry foram acompanhados da morte de 380 habitantes e do incêndio da catedral.

Este fato deveria ter sido o verdadeiro motivo da ofensiva do Comando de Bombardeiros da RAF; perdeu-se, em Coventry, o equivalente a trinta e dois dias de produção industrial, não tanto por dano às fábricas como pelo arrasamento do centro da cidade. Além disso, os técnicos preveniram o Governo de que se a Luftwaffe repetisse os seus ataques em duas ou três noites consecutivas, considerando a facilidade com que a então desamparada e indefesa cidade havia sido identificada e atacada à noite, graças aos incêndios provocados por ataques prévios mostrando-a claramente, a cidade poderia ser posta fora de ação de modo permanente. Os alemães, porém, estavam ainda tomando pé

na guerra aérea; assim o ataque a Coventry foi deliberadamente prolongado das 22h15m para cerca das 6 horas da manhã seguinte, enquanto a duração usual dos mais bem sucedidos ataques da RAF na Alemanha foi limitada para dez a vinte minutos no fim da guerra, determinando uma saturação das áreas do alvo com bombas incendiárias que os serviços de extinção dos alemães eram incapazes de dominar.

Não há dúvida de que se os 449 bombardeiros alemães usassem principalmente cargas incendiárias e fossem orientados para a área do alvo em grandes concentrações, como vimos que sucedeu durante os grandes ataques a Brunswick, Dresden e outras cidades, efetuados pelo Grupo Nº 5 e tivesse sido o ataque concentrado sobre o centro medieval de Coventry, como foi o caso de Dresden, então, poderia ser sem dúvida obtida uma tempestade de fogo com, no mínimo, uma comparável perda de vidas na cidade, e muito provavelmente, um completo colapso da vida industrial da cidade pelo resto da guerra; foi uma oportunidade que os alemães felizmente perderam. Apenas uma vez, relembra Sir Arthur Harris, um ataque da Luftwaffe chegou perto das condições de um dilúvio de fogo: durante um reide incendiário sobre Londres, invulgarmente severo, quando o Tâmisa fluía quase vazio, as mangueiras dos bombeiros não alcançavam a superfície do rio. Freqüentemente o fator que convertia um ataque rotineiro numa catástrofe maior era apenas uma falha da natureza, observou ele, referindo-se talvez à onda de calor que selou o destino de Hamburgo no verão de 1943.

Em dezembro de 1940, no entanto, um comitê presidido por Mr. Geoffrey Lloyd apresentou ao Gabinete de Guerra um relatório sobre o sucesso da ofensiva que o Comando de Bombardeiros havia lançado contra refinarias de gasolina sintética desde maio último. Apesar da redução da produção de gasolina ter atingido apenas 15%, esse feito tornou-se notável quando comparado com o esforço que o Comando de Bombardeiros a ele havia devotado -- apenas 6,7% de suas operações totais eram dirigidas contra alvos industriais, portos de invasão e comunicações. Baseado nesses dados, Sir Charles Portal, Chefe do Estado-Maior da RAF, pedia a destruição das 17 maiores refinarias da Alemanha, acreditando que isso pudesse ter um efeito decisivo sobre o pêndulo da guerra. Às recomendações feitas no subseqüente relatório dos Chefes de Estado-Maior ao Gabinete de Guerra formaram a base de uma resolução tomada a 15 de janeiro: o petróleo deveria ser o objetivo principal, sendo o bombardeio de cidades industriais e comunicações, subsidiário. Essa ênfase no petróleo como objetivo viria a ser um fator relevante para o resto da guerra na política do Comando de Bombardeiros, e, em alguns momentos, tornar-se-ia fonte de grandes conflitos.

O COMANDO DE BOMBARDEIROS MOSTRA OS DENTES

Para o Comando de Bombardeiros e para o Primeiro-Ministro, a verdade acerca da ineficiência de sua ofensiva até então revelara-se lentamente, e lhes foi completa e insofismàvelmente revelada quando o secretário particular do Professor Lindemann, Mr. Bensusan Butt, a referiu ao Comando de Bombardeiros, no dia 18 de agosto de 1941. Mr. Butt tinha visto a coleção completa das fotografias de bombardeio da RAF durante uma visita particular à base da Unidade de Reconhecimento Fotográfico da RAF, em Medmenham, logo depois do Natal de 1940. Os oficiais que tinham feito a coleção compreendiam perfeitamente o seu significado e viam que, embora alguns oficiais mais graduados se recusassem a princípio a acreditar no significado das câmaras, havia a possibilidade de levá-las à atenção do Governo por meio do secretário do Professor Lindemann. Como conseqüência direta do seu relatório particular ao Professor, Mr. Butt foi incumbido de analisar as fotografias estatisticamente. O relatório Butt, entregue em 1941, e apresentado em melancólicos detalhes, confirmava finalmente o que: a imprensa estrangeira livre vinha proclamando há um ano quanto à incapacidade da força de bombardeiros inglesa. De todos os aviões citados como tendo atacado os seus alvos, apenas um terço os tinha atingido com uma aproximação de sete quilômetros; em bem defendidos objetivos interiores, como o complexo industrial do Ruhr, as possibilidades de êxito caíam para um décimo em sete quilômetros. Era positivamente inútil exigir do Comando de Bombardeiros que continuasse tentando precisão nos seus ataques noturnos até que pelo menos uma parte dos aviões do Comando fosse provida de equipamentos eletrônicos semelhantes ao dos grupos alemães. No dia 9 de julho de 1941, o Vice-Marechal-do-Ar N. H. Bottomley, Chefe Adjunto do Estado-Maior, emitiu a primeira de suas muitas diretivas ao Comandante-em-Chefe do Comando de Bombardeiros, na época ainda o Marechal-do-Ar Sir Richard Peirse:

"Desejo informá-lo de que uma minuciosa revisão da atual situação política, econômica e militar do inimigo revela que o ponto mais fraco de sua armadura está no moral da população civil e no seu sistema interno de comunicações.

O esforço principal da força de bombardeiros, até novas instruções, deve consistir em procurar desarticular o sistema alemão de transportes e destruir o moral da população civil em conjunto. Não foram deixadas dúvidas a Peirse quanto à maneira de realizá-lo.

Como primeiros objetivos para ataque foram escolhidas Colônia, Duisburg, Düsseldorf e Duisburg-Ruhrort "todas indica das para o ataque em noites sem lua pois constituem áreas industriais condensadas, onde os efeitos psicológicos serão os maiores".

"Precisamos primeiro destruir os alicerces, sobre os quais assenta a máquina de guerra alemã, a economia que a alimenta, o moral que a sustenta, os suprimentos que a nutrem e as esperanças de vitória que a inspiram."

O resumo acima do memorando dos Chefes de Estado-Maior, de 31 de julho de 1941, anunciava a iminência da ofensiva por área; a Proclamação de Casablanca, de janeiro de 1943, foi de fato apenas uma extensão, em linguagem mais vigorosa, dessa política.

Um ataque ao moral inimigo, contudo, exigia novas técnicas: um memorando do Estado-Maior do Ar ao Comando de Bombardeiros dizia, em setembro de 1941, que a conclusão era inevitável" que o maior dano ocasionado pelo inimigo era causado pelos incêndios". Enquanto que a Luftwaffe nos seus ataques a cidades inglesas lançava 60% de sua carga de bombas sob a forma de incendiárias, o Comando de Bombardeiros não passava de 30%. A prática alemã para conseguir objetivos terroristas consistia em desfechar ataques com ondas de aviões provocadores de incêndios, despejando bombas em quantidade maior do que os serviços de bombeiros poderiam dominar, para depois continuar com ondas de bombardeiros lançando bombas de altos explosivos sobre o alvo; conduta que o Comando de Bombardeiros podia imitar com proveito. As bombas de altos explosivos, destruindo os abastecimentos de água, ajudariam e aumentariam a devastação produzida pelas incendiárias. Mas em 1941, o Comando de Bombardeiros não dispunha ainda de bombas maiores do que as de 250 quilos, o que constituía fraco estímulo para desenvolver maiores ofensivas.

Experiências feitas em fins de 1941, sob a direção do Professor S. Zuckerman como chefe da Unidade Externa de Oxford e que primeiro chegaram ao conhecimento público como resultado de uma interpelação na Câmara dos Comuns, demonstraram que as bombas alemãs, em igualdade de peso, eram duas vezes mais eficientes do que as inglesas: além disso, detonando bombas comuns inglesas de 250 quilos entre cabritos reunidos em cercados em um despenhadeiro profundo, era possível concluir que "a pressão mortal para o homem era de 200 a 250 quilos por polegada quadrada; provas feitas em ataques a cidades inglesas demonstraram que essa estimativa era perfeitamente correta. Antes, a pressão mortal era avaliada em cerca de três quilos por polegada quadrada.

Ainda, a pressão necessária para causar danos pulmonares mínimos no homem foi empiricamente calculada em 35 quilos por polegada quadrada; finalmente, citando a sobrevivência do Professor M. D. Bernal a ferimentos em reides aéreos alemães, o

Professor Zuckerman realçou que somente uma pequena percentagem estava tão próxima das bombas que recebiam injúrias diretas da onda de deslocamento de ar. O Professor Zuckerman estava assim habilitado a calcular o número médio de acidentes que ocorreriam se uma tonelada de bombas fosse lançada em dois quilômetros quadrados de território de determinada densidade de população; "o resultado dessas investigações - refere um folheto de pós-guerra da Imprensa Real sobre Pesquisas Operacionais – tornou-se um guia para a política futura de bombardeio."

Curiosamente, embora o Professor Zuckerman e a sua equipe investigassem os efeitos de deslocamento de ar e de estilhaços - estes, disparando balas de aço de alta ve1ocidade em patas de coelho - nenhum cientista do Governo investigava a mortalidade de bombas sob o aspecto de fumaça e de gases tóxicos, que, como veremos, determinavam, nos reides analisados neste livro, pelo menos 70% de todas as baixas.

Nesta altura, estes cálculos macabros foram levantados pelo Professor P. M. S. Blackett, especialista em Pesquisas Operacionais, do Almirantado.

Ensaios com deflagração estática revelaram que as bombas inglesas para fins comuns, então em uso, tinham a metade do poder ofensivo das bombas idênticas (explosivas) do mesmo peso. Nos dez meses decorridos de agosto de 1940 a junho de 1941, foi lançado sobre a Inglaterra um total de 50.000 toneladas de bombas e mortas 40.000 pessoas, o que dá oito décimos de mortes por tonelada de bombas.

Assim, raciocinou Blackett, dada a comprovada inferioridade da RAF e de seus meios de agressão, deveríamos esperar matar dois décimos de alemães por tonelada de bombas inglesas lançadas. Como ele já tinha demonstrado que "a perda da produção industrial ... as baixas civis ... eram aproximadamente proporcionais" resultava de seus cálculos que a continuação da ofensiva da RAF era inútil.

Mas se os professores Blackett e Zuckerman esperavam que o Estado-Maior do Ar acolhesse seus cálculos pessimistas e desviasse recursos industriais para um ataque aos submarinos inimigos - ambos eram considerados oponentes da ofensiva por área - eles ficaram desapontados. Os seus cálculos, e muitos outros feitos por cientistas igualmente interessados, foram somente usados como um argumento para reforçar a capacidade agressiva e melhores instrumentos para o Comando de Bombardeiros.

Certamente era essencial que a produção de bombas explosivas começasse tão rapidamente quanto possível para alcançar a eficiência das armas alemãs. Em fins de 1941 entrou em serviço a primeira bomba média de 250 quilos, contendo 40% de explosivos; a primitiva arma da ofensiva por área devia porém ser a bomba altamente potente, contendo 80% de explosivos, engenhos de paredes achatadas lembrando o tamanho de caldeiras e

produzidas de 2.000, 4.000 e finalmente arrasa-quarteirão de 6.000 quilos.

Enquanto os professores Blackett e Zuckerman rejeitavam assim a possibilidade de infligir sérios danos à população alemã, o Primeiro-Ministro tinha consultado um novo conselheiro, o Professor F. A. Lindemann que, deve ser recordado, lhe tinha apresentado as persistentes deficiências do Comando de Bombardeiros depois da melancólica descoberta de seu secretário, no Natal de 1940. Ele foi solicitado a elaborar uma política de bombardeios que permitisse à Inglaterra prestar assistência efetiva a seus aliados a leste.

O relatório final de Lindemann, de 30 de março de 1942, sugeria não haver dúvida de que uma ofensiva de bombardeio poderia dobrar o inimigo desde que fosse dirigida para as zonas de trabalho das 58 cidades alemãs com população superior a 100.000 habitantes.

Cada bombardeiro - explicou Lindemann - deveria, no curso da ação, lançar cerca de 40 toneladas de bombas. Atingindo áreas muito edificadas, determinariam o desabrigo de 4 a 8.000 pessoas. Concluía dizendo que entre março de 1942 e meados de 1943 seria possível deixar ao desabrigo um terço de toda a população da Alemanha, desde que os recursos da indústria bélica fossem concentrados nesta campanha.

O relatório de Lindemann foi encaminhado aos Professores Blackett e H. Tisard para comentário; ambos estavam de acordo pedindo a prioridade da indústria aeronáutica para as necessidades do Comando Costeiro. Mais tarde, naturalmente, Blackett prestou assinalado serviço ao Comando aperfeiçoando o caça-bombardeiro Mark XIV. Os dois cientistas criticaram o relatório tachando-o de absolutamente errado, achando que Lindemann superestimava o êxito da ofensiva aérea numa proporção de 5 a 6 vezes. Foram ambos rejeitados.

Tendo em vista a controvérsia provocada pelo relatório do Prof. Lindemann, é interessante observar, pelo menos no que concerne aos reides discutidos neste trabalho, que a estimativa do Professor Blackett do número de mortes - e assim do dano industrial avaliavel - podia ser medida por um fator acima de 51, enquanto que a estimativa do Prof. Lindemann de desabrigados poderia ser expressa por um fator de apenas 1-4 (Apêndice II).

A política de Lindemann não exigia para a sua adoção muitas modificações nas táticas do Comando de Bombardeiros. Já no dia 14 de fevereiro de 1942, o Comando de Bombardeiros havia sido instruído no sentido de que a sua primeira tarefa consistia em atacar áreas residenciais em certas cidades industriais e no dia seguinte o Chefe do Estado-Maior esclareceu a ordem enumerando aquelas cidades:

"Referência ... novas diretrizes de bombardeio: Suponho que esteja claro que os objetivos[1] serão as áreas densamente edificadas (Sir Charles Portal havia escrito ao seu adjunto, Sir Norman Bottomley) não, por exemplo, as docas ou fábricas de aviões onde

aquelas são mencionadas. Deve ser perfeitamente esclarecido se não compreendido."

Bottomley respondeu que tinha, pelo telefone, confirmado especialmente este ponto com o Comando de Bombardeiros.

Esta era então a política de atacar áreas residenciais, que esperava Sir Arthur Harris, quando, no dia 22 de fevereiro de 1942, chegou aos quartéis subterrâneos do Comando de Bombardeiros, em High Wycombe, para tomar posse como Comandante-em-Chefe. Não pode haver prova mais eloqüente da inocência de Harris quanto a ter pessoalmente iniciado o bombardeio de distritos residenciais civis.

O conceito geral da Proclamação de Casablanca, de 21 de janeiro de 1943, expressava:

"Vosso primeiro objetivo será a destruição e o desmantelamento progressivo do sistema militar, industrial e econômico da Alemanha e o solapamento do moral do povo até que a sua capacidade para a resistência armada esteja fatalmente enfraquecida.

Dentro deste conceito as seguintes prioridades foram anotadas:

a) Fábricas de construção de submarinos

b) Indústria aeronáutica

c) Transportes

d) Refinarias de petróleo

e) Outros objetivos da indústria de guerra inimiga.

Uma diretiva expressa em termos tão amplos poderia certamente ser interpretada de muitas maneiras. O controle tático de operações era contudo prerrogativa do Comandante-em-Chefe do Comando de Bombardeiros e Sir Arthur Harris indicou claramente a sua interpretação em carta ao Ministro do Ar, de 6 de março de 1943, na qual em lugar da frase "e o solapamento do moral do povo alemão" anotou como se tivesse lido "dirigido para solapar o moral ..." mudança de redação que alterou a ênfase da sentença, embora não se possa dizer que a sua interpretação não fosse justificável.

O Comando de Bombardeiros não havia ainda atingido o grau de perfeição em bombardeios noturnos obtido nos estágios finais da guerra e, a despeito de algumas reservas do Estado-Maior à eficiência da ofensiva por áreas, a Batalha do Ruhr e a Batalha de Berlim começaram sob essa orientação.

Agora, pela primeira vez na guerra, o Comando de Bombardeiros possuía as armas e instrumentos com os quais podia esperar cumprir esta diretiva. O Estabelecimento de Pesquisas sobre Telecomunicações havia satisfatoriamente desenvolvido uma invenção de novo radar de navegação, H 2 S de 9,2cm; um tubo de raios catódicos no avião mostrava a topografia geral embaixo, numa moldura de pontos luminosos de intensidade variável - os

1 Até o verão de 1944 o objetivo de um bombardeiro era invariavelmente o alvo a atacar. Com a introdução de métodos de bombardeio ampliados, os pontos de alvo não coincidiam obrigatoriamente com o centro da área de objetivo; foi o caso do primeiro ataque do Comando de Bombardeiros a Dresden.

rios apareciam em preto, áreas edificadas em luzes brilhantes; tão rapidamente, realmente, progrediu o uso de H 2 S que já em junho de 1943 os alemães possuíam o primeiro H 2 S capturado e estavam aprendendo de maneira perigosamente rápida as maravilhas do radar centimétrico, habilmente assistidos por um cooperativo ex-comandante de bombardeiro, prisioneiro e a fábrica de eletrônica berlinense Telefunken tinha feito planos para a produção em massa de uma cópia do magnetron vital L M S. 1O, o qual dentro de um mês poderia ser fabricado no ritmo de dez por semana. Haviam chegado a bom termo os ensaios de um novo computador ligado a radioemissor do objetivo para equipamento de Mosquitos, chamado Oboe, baseado nos princípios do YGerãt alemão de 1941, mas na menor freqüência de onda, na qual a tecnologia britânica era enormemente superior e foi somente em 7 de janeiro de 1944 que um Mosquito abatido perto de Cleve iria fornecer os elementos que faltavam para permitir aos cientistas do Serviço de Defesa do Rádio Alemão que interferissem com as emissões.

Em fevereiro de 1942, audacioso reide de comandos a uma estação de radar Würsburg, na costa da Normandia, perto de Bruneval, permitiu a captura de partes de equipamentos de radar que permitiram a técnicos eletrônicos na Inglaterra determinar o comprimento de onda usada pelos alemães no seu sistema de avisos; em um ano, os cientistas completaram os seus trabalhos e estavam habilitados a executar Windows - folha de metal anti-radar - nas suas corretas dimensões e flexibilidade.

Mais importantes do que as inovações mecânicas era o clima favorável da opinião pública agora existente na Inglaterra em relação à ofensiva de bombardeios. O Secretário de Estado do Ar, Sir Archibald Sinclair, tinha cuidadosamente acentuado em todos os seus pronunciamentos públicos que o Comando de Bombardeiros somente estava bombardeando para fins militares; quaisquer sugestões de ataques deliberados a áreas residenciais ou de alojamentos de trabalhadores eram rejeitadas como absurdas e em certas ocasiões mesmo denunciadas como ataques à integridade dos bravos aviadores que arriscavam a vida por seu país. Cerca de cem mil aviadores sabiam e reconheciam que seus aviões eram despachados, noite após noite, com a deliberada intenção de pôr fogo a cidades alemãs, que o reide a Mannheim de 16 de dezembro de 1940 havia inaugurado a ofensiva por área contra os centros civis; mas, honesta e convenientemente, nenhum deles discutia esses detalhes de operação fora do serviço.

No começo de 1943, apareceu em Londres um Comitê de Restrições ao Bombardeio, com endereço em Parliament Hill, mas foram infrutíferas as tentativas de alguns parlamentares laboristas para que os seus jornais fossem proibidos e os seus membros internados...

O verdadeiro ataque à política de bombardeio estratégico, oriundo dos mais elevados setores do Governo e religiosos, foi retardado até o fim do outono de 1943; nessa ocasião três dos mais devastadores e sangrentos ataques à Alemanha já tinham sido realizados. O primeiro objetivo, que serviu para testar a força total do Comando de Bombardeiros da RAF, suas novas tripulações, e os bombardeadores perturbados pela forte defesa antiaérea, foi a cidade gêmea de Wuppertal, no extremo leste do Ruhr, quando o desastre desabou na noite de 29 para 30 de maio de 1943. Dois meses depois, a mais bem sucedida e brilhantemente executada ofensiva do Comando de Bombardeiros .contra o porto hanseatico de Hamburgo marcou o primeiro clímax da história da força.

O terceiro grande ataque de 1943, no qual, como em Hamburgo, uma tempestade de fogo foi criada pela súbita explosão de centenas de milhares de bombas incendiárias, foi dirigido contra Kassel, na noite de 22 para 23 de outubro de 1943. Neste último, como nos ataques a Wuppertal e Hamburgo, existiam circunstâncias - desta vez sob a forma de um engenhoso artifício enganador aplicado pelo Comando de Bombardeiros contra os caças noturnos e as defesas de terra, sob o nome de código de Corona, que ajudava os bombardeadores a fazer cuidadosa pontaria, não perturbados pela intensa defesa.

Para o ataque a Wuppertal, na noite de 29 para 30 de maio de 1943, as tripulações dos bombardeiros receberam um mapa dos objetivos da cidade, à maneira de 1941, em vermelho e cinzento, com os habituais círculos concêntricos em torno do II Conjunto de Energia Elétrica; o próprio mapa do objetivo estava baseado em outro plano datado de 1936. Os bombardeadores para este ataque, porém, deviam ignorar o sistema de círculos e o objetivo fortemente marcado em alaranjado; foram, em vez disso, instruídos para que fizessem uma cruz sobre a cinzenta área residencial de Wuppertal-Barmen, na extremidade leste da cidade, que era o ponto de mira em caso de emergência, como, por exemplo, se os marcadores Mosquito Oboe não chegassem. O Marechal-do-Ar Saundby explicou que era na verdade comum marcar nos mapas de objetivos detalhes tais como alvos militares, zonas industriais, sistemas de círculos concêntricos, etc., para informação do pessoal além dos bombardeadores; antes de usarem aqueles mapas de objetivos vermelho e cinzento, os tripulantes haviam recebido minuciosos mapas oficiais das cidades objetivo, abundantemente carimbados com Cruzes de Malta vermelhas, e uma anotação - Hospitais estão assinalados + e devem ser evitados. Como Sir Robert Saundby agora explica: “isso nos permite comparecer ao Parlamento e dizer que marcamos esses pontos em nossos mapas de objetivos e que os tripulantes eram cuidadosamente instruídos para evitar hospitais.”

Muito do que aconteceu durante o ataque da onda de vanguarda a Wuppertal-

Barmen repetiu-se, multiplicado muitas vezes em violência e efeito,, durante o ataque de vanguarda a Dresden - o segundo dos dois - em fevereiro de 1945; há muitas comparações a fazer entre os dois ataques: ambos foram pouco embaraçados pelas defesas de terra e ambos foram projetados para explorar uma falha conhecida das tripulações às quais Sir Arthur Harris se referia como sendo "os coelhos" do Comando de Bombardeiros - tripulações que lançavam as suas bombas logo que possível e então abandonavam precipitadamente a área do objetivo.

Era sabido que se os marcadores luminosos fossem lançados numa das extremidades da área do alvo e as ondas de bombardeiros para elas se dirigissem ao longo do alvo, então qualquer bomba precocemente lança da pelas tripulações "coelho" ainda provocariam danos em algum lugar da cidade objetivo.

Por vezes esta manobra estendia-se por muitos quilômetros sobre o território, a partir do ponto do alvo; num ataque a Berlim, em agosto de 1943, a extensão era de 45 quilômetros. Assim, tanto no caso de Wuppertal como no planejemento do segundo ataque da RAF a Dresden, pensou-se explorar esta extensão colocando o alvo no extremo do objetivo o qual, no caso de Wuppertal, estava no coração de Wuppertal-Barmen. A força de 719 bombardeiros enviada foi portanto instruída para atravessar a cidade num ângulo de 68º e como esta rota levaria a força principal de bombardeiros ao longo do comprimento da cidade gêmea, as bombas arrasariam toda a área da cidade. Esse foi o plano de ataque. Nessa ocasião, contudo, a defesa antiaérea de Wuppertal permaneceu silenciosa e, na ausência de qualquer oposição nos primeiros minutos, foi lança da uma concentração muito pesada de bombas sobre o alvo, em Wuppertal-Barmen. Parece, examinando os relatórios dos controla dores da defesa alemã que, embora as defesas antiaéreas da cidade estivessem bem preparadas para receber as formações de bombardeiros, não esperavam que o ataque caísse sobre Wuppertal e assim mandaram que os canhões não atirassem, para não mostrar a localização da cidade. Contudo, como Sir Arthur Harris havia tido a precaução, para este ataque, de começar o assalto com uma onda de aviões provocadores de incêndios - estratégia bastante semelhante à empregada pela Luftwaffe contra Coventry, em novembro de 1940 - todas as tripulações, na ausência de fogo antiaéreo pesado, e com os alvos assinalados não somente pelas luzes vermelhas do Oboe mas também por um vivo conjunto de incêndios, conseguiram uma alta concentração de fogo; verificou-se que cerca de 475 tripulações haviam lançado a sua carga de bombas dentro de um raio de cinco quilômetros do alvo, no coração de Wuppertal-Barmen- total de 1.895 toneladas de incendiárias e explosivas. Perderam-se 33 aviões e 71 foram avariados.

Wuppertal-Alberfeld, na ausência de qualquer apreciáve1 técnica de bombardeio de

recuo, estava completamente indene, exceto vidros quebrados; o Comando de Bombardeiros devia voltar um mês depois para abordar a extremidade oriental da cidade gêmea. Na ausência de defesas de terra, muitos dos mesmos fenômenos deviam ser observados em Dresden onde, tal como em Wuppertal, enorme área de incêndios foi desencadeada por um prévio ataque de aviões incendiários.

A produção industrial de Wuppertal foi entravada por 52 dias, comparados com os 32 de Coventry; a perda de vidas, que o Professor Blackett insistia em que deveria ser proporcional à perda de capacidade industrial, foi de fato maior: no primeiro ataque a Wuppertal-Barmen foram mortas 2.450 pessoas (em Coventry a lista de mortos foi de 380); o segundo ataque, a Elberfeld, um mês depois, elevou o total para Wuppertal a 5.200.

Este foi porém o primeiro ataque que causou vítimas civis em tal escala na área ofensiva e por isso despertou atenção especial dos líderes alemães da guerra; mesmo em Londres houve alguns murmúrios horrorizados quando fotografias dos danos em Wuppertal foram publicadas em destaque em The Times de 31 de maio "reconhecendo e lamentando que por mais cuidadoso que seja o bombardeio de objetivos militares pelos aliados - e a RAF é extremamente cuidadosa - as baixas de civis são inevitáveis"; relembravam aqueles que poderiam não obstante ser tentados a estranhar este uso aparentemente brutal das armas que "nem na Alemanha nem na Itália houve espanto quando a Luftwaffe foi solta sobre a indefesa Rotterdam em 1940 e matou muitos milhares de civis - homens, mulheres e crianças". Para os alemães a roda estava virando completamente.

Este acontecimento, não passou, como se podia esperar, sem oposição na Alemanha: como o mais antigo Comissário de Defesa do Reich - atribuição ex-officio de todos os Gauleiters para a sua Gaue desde 16 de novembro de 1942 ,- o Dr. Goebbels mandou pêsames ao grande funeral organizado em Wuppertal no dia 18 de junho de 1943:

"Esta espécie de terrorismo aéreo é o produto das mentes doentias dos plutocratas destruidores do mundo. Uma longa corrente de sofrimentos humanos - acrescentou - em todas as cidades alemãs atacadas pelos aliados, gerou testemunhas contra eles e seus cruéis e covardes líderes - desde o assassinato de crianças alemãs em Freiburg, em 10 de maio de 1940, até o dia de hoje."

Assim como o reide alemão a Rotterdam havia começado a figurar mais freqüentemente nas referências aliadas na história da ofensiva aérea, do mesmo modo os alemães cada vez mais recorriam à história do misterioso reide de Freiburg; citaram-no até num Livro Branco publicado em 1943, como o início da ofensiva de bombardeios pelos ingleses ou franceses. Contudo, como o Führer alemão, o seu Ministro do Ar e o próprio

Dr. Goebbels souberam na mesma tarde dos acontecimentos de Freiburg, os três bombardeiros bimotores que haviam atacado Freiburg na tarde de 10 de maio de 1940 matando 57 civis e crianças eram Heinkel 111, despachados do campo de bombardeiros de Lecheld, perto de Munique, para bombardear o aeródromo de aviões de combate de Dijon, na França. Os aviões perderam o rumo nas nuvens e "atacaram Dôle", perto de Dijon, considerado objetivo acessório. As bombas caíram de fato em Freiburg. O Chefe de Polícia verificou os números de série nos fragmentos de bombas, reuniu os dados referentes às bombas que não explodiram e provou conclusivamente que provinham de depósitos de bombas alemãs, originariamente entregues ao Aeródromo de Lecheld. Era um engano que nenhuma tripulação em operações poderia cometer no entusiasmo e excitação de sua primeira sortida. Mas antes que passassem seis anos, mais de 635.000 civis alemães deviam morrer em ofensivas aéreas pelas quais agora somente os seus próprios líderes podiam ser censurados ...

TEMPESTADE DE FOGO

A Batalha de Hamburgo HAMBURGO, que começou em 24 de julho de 1943, foi importante não somente porque produziu a primeira tempestade de fogo na história da Segunda Guerra Mundial - durante a noite do ataque da RAF de 27 para 28 de julho de 1943 mas também porque demonstrou claramente que mesmo uma cidade na qual as mais severas medidas de defesa tenham sido tomadas não era imune a reides incendiários em maior escala, se as defesas de terra não fossem capazes de deter os bombardeiros na sua tarefa de lançar as suas cargas eficientemente em torno do alvo. Durante a Batalha de Hamburgo o instrumento que garantiu, naturalmente, a imunidade temporária das formações de bombardeiros foi a simples técnica Windows, a liberação maciça de tiras de metal de uns 27 cm de comprimento, as quais bloqueavam com sucesso o equipamento alemão Würzburg, de orientação de canhões por radar.

Durante os primeiros reides na cidade, durante a Batalha de Hamburgo, contudo, o objetivo estava de novo efetivamente sem defesas em terra e estava condenado a sofrer sorte pior do que Wuppertal. Nos quatro principais ataques da batalha foram despejadas 7.931 toneladas de bombas sobre a cidade, cerca da metade das quais incendiárias. Por mais preparada que a cidade estivesse para reides aéreos em grande escala, a catástrofe não podia ser evitada.

Durante os primeiros anos da guerra, as precauções de Hamburgo contra reides aéreos tinham atingido um grau desconhecido em outras cidades alemãs. Por ocasião da Batalha de Hamburgo, 61.297 das 79.907 casas na Grande Hamburgo dotadas de adegas haviam sido reforçadas e tornadas à prova de estilhaços; porém, mais de 42.421 casas, sobretudo nas áreas da cidade mais próximas da água, não tinham porões - sem calafetamento à prova de água, seriam inundadas facilmente. Para estas áreas foi planejado um custoso programa de construções reforçadas e de abrigos. De acordo com o programa do Führer, de agosto de 1940, de edificação de abrigos, foi construído um conjunto em forma de colmeia (Muerdurchbrüche) e cujos buracos comunicavam entre si as adegas adjacentes; em 1941 o trabalho estava praticamente completo.

Foram executados todos os processos capazes de permitir, em caso de grandes incêndios, um fornecimento de água de emergência: piscinas, depósitos de água da chuva, poços, depósitos industriais de refrigerantes, tanques, depósitos vazios de armazenamento

de gasolina, até as adegas de edifícios bombardeados, foram enchidos de água e preparados para uso de emergência. A camuflagem das principais características da cidade também foi feita rapidamente; o contorno do Largo Alster foi mudado e uma ponte lombarda simulada, de estrada de ferro, construída algumas centenas de metros afastada da verdadeira; a Estação Central de Estrada de Ferro foi completamente camuflada e no começo de 1943 foram instaladas cortinas de geradores de fumaça em torno dos ancoradouros dos submarinos.

Durante esse período, os técnicos em prevenção de incêndios tinham advertido quanto à limpeza de sótãos e telhados, à construção de tetos à prova de incêndio nas edificações comerciais e industriais e, nos últimos meses de 1942, quanto ao emprego de revestimentos químicos contra incêndios no madeiramento do telhado e do sótão.

Estas precauções, apesar de astuciosas e extensas graças ao empenho que a sociedade dos Pais da Cidade de Hamburgo empregou em promovê-las e em organizar esquemas de defesa antiaérea, entraram todas em colapso sob o peso dos três mais arrasadores reides da Batalha de Hamburgo; o quarto, de 2 para 3 de agosto de 1943, ocorrido em quase impossíveis condições atmosféricas, quase impossibilitou de todo qualquer espécie de concentração. O primeiro reide provocou enormes incêndios, que mesmo depois de 24 horas não haviam sido extintos; os habitantes de Hamburgo, seguindo o conselho dos dirigentes da cidade, haviam previdentemente acumulado em seus porões grandes quantidades de combustível para o inverno e quando o carvão era incendiado, o fogo dificilmente podia ser extinto. Somando-se a isso, o quartel de polícia foi arrasado e a sala de controle de defesa antiaérea mergulhada em fogo.

O controle, nessa ocasião, não foi afetado e uma rápida transferência para a sala de controle da Polícia de Segurança foi feita; embora o serviço telefônico tenha sido interrompido, foi prontamente substituído por mensageiros providos de motocicletas. Quando foi dado o sinal de "tudo limpo", no fim do primeiro reide, uns 1.500 cidadãos haviam perecido; contudo, o pior estava por vir.

"A continuação do primeiro reide à luz do dia e de ataques destruidores até a manhã de 27 revelaram as intenções do inimigo (referiu o Major General SS Kehel, que, como Chefe de Polícia era ex-officio, o chefe da defesa antiaérea de Hamburgo). Quando foi dado o 5º alerta, na noite de 27 para 28 de julho de 1943, não ficamos surpreendidos, mas a violência do reide excedeu até mesmo as nossas expectativas. "

Quando soou o "tudo limpo", às 2h40m, 2.382 toneladas de bombas haviam sido lançadas; é interessante notar neste particular que durante os dois ataques do Comando de Bombardeiros da RAF a Dresden, foram lançadas 2.978 toneladas de bombas, com um

acréscimo de 771 toneladas, despejadas pelas fortalezas voadoras americanas, na terceira vaga, dez horas depois. Contudo, em Hamburgo, foi lançado grande número de bombas com líquidos, em conseqüência do que os incêndios começaram não somente nos sótãos e nos andares superiores que, ,como vimos, haviam sido especialmente protegidos contra fogo, mas também na base dos edifícios. Com 969 toneladas de incendiárias dadas como jogadas em Hamburgo, a proporção das mesmas neste segundo ataque principal foi consideravelmente mais elevada do que anteriormente: quarenta minutos depois de zero hora sabia-se que havia começado a primeira tempestade de fogo na Alemanha. Também como no tríplice assalto a Dresden, a área mais atingida durante o primeiro ataque a Hamburgo provocando uma tempestade de fogo, foi a mais densamente construída e povoada, com uma população fixa de 427.637 habitantes e adicional de milhares de refugiados, expulsos das áreas atingidas três noites antes.

Foi no curso deste segundo ataque a Hamburgo pela principal força do Comando de Bombardeiros, durante a batalha, que o mais pesado tributo em vidas humanas foi exigido da população: nos quatro distritos de Hamburgo que formaram a área da tempestade de fogo, Rothenburgsort, Hammerbrook, Borgfelde e South Hamm, a pavorosa média de baixas foi de 36,15, 20,10, 16,05 e 37,65 por cento, respectivamente, dos residentes. Durante toda a batalha, como o chefe de Polícia informou a 1º de dezembro de 1943, o total de mortos conhecido foi de 31.647, dos quais 15.802 foram identificados imediatamente (6.072 homens, 7.995 mulheres e 1.735 crianças). Não eram dados definitivos para as perdas em Hamburgo pois o centro da cidade ainda estava em ruínas. Em fins de 1945, a publicação do Comando de Bombardeio Estratégico dos Estados Unidos, - Estudo Detalhado dos Efeitos do Bombardeio de Hamburgo, Por Areas - apresentava um total de 42.600 mortos e 37.000 feridos graves; O Statistisches Landesamt de Hamburgo, após investigar o total de desaparecidos, chegou a estimar em mais de 50.000 o número de mortos. Nenhuma dessas autoridades, infelizmente, deu uma estimativa das baixas entre o pessoal militar em serviço ativo na cidade; um cálculo aproximado sugere um total da ordem de um milhar de mortos.

Embora a Batalha de Hamburgo tenha sem dúvida contribuído para o objetivo da Proclamação de Casablanca de "progressiva destruição e desagregação do sistema alemão econômico e industrial", quando o "tudo limpo" final ecoou na agora inundada pela chuva e destruída cidade, nas primeiras horas da manhã de 3 de agosto de 1943, os ataques britânicos tinham custado a vida a quase 50.000 civis, número não muito distante dos 51.509 que, segundo os cálculos mais autorizados, foi o total de pessoas mortas por bombardeio na Inglaterra. Quando as turmas de salvamento conseguiram finalmente

chegar, após várias semanas, aos abrigos hermeticamente fechados, o calor que estes tinham sofrido acima deles tinha sido tão intenso que nada restava de seus ocupantes: somente uma macia e ondulante camada de cinza pardacenta restava em um abrigo, permitindo apenas aos médicos calcular o número de vítimas "entre 250 e 300"; os médicos eram freqüentemente empregados nessas horríveis tarefas de contagem, pois a Repartição Estatística do Governo Alemão, até 31 de janeiro de 1945, era mais meticulosa na compilação de seus dados estatísticos. A temperatura incomum nesses abrigos era também testemunhada pelos depósitos de metal fundido, que haviam sido antes panelas, frigideiras e utensílios de cozinha levados para os abrigos.

A tarefa de recuperar os corpos foi confiada ao Sicherheits und Hilfsdienst, o Serviço de Salvamento e Reparações, organizado em cinco divisões: serviço de incêndios, composto de brigadas de incêndio locais - diferentes das para militares, de serviço nacional - Instandsetzungsdienst, o serviço de reparo das canalizações de gás, fornecimento de eletricidade e água e para trabalhos perigosos de demolição; o serviço médico, organizado pela Cruz Vermelha Alemã; o serviço de descontaminação, para contra-medidas durante os ataques aliados por gases: e finalmente o serviço de veterinária, para o gado e animais domésticos. O SHD controlava uma zona morta de quatro quilômetros quadrados, compreendendo todo o centro da área devastada pelo fogo; as ruas de acesso eram fechadas com arame farpado e tijolos simples; esta medida era exigida não só pelo inesperado acúmulo de cadáveres na área como também pela crença de que os trabalhos públicos de recuperação poderiam afetar o moral da população.

Das 524 grandes fábricas foram destruídas 183, e das 9.068 menores, arrasadas 4.118; destruídos 580 estabelecimentos industriais; o sistema de transportes de todos os tipos ficou afetado e desorganizado; destruídas 214.350 casas de um total de 414.500. Navios afundados no porto num total de 180. 000 toneladas e doze pontes arrasadas.

O Ministro de Armamentos do Reich, Albert Speer, disse a Hitler em poucas palavras, após o reide, que se outras seis grandes cidades alemãs fossem igualmente devastadas ele não seria capaz de manter a produção de armamentos, mas no seu interrogatório de maio de 1945 declarou que havia subestimado a capacidade de recuperação.

O Vice-Marechal-do-Ar Bennett escreveu em suas memórias:

"Infelizmente ninguém pareceu compreender que uma grande vitória tinha sido ganha, e certamente ninguém, na época, alcançou os seus efeitos sobre o povo alemão. Foi uma oportunidade que perdemos. Quaisquer que pudessem ter sido as probabilidades de sucesso, certamente teria valido a pena ter enfraquecido o moral dos alemães por

adequadas medidas políticas."

Mas, em comentários retrospectivos, disse principalmente Sir Arthur Harris que o Comando de Bombardeiros não poderia então ter repetido, em rápida sucessão, a catástrofe de Hamburgo em seis grandes cidades.

Este primeiro grande sucesso do Comando de Bombardeiros da RAF, obtido contra uma única cidade industrial alemã, tornou-se largamente possível pela paralisação infligida ao campo alemão e aos sistemas de combate defensivos pelo uso de Windows; o segundo grande sucesso, de novo provocando uma tempestade de fogo em uma grande cidade industrial. foi na noite de 22 para 23 de outubro de 1943, quando o objetivo foi Kassel, centro da produção alemão de tanques e da indústria de locomotivas. A tática que neutralizou os esforços alemães de defesa, nessa ocasião, não foi um engenho mecânico como Windows, mas a combinação, ao lado do principal de reides diversionistas - cada vez mais usados na ofensiva aérea depois da Batalha de Hamburgo - de uma tática de despistamento completamente nova, chamada, em código, Corona: pessoal bem treinado em falar alemão, transmitindo da grande estação de instrução de Kingsdown, em Kent, irradiava falsas instruções à crescente força alemã de caças noturnos, que deveriam retardá-la ou mesmo levá-la a considerar os ataques diversionistas como o principal; uma segunda tarefa para os operadores do Corona era a transmissão de falsas informações meteorológicas aos caças noturnos alemães, o que os levava a aterrar e dispersar. Na noite de 22 de outubro, um forte ataque aéreo a Kassel foi marcado para começar às 20h45m, enquanto que às 20h40m devia ocorrer um ataque diversionista a Frankfurt-am-Main. Ajudado pelo uso astucioso de Corona para o primeiro tempo, os bombardeiros puderam, desferir um ataque muito concentrado à cidade virtualmente sem proteção de caças noturnos; somente depois que a cidade havia sido largamente incendiada pelas primeiras vagas de atacantes é que chegaram os caças noturnos vindos de uma infrutífera caçada em Frankfurt e, a esta altura, o ataque não podia ser detido. Somente às 20h35m as defesas de Kassel foram informadas de que o "mais provável objetivo" era Frankfurt e quando às 20h38m chegou o aviso de que Frankfurt havia sido atacada, a defesa antiaérea de Kassel abandonou a sua vigilância.

Naquela noite foi lançado sobre Kassel um total de 1.823,4 toneladas de bombas e, dos 444 bombardeiros, 380 foram considerados como tendo atingido os seus objetivos dentro de um raio de cinco quilômetros do alvo. Trinta minutos depois da zero hora havia surgido a segunda tempestade de fogo alemã. Mais uma vez a destruição do sistema telefônico da cidade anunciava o desastre que somente um dilúvio de fogo podia desencadear.

Um relatório preliminar dos danos causados pelo reide dava 26.782 casas como totalmente destruídas, com mais de 120.000 desabrigados; antecipando o que será adiante dito neste livro, é oportuno lembrar aqui, comparativamente, que o reide que criou uma tempestade de fogo em Dresden destruiu totalmente 75.358 casas.

O relatório final do Chefe de polícia de Kassel, de 7 de dezembro de 1943, refere que 65 % de todas as casas não eram mais habitáveis; entre os edifícios avariados e destruídos contavam-se 155 estabelecimentos comerciais e industriais e 16 quartéis militares e policiais. O reide de Kassel tinha portanto oferecido um exemplo clássico da teoria de submergir a área ofensiva no desdobramento da reação em cadeia que consiste em primeiro paralisar os serviços públicos da cidade, depois avariar sempre as fábricas ilesas; a eletricidade da cidade era fornecida, de um lado por uma estação de força da cidade e de outro, pela estação de Losse; a primeira foi destruída, a segunda, parada pela destruição do condutor de carvão; a rede de baixa tensão da cidade foi destruída: assim, apesar de que a perda de apenas três depósitos de gás não tivesse propriamente posto fora de serviço o gasômetro ileso, e as canalizações de gás não estivessem em reparo, sem eletricidade para mover as máquinas . do gasômetro, toda a área industrial de Kassel estava privada de gás. Do mesmo modo, embora as cinco estações de bombeamento de água não tivessem sido atingidas, estavam paralisadas por falta de eletricidade. Sem gás, água e força, a indústria pesada de Kassel estava inutilizada.

Embora um dilúvio de fogo comparável ao de Hamburgo tivesse submergido Kassel, o total de mortos, seguramente inferior a 8.000, era notàvelmente baixo. Realmente, o relatório preliminar de 30 de novembro citava um total provisório de 5.599 baixas; por ocasião do relatório do Chefe de Polícia, seis dias depois, o total havia subido a 5.830, dos quais 4.012, identificados. Estes números compreendiam 150 militares (sem mencionar se de folga ou em serviço) e nove policiais. Em 30 de outubro de 1944, o diretor da fábrica de locomotivas Henschel dizia em seu relatório que o total de mortos em Kassel aproximava-se de 8.000; não se sabe. onde obteve essas informações. O Serviço de Informações da Força de Bombardeiros Americanos referia um total de 5.248, inferior a qualquer das estimativas alemãs. A população era de 228.000 habitantes.

Em Hamburgo, o total de mortos atingiu de 43.000 a 50.000. Em Dresden seria o dobro. O problema que devia ser estudado consistia em saber como Kassel, com o seu notoriamente incapaz Gauleiter Weinrich, tinha conseguido escapar ao destino dessas duas cidades submergidas pelo fogo. A resposta mais provável está nas medidas de extensas precauções de defesa antiaérea espalhadas pela cidade; assim logo depois da vitória eleitoral do Nacional Socialismo em 1933, foi iniciado um amplo programa de abertura de largas

estradas de saída através dos subúrbios, mediante um programa de remoção das favelas, de modo a possibilitar a evacuação da cidade em caso de incêndio; isto aconteceu, deve ser acentuado, mesmo antes do início da guerra. Outra, ver como uma conseqüência positiva do famoso reide às represas do Ruhr, na noite de 16 para 17 de maio de 1943, assim como dos últimos reides da USAAF a Kassel, foi que o centro de Kassel - parcialmente inundado pela ruptura da Represa do Eder - havia sido evacuado; somente ficaram 25.000 residentes indispensáveis e para esses foram construídos amplos abrigos.

Como em Hamburgo, Kassel tinha sido provida de um extenso sistema independente de hidrantes contra fogo e os processos de proteção dos madeiramentos tinham funcionado tão bem que durante o ataque incendiário, freqüentemente, nos subúrbios de Kassel, as bombas incendiárias ardiam entre o madeiramento dos telhados sem conseguir queimá-los; foi, sem dúvida, fator que evitou a propagação dos incêndios. Além dessas medidas de proteção química, as donas de casa de Kassel, como todas as outras, tinham sido solicitadas pelo apressamento expedido Luftschutzgesetz - Normas de Precauções contra Reides Aéreos - de 31 de agosto de 1943, a ter em cada casa extintores, ganchos, cordas, escadas, estojos de primeiros socorros, batedores de madeira, baldes, mangueiras, caixas de areia, pás de ferro, sacos de areia, martelos ou malhas, os quais demonstraram todos a sua eficiência na noite de 22 para 23 de outubro de 1943. Ainda, e com grande antecedência, montes de areia tinham sido colocados permitindo passagens através de estradas e ruas pois esperava-se que o asfalto fosse derretido pelo calor. Todavia. apesar de todas essas precauções, apesar da rígida obediência, pela população, a todas as recomendações e ordens baixadas pelas autoridades da defesa antiaérea, cerca de 5.000 pessoas perderam a vida em incêndios naquela noite. Um total de 50% morreu asfixiado, a maioria por gases tóxicos de monóxido de carbono. Na verdade morreram tantas pessoas por intoxicação e seus cadáveres tinham assumido tão vivas cores de azul, alaranjado e verde que a princípio se pensou que a RAF, pela primeira vez, tivesse lançado neste reide bombas de gás; foram tomadas providências para revide conseqüente; as autópsias feitas por médicos alemães afastaram a acusação e à ofensiva aérea foi evitado esse odioso objetivo novo. (Ver apêndice I)

A metade tinha sofrido morte mais violenta. Os restantes, completamente carbonizados, não foram analisados.

Tendo em vista o número considerável de vítimas não identificadas, de um lado, e de outro, o de desaparecidos, as autoridades da cidade organizaram um Centro de Pessoas Desaparecidas, que, em poucos dias, ocupava 150 a 200 pessoas.

O Chefe de Polícia, no seu relatório, manifestava alarme ante o número de mortos

por asfixia, embora, na maior parte, tivessem tido morte tranqüila, "mergulhando na inconsciência e finalmente sucumbindo sem qualquer reação". Era, como sugeria, a conseqüência inevitável da política que tinha sido implantada durante os três primeiros anos da guerra, a de que os lugares mais seguros durante os reides eram os abrigos antiaéreos.

Tentativas para contestá-la somente foram feitas depois da Batalha de Hamburgo.

Muitas das vítimas tiveram provavelmente a intenção de fugir dos abrigos, mas perderam o momento oportuno para fazê-lo e este seria, durante o reide de Kassel, uns quarenta minutos após o início do ataque, quando o interior da cidade ainda era transitável e os grandes incêndios, apenas começando, explicava o Chefe de Polícia e, acrescentava:

"É fácil compreender que muita gente, sobretudo os velhos, mulheres e crianças, não tivesse bastante coragem para abandonar os abrigos quando o bombardeio ainda estava aumentando." E conclui, "tudo isto atesta a urgência de instruir a população, de modo muito mais convincente do que até agora, quanto à necessidade vital de abandonar os abrigos antiaéreos, mesmo durante o auge do bombardeio, se estiverem na área perigosa. Não cabe aqui a angústia que, pelo relato exato dos horrores de uma tempestade de fogo, pode desmoralizar a população civil."

Esta opinião é muito diferente da política expressa pelo Ministro de Propaganda, Dr. Goebbels, responsável pela maior parte das baixas civis nos dilúvios de fogo seguintes, na Alemanha. Poucos dias depois da oração fúnebre em Wuppertal-Barmen, em junho, declarava ele na intimidade:

"Se eu pudesse isolar hermeticamente o Ruhr e não existissem cartas ou telefones, então não teria permitido que nenhuma palavra fosse publica da sobre a ofensiva aérea. Nenhuma palavra!"

Para muitos cidadãos de Kassel, contudo, como para os de Darmstadt, Brunswick e finalmente Dresden, a primeira experiência que tiveram de tempestade de fogo e de grandes incêndios, como no caso de Kassel, que 300 bombeiros não podiam dominar, foi quando as bombas caíram e descobriram que eles próprios estavam bem no centro de uma tempestade de fogo, na sua própria cidade.

Ao aproximar-se o inverno de 1943, as forças alinhadas contra o Comando de Bombardeiros não eram unicamente as da defesa antiaérea e divisões combatentes alemãs; estava surgindo uma controvérsia, dentro e fora do Governo, sobre problemas éticos relacionados com o bombardeio noturno por área. Em público, como vimos, as declarações do Governo foram feitas para tranqüilizar as suspeitas das opiniões mais preocupadas. Quando o boletim de notícias da BBC informou, em maio de 1942, que

numerosas habitações proletárias tinham sido destruídas durante os ataques de 1942 a Rostock, um membro do Partido Trabalhista interpelou o Secretário de Estado para o Ar para saber se a RAF tinha sido instruída "para impedir e desorganizar o esforço alemão mediante a destruição de habitações proletárias".

Embora esta pergunta fosse formulada umas cinco semanas depois da aceitação do relatório Lindemann, que já comentamos, e embora dez semanas houvessem passado desde que Sir Charles Portal tivesse determinado que os alvos do Comando de Bombardeiros seriam as "áreas edificadas, não por exemplo as áreas portuárias ou fábricas de aviões onde estas são mencionadas", Sir Archibald Sinclair sentiu-se autorizado a responder que "nenhuma instrução havia sido dada no sentido de destruir bairros residenciais de preferência a fábrica de armamentos".

Do mesmo modo, quando Mr. R. Stokes, trabalhista por Ipswich, velho oponente da ofensiva por área perguntou, a 31 de março de 1943, no auge da Batalha do Ruhr, se os aviadores ingleses tinham sido instruídos para "ocupar-se do bombardeio por áreas antes do que limitar-se a objetivos puramente militares", Sinclair respondeu que" os objetivos do Comando de Bombardeiros são sempre militares".

Sinclair devia, nessa ocasião, conhecer tão bem quanto qualquer um dos milhares de tripulantes do Comando, a exata posição das cruzes marca das nos mapas de objetivos das tripulações, mas, como explicou a Sir Charles Portal em memorando de 28 de outubro de 1943, era somente assim que podia satisfazer às perguntas do Arcebispo de Canterbury, O Moderador da Igreja da Escócia e outros importantes 1íderes religiosos que, sabendo da verdade e condenando a ofensiva por área, poderiam sem dúvida afetar o moral das tripulações de bombardeiros e comprometer a sua eficiência.

Esta explicação satisfez ao Chefe do Estado-Maior, mas não a Sir Arthur Harris, ou aparentemente Sir Robert Saundby, ambos decididos inimigos da hipocrisia e firmes adeptos da ofensiva por área; Harris acentuava mesmo que as seguidas negativas ministeriais de qualquer ofensiva por área poderiam exercer efeito desfavorável nas tripulações, permitindo-lhes a impressão de que eram solicitados a cumprir tarefas que o Ministério do Ar envergonhava-se de admitir. Fossem ou não imorais estas prolongadas ofensivas aéreas contra civis na Alemanha, Sir Arthur Harris nunca receou proclamar ao mundo tanto as suas intenções como os seus métodos, freqüentemente para grande confusão do Ministro do Ar, como quando declarou que a sua malfadada Batalha de Berlim continuaria "até que o coração da Alemanha nazista deixasse de bater".

Mais tarde, esse argumento foi adotado pelo Cônego L. J. Collins, capelão do Comando de Bombardeiros, no Quartel-General de High Wycombe, aparentado pelo

casamento com Sir Arthur Harris e que tinha sido indicado para o capelanato do comando em setembro de 1944. Ele ali organizou um muito necessário grupo de Associação Cristã.

Em fins de 1944, quando essa acirrada controvérsia atingia o seu clímax, ele foi solicitado pelos oficiais mais graduados do Comando de Bombardeiros a organizar, sob os auspícios daquele Grupo, uma série de conferências políticas sobre assuntos morais. Uma das primeiras conferências foi, por sugestão do próprio Collins, feita por Stafford Cripps, Ministro da Produção Aeronáutica e moralista, cristão. Sir Arthur Harris recusou-se a acompanhá-lo pessoalmente e indicou o seu Adjunto-Chefe, Sir Robert Saundby, para receber o convidado e presidir a reunião, a realizar-se na Sala de Reuniões do Estado-Maior do Comando.

O Ministro de Produção Aeronáutica, esperado por uns cem dos mais graduados oficiais e outras pessoas, escolheu como tema para a sua infeliz palestra de após jantar, as palavras Deus é o meu Co-Piloto. Desenvolveu eloqüentemente o argumento de que os responsáveis - Governo e Comando de Bombardeiros - deviam sempre estar seguros, antes de despachar missões de bombardeio para a Alemanha, de que elas eram realmente necessárias para fins militares. “Mesmo quando estiverdes empenhados em ações de destruição” - insistia ele - “Deus está sempre vendo”. Para um chefe político, no seio de um dos comandos responsável pelas mais pesadas ofensivas aéreas, esta condenação implícita dos métodos do Comando, era extraordinária; mas que o Ministro da Produção Aeronáutica adotasse tão abertamente uma tal opinião partidária, era mais do que muitos dos oficiais presentes estavam preparados para tolerar. Seguiu-se uma viva discussão. Um Comandante de Ala, do setor administrativo, que inocentemente perguntou se deviam concluir da palestra de Cripps que tinham pouca confiança na política de bombardeios de Sir Arthur Harris, foi tratado por Cripps como um promotor o faria em relação a uma testemunha hostil, como relembra Saundby - levado a ridículo e humilhado. A reunião já estava descambando para uma violenta discussão quando outro oficial perguntou se a visível falta de simpatia de Cripps pela ofensiva aérea contra a Alemanha explicava o seu evidente fracasso como Ministro da Produção Aeronáutica a causa das incomuns dificuldades entre o Comando e o Ministro.

Antes que Stafford Cripps pudesse responder, mais uma vez o superior planejamento do Comando de Bombardeiros imobilizou o seu inimigo, antes mesmo que assim tomasse a iniciativa. Sir Robert Saundby, que era realmente o oficial aviador que tinha primeiro formulado a brilhantemente bem sucedida estratégia de depistamento Corona, sacudiu uma campainha sobre a mesa e imediatamente apareceu um oficial da meteorologia, de cara séria, mostrando a “última informação meteorológica” que previa” forte nevoeiro” em

Gloucestershire, para onde o Ministro devia voltar naquela mesma noite. A informação tinha realmente chegado num momento providencial, mas, de nada suspeitando, o Ministro da Produção Aeronáutica apressou-se a voltar para casa. Deve ter havido, na assistência daquela noite, muitos oficiais que conheciam bem a existência e o uso de Carona; deve ser creditado ao Comando que nenhum deles traiu o segredo por prematura hilaridade.

Sir Arthur Harris foi naturalmente informado do ocorrido, mesmo da oportuna informação sobre nevoeiro, que evitou maiores danos às relações com o ministro da Produção Aeronáutica; depois ele procurou reparar o dano que achava ter sido causado por Cripps, convidando o seu assistente pessoal. T. P. Weldon, Professor de Filosofia Moral no Colégio Magdalena, Oxford, para uma conferência sobre A Ética do Bombardeio para os seus oficiais mais graduados. Esta palestra foi, como lembra Saundby, quase tão obscura como a de Cripps e somente melhorou quando, no fim, o Cônego Collins perguntou inocentemente se tinha por engano considerado o título da conferência como sendo O Bombardeio da Ética.

Os comentários em público eram, no fim de 1943, muito menos vivos, embora menos esclarecedores do que os feitos por trás do arame farpado e do concreto do edifício do Comando de Bombardeiros. A 19 de dezembro, Mr. Stokes fez a sua última interpelação até 1945, depois da tragédia de Dresden, para que Sinclair admitisse que a política de bombardeio por área tinha sido adotada. Perguntou se de fato os objetivos dos bombardeiros noturnos tinham "sido mudados para o bombardeio de cidades e amplas áreas que contivessem objetivos militares". Sir Archibald Sinclair foi obrigado a contornar a pergunta e, referindo-se à sua resposta de 31 de março, garantiu que "não houve mudança de política". A política do Comando de Bombardeiros não havia realmente mudado, mas Mr. Stokes, não satisfeito com esta obscura resposta, manteve a sua interpelação e perguntou se não seria "verdade dizer-se que provavelmente a área mínima de um alvo mede agora 24 quilômetros quadrados?" Com mais sarcasmo do que objetividade, o Ministro do Ar respondeu que o seu honorável amigo devia não ter ouvido a sua resposta: "Disse que não houve mudança na política." Quando Mr. Stokes, com notável tenacidade, quis saber quanto media em quilômetros quadrados a área na qual as 350 arrasa-quarteirões tinham sido recentemente lançadas, em Berlim, foi informado de que a resposta, como era de prever, não podia ser dada sem fornecer informações úteis ao inimigo.

Mr. Stokes: - A resposta adequada não seria a de que o Governo não ousa dá-la?

Sir A. Sinclair: - Não, Sir. Ber1im é o centro de doze ferrovias estratégicas; é o segundo maior porto da Europa; está ligado a todo o sistema de canais da Alemanha; e nesta cidade estão as fábricas AEG, Siemens, Daimler-Benz, Focke-Wulf, Heinkel,

Dornier; e se eu tivesse que escolher um único alvo na Alemanha, este seria Berlim.

Mr. Stokes: - Admite o meu muito digno amigo, pela sua resposta, que o Governo está agora recorrendo ao bombardeio indiscriminado, incluindo áreas residenciais?

Sir A. Sinc1air: - O honorável cavalheiro é incorrigível. Mencionei uma série de objetivos militares de importância vital.

Mr. Emanuel Shinwell aparteou que desejava aplaudir os esforços do Governo de Sua Majestade para terminar a guerra rapidamente, e durante o resto do debate prevaleceu a opinião de que quaisquer medidas que pudessem acelerar o fim da guerra eram moralmente aceitáveis. E quando a Igreja, na pessoa do Dr. Bell, Bispo de Chichester, protestou vigorosamente, em fevereiro de 1944, contra a ofensiva aérea - ele tinha sabido dos horrores de Hamburgo e das outras grandes cidades de fontes neutras, quando na Suécia - a opinião pública recusou-se a levá-lo a sério.

O SABRE E O BASTÂO

O Verão de 1944 trouxe outra eloqüente, embora não intencional, demonstração da teoria do ataque por áreas, desta vez pela Força Aérea alemã; em junho, começou a ofensiva contra Londres por bombas V.

Seu efeito foi tão imediato quanto inesperado. Besta (o nome em código para os locais de lançamento da bomba V) tornou-se um objetivo adicional e, por vezes, com alta prioridade, para as forças de bombardeio, competindo com a intensidade da ofensiva contra objetivos ferroviários franceses, componente vital dos desembarques na Normandia, Operação Overlord. Quarenta por cento da produção de bombas de 500 quilos era completada em fábricas na área de Londres e os ataques por bombas V causaram tantos danos que a produção foi seriamente afetada. Aquelas bombas foram a princípio usadas para o bombardeio de alvos escolhidos, o que também afetou de maneira ruinosa o plano ferroviário. Este plano foi por algum tempo motivo de disputa entre os aliados. Em abril, o Primeiro-Ministro ficou cada vez mais preocupado pelo número de baixas que o ataque às ferrovias provocaria entre a população civil francesa e finalmente protestou junto a Roosevelt. Respondendo no dia 11 de maior Roosevelt disse simplesmente que a decisão deveria caber aos comandos militares e os planos prosseguiram sem novos protestos, embora as tripulações fossem advertidas por Eisenhower para que limitassem ao mínimo os danos a civis.

O controle supremo das forças de bombardeio estratégico anglo-americanas havia passado de Sir Charles Portal para o General Eisenhower, Comandante Supremo, em abril de 1944, tendo em vista a próxima necessidade de estreita cooperação, entre as forças para a Operação Overlord. De acordo com a diretriz baixada por Tedder, Adjunto de Eisenhower, em 17 de abril de 1944, o objetivo do Comando de Bombardeiros era vagamente descrito como sendo “desorganizar a indústria alemã”, o que poderia ser interpretado como uma autorização para continuar a ofensiva por área, na qual Sir Arthur Harris tão firmemente acreditava. Ao invés, porém, de corresponder aos desejos de Eisenhower e Tedder, os esforços de Sir Arthur Harris estavam orientados principalmente para a cooperação com Overlord e depois para o plano gasolina. Fator influente devem ter sido as pesadas baixas em tripulações e aviões, então verificadas, causadas pelo bombardeio por áreas, principalmente lançados contra Berlim e que culminaram na noite de 30 para 31

de março, quando 95 de uma força de 795 bombardeiros deixaram de voltar de um ataque a Nuremberg.

Pesquisas de pós-guerra sugeriram de, pelo menos três fontes, que o marcante sucesso dos interceptadores noturnos em Nuremberg resultou de uma falha de segurança numa estação do Comando de Bombardeiros; pelo menos um prisioneiro de guerra sendo interrogado no Dulag Luft - sala de interrogatórios - para aviadores aliados, perto de Frankfurt, foi informado pelo oficial chefe dos interrogatórios, na tarde do reide de Nuremberg, que os alemães sabiam que Nuremberg era o alvo para a noite e que os bombardeiros deviam seguir uma curiosa rota direta de retorno.

Durante aqueles meses de verão, o Comando de Bombardeiros não estava contudo em condições de atacar uma área ofensiva em escala comparável à das grandes batalhas de 1943. O plano gasolina intensificou-se durante junho e julho tornando-se alta prioridade e quando em julho foi feita uma tentativa para saturar uma cidade alemã com uma sucessão de pesados reides, o revide morreu a meio caminho: por ocasião do terceiro e último reide, no caso a Stuttgart, algumas estações de Grupo Nº 3 estavam mesmo usando bombas marcadas para explodir antes de 1940, carregadas com explosivos da Primeira Guerra Mundial ou Amato! 65.

O grosso dos explosivos lançados nesses três reides de esclarecimento a Stuttgart constava de pequenas bombas comuns, de pequeno efeito, como já havia demonstrado três anos antes o Professor Zuckerman. A única inovação consistiu no uso de grande número de bombas-J, bombas de jato de petróleo de 15 quilos, que lançavam um jato de fogo a dez metros.

Os ataques a Stuttgart foram um fracasso total na tentativa de reproduzir a catástrofe de Hamburgo; a cidade apresentava uma imagem completamente indeterminada no H2S, rodeada como era por um círculo de pequenos montes. A marcação de tempo foi pobre; a concentração, fraca; a sinalização, vaga; o único sucesso significativo durante o ataque da noite de 24 para 25 de julho de 1944, primeiro aniversário da Batalha de Hamburgo, foi a destruição da sala de operações do Corpo de Observações, com a morte de oito oficiais e quarenta moças da Luftwaffe. O fracasso do ataque, feito por 614 bombardeiros, refletiu-se no pequeno número de vítimas: o Chefe de Polícia referiu um total provisório de 100 mortos, 200 desaparecidos e uns dez mil desabrigados, em ataque que durou 35 minutos. Para todos os ataques, a Repartição Estatística de Stuttgart, forneceu dados pós-guerra: nos três reides de 24, 25 e 28 de julho de 1944, foram mortas 898 pessoas e feridas 1.916.

Mas numa noite, seis semanas depois apenas, uma força de somente 217 Lancasters realizou um reide tão concentrado, em condições muito menos favoráveis, que, em trinta e

um minutos, a partir das 22h59m, na noite de 12 de setembro, 971 pessoas foram mortas e 1.600 feridas; o coração da cidade foi, neste ataque, completamente arrasado.

A grande dispersão de esforços nos três vigorosos ataques de julho, efetuados por aviões esclarecedores, comparado com o reide anterior de setembro, no qual o Grupo Esclarecedor não tomou parte direta, é atribuível a dois fatores: de um lado, os primeiros três ataques foram efetuados durante o embargo do uso de altos explosivos na devastação de cidades alemãs; por outro lado, o último ataque foi desfechado pelo Grupo de Bombardeiros Nº 5, conhecido pela sua técnica rasante característica, ao passo que os três primeiros tinham revelado no radar luzes marcadoras do Grupo Esclarecedor Nº 8.

O sucesso deste reide a Stuttgart como um ataque à área - as 230 sortidas do Grupo Nº 5 tinham causado mais destruição do que as 1.662 missões do Comando todo nos ataques de julho, foi um augúrio horrível para o resto da ofensiva aérea contra as cidades alemãs. A especialidade do Grupo Nº 5, de aparente e cuidadosa marcação visual rasante, era contrária a todas as doutrinas em que acreditava o Comando de Esclarecimento. Tinha mesmo protestado, no começo do ano, que a marcação rasante do alvo era impraticável: "É virtualmente impossível a leitura de mapas em vôo a baixa altura sobre áreas muito edificadas", protestou da mesma maneira quando foi discutido um plano para marcações em mergulho de Berlim; pelos seus esforços tivera os seus famosos Esquadrões de Lancasters Esclarecedores 83 e 97 confiscados por Sir Arthur Harris e oferecidos junto com o Esquadrão 672 (Mosquito) ao Vice-Marechal do Ar Ralph Cochrane, Chefe efetivo do Grupo Nº 5, a partir de 6 de abril. Todos os três esquadrões deveriam executar tarefas capitais na execução do primeiro dos três maiores reides a Dresden, em 1945.

Todos os três de novo fizeram a sua estréia como parte do Grupo Nº 5 no primeiro ataque de marcação visual rasante a uma cidade alemã na noite de 24 para 25 de abril de 1944 o objetivo foi Munique, e enquanto a força principal de 260 Lancasters encurtava o seu caminho através da França rumo ao sul da Alemanha e um forte ataque diversionista do Comando de Bombardeiros a Karslsruhe atraía o grosso da força de interceptadores, o Capitão de Grupo G. L. Cheshire num corajoso mergulho rasante sobre os pesadamente defendidos parques ferroviários de Munique, lançava suas bombas marcadoras vermelhas no coração da estação, uns quatro minutos antes da hora marcada. Três outros Mosquitos repetiram a sinalização ao mesmo tempo no seu emissor de rádio VHF. O bombardeio começou um minuto mais cedo e terminou vinte e nove minutos depois, tendo sido lançadas 663 toneladas de bombas incendiárias e 490 toneladas de altos explosivos, das quais foram calculadas não menos de noventa por cento como tendo atingido o alvo..

Parece que a simulação sobre o sul da França não conseguiu enganar as defesas: as

formações de bombardeiros foram assinaladas pelos Corpos de Observação penetrando no continente sobre o estuário do Somme às 23h55m, o alerta reforçado tendo sido dado aos 31 minutos, e o perigo aéreo estágio 28 alcançado quatro minutos depois. Na verdade, as baterias antiaéreas de Munique já à 1h25m haviam aberto fogo, vinte minutos antes da hora marcada: provavelmente atirando nos onze Mosquitos do Esquadrão 627 conduzindo Windows, na vanguarda da força principal de sinalização. Embora o relatório provisório da Policia sobre o reide, emitido às 22 horas do dia seguinte, tenha limitado os danos a trinta mortos e seis desaparecidos - cifras notavelmente baixas, mas que foram depois corrigidas, mas somente para 136 - a destruição da cidade era impressionante; a Estação Central, a Estação Leste, os pátios ferroviários de Arnulfstrasse, o Correio Geral e a Estação Laimer foram dadas como pesadamente danificadas. Edifícios foram destruídos, inclusive três do Exército, cinco quartéis da Polícia e oito da ARP. Um êxito tão amplo resultou de um ataque estreitamente controlado e executado pela principal força de bombardeiros, tendo a apoiá-lo marcadores de alvo cuidadosamente colocados.

A idéia de usar um chefe bombardeiro sobre o objetivo dirigindo e animando a tripulação do bombardeiro foi primeiro debatida pelo Vice-Marechal do Ar Bennett, no dia 2 de dezembro de 1942, quando mandou o Chefe de Esquadrão, S. P. Daniels, um dos seus oficiais dirigentes, chefiar um ataque a Frankfurt, tendo, porém, apenas equipamento de rádio standard para comunicar-se com a força principal. Infelizmente, as condições atmosféricas na ocasião eram difíceis e o chefe bombardeiro dificilmente podia fazer-se ouvir; todas as tripulações tinham sido instruídas para ficar na escuta quando sobre a área do objetivo, mas muitos reportaram em seus interrogatórios após o reide que, quando sobre o objetivo, somente haviam ouvido "murmúrios". Contudo foi injusto sugerir, tanto em relação ao Grupo Esclarecedor quanto ao Chefe de Esquadrão, Daniels, como o fizeram os Historiadores oficiais, que a técnica do chefe bombardeiro foi primeiro desenvolvida pelo Comandante da Ala Gibson em seus reides sobre as represas ou que o ataque a Peenemünde foi a "primeira ocasião em que tivesse sido empregada num ataque a objetivo maior". As autoridades de Frankfurt não perceberam que o Comando de Bombardeiros certamente pretendeu atacar a cidade e não foram registradas bombas dentro dos limites da cidade. Contudo, em Darmstadt, 24 quilômetros ao sul, o Chefe de Polícia relatou a morte de quatro cidadãos no mais vigoroso ataque do ano. Esta experiência do Chefe de Bombardeiro foi inteiramente desautorizada e Sir Arthur Harris mandou que Bennett não a repetisse; os perigos eram muito evidentes. Quando, contudo, o Vice-Marechal do Ar, Cochrane, Chefe do Grupo Nº 5, planejou o reide ao Ruhr, uns seis meses depois, Harris não fez objeções ao uso do rádio equipamento VHF para

comunicação.

A 29 de agosto de 1944, um ataque desfechado pelo 5º Grupo a Konigsberg preparou as bases para os reides provocadores de dilúvio de fogo a Darmstadt, Brunswick, Heilbronn e finalmente Dresden. O Grupo já estava agora operando amplamente como força independente, com os seus próprios esquadrões esclarecedores, os seus próprios vôos meteorológicos, os seus próprios aviões de reconhecimento após o reide, e, talvez o mais importante de tudo, uma força de bombardeiros totalmente de Lancasters. Para o ataque ao Porto de Konigsberg foi executada uma nova técnica de sinalização e bombardeio compensados. Os 189 Lancasters aproximaram-se do objetivo de três direções prefixadas, precedidos por dois Lancasters esclarecedores carregados com indicadores de alvo vermelhos, que identificavam e sinalizavam o ponto a atingir, instalações de ferrovia na parte sul da cidade. Embora a principal força de bombardeiros tivesse como referência de pontaria o mesmo ponto sinalizado, os três ângulos diferentes de aproximação e a minutagem excedida resultava na realidade em três alvos ao custo de apenas um bem sucedido ataque sinalizado; o que era importante quando o objetivo estava tão poderosamente defendido como Konigsberg e especialmente vantajoso quando os marcadores do alvo estivessem a favor do vento e, além disso, a área de ataque não estivesse obscurecida por fumaça ou mergulhada em chamas de incêndio. Das 480 toneladas de bombas lançadas, 345 eram incendiárias, do pequeno e poderoso tipo termite, de dois quilos; a carga de bombas que cada Lancaster podia transportar era nessa ocasião pequena por causa das onze horas e vinte minutos de vôo. Durante um infrutífero ataque a Konigsberg, três noites antes, o Grupo tinha recebido ordens para lançar feixes de bombas-J, que se revelaram tão ineficazes no porto báltico como o tinham sido um mês antes em Stuttgart, ou em Darmstadt em 25 de agosto.

Zero hora para Konigsberg foi à 1h07m da madrugada de 30 de agosto, mas demorou vinte minutos até que o bombardeiro-chefe, Comandante de Ala J. Woodroffe, ficasse satisfeito; apesar das imprevistas nuvens baixas sobre o objetivo, os sinalizadores estavam ambos dentro de um raio de quatrocentos metros do ponto de sinalização, nas instalações ferroviárias. As instruções do bombardeiro-chefe pelo VHF eram claras e concisas, e à 1h52m, quando caiu a última bomba, 435 acres de um total de área construída de 824 acres, tinham sido destruídos; ficaram desabrigadas 134.000 pessoas e 21 % dos estabelecimentos industriais seriamente danificados.

Quando, a 11 de setembro, chegou a ocasião para o Grupo Nº 5 desferir um ataque a Darmstadt, mais um melhoramento na técnica do "bombardeio compensado" havia sido

introduzido. A cidade era tecnicamente um objetivo difícil de atacar pois as áreas industriais estavam muito espalhadas em torno da periferia de uma zona residencial e comercial, no centro; para tentar atingir as áreas industriais espalhando cargas de bombas em torno de um alvo central e esperar - como era norma corrente na prática do Grupo Esclarecedor - que o transbordamento atingisse os subúrbios industriais seria uma desastrosa dissipação de esforços, sobretudo com tão pequena força de bombardeiros.

Para muitos alemães, o ataque a Darmstadt foi uma surpresa. Eles próprios haviam reconhecido que a cidade tinha uma ARP muito fraca e a falta de material de combate aos incêndios foi responsável pelos danos elevados. Será ilustrativo descrever aqui como aconteceu que um ataque fosse feito a esta cidade, pois fornece um exemplo autêntico das fontes de informação em que se baseavam as comissões de objetivos do Ministério do Ar. Nos primeiros dias de junho, uma viúva idosa que havia morado em Darmstadt antes da guerra, fugindo em 1938, como muitos alemães, às medidas anti-semíticas do Nacional Socialismo, veio morar no mesmo bloco J de apartamentos, em Surbiton, em que vivia um Comandante de Ala da RAF, então ligado ao Comitê de Seleção de Objetivos, do Ministério do Ar. Ela lhe contou que tinha visto uma grande fábrica de "equipamentos óticos para submarinos" sendo construída perto de sua casa, em Darmstadt, pouco antes que deixasse a Alemanha e perguntava por que a cidade não tinha sido objeto de um ataque mais pesado da RAF. Como o Comitê manifestasse certo interesse pelo relatório, o Comandante de Ala foi solicitado a obter maiores detalhes de instalações militares ou conjuntos industriais na vizinhança.

Foi como resultado de seu relatório final sobre a cidade, ao Comitê, que Darmstadt apareceu na relação semanal de objetivos compilados pelo Comitê Combinado de Objetivos Estratégicos e que o Comando de Bombardeiros foi avisado para desferir um ataque àquela cidade. Darmstadt, porém, não era então somente o centro da indústria química e de fábricas de material ótico; embora o Ministério do Ar não soubesse, havia na cidade uma academia para treinamento de técnicos de bombas V-2.

A técnica de ataque desenvolvida pelo Vice-Marechal-do-Ar Cochrane estava especificamente relacionada com o ataque a Darmstadt. Nos subúrbios ocidentais da cidade havia um grande e destacado campo retangular para exercícios de cavalaria, construído em terreno de subsolo calcáreo pois ele aparecia nitidamente branco nos reconhecimentos fotográficos; foi este campo que serviu como ponto de referência para o ataque. O Esquadrão Nº 627, cujo lema era, significativamente, "A primeira vista" e que se havia seguidamente distinguido, desde Munique, pelos seus corajosos ataques rasantes de sinalização visual, forneceu 14 esclarecedores Mosquitos, tanto para sinalização visual como

para ataques de bombardeio de mergulho nas fábricas dos subúrbios, como o conjunto industrial I. G. Farben. Foi de novo chefe bombardeiro o Comandante de Ala Woodroffe.

As 22h25m as sirenas soaram o alarme de ataque aéreo em Darmstadt. O serviço de alarme do Drahtfunk avisou:

"Aproximam-se formações pesadas de bombardeiros inimigos vindas de Oppenheim, a leste, e de Heidelberg, ao norte. Perigo agudo para Darmstadt."

Às 23h25m soou o alarme aéreo. Às 23h45m, as primeiras bombas já estavam caindo. Os postos de vigilância contra incêndios informavam que não parecia haver centro definitivo para o ataque. Estavam certos: os 240 Lancasters haviam sido instruídos para aproximar-se do claramente assinalado campo de exercícios de cavalaria de duas direções diferentes; não somente ficava a força assim dividida em duas seções como cada esquadrão havia sido instruído para bombardear excedendo o alvo. O resultado pretendido foi estender duas largas linhas de ataque através da cidade, formando um V a partir do ponto marcado ocidental, ocupando toda a área. Para isso, feixes de bombas foram calculados para saturar toda a parte administrativa da cidade e as suas áreas residenciais. Dos 240 Lancasters enviados, atacaram 234, despejando 872 toneladas de bombas em quarenta minutos, incluindo 286.000 bombas incendiárias de termite e cerca de 2.000 arrasa-quarteirões de 2.000 quilos. Embora a ala esquerda se tenha em parte desviado, a operação foi um grande sucesso e era evidente que o Comando de Bombardeiros não precisaria mais voltar a Darmstadt.

Mais uma vez o relatório do Chefe de Polícia após o reide forneceu uma documentada descrição do ataque: o reide da noite de 11 para 12 de setembro distinguiu-se de todos os menores reides anteriores pelo bombardeio maciço e concentrado. O dilúvio de fogo, que emergiu cerca de uma hora depois, abrasou todo o interior da cidade, queimando até edifícios apenas ligeiramente danificados pelas explosões. Estavam fora de cogitação operações imediatas de salvamento pois ruas e praças estavam inacessíveis. Mesmo as brigadas externas de bombeiros tentando chegar ao centro da cidade foram obrigadas a recuar pela falta de água e pelo insustentável e terrível calor irradiado, que ameaçava homens e veículos. Os revestimentos químicos de proteção contra o fogo do madeiramento dos telhados, que em Kassel haviam evitado a disseminação dos incêndios, revelaram-se inúteis em Darmstadt. As portas e janelas arrebentadas pelos deslocamentos de ar das explosões e pelas ondas de descompressão permitiam agora a propagação do fogo em cada andar e os edifícios eram destruídos tanto a partir do telhado como do andar térreo.

Cerca das 2 horas da madrugada, a tempestade de fogo nas ruas excedia de 10 a 12

vezes a força dos furacões e qualquer movimento ao ar livre era impossível; o tufão somente abrandou pelas 4 horas. Em conseqüência, os habitantes desta área foram incapazes de salvar-se; uma circunstância infeliz no ataque incendiário a Darmstadt, foram as sucessivas detonações provenientes de um trem carregado de munições que estava na ferrovia, ao sul do centro da cidade, o que impediu que os habitantes abandonassem os abrigos a tempo, pois acreditavam que o ataque ainda continuava.

Toda a cidade: interior foi destruída por esse único pequeno ataque - somente 240 bombas pesadas - e a devastação atingiu 78 %; se forem incluídos os subúrbios menos danificados de Arheiling e Eberstadt, a destruição totaliza 52,4%. O Serviço de Informações de Bombardeio Britânico, mais objetivamente que os similares americanos, estimou, pelas fotografias, que 69% da área total construída foram destruídos, 516 acres de um total de 745. Numa cidade com 115.200 habitantes, foram destruídas 21.478 residências, desabrigando 70.000 pessoas. Na Cidade Velha somente cinco edifícios escaparam à destruição: a prisão, na Rundeturm Strasse. "provida com uma lâmpada azul para protegê-la dos ataques aéreos"; a taberna chamada A Coroa, um açougue próximo dela, a casa de um arquiteto, um pouco além, e o fundo dos edifícios da igreja católica de St. Ludwig. Como Darmstadt fosse uma zona de ARP de segundo grau (L. S. Ort 2 Ordnung) não fez o Governo gastos na construção de abrigos antiaéreos reforçados, mas apenas em pouco importantes medidas de construção, incluindo três centros de salvamento e 54 abrigos públicos antiaéreos.

Os desprotegidos habitantes, em conseqüência, sofreram mais severamente do que os seus felizes correspondentes em Kassel, e depois em Brunswick, como veremos. O número registrado de mortos foi dado como sendo de 5.500 com certeza, dos quais 1.800 - um total portanto de 32,7% - não eram identificáveis por causa da incineração total; não foram novamente incluídos os totais referentes a militares em serviço ativo.

Considerando o total desta catástrofe, a relação de mortos deveria ser muito maior - acentuou o Chefe de Po1ícia - sobretudo porque não menos de 4.500 pessoas foram dadas como desaparecidas. Na realidade, o total será sempre superior a este, pois já se verificou que famílias inteiras, com todos os seus membros, foram mortas e cujo desaparecimento terá como conseqüência nunca ser computado.

O Anuário Estatístico das Municipalidades Alemãs fornece como dados definitivos para o morticínio de Darmstadt, naquela única noite, o total de 12.300. O Serviço de Estatística da cidade refere entre 12.000 e 15.000. O Serviço de Informações dos Bombardeiros Estratégicos Americanos faz uma estimativa de 8.500.

A causa da morte foi predominantemente em cerca de 90% dos casos asfixia ou

queimaduras.

Nos quatro primeiros dias depois do ataque, a recuperação das vítimas apresentou grandes dificuldades pois não havia veículos na cidade para a remoção. A situação somente melhorou após a chegada da Unidade de Transporte da Organização Speer. As mesmas cenas presenciadas pelas tropas de recuperação que penetraram nas áreas arrasadas de Hamburgo e Kassel, eram agora oferecidas aos olhos dos grupos de salvamento em Darmstadt: as ruas estavam cheias de corpos nus, de cores vivas, ou de objetos carbonizados, de cerca de um metro de comprimento, parecendo pedaços de tronco de árvore, mas que haviam sido seres humanos.

No dia 24 de setembro, o Bispo Católico de Mainz celebrou ofícios fúnebres pelos habitantes de Darmstadt que haviam perdido a vida nos quarenta minutos do ataque à cidade desferido pelo Grupo Nº 5.

Com o ataque a Bremerhaven, em 18 para 19 de setembro de 1944, a linha de ataque foi modificada para adaptar-se às peculiaridades do extenso porto, que se alongava por 12 quilômetros beirando a margem oriental do estuário do Weser; o problema, deve ser lembrado, era similar ao do ataque às cidades gêmeas de Wuppertal. O Grupo Esclarecedor deve ter confiado na técnica de recuo; a linha de ataque do Grupo Nº 5, contudo, era um método mais seguro para destruir a cidade inteira; nessa ocasião, um ponto de sinalização, mas com cinco linhas de aproximação era suficiente para todo o ataque; a força marcadora era capaz de reparar o alvo escolhido na extremidade norte da cidade com grande rapidez: a hora marcada seria 21 horas, mas já às 20h58m o bombardeiro chefe podia irradiar para a principal força de Lancasters: "venham e bombardeiem." O resultado foi que os bombardeiros, que estavam agora usando Windows numa cadência de cinco feixes de bombas por minuto, muito superior à que tinha sido julgada suficiente em Hamburgo, treze meses antes, não foram desnecessariamente mantidos sobre a área do porto, pesadamente defendida, e somente dois aviões, um dos quais um Mosquito, foram perdidos durante todo o ataque, enquanto que os 208 dos 213 mandados, lançaram as suas 863 toneladas de bombas - incluindo nada menos que 420.000 bombas de termite - num ataque muito concentrado. O Serviço Inglês de Observações de Bombardeio reportou, de investigações de reconhecimento fotográfico, que de um total de 375 acres de área construída, 297 foram totalmente arrasados, o que significa 79% de destruição. Esta foi a primeira vez que o Comando de Bombardeiros dirigiu a sua atenção para o porto; o Comando não teve dificuldade no caminho de volta. As táticas do 5º Grupo estavam chegando rapidamente à perfeição.

É surpreendente que aqueles reides, que se incluíam entre os mais eficientes executados pelo Comando, tenham passado completamente despercebidos em qualquer dos relatórios oficiais publicados no curso da guerra aérea.

O Vice-Marechal-do-Ar, Bennett, em suas memórias, resumiu todos esses reides, como foram, em poucas palavras: "No resto de 1944 o Grupo Nº 5 juntou-se por vezes com o resto do Comando na própria marcação da PFF (isto é, o Grupo Nº 8 fazendo a marcação) mas, além disso, atacou por iniciativa própria um grande número de pequenos objetivos, a maioria relativamente indefesos, tais como... Darmstadt, Konigsberg, Heilbronn, etc."

Ele também lembra que "foram" a Brunswick duas vezes. Os três primeiros reides, acarretando a morte de mais de 24.000 civis, foram executados ao custo de apenas umas 670 sortidas pelo Grupo Nº 5.

Embora somente 561 habitantes tenham sido realmente mortos pelo ataque do Grupo Nº 5 a Brunswick, de 14 para 15 de outubro de 1944, a sua análise é importante no contexto dos reides posteriores a Dresden; Brunswick foi a primeira demonstração da bem sucedida técnica do grupo de ataque por setor, a técnica finalmente escolhida para o primeiro reide a Dresden, quatro meses depois. Como o Vice-Marechal-do-Ar Cochrane explicava, antes do ataque, no seu quartel, aos seus comandantes de avião, nos entendimentos em voz alta peculiares ao grupo, a intenção era saturar cada metro quadrado do alvo com igual peso de bombas: os incêndios irromperiam então rapidamente e estariam tão espalhados que os bombeiros não seriam capazes de dominá-los. Em vez de número limitado de linhas de alvo e disparos além do alvo como em Konigsberg, Bremerhaven e Darmstadt, o reide a Brunswick engajaria cada um dos 233 Lancasters atacando sobre um unico ponto, de ângulos diferentes; dessa maneira um setor em forma de leque poderia ser devastado ao mesmo tempo que o centro da cidade. O ponto de referência estava na parte sul da cidade e a força atacante voaria em direção norte sobre Brunswick.

A hora zero para Brunswick foi marcada para 2h30m da madrugada de 15 de outubro. Mais uma vez, a maioria da força transportava bombas-J, de jato de petróleo, das quais o Comando parecia ter um estoque inesgotável. Às 3hl0m, incêndios de média intensidade tinham surgido na área limitada pelo Wollmarket, na Lange-Strasse, Weber-Strasse, e peças leves de mobiliário, mesas e cadeiras estavam sendo aspiradas pelo tornado; violento redemoinho levantou poeira e chuva de fagulhas e de fragmentos incandescentes foi soprada através das ruas. A área de incêndio abrangia toda a cidade interior, à exceção de pequenos distritos em volta da Estação Central, a Prefeitura e a August Gate. Foi

exatamente nesta área, porém, que seis adegas gigantes e dois abrigos antiaéreos públicos haviam sido construí dos e neles foram surpreendidas 23.000 pessoas.

Mais uma vez o serviço telefônico foi destruído e o serviço de mensageiros foi incapaz de operar dada a situação; as brigadas de incêndios da cidade já haviam entrado em ação independentemente em várias partes da cidade e assim somente cerca de 5 horas da madrugada foi possível reunir um número suficiente de bombeiros para arriscar a perigosa e raramente usada técnica da "água em corredores", que parecia ser a única esperança de alcançar e salvar os 23.000 sitiados no coração da área em fogo. Um grupo de mangueiras de alta pressão devia ser trazido, sob um biombo constante de água, para o centro da área incendiada: a frente e os lados do corredor deviam ser protegidos do tremendo calor irradiado, por nuvens de água; a obtenção de fornecimento de água apresentava considerável dificuldade porque embora instalações de água e hidrantes estivessem próximos, estavam na própria zona de fogo. Também a pressão nas mangueiras teve que ser reforçada várias vezes por bombas auxiliares; a cada momento bombas e mangueiras eram danificadas pela queda de edifícios e pela irradiação de calor. Contudo, a despeito do tempo gasto na constante mudança das bombas para lugares mais seguros, às 7 horas, quatro e meia horas após o início do ataque, os abrigos foram alcançados. Como as portas não estivessem fechadas e trancadas, a equipe de salvamento ouviu o ruído de "muitas pessoas conversando em voz baixa, mas nervosamente em murmúrios". Todos os abrigados estavam ainda vivos. A evacuação das 23.000 pessoas foi efetuada formando uma interminável fila ao longo do interior do corredor de água para áreas de relativa segurança fora da zona de fogo, sem qualquer dano.

As turmas de bombeiros nem sempre tiveram a mesma sorte: no abrigo antiaéreo na Schooppenstedter Strasse, 104 pessoas foram salvas das quais somente nove sobreviveram. Neste caso, embora o abrigo estivesse indene, a causa da morte foi o habitual nas tempestades de fogo: asfixia. Contudo, a Cidade de Brunswick foi capaz de evitar uma tragédia maior graças às medidas de uma ARP mais poderosa e à coragem de seus grupos de bombeiros. Tão extensa foi a destruição que, embora um único Grupo de Bombardeiros tivesse participado, as autoridades disseram que mais de mil aviões haviam atacado. Cerca de 4.500 bombeiros - freqüentemente obrigados a procurar abrigo por causa dos repetidos alarmes de ataque aéreo - lutaram durante seis dias para controlar os últimos incêndios; quando se abrigavam, os incêndios que haviam quase dominado, ressurgiam tão violentos como antes. Somente a 20 de outubro, os últimos bombeiros voltaram aos seus aquartelamentos. Durante os quarenta minutos do ataque por setor, o Grupo Nº 5 lançou um total de 847 toneladas de bombas na cidade; os resultados, expressos em dados

estatísticos, foram notáveis: 80.000 desabrigados de uma população de 202.000; de uma área construída de 1.400 acres, 655 estavam totalmente destruídos. As usinas de gás e água, a estação de força, arrasadas, do mesmo modo que os serviços de telefone, transporte e ferrovias. Um relatório oficial dos reides acusava: "Mesmo as indústrias pesadas de Brunswick que não foram severamente atingidas no ataque de 15 de outubro, foram mais seriamente afetadas do que antes pela perda de pessoal, ou morto ou demasiado preocupado com os problemas domésticos de sobrevivência para pensar em trabalho". Não pode haver demonstração mais convincente do que esta em favor da teoria do ataque por área; infelizmente, nem todos os ataques por área eram realizados com uma tal insignificante perda de vidas de civis. Além da Operação Brunswick, as bombas-J somente causaram maior devastação durante o ataque de 4 de dezembro de 1944, a Heilbronn; foi usada a mesma técnica de ataque por setor, desenvolvida pelo Vice-Marechal-do-Ar Cochrane e seu Comandante de Base, Comodoro do Ar H. V. Satterley, tendo por alvo um parque ferroviário bifurcado como alvo. Dos 77.569 habitantes da cidade foram mortos em um ataque mais de 7.000, e dados como desaparecidos muitos milhares. Era de mau augúrio para Dresden que neste ataque, tanto o bombardeiro-chefe como o seu adjunto, o chefe de sinalização, fossem desempenhar os mesmos papéis ali.

Como precursora dos reides de Dresden, contudo, a noite de 14 para 15 de outubro não somente trouxe o devastador ataque por setor a Brunswick: naquela mesma noite, uma outra grande técnica que devia marcar o fim de Dresden quatro meses depois, foi demonstrada por um "tríplice golpe" em Duisburg, por um total de 2.068 sortidas de bombardeiros: o primeiro golpe foi desfechado durante o dia por mais de mil bombardeiros; então, durante a madrugada, toda a força, excetuando o Grupo Nº 5, voltou ao porto do Ruhr e executou um duplo golpe esmagador, as duas metades do ataque separadas por um intervalo de menos de duas hora: de modo que os interceptadores noturnos deviam estar em terra e exaustos ou reabastecendo, por ocasião do último ataque.

Como era de esperar, naquela noite, não somente os combatentes noturnos alemães estavam exaustos. Tal era a pressão sob a qual trabalhava o pessoal de terra da RAF, abastecendo de bombas aviões para 2.068 sortidas em um dia que do total de 9.708 bombas fortemente explosivas (não incluindo as desgarradas que caíram na zona ARP de Duisburg), deixaram de: explodir 1.336.

Apesar de Duisburg estar pesadamente defendida e a população preparada para os ataques aéreos, as baixas foram elevadas: 1.521 mortos e 746 desaparecidos: 183 prisioneiros de guerra e trabalhadores estrangeiros também figuravam entre os mortos.

Com a bem sucedida execução dos ataques a Brunswick e Duisburg, o palco estava

armado para os ataques por área de fevereiro de 1945, a centros populosos, que deviam culminar na tragédia de Dresden: a tendência predominante da opinião pública não seria mais ofendida pelos ataques do Comando de Bombardeiros nesta escala. O Comando de Bombardeiros dispunha agora de um armamento extenso e independente, capaz de atingir objetivos distantes, mesmo tão distantes como Dresden, com grande precisão e violência; e, enquanto o Grupo Nº 5 havia aperfeiçoado o sabre do seu ataque por setor, o Comando de Bombardeiros havia preparado o bastão do tríplice golpe.

Parte II

O PANO DE FUNDO HISTÓRICO

DRESDEN, O OBJETIVO VIRGEM

Em fins de 1944, a possibilidade de um ataque aéreo tendo a Capital da Saxônia como seu objetivo específico chegou ao conhecimento do Primeiro-Ministro, talvez pela primeira vez. Em outubro, o Estado-Maior do Ar sugeriu, com a sua aprovação, que a Força Aérea soviética podia ser solicitada a atacar Dresden, embora não esteja claro das referências publicadas pertinentes a esta solicitação se seria a própria área da cidade ou o vizinho complexo de gasolina sintética de Ruhland; era corrente mencionar sem distinção Dresden e Ruhland, atribuindo assim à Capital da Saxônia um significado industrial, que, como veremos, não era inteiramente justificado. A despeito das recomendações feitas pela Missão Militar Britânica em Moscou, a solicitação não foi atendida pela Força Aérea soviética - que realmente dispunha de uma pequena força de bombardeio estratégico, como Berlim, Breslau e Konigsberg - assim como numerosas outras cidades do centro e leste da Alemanha. viriam a descobrir mais tarde.

Apesar do assunto ter constado de um esboço de diretrizes discutido com Sir Richard Peirse, em começos de 1940, a cidade somente sofreu o seu primeiro ataque às 12h36m de 7 de outubro de 1944; cerca de trinta bombardeiros de um Grupo Americano de Bombardeio havia atacado a área industrial de Dresden como objetivo secundário durante um ataque à refinaria de petróleo de Ruhland. Quando as sirenas da cidade anunciaram o tudo limpo, às 13h27m, os subúrbios ocidentais de Dresden-Freidrichstadt e Dresden-Löhtau haviam sido consideravelmente devastados; o reide aéreo foi uma sensação local e é referido que escolares ativos reuniram toda espécie de fragmentos de bomba para vendê-los como lembranças, enquanto donos de carruagens organizavam excursões especiais às ruas atacadas; nunca nada semelhante a isto aconteceu em Dresden antes. Morreram 435 pessoas, principalmente operários das pequenas fábricas de Seidel & Naumann e de Hartwig & Vogel. Naquelas fábricas também foram pesadas as baixas de trabalhadores franceses e belgas. Muitos arbeitskommandos - destacamentos de trabalhado - de prisioneiros aliados operando nos setores ferroviários sofreram severamente sendo mortos alguns americanos em um destacamento; outros prisioneiros de guerra vieram substituí-los. Vários kommandos de prisioneiros, antes desocupados, foram usados nas operações de recuperação nesta área. Não obstante, os habitantes locais acreditavam unanimemente que o bombardeio tivesse sido o resultado de um infeliz engano cometido

por um navegador aliado e este golpe prematuro não abalou a segura confiança do povo de Dresden de que a cidade não seria atacada.

Para os prisioneiros de guerra ingleses na cidade, a vida não podia ser melhor naquelas semanas que precederam fevereiro de 1945. Os habitantes de Dresden estavam familiarizados com os ingleses desde antes da guerra, quando a cidade era um centro cultural e fizeram muitos amigos entre os prisioneiros - muitos deles do contingente da 1ª Divisão Aerotransportada capturada em Arnhem.

"Os alemães aqui são os melhores que já encontrei" - escreveu um soldado, capturado em Anzio, no dia seguinte ao Natal de 1944."O Comandante é um cavalheiro, e gozamos de muita liberdade na cidade. O Feldwebel já me levou para ver o centro da cidade. :É sem dúvida bonita e gostaria de ver mais dela."

A guerra parecia muito distante de Dresden. Não possuindo nenhuma indústria capital, como as de Essen ou Hamburgo, embora Dresden fosse de tamanho comparável, a economia da cidade era mantida em tempo de paz pelos seus teatros, museus, instituições culturais e indústrias domésticas. Mesmo em fins de 1944 teria sido difícil escolher qualquer grande indústria de maior importância da espécie das que provocaram ataques aéreos a outras cidades alemãs menos afortunadas, e um exame dos arquivos do Comando de Munições de Dresden, abrangendo toda a Saxônia, evidenciou a ausência de qualquer indústria vital. Na Schandauer-Strasse, no subúrbio de Dresden-Striesen, a cerca de cinco quilômetros do centro da cidade, a Zeiss-Ikon AG tinha duas fábricas de instrumental ótico, as fábricas Ernemann e Ika, enquanto havia outra fábrica Zeiss, a Reick-Werk, em Dresden-Reick, nos subúrbios da cidade; a Zeiss-Ikon Ag, em Dresden, havia começado em 1938, por exemplo, com um contrato para a produção de visores para bomba BZG-2E. Alhures na cidade, na Freiberger-Strasse, havia uma fábrica de vidro da Siemens. Em Dresden-Niedersedlitz, oito quilômetros ao sudeste do centro da cidade, e em Radeberg, 14 quilômetros nordeste, havia dois complexos industriais Sachsenwerk; essas indústrias empregavam uns 5.000 operários na manufatura de motores elétricos e peças para equipamentos de radar, reunidas pelas AEG, em Berlim. De acordo com um sumário do Serviço de Inteligência do Ministério do Exterior Britânico, aparecido no início de 1945, Sachsenwerk Licht e Kraft AG, de Dresden-Niedersedlitz, estavam empenhadas na produção de motores elétricos para operarem abas de radiadores de avião e a firma de Otto Bark Motorenbau, de Dresden, era considerada como fabricando bombas resfriadas a óleo; a mesma nota relacionava a firma de Klauber & Simon, de Dresden, como produzindo exatamente anéis de pistão de motores de avião e válvulas operadas magneticamente. Na Zwickanerstrasse existia a fábrica de Kock & Sterzel, empregando cerca de seiscentos

operários na produção de equipamentos de Raios-X para hospitais e na administração de outra fábrica de Raios-X, no subúrbio de Übigau. Na Grossenhainerstrasse, uma extensa avenida orientada para o norte de Dresden-Neustadt, havia o conjunto industrial da Zeiss-Ikon Goehlwerk, construído em 1941, de forte concreto reforçado, com janelas à prova de deslocamentos de ar por explosão e outros engenhosos recursos de proteção contra ataques aéreos. Essa fábrica empregava, por ocasião dos reides, 1.500 operários na produção de cápsulas de fusos antiaéreos para a esquadra alemã. Em Dresden-Freidrichstadt havia duas grandes fábricas para o fornecimento aos alemães de grande parte de seus cigarros. O Arsenal, oito quilômetros ao norte do centro da cidade, no qual tanta importância era depositada pelos boletins subseqüentes do Ministro do Ar, havia realmente sido um arsenal durante a Primeira Guerra Mundial, mas durante um incêndio, em 27 de dezembro de 1916, havia sido totalmente destruído quando um trem de munições pegou fogo e explodiu. No local do primitivo Arsenal havia um novo conjunto industrial com firmas fabricando uma variedade de produtos, tais como caixas de lata, gabinetes de rádio, sabão, talco para crianças, pasta de dentes, e, de acordo com rumores locais, visores para bombas e material de navegação para aviões. O restante da indústria de guerra da cidade era igualmente diverso, incluindo uma fábrica de máscaras para gases, produzindo umas 50.000 máscaras por mês, várias cervejarias e duas pequenas firmas produzindo partes para aviões Junkers e Jatos Messerschmitt 262; um relatório constante dos documentos do Ministro do Reich, Speer, datado de 26 de janeiro de 1945, indicava que a firma Gläser, de Dresden, seria a principal contratada para a fabricação de motores para o programa de produção separada do Me 262, com o máximo de produção escalonada para produzir 750 itens por mês em maio de 1945; deviam ser entregues ao conjunto de fábricas em Regensburg e Augsburg. Foram feitas pesquisas na Universidade Técnica de Dresden sobre a técnica de injeção de gasolina no motor da bomba V-2 e não há dúvida de que a destruição do edifício foi um golpe severo para as pesquisas alemãs.

Dresden não era de nenhum modo uma cidade aberta, e nunca foi declarada como tal. Um historiador da Força Aérea americana também verificou, para satisfação própria, que, além do significado de Dresden como importante centro de transportes, existiam "numerosas outras razões" que justificavam fosse honestamente considerada como importante objetivo militar e foi "assim considerado pelas autoridades militares e civis alemãs". Neste contexto é interessante examinar uma declaração isolada em apoio deste ponto de vista, feito pelo Diretor Geral da firma Henschel, ao ser interrogado pelos aliados, após a guerra. Após descrever como a indústria aeronáutica alemã foi pesadamente afetada pela ofensiva aérea desencadeada pelos ingleses contra cidades alemãs, continuou dizendo

que esse fato determinou a mudança das indústrias de material elétrico e de instrumental, de Berlim para a Silésia, principalmente depois da Batalha de Berlim, em novembro de 1943. Com o avanço dos exércitos russos, "essas indústrias tiveram que ser de novo evacuadas para Dresden, onde mais tarde sofreram fortes danos". Típica desta engenharia de precisão seria a fábrica de giroscópios para o sistema direcional de Kurt, foguete contra navios, da firma Lorenz, em Dresden.

Dresden tornou-se um ponto chave no sistema postal e telegráfico alemão e não há dúvida de que a destruição das instalações postais da cidade iria impedir as comunicações entre a frente oriental e o resto do Reich; a equipe permanente da Repartição Central de Correio e Telégrafos, no centro da cidade, havia sido reforçada por várias centenas de integrantes do Serviço de Trabalho do Reich e do Serviço Auxiliar de Guerra, de modo a poder atender ao aumento do movimento; centenas de prisioneiros ingleses foram utilizados nos serviços postais alemães como trabalhadores, na agência da estação de carga de Rosen-Strasse, onde eram obrigados a trabalhar em turnos, carregando malas postais e separando pacotes.

Por ocasião do ataque, contudo, o significado estratégico da cidade era apenas conhecido e é duvidoso que neste estágio da guerra Dresden iria converter-se, por exemplo, numa segunda Breslau; foi somente a 14 de abril que o Gauleiter da Saxônia, Reichsstatthalter Martin Mutschmann, declarou oficialmente Dresden uma fortaleza.

Historicamente, Dresden fora de alguma importância como centro para a administração das operações militares e, depois, das aéreas. Em 1935, tornou-se a cidade de aquartelamento do 111 Distrito Aéreo da 111 Luftkreis, donde o Coronel Bogatsch, Comandante Supremo da artilharia antiaérea, controlava vários regimentos de defesa antiaérea formados em Weimar, Merseburg, Breslau e Dessau, e em 1937, como o rearmamento alemão progredisse rapidamente, a Luftkreis foi ampliada para incluir novos regimentos de defesa antiaérea, em organização, para defender Jena, Leipzig, Chemnitz, Liegnitz, Halle, Wittenberg e Bitterfeld; foi dissolvido o Regimento Rudolstadt 11/23.

A 30 de novembro de 1938, a artilharia antiaérea foi reincorporada e aumentada para colocar os regimentos sob o controle da recentemente organizada Luftgaukommandos, Comandos da Zona Aérea.

O Coronel Bogatsch comandava agora a Luftgaukommando IV, em Dresden, com quartel-general na General Wever-Strasse, perto da Estação Central. Foi organizado um Luftgaukommando separado, para Breslau, o N.Q VIII; a importância militar de Dresden como centro de controle já estava declinando. Com o início da guerra, em 1939, as

responsabilidades do Luftgaukommando de Dresden foram principalmente assumidas pelo Luftgaukommando 111, de Berlim, ao qual estava ligado.

Em 1918, Dresden havia sido o Quartel-General da Wehrkreis, IV Comando de Distrito de Exército, e perto do extinto arsenal, nos subúrbios norte da cidade, havia um grande conjunto de instalações de quartéis e de campos de manobras. Nos montes a noroeste, as tropas SS, sob o comando do General SS Alvensleben, cavaram um abrigo subterrâneo de comando na rocha fronteira à Mordgrundbrück. Isto também era um objetivo de natureza nitidamente militar, mas dificilmente para aviação estratégica.

Reconhecendo a aparente falta de importância militar da cidade, o Governo alemão, logo em 1943, voltou-se para Dresden como um abrigo para departamentos administrativos e escritórios comerciais, sobretudo quando se acentuaram os ataques aéreos a Berlim; exemplo dessa tendência foi a decisão de transferir para Dresden a direção do Banco Central de Berlim, com toda a sua equipe administrativa. Mas mesmo em fevereiro de 1945 não havia sinal de que o próprio Governo do Reich seria transferido para a cidade, embora fosse eventualidade a considerar se Berlim caísse.

Pela altura do meio da guerra, o Luftgaukommando de Dresden instalou forte defesa antiaérea em torno da cidade, mas, como sucedeu que os anos fossem correndo sem que a mesma entrasse em ação mais de duas vezes, o Comando da Zona Aérea, criteriosamente, concordou em que as baterias estavam sendo desperdiçadas em Dresden e as distribuiu pela frente oriental e para a defesa do Ruhr.

Assim surgiu a difundida, positiva, mas fatal lenda de Dresden, a cidade que nunca seria bombardeada. Por um lado, a população estava convencida pela inatividade das autoridades civis em relação aos programas da ARP e pela disposição das defesas antiaéreas da cidade de que não haveria ataque, e, por outro lado, a sua patética confiança nas boas intenções dos governos aliados lhes assegurava que uma cidade abrigando número cada vez maior de hospitais civis e de quartéis de instrução militar nunca seria atacada. Os aliados poderiam atacar um ou outro dos afastados subúrbios industriais, admitia-se, mas nunca o centro da cidade.

"A população de Dresden", assegurava em 1947 a direção do Serviço de Inteligência do Ministério do Interior "parecia acreditar na existência de um acordo entre nós e os alemães para poupar Dresden se Oxford não fosse atacada." Algumas pessoas difundiam um rumor de folhetos lançados pelos aliados, nos quais era prometido que, como Dresden deveria ser a capital de pós-guerra de uma nova e unida Alemanha, a cidade não seria atacada; outros garantiam que o Primeiro-Ministro britânico tinha relações morando na ou próximo da cidade. Que a cidade não tivesse sido mesmo objeto dos danosos ataques das

formações da Força Ligeira de Mosquitos de caças noturnos parecia dar mais crédito a esses rumores; por trágicos e patéticos que nos pareçam agora, à luz do conhecimento da sorte que esperava a cidade, os boatos eram porém aceitos não apenas pelos 630.000 habitantes permanentes de Dresden, mas pelas próprias autoridades da cidade e se refletiam nas centenas de milhares de refugiados que refluíram sobre a cidade quando a invasão russa irrompeu a leste.

As defesas antiaéreas de Dresden estavam sob a responsabilidade do Luftgaukommando da cidade - IV Comando da Zona Aérea; - como é de alguma importância considerar se a cidade estava em fevereiro de 1945 indefesa segundo as estipulações da Convenção de Haia, de 1907, será necessário considerar a instalação e subseqüente dispersão total das baterias antiaéreas da cidade, antes da data do tríplice golpe.

As defesas antiaéreas alemãs eram principalmente operadas em duas escalas, as baterias leves e as baterias pesadas. As primeiras, dotadas inicialmente de metralhadoras calibre 20mm - embora as de calibre 37 e 40mm fossem também consideradas como leves e raramente produzindo impactos destruidores acima de 2.000 metros; com as suas conhecidas balas traçadoras verdes e amarelas, foram a princípio usadas como defesa contra invasores voando baixo que, de outro modo, estariam imunes às defesas antiaéreas. As baterias pesadas opunham uma defesa freqüentemente mortífera contra as formações de bombardeiros de altitude, usando uma versão AA dos canhões de 88mm, que constituíam a arma principal da artilharia alemã.

No verão de 1943 houve duas espécies de defesa antiaérea pesada na cidade, os canhões de 88mm e os canhões menos eficientes Flak m39. de 88mm. Entre as baterias pesadas comuns de 88mm, neste estágio da guerra em Dresden, estava a 1/565a, estacionada em Dresden-Übigau, perto da ponte da estrada de rodagem sobre o Rio Elba; a 2/565a, no campo de manobras de Heller, perto do Aeródromo de Dresden-Klotzsche; a 3/565a, nos morros ao sul da cidade, estacionada, para ser exato, na Kohlenstrasse, Dresden-Räcknitz, e mais tarde aumentada - pela incorporação das outras - para uma Grande Bateria; a 4/565a, no campo elevado entre Rochwitz e Gönnsdorf; e finalmente a 5/565a, em Altfranken, a oeste da cidade.

Em adição a estas peças comuns, com velocidade limitada acima de 2.000 metros, por segundo, o comando da defesa antiaérea de Dresden dispunha de certo número de canhões russos capturados, de 85mm, adaptados para calibre 88 e usados como artilharia antiaérea de 85/88mm. O canhão alemão standard de 88mm, como o Exército inglês viria a descobrir dolorosamente, em junho de 1941, no Deserto Ocidental, era também utilizável

como arma antitanque; era mesmo capaz, em tiro horizontal, de atravessar couraças de revestimento de 202mm a uma distância de 1.000 metros e mais. Para Dresden, esta dupla utilidade revelou-se fatal como o demonstrou o aumento da ofensiva russa de tanques a leste e primeiro as baterias de 88mm, então mesmo as inferiores de 85/88mm foram também desmontadas e postas em ação a leste. A seu tempo, voltaremos a falar sobre a contribuição, quer indireta, quer direta, da ofensiva soviética sobre a tragédia de Dresden.

Enquanto a defesa antiaérea estava em Dresden, os canhões russos foram mais concentrados no centro da cidade do que os canhões pesados alemães; a bateria de 203/IV, de 85/88mm estava estacionada no cais do Elba, em Vogelwiese; a 204a., em Wölfnitz; a 217a. em Radebeul; a 238a., em Seidnitz; a 247a., em Rochwitz - todas compostas de canhões russos capturados. Dessas, a bateria 203/IV, no cais do Elba, estava próxima do centro da cidade; a bateria tinha seis canhões de 85/88mm, com equipamento de radar para controle de fogo. Quatro desses canhões eram operados de dia por escolares da Juventude Hitleriana, da famosa Kreuzschule da cidade, junto com um grupo permanente de soldados; à noite, os outros dois canhões eram manejados por grupos de trabalhadores das fábricas.

Não é de surpreender que a defesa antiaérea de Dresden não tivesse, nos primeiros anos, muita oportunidade de demonstrar a sua potência; informações particulares referem que a 3/565a. bateria foi a primeira a atirar ativamente e somente no dia 28 de maio de 1944, quando a USAAF atacava instalações de petróleo próximas; a 24 de agosto de 1944, o fogo antiaéreo foi capaz de disparar novamente durante um ataque a Dresden-Freital, e outra vez a 11 e 12 de setembro, embora apenas em barragem média.

O General Gerlach, então Comandante da 14ª Divisão de Defesa Antiaérea, descreveu como as tropas, durante julho e agosto de 1944, foram retiradas de Eisenach, Weimar, Chemnitz e Dresden para a área do seu comando, deixando aquelas cidades com defesa que não merecia menção. A cidade de Dresden mandou seis baterias para Leuna, onde a refinaria de petróleo era considerada mais vulnerável. Em outubro de 1944, porém, o processo de dispersão dos remanescentes das unidades antiaéreas de Dresden começou; a 203a bateria foi dissolvida e fundiu-se com a 217a. para formar uma única Grande Bateria em Radebeul; somente uma vez a mesma abriu fogo, durante o ataque aéreo a Dresden, a 7 de outubro. Há uma nota patética nas reminiscências de um dos rapazes da Juventude Hitleriana, ele próprio em dúvida como oficial do radar de controle de fogo, sobre as vigorosas tentativas do radar de repelir o ataque: o seu próprio capacete de aço era muito grande para ele e o microfone portátil que usava muito largo para o seu pescoço:

"Os canhões estavam erguidos em todas as direções quando nos mandavam abrir o

fogo de barragem", lembra ele. "Os rapazes de nosso grupo eram todos tão jovens e fracos que os prisioneiros russos deviam ser usados para carregar os canhões. No todo, o fogo antiaéreo de Dresden não era a elite da defesa do Reich."

"Felizmente", acrescenta ironicamente, "não foi deixada defesa antiaérea em Dresden quando começaram os grandes ataques; se houvesse, teria sido então também destruída com a cidade."

Durante o inverno de 1944 para 1945, com a renovada ofensiva soviética na frente oriental e os exércitos aliados agora arremetendo contra a Alemanha ao longo de todas as suas fronteiras ocidentais, o pedido de baterias antiaéreas para Dresden, para acudir à vacilante defesa, tornou-se demasiado insistente para ser ignorado.

A 3 de fevereiro de 1945, o Grupo Aéreo Alemão recebeu ordens para fornecer imediatamente mais 123 baterias antiaéreas pesadas para a defesa da frente oriental, depois que Hitler determinou a palavra de código Gneisenatl-Flak para esta operação. A 12 de fevereiro, o Diário de Guerra do Alto Comando da Força Aérea Alemã assinalava: "Das 327 baterias pesadas e 110 médias e leves mandadas no dia 6 de fevereiro para reforço da frente oriental, chegaram a seu destino na presente data: 141 baterias pesadas e 40 médias e leves; e mais 45 pesadas e 24 médias e leves movidas por rodas ou sobre trilhos." As restantes baterias de 88mm de Dresden foram encaminhadas para a frente oriental onde não devem ter feito muito. Quando os bombardeiros aliados chegaram a Dresden, somente restavam as bases de concreto assinalando onde as baterias haviam estado; enquanto apenas imitações de papier-mâché permaneciam nos morros circundantes, para defender a cidade.

As baterias que haviam esperado em vão um furioso ataque a Dresden, estavam, pela altura de fevereiro, dispersadas por todo o Reich. A bateria 207/IV foi transferida para Halle; outras foram mandadas para Leipzig e Berlim. A bateria 4/565a. foi despachada para o Ruhr, onde serviu como bateria AA durante os quase contínuos ataques aéreos de fins de março de 1945; a 19 de abril foi convertida em bateria antitanque e participou da defesa de Hamm, sendo dez dias depois finalmente dominada pela infantaria americana. Da equipe de escolares de Dresden pertencente à Juventude Hitleriana, a metade foi morta neste valente campo de luta final; a história do fim das baterias antiaéreas de Dresden, defendendo qualquer coisa exceto a cidade, cuja juventude havia sido forçada a lutar, tem cores de tragédia, mas também de heroísmo.

Em princípio de fevereiro de 1945, a Capital da Saxônia ainda era virtualmente uma cidade indefesa, embora o Comando Aliado de Bombardeiros possa alegar ignorá-lo. Além disso, a cidade era, como vimos, desprovida de importantes objetivos em potencial,

industriais, estratégicos ou militares. Sir Arthur Harris e o Tenente-General James H. Doolittle, seu colega americano, estavam porém menos interessados na possível interpretação das leis internacionais do que em ganhar a guerra, quando partiram para atacar Dresden como parte da ofensiva contra os centros populosos de leste.

Sir Arthur Harris observou que a única restrição internacional que ele considerava, como limitando a sua ação e a do seu comando durante a guerra, era uma convenção anterior à Guerra Franco-Prussiana, que proibia o lançamento de objetos explosivos de dirigíveis cheios de gás; restrição que, assegurou, foi rigorosamente observada pelo Comando de Bombardeiros durante a Segunda Guerra Mundial.

Tudo isso, porém, é transgredir seriamente a cronologia, e é necessário primeiro observar como aconteceu que uma das mais ricas e belas cidades alemãs, abrigando na ocasião muito mais de um milhão de civis e de refugiados, além dos trabalhadores instalados na cidade e seus alojamentos, veio finalmente a ser atacada nas quatorze horas e quinze minutos que começaram às 22h15m da noite de 13 de fevereiro de 1945.

Durante as primeiras semanas de 1945, o Quartel-General do Exército alemão soube pelo Serviço de Inteligência que os russos estavam aparentemente preparando-se para uma nova grande ofensiva em direção ao Rio Vístula, frente que havia permanecido completamente estável desde o término da ofensiva soviética do verão de 1944. Compactas tropas russas, excedendo as de defensores alemães - e, calculava-se - na proporção de dez para um, foram observadas concentradas nas áreas de Baranov, Pulavy e Magnusev. Era evidente que uma nova ofensiva, e desta vez possivelmente fatal, estava prestes a ser desencadeada. O Coronel-General Guderian, Chefe do Estado-Maior Alemão, apelou para que Hitler deslocasse tropas de Kurland para a frente do Vístula. Hitler rejeitou categoricamente este pedido e não permitiu que os Comandantes do Exército encurtassem uma ou outra de suas frentes. A situação na frente oriental, porém, estava ficando visivelmente perigosa porque várias divisões alemãs tinham sido deslocadas desta frente e da Prússia Oriental, durante o inverno de 1944 e 1945, para a Hungria e para a frente ocidental, na região do Reno.

O Alto Comando Alemão cedo aprendeu as lições que eles próprios haviam ensinado aos infelizes franceses em 1940, quando legiões aterrorizadas de refugiados enchiam as estradas por trás das zonas de batalha. A 20 de janeiro de 1945, o relatório secreto do Alto Comando Alemão sobre a situação dizia que" colunas de refugiados invadiam o caminho de nossas próprias tropas em movimento".

Era da responsabilidade dos Gauleiters locais organizar a evacuação maciça da

população civil das áreas de batalha e a experiência já havia demonstrado que as possibilidades de salvação para os refugiados somente dependiam da rapidez das operações de evacuação. Neste particular, os Gauleiters, como líderes políticos, estavam em discordância consigo próprios como Delegados de Defesa do Reich; todo o moral civil alemão repousava na doutrina da Vitória Final e era difícil conciliar vitória final com a necessidade de alguém abandonar a sua casa e posses, no meio da noite, para o inimigo; alguns Gauleiters, como Erich Koch, da Prússia Oriental, haviam resolvido este dilema recusando discutir quaisquer medidas de evacuação da Capital da Província, Konigsberg; assim quando o peso dos dois ataques do Comando de Bombardeiros à cidade, em agosto de 1944, forçou o Oberpräsidium local a pedir a Koch que ordenasse a evacuação de todos os não combatentes, ele tinha poderes para recusar, e fê-lo.

Ele não desejava espalhar alarme e desânimo entre a população. Por outro lado, os Gauleiters de Wartherland e Dantzig, na Prússia Ocidental, haviam elaborado planos secretos para a evacuação em massa, os quais os deixariam em boa posição.

O destino da população da Prússia Oriental, que obedeceu à proibição de evacuação dos Gauleiters foi uma lição objetiva não somente para os outros Gauleiters mas também para os habitantes de todas as outras áreas que seriam do mesmo modo varridas pelo Exército soviético. A 16 de outubro de 1944, a primeira ofensiva soviética maciça ao longo de uma frente de cento e trinta quilômetros havia atingido o próprio coração da Prússia Oriental, e as primeiras ondas de refugiados e evacuados foram encaminhadas para o sul; muitos milhares chegaram a Dresden, tida como sendo "o mais seguro abrigo antiaéreo" da Alemanha. A despeito das exortações e ameaças do Gauleiter Koch, cerca de vinte e cinco por cento da população fugiram da Prússia Oriental, cerca de 600.000 pessoas; os habitantes da cidade, junto com mulheres, crianças e inválidos das áreas rurais foram evacuados em massa para Dresden e outras cidades da Saxônia, assim como para a Thuringia e Pomerania.'

A Capital da Saxônia, que tinha antes da guerra uma população de 630.000 habitantes, logo ficou visivelmente superpovoada. Foi o prólogo para a tragédia final de Dresden: havia poucos alemães agora que quisessem ficar para trás, no caminho das tropas russas. A ofensiva de outubro na Prússia Oriental demonstrou aos Gauleiters e aos habitantes a sorte que os esperava, tanto das tropas soviéticas quanto dos comandantes das divisões blindadas; as ondas de evacuados, chegando à Saxônia e à Silésia Ocidental. Incluíam testemunhas oculares, que relatavam histórias de atrocidades cometidas pelos soviéticos contra civis alemães, que não haviam sido evacuados a tempo. A 20 de outubro, por exemplo, comandantes de tanques soviéticos alcançaram uma coluna de refugiados

refluindo do Distrito de Gumbinnen, na Prússia Oriental; toda a coluna foi varrida quando o comandante ordenou a seus tanques que avançassem diretamente sobre os refugiados e seus veículos. O sucedido em Gumbinnen mostrou aos alemães o que os esperava se os seus líderes não ordenassem a evacuação das zonas de combate a tempo!

O súbito desencadeamento da maciça ofensiva soviética na Alemanha Central, a 12 de janeiro de 1945, provocou atrocidades mais degradantes do que as de Gumbinnen, mas serviu para aterrorizar a população e provocar uma tremenda relutância para ficar perto das zonas de combate.

A 12 de janeiro, as tropas da primeira frente ucraniana, sob o comando do impiedoso mas brilhante Marechal soviético I. S. Koniev, romperam a cabeça de ponte de Baranov, no Vístula e fizeram uma ofensiva maciça em direção da Silésia. Em 13 de janeiro, a 1ª Frente Russa Branca, sob o comando do Marechal soviético Zhukov, rompeu as cabeças de ponte de Pulavy e Magnusev; suas colunas de tanques alcançaram Lodz e Kalisch. Um ataque simultâneo na Prússia Oriental, onde a ofensiva havia estagnado depois da furiosa acometida de outubro, foi preparado pela 3ª Frente Russa Branca, comandada pelo Marechal soviético Chernakovsky, tendo por objetivo a captura de Konigsberg; a 15 de janeiro foi posto em execução o plano para separar a Prússia Oriental do resto do Reich, com a 2ª Frente Branca fazendo pressão sobre Thorn e Elbing.

Agora, o deslocamento de evacuados para oeste, que até aqui havia sido muito fraco, transformou-se de repente numa caudal que os Gauleiters locais não mais podiam conter, um êxodo voluntário, mas destinado, com o fim da guerra, a levar à mais brutal e forçada expulsão maciça na história da Europa, embora minimizada pelos nazistas, o genocídio dos judeus.

Inevitavelmente, a maior parte da responsabilidade por estas súbitas ondas de refugiados espraiando-se para oeste através da Saxônia, compostas de colunas de prisioneiros de guerra aliados e russos e de infindáveis migrações de refugiados civis fugindo do terror soviético, deve caber aos Gauleiters locais das áreas sobre as quais desabou o peso da grande ofensiva soviética de janeiro de 1945. No início de 1945, uns 4.700.000 nacionais alemães - etnicamente alemães - viviam na Silésia, a Província imediatamente a leste da Saxônia. Como as notícias corressem de cidade em cidade, a evacuação alemã da Silésia logo começou. Parte da população dirigiu-se para o sudoeste, para as montanhas entre a Boêmia e a Morávia; outra grande parte encaminhou-se ao longo da principal Autobahn dirigindo-se para o interior da Saxônia; a primeira grande cidade nos limites da província seria Dresden e, nela tivessem ou não amigos, a maioria dos refugiados queria ficar. Durante os meses do outono de 1944, a fama dos atos de vingança das tropas

russas na população da Prússia Oriental havia-se espalhado: mais do que avisados e preparados, agora que a invasão soviética da Silésia havia começado, toda a população não precisou de novo aviso para ceder caminho aos invasores; o Gauleiter Hanke, contudo, devia fazer, como veremos, uma última tentativa para diminuir o fluxo impetuoso da população de sua Gau.

Em 16 de janeiro de 1945, a Cidade de Dresden foi pela segunda vez objeto de um bombardeio aliado, quando parte de uma força de uns 400 Liberators da 2ª Divisão Aérea (Força Aérea Estratégica dos Estados Unidos) atacou “a refinaria de petróleo e áreas adjacentes de Dresden”. No dia anterior, uma nova Instrução, Nº 3, para as Forças Aéreas Estratégicas na Europa, havia sido baixada pelos dois comandantes aéreos aliados, dando primeira prioridade aos ataques à indústria de petróleo inimiga e segunda prioridade à destruição das suas linhas de comunicação, com “particular ênfase” no Ruhr. O Sumário de Objetivos da 8ª Força Aérea reporta 133 sortidas efetivas contra os parques ferroviários de Dresden, em um ataque que começou ao meio-dia: caíram bombas certeiramente ao longo do lado da Hamburger-Strasse dos pátios ferroviários de Friedrichstadt, danificando algumas instalações ferroviárias. O bombardeio de um grupo, o 44º Grupo de Bombardeio (Liberators) foi antes extenso e uma fotografia do alvo mostrou as suas bombas iniciais explodindo nos terrenos do Friedrichstadt-Krankenhaus e nos edifícios do hospital. Cada um dos Liberators despejou 8 bombas de 250 quilos de altos explosivos RDX. A defesa antiaérea havia sido muito pesada no caminho para o objetivo e, embora sobre o Ruhland a defesa fosse pesada, as tripulações que bombardeavam Dresden de uma altura de 7.000 metros, ficaram um pouco admiradas ao não encontrarem oposição na cidade. Este ataque causou 376 vítimas na cidade: entre as vítimas foi registrada a primeira baixa inglesa: um soldado raso do segundo maior destacamento de trabalho, morreu a caminho do hospital.

“Esta é a primeira vítima e - espero - a última” (registrou o chefe do comando inglês em seu diário). Mas com cerca de 170 homens, somente do seu comando, trabalhando diariamente na cidade, e com as fortes possibilidades de uma blitz, não é de nenhum modo impossível que houvesse mais vítimas.

Enquanto os civis alemães eram sepultados num funeral coletivo em um dos cemitérios da cidade, o Comando de Distrito do Exército, em surpreendente estrito respeito à Convenção de Genebra, formou a guarnição da cidade e o infeliz soldado inglês foi sepultado “com todas as honras militares e guardas de honra inglesa e alemã”, no Cemitério Militar de Dresden-Alberstadt, como informou o chefe do campo aos pais da vítima. Em Dresden, a guerra estava ainda sendo conduzida quase à maneira da cavalaria

antiga.

No mesmo dia, 16 de janeiro, o Grupo de Exército Alemão A foi forçado à imediata evacuação da Silésia e entre 19 e 25 de janeiro as primeiras grandes caravanas foram reunidas nos principais povoados e cidades da Silésia e começaram a longa migração para oeste.

Diferentemente da evacuação maciça de Berlim e do Ruhr sob a pressão da ofensiva noturna do Comando de Bombardeiros da RAF 1.500.000 pessoas haviam sido retiradas de Berlim e cerca de 2.000.000 da Província do Reno, em fins de 1944 - este era um fluxo incontrolável de grandes proporções e num espantoso pequeno espaço de tempo: em sete dias, cinco milhões de civis alemães tiveram que ser arrancados de suas casas ancestrais, deslocados para oeste ao longo de caminhos e estradas, carregando tudo que pudessem salvar de seus bens em caixas e bolsas, acampando ao ar livre noite após noite, apesar das temperaturas abaixo de zero. Exatamente quando a migração em massa da Silésia começava a aumentar rapidamente, o Gauleiter Hanke, da Silésia, interveio. Ele havia observado, desolado, a diminuição de trabalhadores para importantes complexos industriais da Silésia; assim, determinou que somente mulheres e crianças deviam ser evacuadas, todos os demais, sobretudo os empregados nas indústrias, deveriam ficar nas suas ocupações até o fim. Este decreto causou terrível preocupação nos grupos remanescentes de evacuados, privados, assim, de homens capazes de ajudá-los nas jornadas; ao mesmo tempo concorreu para o desproporcionado aumento do número de baixas femininas entre os refugiados, que finalmente pararam em Dresden.

A 19 de janeiro, Hanke ordenou a evacuação de Namslau, na Baixa Silésia e designou Landeshut como área de recepção para os habitantes das cidades e a Sudetenland para as populações rurais. A 20 de janeiro, o Exército soviético alcançou Kattowitz, Beuthen, Gleiwitz e Hideburg e, a população alemã local desafiando o decreto de Hanke, começou uma evacuação em pequena escala. A 22 de janeiro, as primeiras unidades russas cruzaram o Rio Oder, entre Brieg e Ohlau; todas as principais linhas ferroviárias dirigindo-se para oeste de Breslau, Capital da Silésia, estavam fechadas. Agora, a única via de fuga alongava-se para o sul através de Ratibor e Neisse e logo essas ferrovias foram inundadas por milhares de mulheres e crianças fugindo para Dresden e para a Saxônia. A população industrial, porém, devia ficar trabalhando até o último momento; casos houve em que estando as tropas russas combatendo pela posse de minas de carvão, os mineiros alemães continuavam as suas tarefas no interior das minas. Outros lugares tiveram mais sorte. Dos 700.000 habitantes da área entre Oppeln e Glogau, uma oportuna evacuação determinada a

20 de janeiro salvou dos russos 600.000; os restantes, etnicamente poloneses, achavam que pouco tinham a temer dos invasores.

A 21 de janeiro, o Gauleiter ordenou a evacuação de Trebnitz; logo que foi promulgado o decreto de evacuação, toda a população alemã fugiu para oeste utilizando todos os meios disponíveis de transporte; sendo uma área francamente rural, carruagens de campo e carroças foram usadas pelas famílias para a viagem para oeste, a despeito do forte frio que devia assinalar os primeiros dois meses de 1945. Como se acreditava geralmente que o Exército russo ficasse retido por alguns tempo no Oder, as áreas de recepção designadas para os evacuados estavam localizadas exatamente a oeste do rio, em localidades incluindo Liegnitz, Goldberg e Schweidnitz. Providencialmente, porém, os comandantes militares insistiram em dizer que aquelas áreas estavam muito perto das zonas de combate e deslocaram os civis para uns 20 quilômetros para oeste do rio: logo depois os russos atravessaram o Oder e a fuga para a Saxônia recomeçou. Foi como se os maus fados estivessem conspirando para permitir que, em meados de fevereiro, o maior número de refugiados estivesse abrigado na principal cidade da Saxônia.

Havia um grande número de prisioneiros de guerra aliados em Dresden por ocasião dos ataques. O Comando de Bombardeiros da RAF dependia da Cruz Vermelha Internacional para informações precisas quanto à sua localização ou aos alvos próximos; Sir Arthur Harris assegurou que no caso de Dresden essas informações não figuravam no dossiê do Comando de Bombardeiros referente à cidade.

O Ministério da Guerra admite que o último relatório sobre os campos ingleses em Dresden foi recebido do Poder Protetor em janeiro de 1945, quando havia 67 destacamentos de trabalho na área interior de Dresden, formando o Stalag IVa; junto a esses havia sete destacamentos americanos, todos eles consideravelmente maiores do que os ingleses, conforme referiu após uma visita a Dresden, entre 15 e 22 de janeiro, um representante da Legação suíça em Berlim. A exata posição estatística é ainda complicada pelo número de prisioneiros aliados e russos temporariamente na cidade, em trânsito, oriundos de territórios orientais varridos pelos exércitos soviéticos; o Governo britânico publicou, logo depois do tríplice assalto a Dresden, uma lista dos campos aliados naqueles territórios reconhecidamente destruídos; dos 19 campos relacionados, sabe-se que os prisioneiros de vários passavam através da cidade por ocasião do ataque; de outros, como os Stalags Vlllb e Vlllc, de Oppeln e Sagan, respectivamente, também evacuados através de Dresden, sabe-se que somente alcançaram a cidade depois do ataque; o Stalag VIIIb foi evacuado de Oppeln, no Oder, a 26 de janeiro, mas somente chegou a 20 de fevereiro, após

3 semanas de marcha. O Stalag Vlllc, com 15.000 prisioneiros também foi deslocado através de Spremberg, para Dresden. O aumento da população da cidade constituído por prisioneiros de guerra aliados, em fevereiro, é demonstrado por um relatório da Cruz Vermelha Internacional numa visita ao Stalag IVa, realizada a 22 de fevereiro e que mostrou que havia então um total não inferior a 26.620 prisioneiros de guerra a1i internados, incluindo 2.207 americanos.

A 26 de janeiro começaram a chegar a Dresden os primeiros trens de refugiados oficialmente organizados. Mais de mil moças do Serviço de Trabalho do Reich (RADWJ), esperavam na Estação Central para ajudar o desembarque dos refugiados mais idosos e inválidos, e de suas bagagens, dos trens de passageiros e de carga, bem como para ajudá-los nos problemas de alimentação e alojamento temporário; esvaziados, os trens eram arrastados de volta para leste para embarcar mais refugiados. Dia e noite continuou em Dresden, em ritmo cada vez mais acelerado, o desembarque, abastecimento e reencaminhamento de refugiados, até que finalmente as moças do RADWJ, unidades da Liga de Moças Alemãs, Serviço de Bem-Estar Nacional Socialista (NSV), e associações de mulheres - Frauenschaften - estavam todas empenhadas na tarefa de proporcionar bem-estar aos refugiados. Muitas das maiores escolas secundárias e primárias foram requisitadas e convertidas em hospitais militares e da Luftwaffe; poucos dias depois da invasão soviética, as escolas Dreikönigs, Vitzhum e as estaduais primárias foram assim transformadas, do mesmo modo que as escolas secundárias masculinas da Cidade Nova, Johannstadt, Plauen, Blasewitz e as secundárias femininas da Cidade Nova, e de Marschnerstrasse; os escolares assim liberados deviam também trabalhar no atendimento aos refugiados na estação. A 19 de fevereiro, começou a larga utilização de unidades escolares na estação da Cidade Nova, os mais velhos devendo trabalhar toda a noite, de 19h55m até às 8 da manhã seguinte, atendendo aos aflitos refugiados que chegavam em cada trem proveniente do leste.

No curso da maciça evacuação de leste, as regiões das Províncias de Glogau, Fraustadt, Guhrau, Militsch, Trebnitz, Gross-Watenberg, Oels, Namslau, Kreuzberg, Rosenberg e as áreas orientais de Oppeln e Brieg foram completamente limpas de civis alemães. O sistema de transportes existentes para oeste estava desesperadamente sobrecarregado, mas a organização de Bem-Estar do Partido conseguiu estabelecer postos de alimentação regularmente eficientes, intercalados no caminho para Dresden, de maneira a atenuar o desespero causado pela fome e pelo terrível frio.

Agora os primeiros grandes receios surgiram entre os alemães de Breslau, a Capital

metropolitana da Silésia. Felizmente, Breslau já estava, em janeiro de 1945, com a população diminuída, apenas 527.000 habitantes; a evacuação de mais de 60.000 civis não essenciais já havia sido feita desde o outono de 1944, quando a cidade havia sido declarada fortaleza. A 21 de janeiro, o distante troar da artilharia bombardeando Trebnitz havia sido ouvido em Breslau e as mulheres, crianças, velhos e inválidos remanescentes da cidade haviam sido intimados a dirigirem-se para oeste. Como os trens existentes fossem terrivelmente insuficientes, mais de 100.000 pessoas tinham que pôr-se a caminho literalmente a pé; na ausência dos carros de campo e carroças que haviam evacuado as populações rurais, predominantemente, a população industrial não tinha outro recurso senão andar. Demoraria algumas semanas para que alcançassem a Saxônia, para onde a maioria se dirigia.

Não foram somente os civis alemães os evacuados de Breslau, a qual devia testemunhar cenas de áspero combate até que a cidade sitiada se rendesse a 6 de maio; o Governo, preparando-se para o sítio, ordenou a evacuação, de Breslau para Dresden, de muitas repartições administrativas e militares. Assim, a completa estação transmissora da Rádio Breslau foi desmontada e transportada para Dresden, com ordens de reforçar a estação de rádio de baixa potência de Dresden e, ao mesmo tempo, convertê-la no comprimento de onda primitivo de Breslau, de maneira a disfarçar a sua localização; aconteceu que os caminhões transportando o equipamento transmissor somente chegaram a Dresden na tarde anterior à do primeiro ataque do Comando de Bombardeiros da RAF e sofreram a sorte do resto da cidade. O competente Luftgaukommando para Breslau havia também sido transferido para novos quartéis, em Dresden.

O prematuro fim dos transmissores da Rádio Breslau foi acompanhado pelo lamentável destino de 158 valiosas pinturas a óleo; as galerias de arte de Dresden haviam sido há muito esvaziadas dos tesouros que tornaram famosa a cidade em tempos de paz, mas durante a evacuação dos territórios a leste do Elba, ficou decidido que, aos castelos nos quais a maioria dos tesouros de arte alemães haviam sido armazenados durante a duração da guerra, deveria ser concedida primeira prioridade. Assim, aconteceu que na tarde de 13 de fevereiro, um velho restaurador de arte, encarregado de duas carruagens de carga transportando 197 pinturas a óleo, incluindo quadros de Courbet, Böcklill e Rayski, alcançou Dresden após um dia de viagem, vindo do Castelo Milke1 e Kamenz; os condutores recusaram-se a continuar naquela noite para Schieritz, o distrito a oeste do Elba no qual os quadros iam ficar novamente armazenados, e os caminhões foram estacionados no cais do Elba, próximo do Brühlsche Terrasse, o qual dentro de poucas horas devia tornar-se o centro da área de fogo.

Por ocasião do início das ações de cerco a Breslau, durante a noite que precedeu os reides a Dresden, contudo, apenas 200.000 civis restavam na cidade; nessa noite noventa bombardeiros russos haviam atacado Breslau. Mas, nessa ocasião, o grosso da população havia fugido para Dresden e para outras cidades do Reich. Desses habitantes de Breslau que ficaram, uns 40.000 seriam mortos durante os acesos combates de rua e pelos reides aéreos soviéticos. Os acontecimentos do leste auguravam mal para o futuro de Dresden, e somente os prisioneiros de guerra, alheios ao ambiente de confiança generalizada da cidade, pareciam ter compreendido a vulnerabilidade de Dresden como um centro de trânsito de refugiados.

Embora Breslau esteja diretamente a leste de nós - lembrou um prisioneiro de Dresden, a 28 de janeiro - não houve bombardeio de ferrovias e a circulação alemã fluiu quase livremente. Maravilhosa organização da nossa parte ou dos russos. Não sei qual!

TROVOADA

A impressionante rapidez da avanço soviético a leste e as concomitantes ordens do dia soviéticas anunciando a queda de uma cidade após outra não podia ser mais embaraçadora para os aliados ocidentais; a longamente esperada conferência da Criméia, da qual tanto dependeria a Europa no futuro de pós-guerra devia assim começar com uma manifestação do poderio soviético em escala máxima e, comparadas com os avanços dos Marechais soviéticos Koniev e Zhukov na Prússia Oriental e Silésia, as façanhas dos aliados ocidentais na Itália e a recente luta nas Ardennes devem na verdade ter parecido insignificantes. Certamente os líderes políticos ocidentais estariam muito empenhados em negociar com base numa posição de força quando a Conferência de Yalta começou. Nessas circunstâncias, era natural que os Governos Aliados apelassem nas reuniões finais para a sua até aqui maciça ofensiva de bombardeiros como meio de significar à União Soviética que embora setores da frente ocidental fossem flutuantes, na frente alemã "doméstica" a ofensiva aliada era tão esmagadora quanto qualquer ofensiva desfechada pelo Exército soviético a leste. O Governo britânico estava particularmente em posição perigosa quando teve que negociar com o Premier soviético; o Presidente Roosevelt, já doente, demonstrou pouco interesse pelos futuros limites da Europa Ocidental.

O inverno na Europa era, porém, tão desfavorável para as operações de bombardeio quanto para o conforto das colunas de refugiados deslocando-se para o ocidente. Restava ao Comitê Conjunto de Informações fazer uma sugestão positiva para o emprego mais efetivo das forças aliadas de bombardeiros. Era uma modificação do plano previamente projetado sob o nome em código de Trovoada.

Em julho de 1944, os Chefes de Estado-Maior haviam discutido a possibilidade de tomar Berlim como objetivo de um golpe de "força catastrófica", de efeito moral, militar, político e civil. A sugestão havia sido submetida ao Primeiro-Ministro e então incorporada a um detalhado memorando submetido por Sir Charles Portal aos Chefes de Estado-Maior a 1 de agosto, memorando que os Historiadores Oficiais justamente denominaram o "documento" da operação Dresden. Como uma alternativa para Berlim, enorme destruição poderia ser realizada se a totalidade do ataque fosse concentrada em uma única grande cidade que não Berlim e o efeito seria significativamente maior se se tratasse de uma cidade até então relativamente pouco danificada.

Na opinião do Ministério do Exterior, do Executivo Político da Guerra e do Ministério Econômico de Guerra, com quem Trovoada havia sido discutido e aceito em princípio, tal ataque poderia apressar uma vitória iminente ou provocar uma que se lhe assemelhasse na balança.

Mas de acordo com a opinião do Comitê Conjunto de Planejamento, o plano foi postergado até que o Comitê Conjunto de Informações considerasse favoráveis as circunstâncias para a reavaliação de suas possibilidades. Em relatório de 25 de janeiro de 1945, o CCP apresentou uma apreciação detalhada da nova ofensiva soviética na frente oriental à luz da qual Trovoada foi reexaminada. Considerava o Comitê que a assistência que as forças de bombardeio estratégico aliadas poderia prestar aos russos durante as poucas semanas próximas justificava um exame urgente das possibilidades de usá-las dessa maneira. Este relatório de 25 de janeiro acentuava especialmente a necessidade de concentrar-se nos objetivos de petróleo. O bombardeio de fábricas de tanques - sabidamente abastecendo as divisões blindadas na frente direta - deveria ter, além do mais, segunda precedência em relação à alta prioridade da ofensiva do petróleo. O Comitê reportou finalmente quanto à possibilidade de interferir nas tentativas germânicas de deslocar reforços para a frente oriental (embora isto na verdade dificilmente fosse uma séria ameaça nesse estágio da guerra, como vimos acima pela resposta de Hitler ao apelo do Coronel-General Guderian); o Comitê sugeriu um bombardeio de objetivos de comunicações e em particular um "pesado e contínuo" bombardeio de Berlim. Este foi, contudo, o primeiro relatório que deu atenção especial à possibilidade de auxiliar os russos na frente oriental e se apenas foi combinada a última medida prioritária, o ataque de comunicações havia sido discutido neste contexto.

Em seu segundo relatório, o CCP examinou Trovoada mais detalhadamente como meio de auxílio aos russos, visto que o plano original de um golpe esmagador para abalar o moral, asseverava ele, não seria decisivo mesmo se combinado para coincidir com um estágio favorável do avanço russo. Um dos inconvenientes de um relatório dessa natureza, pelo qual o Comitê não pode ser censurado, é que o Estado-Maior soviético não mantinha os aliados previamente informados das futuras operações militares: a grande invasão soviética parou, deve ser lembrado, a 12 de janeiro; foi somente a 25 de janeiro que o CCP publicou detalhados relatórios sobre a mesma. Pode ser observado que uma demora mínima de pelo menos treze dias entre o início de uma nova ofensiva russa e o mais precoce desencadeamento de um golpe, Trovoada, "simultâneo", contra uma cidade alemã, não serviria para realçar a estreita cooperação mútua entre Leste e Oeste, mas antes o contrário.

O CCP acreditava que se um tal ataque deveria ser planejado em relação a circunstâncias já prevalecendo na frente oriental, as forças de bombardeiros estratégicos poderiam ainda ajudar a ofensiva soviética de uma maneira que faria parecer aos alemães que a cooperação mútua entre Leste e Oeste era uma realidade (os alemães aproveitariam qualquer brecha eventual entre os aliados). Uma grande confusão poderia ser causada na retaguarda das linhas alemãs por um ataque a uma Berlim cheia de refugiados; uma forte corrente de refugiados fluindo de uma Berlim bombardeada, acrescida das colunas que já começavam a chegar dos territórios invadidos pelos russos, iria certamente " interferir com os movimentos regulares de tropas para a frente oriental e embaraçar a máquina militar e administrativa alemã".

Em acréscimo a estas considerações táticas, o segundo relatório do CCP opinava, significativamente, em vista da futura conferência de Yalta que seria uma "política útil" demonstrar aos russos "da melhor maneira ao nosso alcance" o desejo de ajudá-los na sua atual ofensiva.

Baseado no que parecia ser uma política positiva tão claramente traçada para as Forças Aéreas Estratégicas Aliadas, o Ministério do Ar Britânico não demorou a agir a esse respeito; o Adjunto Chefe do Estado-Maior do Ar telefonou imediatamente a Sir Arthur Harris para informá-lo das recomendações dos relatórios e discutir as suas implicações. Embora Harris afirmasse que considerava Berlim como já "no seu prato", Sir Norman Bottomley advertia que, como o plano Trovoada completo para um devastador golpe em Berlim estava agora projetado, Harris deveria coordenar as suas operações com as Forças Aéreas Estratégicas do Estados Unidos, e certamente consultar também os Chefes de Estado-Maior. Nesta palestra, de acordo com a minuta enviada por Bottomley ao Chefe do Estado-Maior, Sir Charles Portal, no dia seguinte, Sir Arthur Harris sugeriu ataques suplementares a Chemnitz, Leipzig e Dresden, que, como Berlim, compartilhavam da tarefa de abrigar refugiados do Leste e que também eram pontos nodais nos sistemas de comunicação servindo à frente oriental.

Era particularmente irônico que Sir Arthur Harris devesse ser agora consultado sobre um plano para lançar todo o poderio do Comando de Bombardeiros na retaguarda de uma área de ofensiva, pois ele havia por muito tempo advogado perante o Estado-Maior do Ar a política da continuação do bombardeio de áreas gerais como a chave para o colapso da Alemanha, de preferência ao bombardeio de objetivos determinados. O Governo e o Estado-Maior dos primeiros dias de guerra sabiam das possibilidades do bombardeio por área como meio de atingir o coração da economia de guerra alemã, assim como dos seus

efeitos psicológicos decorrentes e, realmente, os esforços do Comando de Bombardeiros durante os anos de 1943 e 1944 foram largamente dirigidos para o bombardeio de cidades; neste estágio da guerra, contudo, o sucesso da ofensiva aérea contra conjuntos de petróleo, executados por Sir Arthur Harris e pelos americanos, sob a direção do SHAEF, no verão de 1944, convenceu o Estado-Maior de que a contínua alta prioridade desta ofensiva do petróleo poderia ter um efeito decisivo na guerra, antes do fim do ano. Harris, porém, mantinha a importância de continuar a ofensiva por área como meio de abalar e dividir a Alemanha, tanto material quanto moralmente, em oposição à impossibilidade de operar numa rotina exigida para o bombardeio de objetivos determinados em condições atmosféricas incertas.

Apesar de considerar o petróleo como alta prioridade durante o outono de 1944, cinqüenta e oito por cento das operações do Comando de Bombardeiros durante os meses de outubro a dezembro foram contra cidades. (A proporção de 14% contra complexos de petróleo representa um esforço maior do que o sugerido pelos números por causa da natureza exata dos objetivos). Em carta de 1 de novembro, dirigida a Sir Charles Portal, Harris mostrou que em 18 meses o Comando de Bombardeiros havia virtualmente destruído 45 por cento das sessenta principais cidades alemãs e sugeria a destruição dos remanescentes objetivos não atacados: "Magdeburg, Halle, Leipzig, Dresden, Chemnitz, Breslau, Nuremberg, Munique, Coblenz e Karlsruhe e a ulterior destruição de Berlim e Hanôver." Esta proposta de mudança de prioridades não foi, porém, concedida a Harris pelo Estado-Maior e o impasse sobre política estratégica continuou.

Em meados de janeiro, com o início da nova ofensiva russa, Harris, em carta de 18 de janeiro a Portal, encerrou o assunto de novo manifestando a sua insatisfação com a política de objetivos seletivos exigida pelos complexos de petróleo e advogando a destruição de Magdeburg, Leipzig, Chemnitz, Dresden, Breslau, Posen, Halle, Erfurt, Gotha, Weimar, Eisenach e o resto de Berlim - uma mudança de ênfase, de indústrias para cidades orientais. A carta concluía dizendo que Portal deveria" considerar se era melhor para a continuação da guerra e o sucesso de nossas armas, sem outras considerações" que Harris continuasse no seu comando. Intimado por este ultimato, Sir Charles Portal tinha que fazer a desagradável escolha de privar-se, num estágio crítico da guerra, de um Comandante-em-Chefe cuja ascendência sobre o seu Comando era extremamente elevada, ou deixar sem solução o impasse existente sobre prioridades. Escolheu a última e, em carta de 20 de janeiro, pediu a Harris para continuar, mas observando as prioridades existentes, apesar de sua falta de confiança nelas.

Foi nessas circunstâncias que menos de uma semana mais tarde o renascimento de

Trovoada - um destaque no conceito de bombardeio por área - devia receber o mais alto estímulo possível. Inteiramente independente da conversação de Bottomley com Harris, dentro de poucas horas, o Primeiro-Ministro expressou vigorosamente o seu conceito pessoal sobre o bombardeio dos centros populosos da Alemanha Oriental.

É de presumir que, por ocasião de sua intervenção na tarde de 25, o Primeiro-Ministro havia lido por intermédio do CCP relatórios sobre a nova ofensiva soviética e a possível aplicação do plano Trovoada. Naquele dia, além do mais, outros fatos constantes dos relatórios se impuseram à sua consideração. Os jornais londrinos estavam contando as cenas cruéis verificadas nas cidades da Alemanha Oriental, cheias de refugiados de Breslau e da Silésia, bem como da Prússia Oriental, tangidos pelo assalto do Exército russo; contudo, como publicava The Times na manhã de 25, os comentadores de rádio alemães proclamavam que, apesar de todas as ondas de refugiados que se dirigiam para Berlim, a Capital do Reich não havia sido transferida. Sobretudo, os russos haviam naquele dia cruzado o Oder perto de Breslau e sem dúvida a notícia havia rapidamente chegado a Whitehall. A situação militar na frente leste parecia levar à urgente apreciação do relatório do CCP.

Naquela tarde, o Primeiro-Ministro telefonou ao Secretário de Estado para o Ar, Sir Archibald Sinclair, para informar-se dos planos projetados para resolver a situação na Alemanha Oriental. Desta conversação, o secretário particular de Sinclair lembrou que o Primeiro-Ministro perguntou que planos o Comando de Bombardeiros da RAF havia elaborado para "fustigar os alemães na sua retirada" de Breslau". Em virtude da insistência do Primeiro-Ministro quanto à urgência exigida pela situação na Alemanha Oriental, foram necessárias rápidas consultas ao Ministério do Ar. Na manhã seguinte, o Chefe de Estado-Maior, que já havia recebido o relatório de Bottomley sobre a sua conversação com Harris na tarde anterior, instruiu o seu adjunto quanto às instruções a serem usadas no tocante à prioridade das instalações de petróleo e à necessidade de ataques a fábricas de aviões ,e: ancoradouros de submarinos: "poderosos esforços em um grande ataque a Berlim e ataques a Dresden, Leipzig, Chemnitz ou outras cidades nas quais uma blitz severa não somente perturbará a evacuação de Leste mas também embaraçará o movimento de tropas do Oeste."

O plano deveria, naturalmente, ser ajustado entre os chefes de Estado-Maior Combinado Anglo-Americano e com Sir Arthur Tedder, Adjunto do Comandante Supremo. Ainda mesmo que o quase completo controle das forças de bombardeiros estratégicos tivesse sido transferido do SHAEF para os Chefes de Estado-Maior Combinado no outono anterior, o Estado-Maior estava, no começo de 1945, preocupado

com a quantidade de apoio ao esforço de terra que estava sendo pedida às forças de bombardeiros. Na Conferência de Quebec, em setembro de 1944, por recomendação de Sir Charles Portal, o controle das operações de bombardeio estratégico foi dada aos Chefes de Estado-Maior, somente sujeitos aos poderes de comando de Eisenhower quanto a pedidos de emergência para o campo de batalha. Tendo em vista o rápido desenvolvimento que então ocorria na situação estratégica, disse Sir Charles Portal:

"Pode ser necessário, no futuro imediato, aplicar todo o esforço do bombardeio estratégico no ataque direto ao moral alemão."

O momento psicológico para este golpe poderia ser mais bem julgado pelos Chefes de Estado-Maior Combinado e dele obter maior vantagem se controlassem diretamente as forças de bombardeiros. Contudo, apesar dos relatórios do CCP e do evidente sucesso da invasão russa, Portal duvidava, na sua nota de 26 de janeiro, se havia chegado o momento para Trovoada em grande escala, ou se seria decisiva. Também duvidava da eficácia de um bombardeio em grande escala das comunicações com o objetivo de retardar os esforços alemães para o Leste.

Sir Archibald Sinclair, tendo consultado o Estado-Maior do Ar, respondeu, em nota de 26 de janeiro, à pergunta telefônica do Primeiro-Ministro - como pensava quanto aos planos para desorganizar a retirada militar do inimigo antes da ofensiva russa. Sinclair prevenia contra isso por acreditar que esses movimentos de tropas "em ampla retirada para o Ocidente, para Dresden e Berlim" eram mais suscetíveis a ataques desferidos pelas Forças Aéreas Táticas, principalmente porque não havia um conhecimento exato do movimento das tropas e que esses ataques deviam ser coordenados com os russos pois os objetivos estavam dentro de sua área tática.

Tendo em vista a recomendação de Sir Charles Portal, contudo, ele defendia a continuação dos ataques a conjuntos de petróleo, enquanto o inverno permitisse o bombardeio de tais objetivos precisos e, quando as condições atmosféricas fossem desfavoráveis, o bombardeio por área.

Estas oportunidades podem ser usadas para aproveitar a presente situação pelo bombardeio de Berlim e de outras grandes cidades na Alemanha Oriental, tais como Leipzig, Dresden e Chemnitz, as quais são não somente os centros administrativos controlando os movimentos de militares e civis, mas são também os principais centros de comunicações através dos quais flui o tráfego principal.

Conclui, dizendo - em vista dos comentários de Portal sobre a necessidade de consultas prévias - que a "possibilidade de desferir estes ataques na escala necessária para que tenham um efeito crítico sobre a situação na Alemanha Oriental está sendo agora

estudada”.

Apesar dos minuciosos e convincentes argumentos alinhados por Sinclair para a continuação da ofensiva do petróleo, o Primeiro-Ministro respondeu imediatamente:

“Não lhe perguntei na noite passada sobre planos para desorganizar a retirada alemã de Breslau. Pelo contrário, perguntei se Berlim, e por certo outras grandes cidades na Alemanha Oriental, não seriam agora consideradas objetivos convidativos. Alegra-me saber que o assunto está em estudos. Peço-lhe informar-me amanhã o que vai ser feito.”

O resultado imediato desta áspera resposta foi assustar o Estado-Maior - cujo Adjunto-Chefe, Sir Norman Bottomley, estava substituindo Sir Charles Portal antes do embarque deste para Yalta – levando-o a baixar uma ordem, em carta a Sir Arthur Harris, a qual tornaria inevitável que os centros de população do Leste, incluindo Dresden, logo fossem o objetivo de uma modificação de Trovoada. Em uma carta a Harris, de 27 de janeiro, Bottomley relembrou a sua conversação pelo telefone, de dois dias antes, na qual os ataques a Berlim e outros a Dresden, Chemnitz e Leipzig haviam sido abordados. Incluiu na sua carta uma cópia dos relatórios do CCP de 25 de janeiro, nos quais o plano de um ataque Trovoada a Berlim havia sido examinado, mas acrescentava que Sir Charles Portal não precisava pensar que seria lícito esperar ataques a Berlim, em escala Trovoada, em futuro imediato, como era duvidoso que tal ataque, mesmo da maior intensidade, com pesadas baixas conseqüentes, seria decisivo. Portal havia contudo concordado em que, subordinado à ofensiva do petróleo, o Comando de Bombardeiros poderia empregar todos os meios disponíveis em um grande ataque a Berlim e em ataques correlatos a Dresden, Leipzig, Chemnitz ou quaisquer outras cidades onde uma blitz severa não somente perturbaria a evacuação de Leste, mas também embaraçaria o movimento de tropas do Oeste.

Sir Normam Bottomley terminava a sua carta a Harris com o pedido formal de que - sujeito às determinações ainda vigentes na execução deste ataque aos centros populosos de Leste pelos “ desatendidos pedidos de petróleo e aos outros objetivos aprovados na atual (i. e, Nº 3) diretiva” e logo que a lua e as condições atmosféricas o permitissem - o Comando de Bombardeiros devia empreender tais ataques” com o objetivo particular de aproveitar a confusão provavelmente existente nas cidades acima referidas durante o vitorioso avanço russo”.

Era pouco provável que as condições da lua fossem favoráveis pouco antes de 4 de fevereiro e o Primeiro-Ministro foi disso informado logo depois que a carta de Bottomley foi transmitida a Sir Arthur Harris; no dia seguinte, 28 de janeiro, tomou formalmente conhecimento da mensagem. Ele compreendeu claramente o seu objetivo imediato: logo

depois de 4 de fevereiro, no clima da conferência da Criméia, ele seria capaz de provocar um golpe dramático numa cidade do Leste, o qual dificilmente deixaria de impressionar a delegação soviética. Ele não poderia prever que mesmo em circunstâncias favoráveis de luar, nove dias, - e o fim da conferência de Yalta, - passariam antes que as condições atmosféricas também fossem favoráveis para uma tal operação de longo alcance.

Houve, nesse meio tempo, uma esclarecedora troca de cartas entre Mr. Churchill, seu conselheiro pessoal, Lord Cherwell, e Sir Charles Portal. Cherwell, que, como o Professor Lindermann, foi o primeiro defensor do bombardeio por área, escreveu a 26 de janeiro a Churchill para acentuar a importância, exatamente agora, de manter uma implacável pressão de bombardeio nas refinarias alemãs de petróleo; ele estava preocupado, pois exatamente quando esses ataques pareciam finalmente dar frutos, outros grupos de objetivos pareciam ficar em evidência: "Receio", escreveu, "que o plano para o desgaste a longo prazo dos transportes alemães pelo bombardeio de pátios ferroviários e depósitos de locomotivas serviu todavia para desviar grande parte dos bombardeios de objetivos mais proveitosos. Mr. Churchill ficou suficientemente impressionado com o aviso de Cherwell para escrever a Sir Charles Portal, a 28 de janeiro, que, em vista do grande sucesso da campanha britânica contra objetivos de petróleo, esperava que isso não fosse agora negligenciado em favor do desgaste a longo prazo das comunicações alemãs, acerca do qual ele sempre havia tido "graves dúvidas". Apesar desta intervenção do Primeiro-Ministro, Dresden não foi retirada da lista de objetivos.

Pela altura de 31 de janeiro, o plano para um ataque aliado conjunto a essas cidades do Leste havia atingido um estágio mais avançado quando, como resultado de encontros entre o Chefe e o Adjunto do Estado-Maior do Ar, Sir Arthur Tedder e o General Carl Spaatz, Comandante Geral das Forças Aéreas Estratégicas dos Estados Unidos, uma nova ordem de prioridades foi aceita. A instrução Nº 3 às Forças Aéreas Estratégicas, em ação desde 15 de janeiro, parecia desencorajar a possibilidade de ataques a objetivos do Leste, estabelecendo, como o fazia, que as Forças Aéreas Estratégicas com base no Reino Unido dariam atenção especial às linhas de comunicação do Ruhr. Os principais complexos alemães de gasolina sintética constituíam ainda alta prioridade para as forças de bombardeiros aliadas, mas no que diz respeito aos bombardeiros estratégicos operando da Inglaterra, a segunda prioridade foi desviada das comunicações do Ruhr para ataques a Berlim, Leipzig, Dresden e outros centros populosos do Leste, com o intuito de desorganizar a evacuação de refugiados do Leste e de perturbar o movimento de tropas. O General Spaatz, em conseqüência, ordenou à Oitava Força Aérea, do Major-General J. H. Doolittle, com Quartel-General em High Wycombe, como o Comando de Bombardeiros,

que atacasse Berlim, aparentemente dentro deste plano.

Reportando sobre este acordo, a 31 de janeiro, a Sir Charles Portal, que estava agora em Malta com os Chefes do Estado-Maior Conjunto, antes da tripartida conferência de Yalta, Sir Norman Bottomley acrescentou que os russos, tendo em vista a rapidez de seu avanço, especialmente para Berlim, "poderiam querer saber de nossas intenções e planos para ataques a objetivos na Alemanha Oriental" – Não há, porém, evidência, de que o reide a Dresden tenha sido em qualquer momento especificamente discutido com os russos em Yalta, e os russos negaram que lhes tivesse chegado qualquer informação sobre a área de ataque do Comando de Bombardeiros, através dos habituais canais de comunicação, a Missão Militar Britânica em Moscou. Uma razão para isto pode ter sido o fato de que, desde que o Tenente-General M. B. Burrows deixou Moscou, em novembro de 1944, como Chefe da Missão, o Governo britânico, como revide à frieza com que a Missão fora tratada em Moscou, não o havia substituído.

O General Spaatz pediu especialmente que a minuta de Bottomley a Portal, na qual algo relacionado com o bombardeio americano de objetivos por área estava claramente esboçado, devia ser também mostrado ao General Laurence Kuter, que estava substituindo em Yalta o convalescente General H. H. Arnold, Chefe das Forças Aéreas do Exército americano. É provável que Spaatz estivesse procurando o apoio de uma autoridade mais alta, para esta nova política. A mensagem, porém, somente foi vista pelo General Kuter a 13 de fevereiro, quando já havia ocorrido o pesado ataque da 8ª Força Aérea americana a Berlim. A carta de Sir Norman Bottomley, de 27 de janeiro, pedia claramente maiores ataques e pensava-se que os melhores resultados eram os obtidos por ataques coordenados em vez de um golpe isolado, usando o bombardeio diurno da Oitava Força Aérea conjugado com a Força de Bombardeio Noturno de Comando de Bombardeiros. A idéia por trás disso era que se os reides diurnos americanos provocassem incêndios, ajudariam o Comando de Bombardeiros a prosseguir atacando com êxito, à noite. Na prática, isto era raramente possível, pois as condições atmosféricas de dia tendiam a diferir das da noite. O ataque da Oitava Força Aérea de 3 de fevereiro a Berlim, havia sido primitivamente planejado como parte de uma tal operação combinada, e as disposições para isso seriam provisoriamente aceitas por Sir Norman Bottomley e pelo General Spaatz.

Não é difícil imaginar, retrospectivamente, a natureza dos contatos conjuntos para este programa de ataques feitos pelas forças de bombardeiros inglesa e americana. Os americanos não permitiriam que seus bombardeiros fossem mandados para qualquer reide simplesmente de terror, dirigido somente contra a população alemã: eles poderiam recusar firmemente um pedido razoável para dirigirem os seus bombardeiros para atacar objetivos

militares no coração de áreas residenciais, embora soubessem da natureza imprecisa desses ataques quando feitos às cegas, como invariavelmente acontecia durante aqueles primeiros meses de inverno. Ataques americanos às cegas sobre alvos em áreas residenciais seriam tão largamente extensos quanto ataques noturnos às cegas feitos por bombardeiros ingleses nas próprias áreas residenciais: os oficiais mais antigos do Comando de Bombardeiros haviam realmente insistido em que sendo os métodos de sinalização pelo radar mais precisos à noite, os ataques diurnos às cegas eram sempre mais espalhados do que os noturnos sinalizados pelo radar.

N essa ocasião, parece que o conceito de Dresden como importante cidade industrial somente foi aceito de modo superficial. O departamento do Ministério da Guerra responsável pelas informações ao Chefe do Estado-Maior Geral Imperial acerca de todos os assuntos aéreos aprovou completamente o ataque aos complexos alemães de gasolina sintética, mas encarou com a maior reserva a ofensiva aérea estratégica a cidades alemãs; quando os russos pediram um ataque aéreo aliado a centros de comunicação, foi elaborado um mapa indicando alguns dos centros que podiam ser incluídos no pedido. Uma das cidades arroladas neste mapa foi Dresden, e não foi fácil incluí-la nesta categoria. Contudo, não era certamente um importante centro industrial: na verdade, a informação que o departamento tinha para fornecer ao CEMGI, referente a Dresden, era a de que a mesma não estava sendo usada tanto como centro de transportes pelos alemães mas por grande número de refugiados da frente russa. A 2 de fevereiro, os Vice-Chefes do Estado-Maior, em Londres, informaram aos Chefes Britânicos do Estado-Maior que estavam ainda participando da Conferência Conjunta de Chefes de Estado-Maior, em Malta, que aprovaram as novas prioridades. Eles as haviam modificado ligeiramente incluindo fábricas de tanques mas, ainda como segunda prioridade, depois dos conjuntos de gasolina sintética, vinham Berlim, Leipzig, Dresden e cidades semelhantes "onde ataques pesados causariam grande confusão na evacuação de civis do Leste e dificultariam os reforços." Reides aéreos no complexo tráfego Ruhr-Colonia-Kassel foram relegados ao terceiro lugar na lista de prioridades. Quando a poeira e os escombros provocados pelo tríplice golpe que Dresden viria a sofrer haviam assentado e o mundo exterior soube da extensão da tragédia, vimos como se discutiu se a Oitava Força Aérea americana havia observado a Instrução original Nº 3 ou a Instrução proposta acima descrita. O General Spaatz assegura que em nenhuma ocasião foi desobedecida a ordem americana de ataque a "objetivos militares"; no caso de Dresden deviam ser os parques ferroviários.

As novas prioridades foram, num sentido, aparentemente, observadas pela FAE dos EUA na tarde de 3 de fevereiro, quando um terrível golpe foi desfechado em Berlim por

cerca de 1.000 Fortalezas Voadoras, enquanto um ataque simultâneo foi feito a ferrovias e objetivos de petróleo ao redor de Magdeburg, por 400 Liberators da 2ª Divisão Aérea. Embora o exame da imprensa aliada, que o Alto Comando Alemão fez naquela manhã, o levasse à conclusão de que "o inimigo tentará perturbar os movimentos de tropas para Leste e escolherá Berlim como objetivo principal", a capital alemã foi fracamente defendida. Como já havia sido planejado, as Fortalezas deviam atacar Berlim mas foram designadas para bombardear objetivos militares, no coração das áreas de habitação e de negócios; os relatórios alemães citados na Suécia proclamavam que mais de 25.000 pessoas haviam perdido a vida, incluindo fartes baixas entre os refugiados, mas a Diário de Guerra do Alto Comando dizia que haviam morrido menos de mil. A 8 de fevereiro, a General Spaatz, na sua conferência com os Comandantes do Ar aliados, pôde chamar a atenção para os espetaculares resultados que seus bombardeiros haviam obtido neste ataque a Berlim, enquanto acrescentava que se suspeitava de que o 6º Exército Blindado estivesse a caminho da capital para reforçar a frente oriental. Não se sabe se nesta fase da Guerra a General Spaatz sabia da comprovada ineficiência dos ataques aéreos feitos somente por instrumentos, em conseqüência das más condições atmosféricas; o seu oficial subordinado comandando a 8ª Força Aérea, Major-General J. H. Doolittle, havia certamente tido conhecimento desse fato; ele havia sido informado, em uma minuta de 26 de janeiro, que a Força teve um provável erro circular médio de pontaria, durante os ataques aéreos às cegas, de cerca de três quilômetros, o qual "exigia a saturação da área com bombas para obter quaisquer resultados" .

A 4 e 5 de fevereiro, o tempo impediu ulteriores operações de longo alcance, e a 6 obrigou a uma variante, de um tentado ataque de precisão a objetivos de petróleo, para os objetivos secundários conjugados nos parques ferroviários de Chemnitz, 45 quilômetros a sudoeste de Dresden e Magdeburg. Umas 800 toneladas de bombas foram lançadas em cada cidade, em concordância com o desejo geral de ajudar aos russos. Certamente não estava muito distante o tempo em que bombas estariam caindo em Dresden, de bombardeiros ingleses ,ou americanos.

A 7 e 8 de fevereiro, forças de bombardeiros pesados foram destacados para operações diurnas sobre a Alemanha mas nos dois dias as missões foram perturbadas pelas más condições atmosféricas. A 7 de fevereiro, também, um membro do Partido Trabalhista, Edmund Purbrick, perguntou quando seriam bombardeadas Chemnitz, Dresden, Dessau, Freiburg, e Würzburg, "que, no assunto, tiveram pequena, ou nenhuma experiência nesse particular". Mr. Attlee respondeu que nenhuma declaração sobre futuras operações podia ser feita; dificilmente poderia revelar, mesma que as conhecesse, que os

planos para o bombardeio de duas daquelas cidades já estavam à disposição do Comando de Bombardeiras (e provavelmente também da Oitava Força Aérea), de acordo com a carta de Bottomley, de 27 de janeiro. A ofensiva de bombardeio por área contra cidades alemãs estava no limiar de seu clímax.

Com o Exército soviético temporariamente detido no Oder, o caudal de refugiados descendo para Dresden havia-se transformada num filete. A avaliação do Alto Comando sobre a iminente ofensiva soviética foi mencionada a 7 de fevereiro:

"O auge do ataque pode ser esperado da 1ª Frente Ucraniana, na área de Steinau. Espera-se uma arremetida para as áreas ao sul de Berlim, com uma investida secundária em direção a Dresden."

Mas a apreciação concluía com a confortadora reafirmação de que era mínimo o perigo de uma significativa atividade aérea sobre o Reich: "O tempo deve estar mau até 10 de fevereiro, no mínima." A 8 de fevereiro, os exércitos soviéticos atravessaram o Oder com todo o poderio e as regiões imediatamente a oeste do Oder converteram-se em sangrentos campos de batalha; os refugiados, que apenas poucas dias antes julgavam-se a salvo nessas regiões, juntavam-se agora de novo a uma impetuosa corrente para oeste; ao mesmo tempo, as tropas soviéticas lançaram um movimento de pinça para isolar Breslau.

A evacuação em pânico da Silésia Ocidental também começou. Dos 35.000 habitantes da cidade de Grünberg, somente 4.000 escaparam a tempo graças às rápidas ordens de evacuação do Partido. Outras cidades tiveram menos sorte: Liegnitz já havia sida declarada área de recepção para refugiados de cidades a leste dao Oder; sua população normal de 76.000 estava multiplicada muitas vezes por aqueles refugiados; 20.000 civis alemães ficaram para trás quando os russos ,ocuparam a cidade, a segunda em tamanho da Silésia Ocidental. A falta de transportes rurais, que em outras províncias tornou possível que os residentes fugissem rapidamente, permitiu que tão grande número de habitantes da Silésia ficasse encurralada. Os civis que foram deixadas para trás naquelas cidades viriam a sofrer terríveis atrocidades às mãos, tanto das tropas soviéticas, quanto da minoria polonesa.

O volume desta migração em massa de refugiados, que tanto provocou como caracterizou a tragédia de Dresden, somente de modo aproximado pode ser indicado. Em começo de 1945, a população da Silésia era estimada em cerca de 4.718.000 pessoas, das quais cerca de 1.500.000, ou não puderam escapar a tempo, ou sendo de origem polonesa, ficaram para trás. Das 3.200.000 que fugiram, a metade procurou refúgio no Protetorado da Tchecoslováquia, sem mesmo suspeitar das atrocidades racistas que a esperava depois da revolta dos tchecos; os restantes foram além, para a Alemanha, totalizando cerca de

1.600.000. Os silesianos representavam provàve1mente 80% dos refugiados deslocando-se para Dresden na noite do tríplice golpe; a cidade, que em tempo de paz tinha uma população de 630.000 habitantes, estava, na véspera do ataque aéreo, tão cheia de silesianos, prussianos do leste e pomeranianos da frente oriental, de berlinenses e habitantes do Reno vindos do Oeste, de prisioneiros de guerra aliados e russos, de colônias de crianças evacuadas, de trabalhadores forçados de muitas nacionalidades, que a população aumentada situava-se entre 1.200.000 e 1.400.000, dos quais, não surpreendentemente, várias centenas de milhares não dispunham de habitação e dos quais nenhum poderia procurar a proteção de um abrigo antiaéreo. As autoridades civis de Dresden haviam distribuído por ocasião dos reides, um total de 1.250.000 cartões de racionamento, para a população civil e para os refugiados.

Na tarde de 12 de fevereiro, com a chegada a Dresden dos últimos trens oficiais do Leste transportando refugiados, a cidade estava atingindo o máximo da população. Os primeiros trens oficiais de refugiados em direção ao ocidente deveriam partir alguns dias mais tarde. Enquanto as colunas de refugiados espalhavam-se em Dresden, a pé ou amontoados em carros puxados por cavalos, uma contínua corrente humana precipitava-se de leste pela Autobahn. Nem todos, nesta interminável coluna de refugiados, eram civis; alguns eram soldados que se tinham desgarrado de suas unidades na frente. Patrulhas da polícia militar estacionavam nos subúrbios da cidade, tanto para controlar esta rächstan ost - maré montante do Leste - de refugiados, como para encaminhar os soldados para áreas de reunião. A suposição russa de que Dresden era usada como ponto de reunião para aquelas tropas não se evidenciou de modo significativo. A polícia militar, para reagrupá-las, encaminhava as tropas para áreas de reunião fora da cidade. Os refugiados também estavam sendo desviados em torno da cidade, pois as estradas de penetração estavam então bloqueadas por extensas filas de cavalos e carruagens; a refugiados a pé era permitido entrar na cidade, mas intimados a partir de novo dentro de três dias. Muito poucos desses camponeses refugiados do Leste haviam ouvido em qualquer ocasião uma sirena de alarme antiaéreo antes; durante seis dias antes do tríplice golpe, o alarme antiaéreo não tocou em Dresden; muitos dos refugiados eram simples agricultores, que haviam vivido longe das desagradáveis manifestações da guerra moderna, nas suas comunidades agrícolas em terras limites do leste. Eram os camponeses que se teriam involuntariamente beneficiado com a política do Lebensraum que o seu Führer havia traçado para eles a leste; agora estavam sendo as vítimas dos horrores da guerra desencadeada na Europa pela agressão nazista.

Os resultados do último reconhecimento fotográfico de Dresden foram reunidos em um folheto britânico de propaganda, Nachrichten für die Truppen. Datado de 13 de

fevereiro de 1945, folheto que ironicamente devia ser lançado aos milhões sobre Dresden naquela mesma noite. Em um artigo intitulado O Partido Está Fugindo de Dresden, o último parágrafo dizia:

"Todas as escolas de Dresden e da vizinhança foram fechadas para proporcionar acomodações às novas multidões de refugiados que foram lançados nas estradas, nas partes orientais da Saxônia, por ordem do Partido. Kamenz, Bautzen e Lobau já foram evacuadas."

Assim Dresden foi reconhecida pelos setores da Inteligência Britânica como cidade de refugiados; o mais surpreendente, para o Estado-Maior da Inteligência do Comando de Bombardeiros, foi o aparecimento do nome de Dresden como um alvo específico para ataque. Desde 1944, em adição às Instruções encaminhadas de tempos a tempos aos dois Comandos de Bombardeiros aliados, o Comando de Bombardeiros recebia uma lista semanal de objetivos prioritários do Comitê Combinado de Objetivos Estratégicos, um comitê conjunto incluindo representantes das autoridades das forças aéreas inglesa e americana, seções da Inteligência do SHAEF. O Comando de Bombardeiros normalmente escolhia os seus objetivos dessas listas semanais, de acordo com as condições atmosféricas e considerações táticas similares; às vezes, por motivos de segurança, os ataques eram especificamente escolhidos de objetivos especiais não relacionados pelo Comitê, mas, nesses casos, o Comando de Bombardeiros dava invariavelmente a razão para a emergência. Dresden, porém, não havia ainda aparecido naquelas listas semanais de objetivos. As instruções de Bottomley foram transmitidas como matéria de rotina à Seção de Inteligência do Comando de Bombardeiros, para preparar planos provisórios para ataques. Dentro de poucos dias, porém, a inclusão de Dresden foi suscitada. Tinham, evidentemente, um dossiê sobre Dresden. Embora mostrasse, por exemplo, que havia grande número de prisioneiros de guerra na área, não havia detalhes quanto à sua exata localização. Havia, além disso, muito pouco para mostrar que Dresden era uma cidade de bastante importância industrial, ou que estava sendo usada em grande escala para movimento de tropas. Faltavam as habituais informações precisas sobre defesa antiaérea. Em particular, a Seção de Inteligência procurava orientar quanto aos objetivos que deviam ser escolhidos como pontos de alvo.

Em vista disso, Sir Robert Saundby pensou que talvez a importância de Dresden no presente programa havia sido exagerada. Embora subordinado a Sir Arthur Harris, ele procurou a ordem com o Ministro do Ar. A luz de sua informação, sugeriu que a sua inclusão devia ser testada duplamente antes de levá-la adiante. Os chefes do Comando de Bombardeiros não queriam pedir ordens levianamente, e quando essas ocasiões surgiam,

queriam falar a Sir Norman Bottomley ou a seu representante pelo telefone de segurança. Anteriormente, Bottomley havia considerado o problema e telefonou para Saundby em coisa de horas. Neste caso, porém, disse que o assunto deveria ser submetido a uma autoridade superior.

A resposta demorou alguns dias. Sir Robert Saundby foi informado pelo telefone de segurança que Dresden devia ser incluída na ordem e que o ataque devia ocorrer na primeira oportunidade conveniente. Ele compreendeu que o ataque fazia parte de um programa no qual o Primeiro-Ministro estava pessoalmente interessado e que a demora em responder ao pedido resultava de ter sido submetido a Churchill, em Yalta. Deveria talvez ser assinalado que Sir Charles Portal também estava em Yalta e que o pedido bem podia ter sido submetido a ele, apenas, sobretudo tendo em vista o fato de que as novas prioridades estavam sendo discutidas no momento. Sir Robert Saundby entendeu que os russos haviam especificamente pedido um ataque a Dresden e que o pedido havia sido feito em Yalta.

Os Historiadores Oficiais não encontraram provas deste pedido. Por outro lado, o boletim de notícias da BBC, de 14 de fevereiro, que descreveu o reide como "um dos mais poderosos golpes no coração da Alemanha, que os chefes aliados prometeram em Yalta" poderia apoiar a crença em sua existência.

Os russos negam isso e pareceria mais provável que a confirmação da ordem de ataque a Dresden foi dada em concordância com o memorando proposto em Yalta pelo Adjunto Chefe do Estado-Maior, General Antonov, a 4 de fevereiro, no qual sugeria que as forças de bombardeiros estratégicos ocidentais deviam desferir ataques aéreos nas comunicações próximas da frente oriental; mencionou em particular os ataques indicados para paralisar Berlim e Leipzig. Não há outras provas de que um pedido tenha chegado através do canal de ligação usual, as Missões Militares em Moscou. O General Deane, Chefe da Missão Militar Americana, que na ocasião também estava em Yalta, não tem lembrança de um tal pedido russo, mas assegura que isso não exclui a possibilidade de um pedido feito por outro canal. Em outro contexto, porém, Dresden foi especificamente mencionada em Yalta. A questão de uma linha demarcadora para as operações das Forças Aéreas soviéticas e aliadas estava em discussão há algum tempo, e em Yalta, a 5 de fevereiro, o General Antonov propôs uma seqüência de bombardeios sobre Berlim, Dresden, Viena e Zagreb. Essas cidades deviam ser isoladas do Oeste pelas operações aéreas, embora o General Kuter observasse que isso proibiria operações em objetivos industriais e de comunicações na vizinhança de Berlim e Dresden. Não se chegou, porém, a qualquer conclusão.

Uma vez confirmada a ordem para bombardear Dresden, Sir Arthur Harris não

levantou nenhuma objeção para executá-la, como comentou em suas memórias, Ofensiva de Bombardeiros:

"O ataque a Dresden foi na ocasião considerado uma necessidade militar por gente muito mais importante que eu." Por toda uma semana, porém, o Serviço de Meteorologia do Comando de Bombardeiros não foi capaz de prever tempo favorável para um ataque de longo alcance à Alemanha Central; por isso, pode ser admitido, toda a vantagem política de um reide a Dresden foi perdida. Sem dúvida o Primeiro-Ministro estava tão preocupado no fim da conferência da Criméia, a 11 de fevereiro, como estava no seu início, e não havia razão para que uma vez que tivesse insistido por tais ataques ele os sustasse agora.

Além das três cidades mencionadas na ordem de Bottomley, exceto Berlim, Dresden tornou-se de importância primordial, não somente por causa do realce que lhe havia sido dado quando a ordem original saiu, mas também porque as probabilidades de que o tempo fosse favorável para um tal ataque a longa distância nessa época do ano eram na verdade extremamente fracas, e se as condições se mostrassem satisfatórias a oportunidade deveria ser aproveitada imediatamente.

A 12 de fevereiro, a 8ª Força Aérea considerou que o tempo lhe permitiria atacar Dresden na manhã seguinte. Um aviso foi enviado ao Major-General Edmund W. Hill, em Moscou, chefe da seção de aviação da Missão Militar Americana, pedindo-lhe que avisasse o Estado-Maior Geral Soviético de que a Oitava Força Aérea atacaria pátios ferroviários em Dresden no dia seguinte, 13 de fevereiro. Na tarde do dia 12, o Comando de Bombardeiros da RAF havia sido informado pelo seu oficial de ligação americano que, dependendo do tempo, os americanos atacariam Dresden na manhã do dia 13, Para que esta operação combinada pudesse obter o seu efeito máximo, o Comando de Bombardeiros deveria portanto ter de atacar na noite de 13.

Os aviadores americanos já haviam sido instruídos para o seu ataque a Dresden, quando toda a missão foi cancelada ,como relembra o General Spaatz, por causa do mau tempo. De qualquer maneira, de novo telegrafaram ao Major-General Hill, em Moscou, para que informasse ao Estado-Maior Geral Soviético que no dia seguinte,14 de fevereiro, se o tempo o permitisse, a Oitava Força Aérea atacaria os pátios ferroviários em Dresden e Chemnitz; foi isto realmente o que aconteceu. Entretanto, a Força Aérea Estratégica dos EUA tinha evitado a necessidade de fazer o primeiro ataque maciço a Dresden; esse destino caberia agora mais provavelmente ao Comando de Bombardeiros da RAF.

Na manhã do dia 13. porém, chegou ao quartel-general de Spaatz um telegrama do General Kuter, de Yalta. O problema das novas prioridades não havia chegado à sua apreciação e o objetivo desse telegrama era perguntar se essas novas instruções propostas

autorizavam “ataques indiscriminados a cidades”.

Isto podia ser responsável pelo fato de que, na verdade, as novas instruções, nunca haviam sido publicadas, embora as novas prioridades que as incluíam haviam sido aceitas por Spaatz e Bottomley, aprovadas com ligeiras modificações pelos Vice-Chefes do Estado-Maior e confirmadas pelos Chefes britânicos do Estado-Maior, a 6 de fevereiro.

Bottomley, de acordo com a recomendação de Portal, sugeriu a Spaatz que a nova Instrução devia ser publicada. Não há dúvida de que as prioridades que devia incluir haviam sido ajustadas verbalmente entre Spaatz e Bottomley, em fins de janeiro; na verdade. esta Instrução nunca foi formalmente publicada pelos Chefes de Estado-Maior Conjunto e o General Spaatz disse que os ataques a Berlim e Dresden foram executados obedecendo aos termos da Instrução Nº 3. No dia 13, na conferência diária do começo da manhã, presidida no fim por Sir Arthur Harris, foi referido que as condições atmosféricas seriam favoráveis para um ataque a Dresden. O serviço meteorológico do Ministério do Ar previu que embora o céu devesse estar nublado ao longo da maior parte do vôo para Dresden, esperava-se que as nuvens mais altas estivessem a menos de 2.000 metros, além de 5 a 7 graus leste. Nas áreas de Dresden e Leipzig havia uma probabilidade de que as nuvens abrissem uns 50% e havia um “risco de estreitas camadas de nuvens espalhando-se entre 5.000 e 10.000 metros”. A informação meteorológica acrescentava que os campos do Comando de Bombardeiros estariam” geralmente adequados” para a aterragem quando os bombardeiros voltassem do vôo de nove horas para Dresden.

A decisão para adotar Dresden como objetivo para aquela noite foi portanto tomada e o programa transmitido ao SHAEF para informação, principalmente em conexão com a situação militar geral. Esta informação era rotina desde a Operação Overlord, com a necessidade de estreita cooperação entre as forças de terra e do ar e era uma formalidade importante, no caso de Dresden, devido à velocidade do avanço russo. Pouco antes das 9 da manhã, o Marechal-do-Ar R. D. Oxland, Oficial de Ligação do Comando de Bombardeiros no Supremo Quartel-General, confirmou a informação e a ordem executiva para o ataque a Dresden foi dada. A “severa blitz” da ordem de Bottomley de 27 de janeiro, reafirmada na conversação telefônica de Saundby com o Ministro do Ar, estava agora transformada em efeito prático no planejamento do ataque.

O reide a Dresden havia deixado de ser o objeto de mensagens e notas entre políticos e comitês; agora era assunto de máquinas e homens, de bombas e chamas, de oficiais de instrução, pilotos e bombardeadores. “Com grande preocupação” relata Sir Robert Saundby, “não tive outra alternativa senão liberar este maciço ataque aéreo”.

Parte III

A EXECUÇÃO DO ATAQUE

O PLANO DE ATAQUE

Os problemas técnicos e estratégicos que enfrentou o Comando de Bombardeiros ao desfechar o "maciço ataque aéreo" a Dresden, uma cidade no coração da Alemanha Central, não poderiam ter sido fàcilmente resolvidos em qualquer fase mais precoce da guerra.

O Comando havia ordenado desferir um golpe maciço na cidade. Mas as condições atmosféricas em fevereiro de 1945 eram desfavoráveis e para um ataque que exigiria da fôrça de Lancasters nove a dez horas de vôo e pediria normas de minutagem e de concentração sôbre o objetivo comparáveis às melhores até então obtidas por Harris, as perspectivas meteorológicas eram de considerável importância.

Nas primeiras semanas de 1945, as defesas de interceptadores noturnos alemães haviam sido de fôrça desconhecida. A fôrça combatente estava na verdade diminuindo em número e as tripulações de combate, cansadas e chegando ao ponto de exaustão. Mas a área que deviam defender estava também encurtando ràpidamente, à medida que os exércitos invasores transpunham as fronteiras do Reich, penetrando cada vez mais.

Por esta razão o Marechal-em-Chefe-do-Ar Harris planejou a execução do ataque da RAF a Dresden como um golpe duplo, cujo valor havia sido testado mesmo antes do ataque de outubro de 1944 a Duisburg, durante uma série de três ataques desfechados em rápida sucessão a Augsburg: a Oitava Fôrça Aérea dos EUA atacou a fábrica de Messerschmitt em Augsburg na tarde de 25 de fevereiro de 1944, enquanto a RAF continuou com um duplo golpe à área da cidade, naquela noite; os dois ataques da RAF separados por duas horas. A semelhança entre o plano original de ataque a Dresden e êste ataque a Augsburg é marcante, mas como disse depois o Serviço de Informações da Fôrça de Bombardeiros dos EUA, havia duas razões para que os incêndios em Augsburg não atingissem o grau que alcançaram em, por exemplo, Hamburgo: a pequena altura dos edifícios em Augsburg e a ausência de materiais fortemente combustíveis. Essas duas últimas condições, porém, eram preenchidas por Dresden.

A vantagem da estratégia do duplo ataque era que os esquadrões de combate, iludidos ao acreditarem que o primeiro ataque fôsse a principal acometida, estariam em terra e reabastecendo-se quando a segunda vaga de bombardeiros cruzava as fronteiras do Reich, umas três horas mais tarde. Ainda havia a esperança mais prática de que os

bombeiros e outras defesas passivas estariam preocupados com os incêndios causados no primeiro ataque; seriam então submersos e vencidos pelo segundo golpe.

A terceira vantagem do duplo golpe é evidenciada pelos resultados do ataque a Dresden: qualquer comunicação telefônica ou telegráfica passando através da danificada cidade para combatentes e serviços de defesa antiaérea estaria interrompida; as defesas, tanto a ativa quanto a passiva, estariam paralisadas e surpreendidas pelo segundo ataque. O Marechal-em-Chefe-do-Ar e seus táticos haviam calculado como sendo de cêrca de três horas o melhor intervalo entre os ataques dêsse duplo golpe. Se fôsse um pouco menor, os esquadrões de combate poderiam não estar completamente dispersos; não haveria tempo para que os incêndios aumentassem nas ruas e os serviços de combate aos incêndios não estariam sobrecarregados por ocasião dêste segundo ataque. Se o intervalo fôsse maior, as defesas ativas estariam revigoradas e prontas para a batalha de nôvo, e conhecendo provàvelmente a identidade do objetivo para o segundo ataque, poderiam ser capazes de infligir perdas mais severas à onda de bombardeiros...

Durante alguns dias, depois que Harris recebeu confirmação da ordem para bombardear Dresden, um cinturão de nuvens e tempo imprevisível cobriu a maior parte da Europa Central. Excetuado o Grupo de Bombardeiros Nº 3, uma fôrça especialmente treinada e equipada para bombardeio diurno cego, por instrumento, através de colchões de nuvens, todo o Comando de Bombardeiros estava efetivamente em terra. O fim da Conferência de Yalta chegou e passou. Os oficiais do Estado-Maior de Harris usaram os dias restantes para reunirem e terem o material preparado para o ataque, mas não eram ainda capazes de fabricar o aparelho standard H2S, para comparação de fotografias, o qual não estava incluído no arquivo original de Dresden.

Então, a 12 de fevereiro de 1945, o Serviço de Meteorologia de High Wycombe, foi capaz de fazer, aos dois Comandos de Bombardeiros Aliados, uma previsão de tempo razoável para o dia seguinte, têrça-feira 13.

Às primeiras horas de têrça-feira, 13, as tripulações americanas foram instruídas para um ataque a duas espécies de objetivos alternativos. Em cada caso, as tripulações tiveram Dresden como objetivo secundário, devendo ser cancelados os ataques de precisão planejados às instalações de gasolina devido ao mau tempo. A uma Divisão Aérea coube a refinaria de petróleo de Misburg, em Hanover, como Plano A e o centro urbano de Dresden como Plano B; à outra Divisão Aérea tocou um complexo industrial em Kassel como Plano A, e Dresden, de nôvo, como Plano B. Na verdade, houve instruções sôbre o objetivo Hanover nos dias 10 e 11 de fevereiro, mas foram canceladas nas duas vêzes; foi antecipado que seria de nôvo cancelado nessa manhã de 13. As horas marcadas seriam

10h59m da manhã para o complexo de Hanover ou 12h 15m para Dresden. A decolagem foi marcada para as 7h30m da manhã, mas pouco antes dessa hora tôdas as missões americanas para a Alemanha Central foram canceladas, aparentemente por causa do mau tempo: nuvens de geada embranqueciam a Europa e na própria Dresden uma fina camada de neve caía do céu. Assim a honra - como foi dito ao bombardeiro-chefe - de desferir o primeiro golpe em Dresden, o objetivo virgem, coube ao Comando de Bombardeiros da RAF.

Pouco depois das nove da manhã de têrça-feira, 13 de fevereiro, tendo estudado as informações meteorológicas e as cartas sinópticas, o Comandante-em-Chefe ordenou ao seu Adjunto, Marechal-do-Ar Sir Robert Saundby, que desfechasse o ataque a Dresden. O plano de ataque já havia sido decidido; apenas restava a Saundby transmitir o sinal de código adequado aos cinco quartéis-generais dos Grupos de Bombardeiros diretamente empenhados.

A frente russa estava a menos de 130 quilômetros a leste de Dresden. Não havia possibilidade de que qualquer dos Lancasters se desviasse e lançasse a sua carga de bombas por trás das linhas do Exército Vermelho; menos ainda poderia a fôrça demarcadora de alvos permitir-se qualquer grau de êrro. O mais moderno equipamento de navegação da Royal Air Force, instalado em certos aviões sob o nome-código Loran, devia ser usado para fazer a primeira referência na área do objetivo, e devia-se confiar na marcação visual a baixa altura para escolher a cidade certa para ataque.

Foi uma precaução acertada, tendo em vista o que devia acontecer a um desventurado grupo de bombardeio americano, durante o ataque das fortalezas voadoras, no dia seguinte.

Loran, uma peça importante do equipamento, de construção americana, encaixada em vários suportes de metal na já estreita cabina do pilôto de nove bombardeiros Mosquito de alta velocidade, foi primitivamente indicado para ser instala do em Lancasters e usados em ataques de longo raio de ação no teatro de guerra do Pacífico. Bàsicamente, uma extensão natural do invento de navegação de ondas de rádio Gee, o qual emite um conjunto invisível de ondas através do éter da Europa Ocidental. Loran foi indicado para atuar a muito grandes distâncias, porque Gee somente era de todo eficiente usado a distâncias relativamente curtas das cadeias transmissoras.

Loran, usando ondas de rádio refletidas do emissor, tinha um alcance de cêrca de 1.800 quilômetros, mas o uso de emissores limitava realmente a sua aplicabilidade somente a vôos noturnos. Antes de fevereiro de 1945 nunca havia sido utilizado para uma operação da RAF. Agora, com a publicação da ordem executiva para bombardear uma cidade a uma

grande distância, e quase à vista das linhas russas, era necessário o maior segrêdo quanto à navegação dos aviões detectores de objetivos; somente Loran podia fazê-lo. As tripulações dos Lancasters e Mosquitos operando com Loran estavam bem treinadas na manipulação de seu equipamento; os chefes de navegação do Comando de Bombardeiros cruzavam os dedos e esperavam que naquela noite a engrenagem funcionasse perfeitamente: as cadeias radioemissoras inglêsas Gee, mesmo sem interferência inimiga, falhavam a uns 200 quilômetros a oeste de Dresden; os sinais captados dos transmissores Gee móveis, deslocando-se por trás das linhas aliadas, eram fracos e não mereciam confiança; nem mesmo cobriam Dresden, a cidade objetivo. A complicação em causa, na navegação bem sucedida para Dresden, consistia em que os raios Loran não eram aparentemente captados abaixo de 6.000 metros. O bombardeiro-chefe e os seus oito Mosquitos sinalizadores deveriam ter que sofrer um provàvelmente muito doloroso mergulho, de 6.000 metros para a sua altitude normal de sinalização, de 300 metros ou menos, dentro de quatro ou cinco minutos, se quisessem chegar à área do objetivo a tempo.

As complicações políticas que qualquer engano na sinalização do objetivo poderia ocasionar eram evidentes. Os chefes aliados tinham resolvido apoiar o avanço dos exércitos vermelhos atacando centros populosos; o plano foi compreendido não apenas como uma demonstração de solidariedade para com os russos, mas também como uma manifestação oportuna do terrível poder destruidor em mãos dos aliados ocidentais. Se, quando as cinzas assentassem e o manto de fumaça se dissipasse, fôsse verificado que os Lancasters do Comando de Bombardeiro haviam falhado em sua missão e atingido o alvo errado, o desapontamento seria mais amargo; se os bombardeiros atingissem uma cidade por trás de linhas russas, as conseqüências poderiam ser mais severas.

Harris insistia em que Loran devia ser usado pelas tripulações responsáveis para inicialmente localizarem a cidade e sinalizarem o objetivo com indicadores de alvo coloridos. Foi a razão que o levou a decidir que o golpe inicial devia ser desferido pela então famosa técnica visual de baixa altura, do Grupo de Bombardeiros Nº 5, do Vice-Marechal do Ar, o Honorável Ralph Cochrane. (Na verdade, o comando do Grupo havia, um mês antes, passado para o Vice-Marechal do Ar H. A. Constantine, mas, para todos os fins, a técnica para o ataque a Dresden foi elaborada e desenvolvida durante o período em que Cochrane estêve no Quartel-General do Grupo Nº 5).

Os esclarecedores próprios do Grupo Nº 5 tinham uma boa experiência de sinalização eficiente; o Grupo de Esclarecedores Nº 8 havia tido um mau início em 1942, quando certo número de cidades erradas havia sido atacado; isto não repercutiu na habilidade ou determinação das tripulações do grupo do Vice-Marechal do Ar Bennett,

mesmo nas sérias deficiências daqueles primeiros dias de útil auxílio do radar à navegação noturna e ao bombardeio cego.

Nos primeiros meses da existência da Fôrça Esclarecedora, êles sinalizaram Harburg ao invés de Hamburgo; omitiram completamente Flensburg e também Saarbrucken: pesquisas sôbre muitos reides a cidades como Frankfurt, as quais foram dadas em um relatório oficial como sinalizadas satisfatoriamente pelas tripulações do 8º Grupo Esclarecedor, verificaram, nos arquivos da cidade e nos relatórios do Chefe de Polícia que, "embora as sirenas tenham soado aquela noite, nem uma simples bomba caiu dentro dos limites da cidade". Até a introdução de Oboé, o equipamento de precisão para sinalização cega de objetivos, controlado a distância por computadores, da Inglaterra, os quais podiam marcar eficientemente a posição dos Mosquitos sinalizadores dentro de poucas centenas de metros e ordenar a liberação da bomba indicadora do alvo com o mesmo grau de eficiência, a Fôrça Esclarecedora foi encarada com suspeita por muitos dos oficiais mais graduados no Quartel-General do Comando de Bombardeiros. Oboé alcançava com dificuldade apenas até o Ruhr; mesmo os postos Oboé montados em trailers, por trás das linhas aliadas, na França e na Alemanha, não alcançavam em potência a metade do caminho até Dresden. Além do que, os esclarecedores não estavam treinados para identificação visual de objetivos a baixa altura. Assim o Marechal-em-Chefe-do-Ar Harris escolheu a fôrça esclarecedora independente do 5º Grupo para liderar o ataque a Dresden, na noite de 13 de fevereiro de 1945. Foi para que os oito sinalizadores Mosquito do Esquadrão 627 usassem o seu equipamento Loran para alcançar a proximidade da cidade, voando independentemente da fôrça principal de marcadores e bombardeiros; os Mosquitos estariam muito apressados em alcançar Dresden com uma carga de marcadores de alvo e somente poderiam adotar uma rota quase direta, enquanto que os Lancasters das fôrças sinalizadoras e de bombardeio seriam encaminhados para Dresden por uma rota levando-os a um encontro sôbre Reading, então para fora, sôbre o Canal, para um ponto na costa francesa, perto do estuário de Somme, donde deveriam voar diretamente para leste uns 200 quilômetros; alcançando a linha de 5 graus de longitude, deveriam então dirigir-se diretamente para o Ruhr, despertando o uivo das sirenas através das cidades industriais alemãs. Dez milhas ao norte de Aachen, deveriam cruzar o Reno, entre Düsseldorf e Colônia; às 20h45m, com as formações de bombardeiros ainda aparecendo sobre a região do Reno, velozes formações de Mosquitos do Grupo Nº 8 de Caças Noturnos Ligeiros, deveriam atacar Dortmund, para desviar a atenção dos interceptadores noturnos; meia hora depois, mais de cinqüenta Mosquitos deveriam atacar Magdeburg; às 22 horas, oito deveriam atacar Nuremberg. 223 esquadrões de Liberators deveriam descarregar toneladas de fitas anti-radar Window sôbre

Bonn. Os Lancasters deveriam entrementes estar navegando por uma rota para o norte circundando Kassel e Leipzig; quinze minutos antes do início do ataque a Dresden, uma fôrça de Halifaxes dos Grupos Nº 4 e Nº 6 deveria atacar uma refinaria de petróleo em Böhlen, exatamente ao sul de Leipzig, numa manobra diversionista de grande escala coincidindo com o ataque simulado a Nuremberg.

Os Lancasters, porém, estariam orientando-se para sudeste, próximo ao curso do Rio Elba, dirigindo-se velozmente a favor do vento para a cidade-objetivo, Dresden. Tôda a fôrça voltaria do local de ataque por uma rota totalmente diferente, em direção ao sul, passando ao sul de Nuremberg, Stuttgart e Strasburg.

Os primeiros Lancasters iluminadores e sinalizadores para o ataque a Dresden, pertencentes aos Esquadrões 83 e 97, e também providos com Loran, deveriam aproximar-se ao longo da mesma rota. Esses Lancasters eram tripulados por operadores de radar especialmente treinados, muito experimentados na interpretação dos dados fornecidos pelo equipamento de radar H2S. Nos pequenos tubos de raios catódicos dêste equipamento, um marcador de tempo rotativo fornecia uma rude imagem sombreada da terra embaixo do avião, mostrando rios e grandes porções de água como manchas escuras no meio do verde da própria terra, e as cidades brilhantemente coloridas. No máximo, H2S era apenas a confirmação da existência de algumas cidades adiante do bombardeiro; a menos que, como no caso de Hamburgo ou Kõnigsberg, houvesse uma margem ou sistema de docas, a cidade não seria fàcilmente identificável do tubo catódico. Dresden, na tela do radar, era uma das cidades não características de beira-rio, abundantes na Alemanha Central, de ambos os lados da frente do Exército Vermelho. Apenas a característica curva em S do Rio Elba era uma referência para a busca de operadores de radar. Não tinham, para orientá-los, fotografias comparativas de radar: ataques a outras cidades haviam permitido fotografias de Leica, da tela do H2S, sôbre o objetivo; os operadores podiam então comparar as fotografias da imagem do objetivo com a imagem em suas telas, para confirmação. Mas Dresden não havia sido atacada pelo Comando de Bombardeiros da RAF desde o uso de H2S. A falta de preparação que caracterizou êste ataque a Dresden revelou-se ainda pela ausência de fotografias de imagens de H2S.

Os Esquadrões de Lancasters 83 e 97 deviam chegar a Dresden uns onze minutos antes da hora marcada: enquanto alguns lançavam feixes de pára-quedas luminosos de 3 minutos sôbre a cidade, juntamente com contrapesos de bombas de tempo de altos explosivos de ação retardada, preparadas baromeíricamente para explodirem a 700 ou 1.000 metros acima da posição aproximada dos alvos, como era perceptível na tela do radar. Em nenhuma ocasião houve qualquer tentativa de identificação visual a ser feita por aquelas

primeiras vagas de bombardeiros sôbre o objetivo. A sua tarefa consistia apenas em indicar a posição aproximada da cidade e o local, com uma aproximação de dois ou três quilômetros, dos alvos indicados. Aquelas luzes eram para guiar as tripulações dos oito Mosquitos, cuja tarefa consistia em procurar a terra de uma altura de apenas mil metros, para o próprio ponto de sinalização, e repará-lo com salvas de bombas de sinalização vermelhas. Se o primeiro ataque a Dresden devia fornecer o inconfundível sinal que Harris exigia para o segundo golpe, a cidade devia ser incendiada. O engenheiro alemão dirigindo as medidas de defesa civil em Dresden, na ocasião, caracterizou depois o fenômeno da tempestade de fogo como: "o progressivo desenvolvimento de uma seqüência de incêndios irrompendo através de grande área, os quais não eram extintos pelos habitantes (que preferiam permanecer nos seus abrigos, assustados pelas explosões das bombas de tempo) e que subitamente se multiplicaram e espalharam como milhares de incêndios isolados fundidos."

Êste período demoraria uma meia hora ou mais; o Marechal-do-Ar Harris calculava que em três horas os incêndios teriam alcançado grande desenvolvimento no centro da cidade, pois soprava um vento forte e as cargas incendiárias estavam bem concentradas nos limites do setor de objetivo; três horas seriam suficientes para que as brigadas de incêndio da maioria das grandes cidades da Alemanha Central chegassem para acudir a Dresden em chamas e para penetrar no coração da Cidade Velha. Realmente, isto aconteceu exatamente como êle planejou. Apenas o Grupo Nº 5, de ataque de setor, forneceu o grau de saturação necessária para provocar um dilúvio de fogo. Cada vez que êle fôra empregado antes, havia causado uma tempestade de fogo de certa importância. Antes, a tempestade de fogo havia sido apenas um resultado imprevisto do ataque; no duplo golpe de Dresden, o dilúvio de fogo devia ser uma parte integral da estratégia.

Como em todos os outros mais recentes e maiores ataques desferidos pelo Grupo Nº 5, era necessário um bombardeiro-chefe controlar o desenvolvimento do ataque.

Para o ataque a Dresden, a escolha naturalmente recaiu no mais experiente controlador do Grupo Nº 5, pois o bombardeiro-chefe do Grupo lhe era subordinado; na verdade, O Comandante de Ala escolhido havia controlado reides a vârias grandes cidades alemães, incluindo Karlsruhe e Heilbronn e era especialista em dirigir a sinalização e o desenvolvimento dos ataques por setor. O chefe de sinalização era também um veterano do ataque a Heilbronn e de outros ataques por setor. O bombardeiro-chefe de Dresden esçreveu pepois da guerra, numa publicação especializada, que o bombardeiro-chefe era "na verdade o representante pessoal do Comando do Ar oficial na área do objetivo". Com

graduação de Comandante de Esquadrão, êle teria, após a mais completa instrução, o contrôle absoluto do ataque. O bombardeiro-chefe tinha uma tarefa de responsabilidade e freqüentemente arriscada; devia permanecer na área do objetivo durante a duração do ataque, muitas vêzes a muito baixa altitude, apesar dos perigos e confusões das defesas inimigas. Providenciando para que tudo corresse bem durante o ataque, a tarefa do bombardeiro-chefe era em grande parte de natureza psicológica. Um pilôto assinalou uma vez após um ataque a outra cidade na área de Leipzig: "não é tanto as instruções que você ouve como o confôrto de ouvir uma boa voz inglêsa dizendo coisas coerentes na sua frente, depois dessa dura corrida através de fogo antiaéreo e do mau tempo." A elocução inglêsa da voz era habitualmente, não somente boa, mas mesmo excelente: os chefes de bombardeio e os chefes de sinalização faziam rápidos cursos de treinamento de voz em Stanmore. Os chefes de bombardeio do Grupo Nº 5 eram todos fornecidos pela Base 54, em Coningsby, quartel-general da fôrça esclarecedora independente, do Grupo.

No Quartel-General do Grupo Nº 5, a manhã de 13 de fevereiro foi ocupada com os detalhes finais e o plano para a execução de duplo golpe a Dresden, há tempo preparado e tantas vêzes adiado. O Comandante de Ala encarregado do Grupo de Inteligência foi forçado mais uma vez ainda a lamentar a quase total falta de informações sôbre a cidade e as suas defesas: suspeitava-se porém de que, se Dresden estava realmente sendo usada para a passagem de tropas e munições para a frente oriental, então as defesas antiaéreas poderiam ter sido reforçadas desde o último pequeno ataque a Dresden pelos bombardeiros americanos na manhã de 16 de janeiro de 1945.

A presença de comboios de veículos do Exército atravessando a cidade também levou o Serviço de Inteligência a suspeitar de que os comboios e trens poderiam transportar canhões ligeiros móveis antiaéreos; êsses canhões, ineficientes acima de 3.000 metros, bem abaixo da altitude à qual Lancasters deveriam desfechar o primeiro e segundo ataque a Dresden, contudo poderiam ser muito perigosos para as tripulações dos Mosquitos, mergulhando sôbre a cidade a altitudes inferiores a 300 metros. Na sala de instrução, poucas horas depois, os aviadores podiam dizer que as defesas de Dresden eram "desconhecidas". Não foi êste, apenas, o único aspecto curioso da instrução que esperava os 6.000 aviadores designados para operações em Dresden, na noite de 13 de fevereiro de 1945.

Por volta do meio-dia chegou a notícia de High Wycowbe de que os meteorologistas previam fortes ventos soprando sôbre a cidade, de noroeste. Mas a mensagem acrescentava a advertência de que as condições meteorológicas eram muito desfavoráveis e que somente se o horário fôsse rigorosamente observado o ataque teria êxito; se o ataque do Grupo Nº

5 sofresse, por qualquer razão, um atraso de mais de meia hora, o duplo ataque fracassaria, pois a segunda missão seria adiada.

Um colchão de nuvens estrato-cúmulos estendia-se sôbre a Europa Central; era provável uma abertura de somente umas quatro ou cinco horas quando a camada de nuvens passasse sôbre Dresden. O céu sôbre Dresden começaria a clarear pouco antes das dez da manhã. Dentro de 5 horas, as nuvens deveriam voltar. O duplo ataque devia ser desferido nesse intervalo. Apesar dêsses fatôres desfavoráveis atuando contra o completo sucesso final dos reides, a ordem executiva para bombardear Dresden saiu da sala de planejamento subterrânea do Comando de Bombardeiros; não era a primeira vez que o Marechal-em-Chefe-do-Ar Harris arriscava-se a um fracasso, e era típico de sua pronta e corajosa atitude para decisões como esta que êle decidisse apressá-la, a despeito de suas reservas anteriores sôbre as instruções para bombardear Dresden.

Por volta de meio-dia, a ordem executiva havia sido transmitida a cada Quartel-General de Grupo. Duzentos e quarenta e cinco Lancasters do Grupo Nº 5 estavam escalados para o primeiro ataque, embora houvesse outro mais tarde. O maior contingente de aviões desfechando o segundo golpe proveio do Grupo Nº 1, aquartelado em Bawtry: mais de duzentos Lancasters do Grupo foram empregados; 150 Lancasters dos Esquadrões do Grupo Nº 3 foram despachados para Dresden e 67 do Grupo de Bombardeio Canadense, Nº 6; o restante da segunda fôrça atacante foi fornecida pelo Grupo Esclarecedor Nº 8: desde que Dresden estava além do alcance de operações do Grupo de Esclarecedores Mosquito, sessenta e um Esclarecedores Lancasters, muitos deles equipados com a versão mais recente do radar H2S, foram designados para executar a sinalização dos alvos para segundo ataque. Esperava-se que êste nôvo equipamento, o Sinalizador III F H2S, com a sua antena de dois metros, forneceria detalhes suficientes da terra na tela do radar para permitir às tripulações colhêr mais claramente detalhes topográficos identificadores. Dez dêsses Esclarecedores Lancasters seriam fornecidos pelo Esquadrão 405, o Esquadrão Vancouver, da RCAF; uma das mais experientes tripulações dêste Esquadrão foi a única de Esclarecedores Lancasters que não devia voltar da Operação-Dresden. O maior contingente devia provir do veterano Esquadrão 7, com doze Lancasters na Fôrça de Esclarecedores; o Esquadrão 635 forneceu, para a operação, tanto o Chefe de Bombardeio como o seu Adjunto, assim como nove outros Lancasters; a primeira sinalização visual veio do Esquadrão 405; o Esquadrão 35 enviou dez tripulações e os Esquadrões 156 e 582, nove tripulações cada uma. Como os arquivos do Esquadrão 582 estão incompletos, não é possível referir a composição da tripulação de seus Esclarecedores na ordem de batalha final para o ataque a Dresden.

Em adição aos ataques a Dortmund, Magdeburg e Nuremberg, Bennet tinha também planejado para a sua fôrça o ataque a seis outros objetivos, incluindo Dresden e Böhlen. Dois objetivos eram somente simulados, as tripulações jogando luzes e não bombas; quatorze minutos depois da meia-noite, contudo, exatamente quando as duas formações de bombardeiros, uma atacando, a outra voltando, atravessavam Nuremberg, pelo norte e pelo sul, uma fôrça de Mosquitos iria desferir um ataque de dez minutos a Bonn; ainda, à 1 hora da madrugada, antes do início do último ataque a Dresden, nove velozes Mosquitos - incluindo um dos novos Mosquitos Mark XVI, de cabina pressurizada - do Esquadrão 139, deveriam, cada um, lançar quatro bombas de 250 quilos em Magdeburg; como os planejadores da defesa alemã bem sabiam que o Comando de Bombardeiros havia ordenado a sua concentração, em escala crescente, no anel mais fraco, a produção de petróleo e reservas, foi resolvido um ataque noturno, pequeno mas vigoroso, ao conjunto de gasolina sintética de Böhlen, 16 quilômetros ao sul de Leipzig e não longe de Dresden. Ainda, as operações diversionistas noturnas deviam encerrar-se com o ataque de oito Mosquitos à refinaria de petróleo de Misburg, perto de Hanover, à 1h30m da madrugada - a segunda hora marcada para Dresden.

A hora marcada para Böhlen foi fixada para as 22 horas, quinze minutos antes do primeiro golpe a Dresden. Esse ataque devia ser executado pelos esquadrões de Halifaxes dos Grupos Nº 4 e Nº 6; 368 aviões foram escalados para atacar Böhlen, de preferência mais de um têrço sendo do Grupo Canadense Nö 6. O bombardeiro Halifax, de quatro motores como o Lancaster e de alcance semelhante, tinha, contudo, uma capacidade de transporte de bombas muito menor e estava sendo gradualmente eliminado do Comando: como o ataque a Dresden tinha sido ordenado como "uma severa blitz" era indicado que somente fôsse despachada uma fôrça máxima de Lancasters, de maneira a despejar uma carga máxima de incendiárias e de fortemente explosivas. O reide a Böhlen dificilmente poderá ser entendido como algo além de um deliberado ataque simulado, tendo em vista as predominantes previsões atmosféricas desfavoráveis para reides a pequenos objetivos tais como conjuntos de petróleo sintético. Pretendia-se que o primeiro ataque a Dresden deveria servir para iluminá-la como um farol para as tripulações do segundo ataque, três horas e um quarto depois; o segundo ataque, sinalizado pelos Lancasters do Grupo Esclarecedor, devia obedecer à técnica padrão H2S-Newhaven. Com a zero hora marcada para 1 h30m da madrugada de 14 de fevereiro, para o segundo golpe, os Lancasters iluminadores cegos - em número de doze, sem contar a contribuição do Esquadrão 582 - fariam vôo cego, guiando-se apenas pelas indicações do radar H2S, sôbre a cidade, à 1h23m da madrugada, sete minutos antes de zero hora, jogando feixes de iluminação sôbre a

posição aproximada do alvo. À 1h24m, um minuto depois, o Lancaster do Adjunto do Bombardeiro-Chefe devia fazer uma corrida de bombardeio sôbre a cidade e, tendo identificado com certeza o alvo para o ataque, tentar sinalizá-lo com as suas seis bombas vermelhas indicadoras de objetivo; o Bombardeiro-Chefe, rodeando a cidade em direção nordeste, deveria calcular a distância entre aquelas luzes vermelhas e o alvo verdadeiro e, se a distância fôsse grande, tentar lançar mais cuidadosamente os seus próprios indicadores de alvo, usando as primeiras luzes vermelhas como ponto de referência. Se as luzes do Adjunto do Bombardeiro-Chefe estivessem corretas, o Primeiro Sinalizador Visual poderia então lançar uma carga de luzes vermelhas e verdes em volta, para reforçar a sinalização do alvo. A maioria dos Localizadores Visuais Lancasters, dos quais havia uns vinte na Operação-Dresden, atacariam então em ondas de três de cada vez, a intervalos de 3 a 4 minutos durante o reide, substituindo os sinalizadores apagados da precedente onda de sinalizadores e ao mesmo tempo enquadrando visualmente tiros dispersos de sinalização.

Precauções foram também tomadas para a eventualidade de nuvens obscurecendo o objetivo; se as nuvens fôssem moderadas, treze Sinalizadores Cegos (não incluindo os do Esquadrão 583) seriam então usados para lançar logo luzes verdes sinalizadoras de terra; o Bombardeiro-Chefe devia verificar se o brilho era visível através das nuvens; se não o fôsse, então, como último recurso, oito (não incluindo os do Esquadrão 582) Sinalizadores Cegos seriam usados, transportando cargas de luzes marcadoras do céu, de Wanganui, de uma espécie que podia produzir uma luz vermelha com estrêlas verdes; deviam ser lançadas, imperceptíveis ao radar, somente para pairar sôbre as camadas de nuvens, em páraquedas. Se as nuvens fôssem tão densas, durante o segundo ataque a Dresden, que a sinalização do céu fôsse necessária, então, sem dúvida, a tragédia de Dresden não teria ocorrido; as condições atmosféricas sôbre Dresden, porém, eram boas e, nem os Sinalizadores Cegos, nem os Sinalizadores do Céu foram chamados pelo Bombardeiro-Chefe para lançar as suas cargas de luzes.

O Bombardeiro-Chefe para o segundo ataque a Dresden era um pilôto muito experiente, com mais de três jornadas de operações a seu cargo; uma vez, em novembro de 1944, êle havia sido chamado para atuar como Bombardeiro-Chefe durante o desastroso ataque a Freiburg in Breisgau, mas não aceitou pois havia estudado na Universidade local e tinha muitos amigos na área em tôrno da Catedral de Freiburg, a qual seria o alvo para o ataque; nunca, porém, havia estado em Dresden, e, embora lamentasse profundamente a necessidade de destruir uma cidade tão agradável e bela, não tinha razões pessoais a opor.

A ordem executiva para bombardear Dresden não passou sem problemas; logo que foi recebida, o Comandante do Grupo Esclarecedor apressou-se a telefonar para High

Wycombe para certificar-se de que o seu Estado-Maior não havia entendido mal a ordem; quando a ordem para bombardear Dresden foi confirmada, o Vice-Marechal-do-Ar Bennett foi capaz de vencer as dúvidas acêrca da real natureza do ataque e satisfez-se com a discussão dos alvos designados para a fôrça sinalizadora do seu Grupo. Do mesmo modo, o Comandante do Grupo Nº 1 relembra que êle e os seus oficiais mais graduados ficaram "um pouco surpresos" quando leram no teletipo a mensagem do Quartel-General do Comando de Bombardeiros. Outros Comandantes de Grupo recordam o tom nitidamente reservado da voz do Comandante-em-Chefe quando confirmou a ordem e tiveram a impressão de que êle estava muito pouco satisfeito com todo o assunto. Ao cair da tarde, quando os 6.000 aviadores haviam sido instruídos, o descontentamento tinha atingido ao máximo, no Comando.

A tarde, o Bombardeiro-Chefe para o primeiro ataque foi chamado ao edifício da Inteligência da Base 54 para as instruções finais sôbre o plano de ataque. Os oficiais da Base haviam procurado em vão por um dos habituais mapas de objetivos preparados para ataques a cidades alemãs; os mapas de objetivos nesta fase da guerra eram plantas especialmente impressas, de 24 por 18 polegadas, nas quais as zonas rurais e as cidades estavam litografadas em pardo, púrpura e branco, como impressão artística de como pareciam à noite, com as extensões de água e rios aparecendo em branco vivo no meio das massas negras e cinzentas das cidades e o sombreado púrpura e entrecruzado representando campos diversos, bosques e descampados; estava assinalada nesses mapas de objetivos, a posição das principais defesas de artilharia, os aerodromos locais e a posição das defesas simuladas. O alvo principal aparecia no meio do mapa, no centro de um conjunto de anéis prêtos concêntricos de quilômetro e meio. O alvo própriamente dito podia ser impresso nesses mapas de objetivos numa côr laranja distintiva, como no caso das fábricas Krupp, em Essen, as indústrias Focke-Wulf, em Bremen e a refinaria de gasolina, em Gelsenkirchen.

Não havia um tal mapa de Dresden. Talvez, como sugerem Sir Robert Saundby e o Comodoro do Ar H. S. Saterby, essa seja a evidência conclusiva da ausência de qualquer desejo fundamental da parte do Marechal-em-Chefe-do-Ar Harris de destruir esta cidade. Fôsse de outra maneira, então, com a sua habitual meticulosidade, teria mandado que o Serviço de Inteligência do Comando de Bombardeiros verificasse se havia sido feita a cobertura fotográfica adequada da cidade, com freqüência suficiente para descobrir a natureza do objetivo, as suas defesas verdadeiras e as simuladas na vizinhança imediata. Ele teria feito um esquema fixando a posição dos esquadrões de combate de Dresden, nos

quartéis aéreos de Dresden-Klotzsche.

Ele tinha observado a extensão do conjunto de quartéis militares ao norte da cidade e a vizinhança do agora extinto Arsenal. Como estava, tudo que o Bombardeiro-Chefe e o seu Adjunto podiam fornecer para operar, era um mapa de objetivos de distrito: Dresden (Alemanha) D.T.M. Nº G.82 1; êste mapa antigo, com o qual o Bombardeiro-Chefe e a sua fôrça sinalizadora deviam identificar e assinalar os pontos que deviam ser o clímax da ofensiva estratégica contra a Alemanha, nada mais era do que uma fotografia aérea de Dresden com letras de imprensa brilhantes, em branco e prêto, retirada de um conjunto de fotografias de reconhecimento aéreo de não muito boa qualidade, datando de antes de novembro de 1943. Por insignificante que fôsse êste mapa em comparação com os mapas de objetivos muito superiores fornecidos habitualmente às tripulações de bombardeiros para operações na Alemanha, França e Itália, devia pelo menos mostrar claramente os pontos dos quais podia ser feita uma tentativa para a sinalização de Dresden. Curiosamente, uma única cruz preta estava impressa no mapa, num grande edifício no centro do setor; o edifício era realmente o Quartel de Polícia em Dresden, contendo num abrigo profundo de concreto o centro de comando subterrâneo da ARP, chefiado pelo Gauleiter saxão, Martin Mutschmann.

O vento previsto devia, de acôrdo com o Serviço Meteorológico de High Wycombe soprar firmemente de sudoeste. Se a fumaça da cidade em chamas não obscurecesse o brilho das luzes indicadoras do objetivo ardendo em terra, elas deviam ficar a favor do vento na área do objetivo; os bombardeiros deviam lançar as suas bombas a leste dos sinalizadores do objetivo.

O aspecto mais característico da topografia da cidade, identificável no mosaico de fotografias aéreas, era o grande estádio esportivo, a oeste da Cidade Velha, incompletamente construído em uma linha atravessando Dresden.

O estádio esportivo escolhido, o Dresden-Freidrichstadt-Sport-platz, tinha cêrca de 160 metros de extensão e estava bem situado, perto das linhas do rio e da ferrovia; elas podiam servir como referência às fôrças sinalizadoras quando procurassem o estádio no que prometiam ser as condições mínimas de visibilidade em Dresden.

O Sinalizador-Chefe devia ter de marcar claramente êste estádio com o seu único sinalizador vermelho; quando o Bombardeiro-Chefe chegou à sua posição, devia ordenar aos restantes Mosquitos Sinalizadores que descessem com mais marcadores vermelhos até que todo o estádio estivesse bem sinalizado com luzes vermelhas. Então, a fôrça principal de Lancasters, trovejando sôbre o campo, poucas milhas a noroeste, seria chamada ao ataque. Deveriam quase cruzar a cidade a favor do vento, apontando as suas miras de

bombardeio para o vermelho brilhante dos sinalizadores do estádio esportivo e após uma correção de tiro, esquadrão por esquadrão, aparelho por aparelho, deviam soltar as suas bombas sôbre a própria cidade. Como cada Lancaster tinha uma instrução diferente sôbre orientação para voar sôbre Dresden, o resultado seria que cada um dos bombardeiros se espalharia sôbre a cidade partindo do estádio e jogaria as suas bombas em um setor lembrando uma parte de um queijo cortado, afastando-se eventualmente do estádio até um raio máximo de 2.400 metros do ponto sinalizado. Este setor incluía tôda a Velha Cidade de Dresden e estava assinalada como a área do dilúvio de fogo que serviria de farol para os Lancasters do segundo ataque. Na verdade. como sabemos agora através do diretor alemão do Escritório Central de Pessoas Desaparecidas (Departamento de Pessoas Mortas) foi exatamente esta área que se tornou a "principal área do inferno". Os que logo depois do fim do primeiro reide tivessem fugido para o ar livre e os subúrbios, teriam salvo as suas vidas. "Aquêles, porém, que esperaram pelo segundo ataque, não saíram vivos da parte central da cidade ... Houve também áreas em Striesen e particularmente em volta de Seidnitzer-platz, onde dificilmente alguém - se esperou pelo segundo ataque - escapou com vida".

O Bombardeiro-Chefe e o seu navegador haviam sido instruídos de que a finalidade do ataque era obstruir as ferrovias e outras comunicações passando por Dresden. Mesmo estudando êste setor de 1.800 metros quadrados atribuído ao Grupo de Bombardeio Nº 5, para um ataque de saturação preciso, como aquêles que haviam tornado o grupo famoso, provàvelmente não ocorreu a qualquer dos oficiais presentes que de fato não havia uma linha ferroviária cruzando o setor destinado a bombardeio em tapête: não havia no setor nenhuma das oito estações de passageiros e de boas ferrovias de Dresden: nem o setor incluía a ponte ferroviária de Marienbrüche, sôbre o Elba, a mais importante para uma longa viagem em qualquer direção.

Se êsse fato ocorreu ao Bombardeiro-Chefe, não o notou durante a sua instrução especial. O único detalhe que avulta claramente em sua mente agora, dezoito anos depois do ataque, foi que no fim da instrução, o Comandante da Base lembrou que antes da guerra havia estado uma vez em Dresden e tinha ficado num famoso hotel no Dresden Altmarket, a ampla avenida no centro da Cidade Velha. Esta avenida ficava no verdadeiro coração do setor indicado para saturação no prazo de umas oito horas; parece que o Comandante da Base havia sido explorado pelo pessoal do hotel ao partir. Êle disse que esperava que êsse fato seria levado em conta - essa despreocupada observação clareou o ambiente. O sinal de chamada para a principal fôrça de bombardeiros foi também dado: Prateleira de Pratos. Não houve ainda outra referência à legendária, mas falsa associação da cidade objetivo com

porcelana: Prateleira de Pratos era uma frase fácil de irradiar e fàcilmente identificável pelas tripulações da fôrça principal; foi usada freqüentemente. A hora marcada, na qual todo o horário devia estar baseado, foi fixada para 22h15m.

Às 22h 15m, as primeiras bombas de altos explosivos deviam estar caindo na Cidade Velha de Dresden. Mas, antes disso, a fôrça sinalizadora deveria gastar uns dez minutos pelo menos para sinalizar o estádio de esportes, na cidade ocidental, com as suas luzes sinalizadoras.

Cêrca de 17h30m as oito tripulações sinalizadoras haviam sido instruídas e cada uma tinha recebido uma bomba indicadora, do depósito de bombas. Os seus aviões haviam sido testados e cisternas de gasolina extra colocadas em posição. Uma corrida a Dresden, para os Mosquitos, aumentava o seu alcance operacional até o limite de sua capacidade e a gasolina extra somente estava sendo carregada à custa de menor número de indicadores de objetivo; não havia lugar para erros na técnica de sinalização.

Assim sendo, se as tripulações de Mosquito deviam ir tão longe como Dresden, não teriam oportunidade de fazer uma larga volta para enganar os controladores de aviões, inimigos: no máximo, poderiam rumar para Chemnitz, poucos quilômetros a sudoeste da cidade objetivo e então, no último momento, mudar o rumo para Dresden. Mas mesmo assim, a rota direta em linha reta, através da Alemanha, levava as fôrças sinalizadoras sôbre várias áreas bem defendidas pelo fogo antiaéreo.

Cêrca de 5h30m, também, os primeiros esquadrões de Lancasters dos aeródromos do Grupo Nº 5, em Midlands, haviam decolado. Às seis horas, tôda a fôrça de 244 bombardeiros da primeira vaga estava no ar circunvoando os seus aeródromos e rumando para a primeira reta de sinalização, e a Alemanha.

CHEGA A FORÇA "PRATELEIRA DE PRATOS"

A tarde já estava caindo sôbre a Inglaterra e muitos tripulantes deviam estar-se encarando uns aos outros, com a difícil previsão do que os esperava, ao virem o céu carregado de pesadas nuvens e ao lerem as previsões meteorológicas. Esperava-se geada a muito baixa altura, tempestades com raios e cem por cento de nuvens cobriam a maior parte da Europa Ocidental. Poucos eram os aviadores que estavam satisfeitos com a perspectiva de um vôo de nove ou dez horas sôbre território ocupado pelo inimigo em condições de tempo como aquelas: o único consôlo consistia em que a visibilidade deficiente e a cobertura de nuvens sôbre a Alemanha manteriam os caças noturnos em terra; somente ofereciam perigo, para a fôrça, os caças com base em aeródromos onde as nuvens não fôssem tão cerradas.

Os nove Mosquitos da Fôrça Sinalizadora possuíam em seu arsenal de equipamentos alguns dos mais avançados aparelhos eletrônicos desenvolvidos por cientistas ocidentais. A apreensão que sentiam vendo as precárias condições atmosféricas deve ter aumentado ao recordarem-se das instruções recebidas, que se "tivessem complicações deviam aproar de volta para oeste e tentar, se possível, evitar serem compelidos para baixo ou aterrarem, a leste de Dresden; e que mais certamente deviam destruir o avião e tudo com êle relacionado. As tripulações deviam descer em território alemão ocupado, de preferência ao varrido pelo Exército soviético".

Ao mesmo tempo que os aviões da fôrça sinalizadora eram carregados com equipamento e fogos para o ataque a Dresden, cientistas em Farnborough testavam pela última vez uma câmara especial colocada no dia 26 de janeiro no compartimento de bombas do Mosquito do Sinalizador-Chefe, que era também ex officio Adjunto do Bombardeiro-Chefe. A câmara havia sido equipada com um sistema de cartucho de flash de alta velocidade, indicada para fotografias do objetivo, de muito pequena altura, com intervalos de um segundo, durante o processo de sinalização. Esperava-se dessa maneira obter uma exata confirmação fotográfica de onde as bombas indicadoras de objetivo haviam caído. A câmara foi preparada para começar a operar quando o Sinalizador-Chefe acionava o seu libertador de bombas e para continuar fotografando de modo uniforme sôbre o objetivo até o fim do filme. O aparelho devia ser usado pela primeira vez em Dresden. Às 19h57m da tarde de 13 de fevereiro, o Mosquito KB 401, pilotado pelo

Bombardeiro-Chefe, levantou vôo da base de Coningsby. Às 21h28m saíram do alcance das cadeias de navegação do Gee, tanto na Inglaterra quanto na França. O vento oeste soprava forte agora. A uma altitude de 5.000 a 6.000 metros sôbre o noroeste da Alemanha, um vento firme de 85 nós, empurrava os Mosquitos para o seu objetivo. Agora os navegadores deviam confiar na sua própria navegação e na presença dos ventos previstos para conservá-los no rumo, evitando que se desviassem para qualquer área pesadamente defendida, até que pudessem captar os fracos sinais de Loran, o equipamento de navegação de longo alcance. Às 22 horas devia começar o ataque simulado a Böhlen, e poucos minutos depois os sinalizadores de radar cegos deveriam lançar os seus pára-quedas luminosos e primeiros sinalizadores verdes sôbre a posição aproximada de Dresden.

Somente às 21h49m os navegadores finalmente captaram a transmissão do sistema de navegação Loran. Os navegadores precisavam captar duas das ondas para fixar uma posição e enquanto o Bombardeiro-Chefe consultava ansiosamente o relógio, o seu navegador verificava pacientemente a tela do Loran procurando captar a segunda onda; os Mosquitos eram obrigados a subir cada vez mais alto, tateando no éter à procura das ondas fugidias de rádio. Eram 21h56m.

Em cinco minutos mais ou menos, a fôrça de iluminação estaria sobre Dresden. O Mosquito do Bombardeiro-Chefe estava acima de 6.000 metros. O navegador captou a onda que procurava, e conseqüentemente obteve a posição de que necessitava. Estavam a quinze milhas exatas ao sul de Chemnitz. Voltando-se para a rota de regresso, os pilotos de todos os nove Mosquitos perscrutaram o horizonte à procura das faladas luzes que lhes diriam que seus cálculos haviam sido feitos corretamente. Todo o campo abaixo estava envolto em compactas massas de nuvens. Acima, o frio céu de fevereiro estava limpo e estrelado. Mas, mesmo quando os Mosquitos cobriam os últimos 45 quilômetros em direção a Dresden, perdendo 5.500 a 6.000 metros em coisa de quatro ou cinco minutos, podiam ver as nuvens clareando adiante, exatamente como haviam previsto os meteorologistas do Comando de Bombardeiros. Em Dresden mesmo, somente encontrariam três camadas de nuvens sôbre o objetivo: uma delgada camada de estrato-cúmulos, entre 5.000 a 5.500 metros, outra, de 2.000 a 3.000 metros e fiapos de nuvens a 1.000 e 1.500 metros.

Ao mesmo tempo, a linha do horizonte, sôbre Dresden, era quebrada por uma seqüência de vivas luzes brancas e uma única bola de luz verde suspensa no céu. A primeira fôrça de iluminadores Lancasters do Esquadrão 83 havia chegado. O primeiro verde, apontado e lançado por radar sôbre a curva em S do Rio Elba, junto com os concomitantes pára-quedas luminosos de magnésio estavam caindo exatamente sôbre Dresden. A partir

dêsse momento, todo o ataque iria decorrer com terrível precisão militar. Depois da primeira onda de Lancasters iluminadores cegos, uma segunda vaga voava sôbre a área do objetivo, jogando feixes de luzes brancas; entrementes, os bombardeadores recorriam tanto a métodos visuais como aos dados das telas de radar.

Finalmente, era a vez da fôrça sinalizadora de Mosquitos lançar sôbre Dresden as brilhantes bombas marcadoras, ainda colocadas nos seus depósitos, sinalizando o estádio esportivo, do qual dependia todo o ataque.

Dresden era defendida pela 1º Divisão de Combate Alemã. O seu quartel-general estava em Döberitz, perto de Berlim. Outros quartéis-generais de comando de divisão de combate, em abrigos gigantes, haviam sido construídos em Arnham, Stade, Metz e Schleissheim. Os aviadores aludiam a êsses centros de comando de combate como "casas de ópera de batalha".

"Ao entrar - escreveu um general do grupo noturno de caças - ficava-se logo tomado pela nervosa atmosfera reinante. A luz artificial tornava as fisionomias mais desfeitas do que na realidade estavam. O ar viciado, a fumaça de cigarros, o zumbido dos ventiladores, o tique-taque dos teletipos e o controlado murmúrio de inúmeras telefonistas davam dor de cabeça. O centro de atração, nesse hall, era um enorme painel de vidro fôsco no qual eram projetados por refletores e em letras luminosas, a posição, altitude, fôrça e direção do inimigo, assim como as de nossas próprias formações. Cada simples traço e cada modificação a ser vista aqui era o resultado de relatórios e observações de postos de radar, reconhecimentos de avião, postos de escuta, planos de reconhecimento e de unidades em ação.

Defronte ao mapa, num dos bancos de uma fileira ascendente como num antifeatro, estavam sentados, mais para o fundo, os controladores de combate, que davam ordens aos combatentes noturnos à medida que a batalha aumentava. Esta parte do centro estava ligada com todos os postos de combate e aeródromos por um conjunto de linhas telefônicas. "

Agora o destino caminhava para selar a sorte de Dresden: naquela mesma manhã, 13 de fevereiro de 1945, o Alto Comando Alemão havia baixado uma nova instrução para a Fôrça Aérea, esclarecendo prioridades no uso da real utilização da aviação. "Alta prioridade - determinaram – é a operação de rápidas formações de bombardeiros na área da linha de frente diàriamente e a operação de unidades destruidoras contra o mesmo objetivo à noite. Devido à baixa de produção das refinarias de petróleo sintético é considerado de baixa prioridade a operação de defesas de combate". Em face desta determinação, o Alto

Comando da Fôrça Aérea Alemã anotou em seu Diário de Guerra: "A crítica situação do combustível para a aviação obriga-nos a impor testrições mais drásticas em cada campo de atividade". Em conseqüência, não somente eram os preciosos fornecimentos de combustível feitos apenas a tripulações de ases, as tripulações-A, como também era necessário, para determinar a participação dos aviões na batalha, sem prévia autorização do Döberitz, uma posição superior à de comandante de pôsto.

Na noite de 13 de fevereiro de 1945, o dilema enfrenta do pelos controladores de combate na "casa de ópera da batalha", em Döberitz, podia ser claramente percebido. Em primeiro lugar, as suas formações eram muito escassas; mesmo os seus postos receptores de transmissões de radar inimigo, que haviam captado a tonalidade e testado as instalações de radar e rádio durante a manhã anterior aos ataques em grande escala, não eram impedidos por cortinas projetadas em tôrno da costa oriental das Ilhas Britânicas e ao longo da frente ocidental. As primitivas cadeias de aviso alemãs ao longo da costa do Canal há muito haviam sido capturadas pelos aliados; as notícias de aproximação de bombardeiros inimigos através das linhas aliadas somente poderiam alcançá-los chegando dentro do alcance das cadeias de radar do interior da Alemanha; e então, quando o flagelo se materializou nessa sombria tarde de 13 de fevereiro de 1945, somente 244 bombardeiros emergiram por trás da cortina de radar. O problema que os controla dores encaravam não era apenas saber para onde se dirigiam aquêles bombardeiros, mas também o que faria naquela noite o Marechal-em-Chefe-do-Ar Harris com os outros 750 bombardeiros disponíveis. Como a formação de bombardeiros Lancasters penetrava cada vez mais profundamente na Alemanha do Sul e Central, logo alcançada por outros trezentos Halifaxes despachados para Böhlen, a ameaça tornou-se mais clara para os controladores; mas a ordem de decolagem para os esquadrões prontos para combate na Alemanha Central somente foi dada quando se compreendeu que a terceira e menor formação de setas vermelhas visíveis nos écrans de vidro fôsco, que olhavam, não era o habitual reide de fustigamento a Berlim e sim, de fato, um que estava deixando de lado ou Leipzig e Chemnitz ou Dresden, ao mesmo tempo que as grandes ondas de bombardeiros. A esta altura, os controladores deixaram de esperar que se materializasse a terceira grande ameaça, e possivelmente a verdadeira, e decidiram que a ameaça imediata era uma das cidades da Saxônia. Mesmo assim, mais de um controlador deve ter tido sérias dúvidas quando considerou a possibilidade de um ataque a Dresden. Um primeiro relatório alarmado de Dresden informava que mil pára-quedistas haviam acampado a oeste da cidade.

Foi somente por volta de 21h55m que chegou a Dresden-Klotzsche a ordem de lançar na luta o V /NJG.5, o esquadrão noturno de caça ali baseado. Mas já era muito tarde

então e a sinalização do objetivo já estava começando. Um dos pilotos de caça noturno de Me110, baseado em Klotzsche, um sargento de 25 anos de idade, que serviu como voluntário na defesa do Reich, descreveu o 13 de fevereiro no seu diário como "o seu dia mais negro como pilôto de caça noturno". Ao meio-dia êle havia testado o seu avião. O seu aparelho de radar de interceptação noturna SN-2 estava em perfeita ordem.

"Á tarde recebemos um alarme, o primeiro do dia. Naturalmente, só dizia respeito às tripulações-A. A ordem de decolar chegou demasiado tarde..."

As tripulações-A eram as oito ou dez mais bem sucedidas tripulações do esquadrão. Os pilotos das tripulações-A foram finalmente postos em ação às 9h55m, no momento em que os sinalizadores Mosquitos, a 6.000 metros, estavam lutando para encontrar as ondas Loran. Os caças noturnos Messerschmitt bimotores precisavam de mais de meia hora para atingir altitude de ataque, circulando sôbre o seu próprio aeródromo, a oito quilômetros de Dresden. A ligeira artilharia antiaérea do campo tornou-se cada vez mais nervosa à medida que chegavam de horizonte distante os ecos da formação de bombardeiros; quando um dos holofotes do campo localizou um dos aviões circulantes, a baixa altitude, tôda a artilharia leve abriu fogo contra êle. O avião ardeu em chamas. Foi o único sucesso dos artilheiros antiaéreos durante a noite: um dos cinco Me110, de tripulação-A, pilotado por um jovem sargento. Assim despreparada contra o ataque estava a Capital da Saxônia. Em tôda a Alemanha, apenas vinte e sete caças noturnos tinham decolado para lutar contra o mais poderoso reide aéreo da história.

Três dos Lancasters dos dois esquadrões de esclarecimento haviam sido equipados como aviões de ligação especial; a sua tarefa consistia em comunicar em Morse as instruções do Bombardeiro-Chefe à fôrça de bombardeiros se o equipamento de transmissão oral instalado nos nos aviões falhasse ou ficasse bloqueado. Às vêzes os operadores de radio do bombardeiro queriam operar o seu equipamento VHF para transmitir acidente, bloqueando a comunicação entre os bombardeiros e o Bombardeiro-Chefe; outras vêzes, os próprios alemães eram responsáveis. Os aviões de ligação também atuavam como meio de comunicação entre o Bombardeiro-Chefe e a base do Grupo, na Inglaterra. Previsões do tempo corrigidas e estimativa dos ventos eram permutadas entre o Bombardeiro-Chefe e a base; nessas operações, o Bombardeiro-Chefe devia fazer uma sucinta apreciação do sucesso do reide e transmiti-la para a Inglaterra, mesmo estando ainda sôbre o objetivo.

No reide a Dresden, os três Lancasters de ligação foram fornecidos pelo Esquadrão 97. No ligação 1, pilotado por um tenente, foi instalado um radiorregistrador especial para

manter um registro permanente do progresso do ataque; êsse registro devia ser apresentado dias depois à junta de contrôle dos reides, que apreciava a execução dos reides a Dresden: o Comando de Bombardeiros da RAF estava ainda ansioso por aprender de seus erros e por desenvolver e estender a sua atividade e a sua técnica.

O Mosquito do Bombardeiro-Chefe estava ainda aproximando-se da área do objetivo, quando operou em um dos dois transmissores, de voz VHF; agora, pela primeira vez, o silêncio do rádio foi quebrado sôbre a Alemanha: "Controlador ao Chefe de Sinalização: Como me ouve? Câmbio". O Chefe de Sinalização respondeu que podia ouvir claramente o Bombardeiro-Chefe, "na intensidade cinco". Uma pergunta semelhante do primeiro avião de ligação informou que as comunicações entre o Ligação 1 e o Bombardeiro-Chefe eram "bem audíveis e claras". Tôda a operação podia ser feita em linguagem comum, o código sendo somente usado para as principais ordens, como "Retôrno" ou "Missão Cancelada". Nenhum esclarecimento era exigido pelo Bombardeiro-Chefe, exceto para a ordem "Retornar à base". As nuvens cobriam ainda completamente a área do objetivo; o Bombardeiro-Chefe falou mais uma vez para o Chefe de Sinalização: "Está você ainda abaixo das nuvens?" "Não estou mais", respondeu o Chefe de Sinalização. Êle também havia perdido exatamente 6.300 metros em menos de cinco minutos; o navegador, no avião do Bombardeiro-Chefe, havia realmente sofrido terríveis perturbações no ouvido durante a descida. O Bombardeiro-Chefe, após uma pausa perguntou ao Chefe de Sinalização se conseguia ver a primeira luz verde lançada pelo Esquadrão 83. "Certo, posso vê-la. As nuvens não são muito densas". "Não", confirmou o Bombardeiro-Chefe. "A que altura você calcula a base das nuvens?" Depois de um momento, o Chefe de Sinalização respondeu: "A uns 800 metros." Era tempo de começar a sinalização. As luzes ardiam agora com muito brilho sôbre a cidade; a cidade inteira parecia serena e em paz. O Chefe de Sinalização, no seu Mosquito, inspecionava cuidadosamente o objetivo: com surprêsa, não viu nenhum holofote, nem qualquer peça antiaérea ligeira atirando. Cuidadosamente, circunvoou a cidade captando as suas comunicações.

"Voando sôbre a cidade, percebi claramente que havia grande número de edifícios, metade de madeira; isso me fazia lembrar de Shrospshire e Hereford e Ludlow. Pareciam acompanhar o rio, o qual tinha a atravessá-lo um certo número de pontes bastante harmoniosas; os edifícios tinham uma feição marcante da arquitetura da cidade."

Nos pátios ferroviários de Dresden-Freidrichstadt, pôde ver uma única locomotiva arrastando-se trabalhosamente com um pequeno número de vagões de carga. Do lado de fora de um grande edifício que identificou como o Estação Central - havia passado a tarde

em Woodhall Spa estudando o mosaico de fotografias aéreas de Dresden - havia outro penacho de fumaça, onde uma locomotiva lutava para puxar para o ar livre um trem de passageiros com alguns vagões brancos, Era tempo agora de começar a primeira corrida aos pontos de sinalização. Sôbre a Estação Central, êle estava a 650 metros de altura. Começou então a mergulhar vivamente; conservava um ôlho prudente no altímetro: as bombas indicadoras do alvo estavam preparadas para arderem barometricamente a duzentos metros. Se lançadas abaixo desta altitude podiam ou pôr fogo ao pequeno avião de madeira, ou não cascatear adequadamente.

Os seus olhos acompanhavam a linha férrea à sua saída da Estação Central, encurvando-se à direita para o rio. Exatamente à esquerda das pontes ferroviárias estava o seu ponto de sinalização; agora que estava em posição para começar a sua corrida, chamou: "Sinalizador-Chefe: Alô!" para prevenir outros sinalizadores que podiam estar começando corridas de sinalização de modo diferente; de 650 metros o Mosquito mergulhou para menos de 250 metros abrindo as portas dos depósitos de bombas ao entrar em linha reta na corrida para o alvo. O primeiro cartucho de flash espocou quando a câmara estava apontada para o Hospital Freidrichstadt de Dresden, o maior conjunto hospitalar da Alemanha Central. A câmara apanhou na sua objetiva a fotografia da bomba indicadora de alvo de 500 quilos, deslizando para fora do depósito de bombas, a sua silhuêta achatada projetando-se ameaçadoramente no alto de um pequeno edifício oblongo nos terrenos do hospital.

O Sinalizador-Chefe nivelou ràpidamente mantendo alta velocidade, pois não sabia ainda onde haveria fogo antiaéreo e porque as luzes iluminavam muito bem, tanto Dresden como o seu avião. A câmara funcionou uma segunda vez: a bomba era uma mancha escura sôbre o estádio brilhantemente iluminado. Um dos pilotos de Mosquito, que não havia sido instruído sôbre a técnica da nova câmara, disparou-a involuntàriamente, "Meu Deus, o Chefe de Sinalização vai ficar aborrecido" disse ao seu navegador. Mas nesse mesmo momento a primeira bomba sinalizadora vermelha cascateou perfeitamente num esplendor de luzes,

O Mosquito lançou-se sôbre o estádio, em direção ao rio, a 450 quilômetros por hora. A sua câmara estava fotografando regularmente uma vez por segundo. A terceira fotografia foi sôbre a linha férrea de descarga do hospital; um trem-hospital da frente oriental estava então descarregando: agora será para sempre lembrado, num pedaço de filme, antes que chegassem os bombardeiros para apagar o desvio do mapa. A quarta fotografia mostrou o Chefe de Sinalização quando estava sôbre o Rio Elba; um penacho de fumaça em forma de algodão em rama desprendia-se de uma locomotiva arrastando-se pela

linha férrea, correndo ao lado do Palácio dos Jardins Japonêses, "Sinalizador dois: Alô!" O segundo Mosquito sinalizador já estava acompanhando as ferrovias, pronto para calcular o desvio da bomba sinalizador a vermelha do Chefe de Sinalização.

Ao mesmo tempo, o Chefe de Bombardeiro testava os três estádios de Dresden no seu mapa distrital de objetivo; testou o estádio que havia sido sinalizado e anunciou sêcamente: "Você sinalizou o estádio errado." Por alguns momentos o rádio VHF somente transmitiu uma respiração ansiosa. Houve então um aliviado: "Oh não, está tudo certo, prossiga." O Bombardeiro-Chefe podia ver claramente a luz do sinalizador vermelho ardendo num brilhante lago púrpura perto do estádio. "Alô, Chefe de Sinalização" - chamou - "o indicador está a cêrca de 100 metros a leste do alvo." Êste disparo de sinalização inicial foi extraordinàriamente exato. Quando se relembra que durante a primeira noite da Batalha de Hamburgo, em 1943, os sinalizadores do Grupo de Esclarecimento estavam largamente entre meio e dez quilômetros do alvo, usando também técnica visual, pode ser julgada a diferença fundamental entre os resultados alcançados pelos dois Grupos de Bombardeiros. "Controlador para Sinalizador Chefe: Bom tiro! Continue, então, continue". Sinalizador Chefe para todos os Sinalizadores: "Continue, continue". "Sinalizador cinco para Sinalizador-Chefe: Correto?" "Sinalizador dois para Sinalizador-Chefe: Avante!"

Passavam seis minutos e meio das vinte e duas horas.

Faltavam ainda cêrca de nove minutos para a hora marcada mas o alvo do objetivo estava claro e inequivocamente assinalado. Somente restava aos outros Mosquitos descarregarem as suas bombas sinalizadoras vermelhas sôbre a que já ardia, para reforçar o brilho. A única coisa que preocupava o Bombardeiro-Chefe era a visibilidade das bombas sinalizadoras através das delgadas camadas de nuvens, especialmente para os bombardeiros Lancasters que haviam sido concentrados no grupo de maior altitude, a uns 6.000 metros; os esquadrões de Lancasters haviam sido instruídos para se aproximarem do ponto sinalizado a diferentes altitudes, para evitar colisões ao se espalharem sôbre a cidade. Um Lancaster especialmente equipado, do Esquadrão 97, havia sido colocado em posição a 6.000 metros sôbre Dresden. Era o Lancaster Verificador 3. "Controlador para o Verificador 3: Diga-me se pode ver o resplendor." "Posso ver três sinais através das nuvens" respondeu o Lancaster Verificador. O Bombardeiro-Chefe, pensando que o Verificador havia respondido referindo-se apenas a "sinais verdes" indagou: "Bom trabalho. Pode ver agora as vermelhas?" "Verificador 3 para Controlador: Vejo justamente as vermelhas."

Um depois do outro, mais dois Mosquitos avançaram e lançaram suas sinalizadoras

vermelhas sôbre o estádio. O Bombardeiro-Chefe lembrou-se de que os Mosquitos somente transportavam uma sinalizadora cada e preveniu-os para que "fôssem com calma"; podiam delas necessitar mais tarde. Eram 22h07m, faltando oito minutos para a hora marcada. A sinalização havia decorrido acima da expectativa. "Controlador para a Fôrça de Sinalização: Não mais luzes, não mais luzes." Mais um Mosquito comunicou a sua intenção de sinalizar o estádio. De maneira um tanto impaciente o Bombardeiro-Chefe comunicou a todos os sinalizadores: "Apressem-se, completem a sinalização e saiam da área." Uma brilhante concentração de sinalizadores vermelhos ardia agora em volta do estádio, cada sinalizador sendo um conjunto de luzes ardendo, espalhadas sôbre um raio de várias centenas de metros quadrados, demasiado numerosos para serem apagados, mesmo se houvesse qualquer alemão bastante corajoso para aventurar-se no que devia parecer-lhes o verdadeiro centro da área do objetivo.

Em Dresden, o transmissor de alarme aéreo Horizont estava prevenindo: "A formação de atacantes desloca-se de Martha-Heinrich 1 para Martha-Heinrich 8; as primeiras vagas da formação de bombardeiros pesados estão em Nordpo-lFreidrích, agora Otto-Freidrich 3; o seu rumo é Leste-NorteLeste". MH1, MH8, OF3 - êsses eram todos quadrados indicados na rêde impressa nos mapas do comandante da defesa antiaérea; na sua excitação, porém, o locutor havia confundido os atacantes - de fato, os nove Mosquitos da fôrça de sinalização, com os bombardeiros pesados, e vice-versa. Momentos depois, o comandante da defesa da área percebeu serem realmente os Mosquitos esclarecedores chegando da área de Chemnitz, e as formações de bombardeiros pesados aproximando-se sôbre Riesa, vindos de noroeste; imediatamente foi transmitido aviso ao Centro de Contrôle da ARP local, no subterrâneo do Edifício Altertinum. A última irradiação dêsse Centro foi um frenético: "Bombas caindo na área da cidade! Camaradas, tenham areia e água à mão!" Mas os cidadãos não haviam sido ainda prevenidos para que se abrigassem.

O Bombardeiro-Chefe fêz um teste final com o Lancaster do grupo colocado no alto: "Pode ver os indicadores vermelhos de alvo?" A resposta foi satisfatória: "Posso ver os indicadores verdes e os vermelhos." Eram 22h09m, faltavam seis minutos para a hora marcada. A sinalização estava completa e o Bombardeiro-Chefe desejou que o ataque começasse logo; o combustível de que dispunha somente lhe permitiria ficar sôbre o objetivo por mais doze minutos. Desejava assistir ao comêço do ataque e assegurar-se de que tudo corria bem.

Foi neste momento que os habitantes de Dresden, já refugiados nos subterrâneos e adegas, ouvindo assustados o barulho dos leves Mosquitos deslocando-se velozmente para diante e para trás sôbre os telhados da capital saxônia, foram pela primeira vez informados

da natureza da ameaça real à sua cidade. As 22h09m, o tinido de campainha de despertador que substituiu as irradiações durante os alertas, na Alemanha, foi bruscamente interrompido. A inconfundível voz de um excitado locutor brotou dos alto-falantes: "Atenção, Atenção, Atenção! As primeiras vagas da grande formação de bombardeiros inimigos mudou de rumo e aproxima-se agora dos limites da cidade . Vai haver um ataque. A população deve recolher-se aos subterrâneos e adegas. A polícia tem instruções para deter todos os que ficarem fora de abrigo. . . ".

No seu Mosquito, mil metros acima da cidade silenciosa, o Bombardeiro-Chefe repetia seguidamente no seu transmissor VHF: "Controlador à Fôrça Prateleira de Pratos: Comecem e bombardeiem as luzes de sinalização vermelha como planejado. Bombardeiem sinais vermelhos como planejado." Eram exatamente 22 horas, 10 minutos e meio.

O Sinalizador-Chefe chamou o Chefe de Bombardeio perguntando: "Posso agora mandar voltar a Fôrça de Sinalização?"

Ocorreu ao Chefe de Bombardeio que os alemães bem podiam ter um lugar camuflado na vizinhança; sem possuir um mapa do objetivo mostrando êsses lugares, não seria fácil eliminar a possibilidade. "Controlador para o Chefe de Sinalização: Se você ficar circulando por um momento e con servar um dos rapazes, o resto pode voltar." "Certo, Controlador. Sinalizador-Chefe para todos os sinalizadores: Voltem para casa, voltem para casa. Confirmação." Um após outro, os Sinalizadores Três, Quatro, Cinco, Seis, Sete e Oito confirmaram: "Voltando à base."

O Sinalizador-Chefe percebeu um avião que circulava com as luzes verde e vermelha de navegação ligadas. Era procurar barulho sôbre território inimigo . "Você está com as suas luzes de navegação ligadas" preveniu ao avião.

As luzes não se apagaram. Deve ter sido, de fato, um dos Me110 alemães, ainda circulando para ganhar altura; mas os Mosquitos estavam completamente desarmados e impossibilitados de derrubar o caça, não havia nada a fazer.

O Chefe de Bombardeiro ainda estava transmitindo para a fôrça principal de bombardeiros: "Controlador para a Fôrça Prateleira de Pratos: bombardeiem a concentração de indicadores vermelhos como planejado, logo que quiserem."

Os canhões que defendiam Dresden continuavam silenciosos. Nenhum esbôço de defesa podia ser visto. O Chefe de Bombardeio começou a perceber que de fato Dresden estava indefesa. Êle podia com segurança mandar que os pesados quadrimotores Lancasters bombardeassem de baixa altitude, assegurando assim uma distribuição mais regular de bombas sôbre o setor marcado para ataque. Êle chamou o Lancaster Ligação 1, o qual estava em contato Morse constante com os bombardeiros: "Diga ao avião lá do alto que

desça abaixo da nuvem média Roger." As 22h13m as bombas haviam começado a cair em Dresden. O Chefe de Sinalização chamou a atenção do Chefe de Bombardeiros para as características explosões pesadas das bombas de alto explosivo de 2.000 e 4.000 quilos, indicadas para esmagar as janelas e pulverizar os telhados dos edifícios altamente combustíveis da Cidade Velha, alguns com mais de cem anos. Uma viva chama azul quebrou a escuridão quando explodiu um feixe de bombas que caiu desviado do alvo; as tripulações concordaram depois em que certamente uma instalação elétrica deve ter sido atingida.

"Sinalizador-Chefe para Controlador: Parece que agora as bombas estão caindo bem. Câmbio," "Sim, Sinalizador Chefe. Elas parecem otimamente bem." "Alô! Fôrça Prateleira de Pratos. Êste é um bom bombardeio. Venham e alvejem os indicadores vermelhos, de acôrdo com os planos. Verificar com cuidado o desvio, todos! Alguém bombardeou muito além." "Controlador para o Sinalizador-Chefe: volte para a base, agora, se quiser. Obrigado." "Alô Controlador: obrigado, estou voltando." "Bom trabalho, Fôrça Prateleira de Pratos. Êste é um belo bombardeio", comentou o Chefe dos Bombardeiros.

Os Lancasters voaram, esquadrão por esquadrão, para o ponto sinalizado sôbre o estádio, o do resplendor das bombas vermelhas de sinalização de uma direção diferente, alguns diretamente do sul, outros próximos do leste, espalhando-se sôbre a abrasada Cidade Velha. Todo o setor em feitio de fragmento de queijo era um conjunto de incêndios coruscantes e, aqui e ali, a explosão das grandes bombas, sacudindo os destroços e despedaçando as casas, iluminava a cumieira dos telhados da cidade.

Às 22h18m, todo o setor estava coberto de bombas e uma ou duas manchas de luzes indiscretas eram visíveis nas escuras áreas exteriores. O Bombardeiro-Chefe também havia visto aquelas cargas de bombas caindo desviadas e agora êle alertava o resto da força de Lancasters: "Alô, Fôrça Prateleira de Pratos: Procurem atingir a luz vermelha. O bombardeio está indo mal agora. Localizem as luzes vermelhas, se possível, e bombardeiem de acordo com os planos". Tinha ainda três minutos para ficar sôbre a cidade. A pequena distância distinguiu algo começando a brilhar. O brilho vermelho e amarelo de uma camuflagem alemã sendo inutilmente incendiada. O que os alemães nunca compreendiam quando escolhiam locais para defesa simulada, era que uma cidade ardendo, vista do alto, era uma desordenada, turbulenta massa agitada de fumaça, explosões de fortes cargas e manchas irregulares de milhares de bombas incendiárias; as defesas simuladas alemães eram construídas em retângulos nítidos; as ardentes incendiárias exatamente espalhadas a intervalos regulares sôbre o terreno. Não obstante, cabia ao Chefe de Bombardeio verificar que nenhuma carga de bombas fôsse desperdiçada em defesas simuladas. Nessa ocasião,

não lhe pareceu que a defesa simulada merecesse o gasto de uma bomba amarela de cancelação; êle apenas transmitiu a tôdas as tripulações dos bombardeiros restantes da Fôrça Prateleir,a de Pratos: "Defesa simulada de vinte a vinte e quatro quilômetros, numa posição de 300 graus exatos do centro da cidade". Um minuto depois, repetiu o aviso:

"Termine o bombardeio ràpidamente e volte para a base. Ignore os incêndios de defesas simuladas."

Às 22h21m da noite de 13 de fevereiro de 1945, o Chefe de Bombardeio chamou o Lancaster de ligação pela última vez, ao voltar o seu Mosquito para o nôvo rumo que devia levá-lo de volta à base: "Controlador para Ligação 1: Transmita à base: Objetivo Atacado com Sucesso Ponto Plano Primitivo Ponto Através das Nuvens Ponto."

UMA CIDADE EM FOGO

A medida na qual o sucesso dêste primeiro ataque a Dresden pelo Grupo Nº 5, no fim da tarde de 13 de fevereiro de 1945, foi auxiliado pela exatidão das previsões meteorológicas sôbre a área do objetivo pode ser apreciado pela comparação com o ataque numericamente maior - 368 Halifaxes - ao conjunto de gasolina sintética de Böhlen, exatamente a 160 quilômetros de Dresden.

O Serviço de Meteorologia do Quartel-General do Comando de Bombardeiros havia previsto que a abertura nas camadas de nuvens sôbre Dresden e a Europa Central duraria sôbre aquela cidade apenas quatro ou cinco horas, Mas mesmo que as primeiras fôrças sinalizadoras se tivessem precipitado sôbre Dresden de direção aproximada do oeste, estariam entrando no meio de uma massa de nuvens durante os últimos 50 quilômetros. Sôbre a própria Böhlen, as tripulações informaram camadas de estrato-cúmulus. Somente podia ser visto o fraco brilho dos Esclarecedores de Sinalização e êles estavam largamente espalhados. Em acréscimo a esta falta de concentração de marcadores, os alemães colocaram uma série de falsos indicadores de objetivo alguns quilômetros adiante, e as tripulações dos Halifax, não sendo capazes de distinguir os detalhes do terreno, foram em grande parte iludidas, apesar dos avisos do seu Chefe de Bombardeio. O bombardeio foi disperso.

Estivessem as mesmas camadas de nuvens sôbre Dresden, exatamente quinze minutos depois, quando o Grupo de Bombardeiros Nº 5 chegou a essa infeliz cidade, o primeiro ataque não teria certamente conseguido o grau de concentração na área exigido para provocar a tempestade de fogo.

Os relatórios conservados pelo pôsto meteorológico do campo local de aviação de combate, em Dresden-Klotzsche, confirmam que não somente foi o início do ataque quase impossível, mas que as camadas de nuvens estavam igualmente fechadas à retaguarda da fôrça atacante, no fim do segundo golpe: assim, embora às 19 horas houvesse apenas um décimo de nuvens abaixo de 3.000 metros, dentro de dez minutos do fim do segundo ataque a Dresden às duas horas de 14 de fevereiro, a visibilidade era nula, tanto acima como abaixo de 3.000 metros. Dentro desta abertura nas nuvens cobrindo Dresden, exatamente prevista, o Comando de Bombardeiros devia desferir dois ataques aéreos pesados, com um intervalo de umas três horas entre um e outro. Como confirma o

Comandante de Ala M. A. Smith, o Chefe de Bombardeio do primeiro ataque: se o primeiro ataque a Dresden tivesse sido minutado para dez ou quinze minutos antes, todo o duplo golpe teria certamente falhado; os Lancasters não teriam podido ficar sobrevoando por quinze minutos esperando que as nuvens se espalhassem.

Assim estêve perto o Comando de Bombardeiros de ser defraudado do seu maior e mais importante sucesso na sua ofensiva por área contra a Alemanha, e, assim próximo estiveram os inimigos de pós-guerra da Inglaterra, de serem privados de uma das suas maiores acusações de propaganda contra nós.

Por volta das 22h30m de 13 de fevereiro, tôda a fôrça do primeiro ataque a Dresden rumava de volta à Inglaterra. Dez minutos depois de terminado o primeiro ataque, os bombardeiros deixaram bruscamente de operar Window e perdendo ràpidamente altura até atingir 2.000 metros, deslizaram por baixo do horizonte das cadeias de radar alemãs. Somente quando o Grupo Nº 5 se aproximava das linhas aliadas, num ponto a poucos quilômetros, ao sul de Strasburgo, começou uma vagarosa subida a 5.000 metros, a retirada dos bombardeiros agora coberta pelas novas ondas que chegavam sôbre a França e o sul da Alemanha - a fôrça de 529 Lancasters que devia iniciar o ataque a Dresden à 1h30m de madrugada. Desde a meia-noite, as tripulações dessas novas formações de bombardeiros vinham derramando copiosamente Window no ar, enquanto o avião subia firmemente sôbre o território ocupado pelos aliados, cruzando finalmente as linhas da frente num ponto cêrca de trinta quilômetros ao norte de Luxemburgo.

Era uma verdadeira armada de bombardeiros, transportando uma carga de bombas ainda mais pesada do que a lançada durante o milésimo reide de bombardeiros a Colonia, trinta e três meses antes. À frente da onda de bombardeiros voavam os Lancasters Iluminadores Cegos, seus depósitos de bombas carregados com bombas de tempo e pára-quedas luminosos, lanternas preparadas com magnésio e para arder à 6.000 metros, tudo isso para iluminar o terreno e permitir ao Adjunto do Chefe de Bombardeio identificar o objetivo e sinalizar o alvo. Havia os Lancasters de Sinalização Cega e os Lancasters Sinalizadores de Céu Cego; havia os Centradores Visuais, regularmente intercalados na onda de bombardeiros. Na vanguarda da fôrça atacante voavam esquadrões de aviões de combate, equipados para a luta noturna e para castigarem aeródromos alemães; infiltrados na vaga de bombardeiros estavam os Liberators e Fortalezas Voadora: do Grupo Nº 100 (contra medidas de rádio), cada um dêles conduzindo dois treinados técnicos de sinais, para tarefas cuja natureza mesmo aos outros membros da tripulação não era permitido saber e cada um carregado com toneladas de tiras metálicas Window.

Mas se a fôrça despachada para desferir o segundo golpe a Dresden naquela noite era impressionante, a disposição das tripulações não era satisfatória. Por ocasião da instrução pouco tinham sabido da natureza do objetivo que iam atacar. Na maioria dos quartéis aéreos a instrução decorreu sem comentários e os jovens tripulantes aceitavam o que os oficiais de instrução lhes diziam. Terminada a instrução, alguns dos tripulantes que haviam estado em Dresden antes da guerra lamentaram que êsse reide fôsse necessário. Para muitos tripulantes, o embaraço começou quando entravam na sala de instrução e o comandante do quartel destacou o papel pardo que cobria os mapas do objetivo e o plano das rotas na parede, em frente dêles, na extremidade da sala. A primeira reação da maioria dos tripulantes foi de receio ante a profundidade da penetração na Alemanha. Os pilotos e navegadores trocaram olhares e calcularam aproximadamente a duração de vôo para Dresden: devia ser de cêrca de dez horas. Isto seria estender os limites do Lancaster; parecia-lhes irrelevante empreender uma viagem tão longa em território inimigo para atacar o que se lhes afigurava um objetivo tão pouco importante. Muitos dos tripulantes expressavam admiração e surprêsa por não terem sido os russos solicitados a atacar êles próprios a cidade, se era tão "vital" para a sua frente.

Muitos tripulantes foram apaziguados pelos variados e imaginosos argumentos tranqüilizadores dos oficiais de Inteligência. Deve ser lembrado aqui que o Marechal-do-Ar, Sir Robert Saundby, no Quartel-General do Comando de Bombardeiros "não podia ver motivo para bombardear Dresden" pois a cidade "não estava na nossa Lista de Objetivos".

Também devem ser relembradas as declarações pós-guerra daqueles que estavam intimamente ligados às comissões que planejavam os objetivos, por exemplo, as do Departamento de Guerra responsáveis pela instrução do Chefe do Estado-Maior, General do Império, em todos os assuntos: Dresden não era certamente um centro industrial importante e a sua informação naquela ocasião era a de que não estava sendo usada, tanto como centro de transporte pelo Exército alemão como por grande número de refugiados da frente soviética. Enquanto não há dúvida de que êste conceito negativo de Dresden como objetivo para os bombardeiros estratégicos aliados era comum tanto ao Departamento de Guerra como aos círculos do Ministério do Ar e foi apoiado mesmo depois pelos oficiais mais graduados do Quartel-General do Comando de Bombardeiros, por uma ou outra razão, a informação foi deturpada quando transmitida aos próprios tripulantes. A tripulação do Grupo de Bombardeio Nº 3 foi informada: "O seu Grupo está atacando o Quartel-General do Exército alemão em Dresden." Alguns tripulantes do Esquadrão 75 relembram mesmo a descrição de Dresden como a de uma cidade fortaleza. Tripulantes foram instruídos para atacarem Dresden para "destruir as armas e os armazéns

de abastecimento da Alemanha". Foi-lhes dado a entender que era um dos principais centros de abastecimento da frente oriental. No Grupo Nº 1, a ênfase parece ter sido posta na importância de Dresden como centro ferroviário. Às tripulações foi dito que o seu alvo designado era a estação ferroviária. A informação preparada pelo Quartel-General do Grupo Nº 6, o Grupo Canadense, descrevia como "Dresden era uma importante área industrial, produzindo motores elétricos, instrumentos de precisão, produtos químicos e munições". Em poucos esquadrões foram os aviadores inicialmente prevenidos da presença de centenas de milhares de refugiados na cidade, ou de campos de prisioneiros de guerra, abrigando 26.620 dêles nos subúrbios. Parece que os oficiais de instrução nos quartéis excederam-se na imaginação; num quartel aéreo foi dito aos tripulantes que êles estavam atacando o Quartel-General da Gestapo, no centro da cidade; noutro, uma fábrica vital de munições; num terceiro, ainda, um grande conjunto de gás venenoso.

Pela primeira vez todos os tripulantes receberam envelopes Perspex contendo grandes bandeiras inglêsas, com as palavras - Eu sou inglês - bordadas em russo. Embora isto não fôsse, em certos casos, absolutamente certo - todos os esquadrões australianos da fôrça figuravam na operação noturna - era o melhor que o Comando de Bombardeiros podia oferecer aos aviadores, para a segurança pessoal, na eventualidade de serem forçados a descer atrás das linhas russas: não lhes ofereciam outro confôrto, mas preveniam que o soldado russo comum tinha o costume de alvejar à vista militares estrangeiros, revestidos ou não de bandeira inglêsa.

A sessão terminou com instruções completas sôbre a técnica em uso de sinalização pelos Esclarecedores, os sinais de chamada para a fôrça principal e Chefe de Bombardeio e avisos gerais. Os tripulantes foram prevenidos pelos respectivos Chefes de Bombardeio para que identificassem com cuidado as luzes dos indicadores de objetivos, não somente para não confundi-las com as dos indicadores falsos dos alemães, mas também porque como Dresden estaria "provàvelmente ardendo" os sinalizadores poderiam ser dissimulados pelos incêndios. Bôlo de queijo, foi o nome dado para o Bombardeiro-Chefe e Faça Fôrça, para a Fôrça Principal de Lancasters; quando êste foi anunciado, explodiu a costumeira onda de risadas - havia uma expressão usada na RAF que justificava perfeitamente aquela atitude. E ela persistiu na verdade entre os tripulantes do Comando por muitas semanas: para várias das maiores operações na Alemanha, o nome de chamada dos bombardeiros foi Faça Força. Foi sômente com o reide a Dresden que alguns detalhes de rotina na instrução foram omitidos. Normalmente, quando um esquadrão era instruído para o que considerava um objetivo importante, êles davam um hurra quando o comandante assomava à tribuna para falar, mesmo quando o objetivo era difícil, como

Hamburgo ou Berlim. No caso de Dresden, não houve hurras. Com Dresden parecia haver uma definida e talvez propositada falta de informações sôbre a cidade e a natureza de suas defesas. Por mais encorajados que estivessem com as notícias de Quartéis-Generais da Gestapo e conjuntos de gás venenoso, muitos tripulantes sentiam-se mal quando ouviam falar dos refugiados. Um dos esquadrões do Grupo Nº 100, (contra medidas de rádio) foi totalmente instruído sôbre a natureza do objetivo; o oficial de Inteligência tendo mesmo sugerido, provàvelmente não a sério, que o verdadeiro objetivo do reide era matar o maior número possível de refugiados sabidamente abrigados na cidade e de espalhar pânico e caos por trás da frente oriental. Essa observação, porém, não encontrou acolhida favorável e o esquadrão unânime resolveu limitar a cooperação apenas às ordens recebidas: era costume ainda que as tripulações dos bombardeiros levassem pedaços de concreto, fragmentos de metal e garrafas velhas, que jogavam nas aldeias e cidades que sobrevoavam. Para demonstrarem o seu desagrado pela missão resolveram, por unanimidade, omitir essa prática naquela noite. Essa reação à operação da noite não foi, porém, de nenhum modo, geral no Comando de Bombardeiros; especialmente em quartéis onde a verdadeira natureza da cidade havia sido obscurecida, a reação foi, como a descreveu um bombardeador, a habitual brincadeira despreocupada, provàvelmente para mascarar a preocupação com a distância até o objetivo.

Ao contrário da maioria dos ataques aéreos a objetivos alemães nesta fase da guerra, a fôrça transportava cêrca de 75 % de incendiárias. Enquanto foi julgado útil, no comêço da guerra, empregar largamente bombas incendiarias nos ataques, explorando a fácil combustibilidade do objetivo, as cidades alemãs foram atacadas, uma a uma, bombardeadas e destruídas e no Ruhr dificilmente era encontrada uma cidade na qual centenas de acres não tivessem sido transformados num incombustível amontoado de destroços. Por essa razão, as cargas de bombas sempre incluíram larga proporção de altos explosivos, já que a utilidade das incendiárias havia caído.

No caso de Dresden ocorreu o contrário: o objetivo era virtualmente uma cidade virgem e o completo tratamento "Hamburgo" podia ser empregado contra ela: primeiro as janelas e telhados seriam despedaçados pelas bombas altamente explosivas; cairiam então as incendiárias, pondo fogo nas casas que atingissem, levantando uma chuva de fagulhas, as quais, penetrando pelos tetos desmantelados e pelas janelas despedaçadas, levariam o fogo às cortinas, tapêtes, móveis e ao madeiramento dos telhados.

As vagas de bombardeiros no segundo ataque sômente necessitavam transportar suficiente carga de bombas altamente explosivas para espalhar os incêndios e conservar baixa a cabeça dos bombeiros. Assim a carga de bombas do Grupo de Bombardeio Nº 3

estava dividida em dois tipos: uma onda incluía em cada carga uma bomba arrasa-quarteirão altamente explosiva, de 2.000 quilos, e cinco cachos de incendiárias, de 400 quilos; a segunda onda levava uma bomba altamente explosiva, para fins gerais, de 250 quilos e os cachos de 400 quilos; no Grupo Nº 1 a carga de bombas era ligeiramente diferente, as bombas incendiárias sendo mais usualmente lançadas de pequenos depósitos de bombas - compartimentos metálicos no depósito de bombas, nos quais estavam armazenadas as bombas incendiárias de termite, hexagonais, de 21 polegadas de comprimento, pesando 2 quilos as quais eram lança das a favor do vento, sôbre o objetivo; estas chuvas de pequenas bombas constituíam um perigo para os outros aviões sôbre a área do objetivo e não possuíam propriedades balísticas, o que impedia pontaria exata. Não obstante, para objetivos como Dresden, onde a finalidade era incendiar o mais possível da cidade, essas incendiárias, espalhadas em tôdas as direções sôbre o objetivo, conseguiam um efeito útil indiscriminado. O Grupo de aviões Nº 1 transportava dezessete daqueles compartimentos metálicos e uma bomba de 1.000 quilos por avião; outra variação era uma bomba de 2.000 quilos com 12 compartimentos de incendiárias. Ao todo, existiam 650.000 bombas incendiárias nos depósitos de bombas e compartimentos dos Lancasters que atacavam Dresden. Nenhum dêles transportava "bombas de fósforo"; esta alegação foi um aspecto da propaganda comunista da Alemanha Oriental depois da guerra. Tôda a fôrça foi abastecida com o máximo de combustível, 2.154 galões de petróleo cada um. Depois que os motores foram testados e postos a funcionar e os bombardeiros taxiaram de suas áreas de dispersão até a extremidade da pista, os encarregados do abastecimento ficaram esperando para encherem os tanques uma segunda vez. Por duas horas, depois da saída dos tanques de gasolina, ficaria no interior do aeródromo o forte cheiro de gasolina.

A temperatura havia caído consideràvelmente sôbre o Continente e muitos aviões estavam embaraçados devido à geada. As chamas azuis de fogo de São Elmo, fenômeno de eletricidade estática, brincavam ao longo dos eixos dianteiros das asas e em tôrno dos tripulantes sacudidos. Em muitos aviões, o frio era tão intenso que o pilôto automático deixava de funcionar e obrigava os pilotos a nove horas de vôo com contrôle manual. Felizmente, entre a fronteira alemã e o objetivo havia um espêsso colchão de nuvens que manteve em terra muitos dos caças noturnos inimigos. Logo depois de passarem ao sul do Ruhr, começou o fogo antiaéreo; muitos tripulantes viram a barragem antiaérea levantando-se sôbre as cidades do Ruhr. Começava a primeira das fintas aplicadas pelo Comandante dos Esclarecedores, o Vice-Marechal-do-Ar Bennett: um pequeno ataque a Dortmund por Mosquitos da Fôrça Ligeira de Ataque Noturno. Seis bombas de alto explosivo foram lançadas, das quais duas deixaram de explodir. Em adição, os Liberators

do Grupo Nº 100, suas tripulações cascateando Window no ar, patrulhavam o paralelo 8 1/2 leste de longitude, formando uma cortina que o sistema alemão de radar não podia transpor. Em Chemnitz, as camadas de nuvens passaram a distância. Chemnitz - agora Karl-Mark-Stadt - não estava absolutamente assinalada nos mapas dos Comandantes de Avião usados pelos pilotos; talvez por êsse motivo alguns não se preocupavam em evitar ali as áreas de defesa antiaérea. Quando a onda de bombardeiros, até agora parcialmente espalhados e longe atrás da fileira de Gee, emergia das formações de nuvens e passava pela cidade pesadamente defendida, com a sua enorme fábrica de motores de tanques Siegmar, tôdas as baterias antiaéreas abriram fogo. Vários Lancasters foram atingidos, mas controlados para completarem o vôo a Dresden. Perderam-se três Lancasters, um dêles numa colisão.

A distância, os aviadores não podiam ver claramente os incêndios provocados pelo ataque do Grupo Nº 5. Na verdade, os incêndios tinham sido visíveis de uma distância superior a cinqüenta milhas. Algumas das tripulações dos Esclarecedores admitem agora terem ficado chocadas ao ver a cidade em chamas; êste sentimento é explicado pela viva rivalidade então existente entre o Grupo Nº 8, os Esclarecedores oficiais, que lideravam o segundo ataque, e o Grupo Nº 5, que havia com tanto sucesso iniciado êste duplo golpe. "O Grupo Nº 5 era por nós conhecido como "Pilhadores de Lincolnshire" ou como "Fôrça Aérea Independente". Estávamos irritados vendo o sucesso que obtinham." Embora isto pareça insensibilidade, tendo em vista os horrores em terra, testemunha a honestidade dos tripulantes do bombardeiro que fizeram estas declarações, sem as quais êste capítulo do livro não teria sido possível.

Ao contrário dos Mosquitos e da Fôrça Sinalizadora do Grupo Nº 5, os Esclarecedores do segundo ataque não dispunham de equipamento Loran e, se o primeiro golpe não tivesse tido êxito, é improvável que tivessem conseguido a necessária concentração no objetivo; na realidade, o ataque começou apenas poucos segundos depois.

A hora marcada para o segundo ataque a Dresden foi 1h30m da madrugada. A 1h23m, os Lancasters Iluminadores Cegos soltaram os seus feixes de luzes sôbre o alvo e à 1h28m chegou o Chefe de Bombardeio; para seu espanto verificou que todo o centro da cidade estava sendo devastado por um violento dilúvio de fogo, impedindo-lhe a identificação clara do alvo; um forte vento sudoeste soprava abaixo, e o pesado manto de fumaça da cidade abrasada obscurecia toda a parte oriental da mesma.

A 1h30m, chegou o Adjunto do Bombardeiro-Chefe e também achou que o alvo estava velado pelos incêndios e pela fumaça; como os dois Chefes de Bombardeio haviam previamente acertado entre si que o Adjunto faria a primeira corrida de sinalização, o

Adjunto, Comandante de Ala H.J.F. Le Good, telefonou para o Chefe de Bombardeio, Chefe de Esquadrão C.P.C. de Wesselow, para consultá-lo sôbre uma tática de sinalização alternativa; a questão consistia em saber se as tripulações deviam ser prevenidas para concentrarem as suas bombas na área já incendiada ou se o ataque devia ser espalhado.

Como estivesse fora de cogitação, mesmo com as fortes luzes do Iluminador, identificar os alvos através das nuvens de fumaça e incêndios, o Chefe de Bombardeio decidiu finalmente pela segunda eventualidade, ou seja, a principal fôrça de bombardeio seria concentrada nas áreas não afetadas pelo primeiro ataque; portanto as luzes do Adjunto Chefe de Bombardeio não foram usadas para sinalizar o alvo; êle (e os Centradores Visuais apoiando-se nêle) sinalizaram primeiro de um lado e depois de outro da área da tempestade de fogo com os cachos de indicadores de alvo vermelhos e verdes, a sua única preocupação sendo a de garantir que o bombardeio não se tornaria muito difuso. O bombardeador do avião do Comandante Le Good anotou depois no seu livro de bordo: "13/14 fevereiro, 1945, Dresden. Defesas nulas, transportados seis indicadores vermelhos de objetivo e quatro bombas H. E. de 250 quilos; fumaça do primeiro ataque evitou sinalização do alvo."

O próprio Comandante de Ala Le Good, um australiano, assinalou: "13/14 de fevereiro, 1945, Dresden. Limpo sôbre o objetivo, pràticamente tôda a cidade em chamas. Nenhuma defesa antiaérea." O Chefe de Bombardeio e o seu Adjunto, conversaram, enquanto estavam sôbre o objetivo, sôbre parques ferroviários, mas o Adjunto não podia vê-los bem apesar de ter ido, a favor do vento, até a área do incêndio; o Chefe de Bombardeio, contudo, irradiando no modêlo R/T para as tripulações da fôrça principal Raça Força, mandou que bombardeassem antes à esquerda do que à direita, portanto sôbre os incêndios e as áreas sinalizadas. Ambos os Chefes de Bombardeio permaneceram sôbre a área do objetivo, durante os vinte minutos de duração do ataque. O Lancaster do Chefe de Bombardeio de Wesselow circunvoou o objetivo durante cêrca de três quartos de hora e o seu navegador quase rasgou o mapa de bordo tantas vêzes teve que apagar a hora do início do caminho de volta.

"Como relembro - escreveu mais tarde o navegador de Wesselow - Dresden estava indefesa e isto contribuiu para a decisão dos pilotos de descerem da altitude operacional de 6.000 metros para 2.000. O compartimento do navegador num Lancaster tinha a duplicata de alguns instrumentos e foi consternado que percebi as constantes modificações de rumo e ao mesmo tempo a nossa acentuada descida de altitude. Não era usual em vôos operacionais que o navegador prestasse atenção ao objetivo, pois estávamos em geral tão absorvidos nos detalhes de navegação para afastar-nos do objetivo, que o momento não era

oportuno para inspeção. Mas nessa ocasião, olhei: nunca havia visto tamanha destruição; nessa ocasião havíamos descido a 2.000 metros e a fumaça envolvia o avião. Lembro-me de ter dito de mim para mim que éramos provàvelmente os mais buliçosos macacos jamais vistos em loja de louça. Sofremos o corcovear resultante da forte turbulência a baixa altitude.

Quando Wesselow, o Chefe de Bombardeio, se afastava, verificou de nôvo os parques ferroviários e desta vez foi capaz de observar em detalhe o efeito dos reides sôbre êles; o diário de bordo do Esquadrão assinala que no seu interrogatório após o reide êle declarou que "os pátios ferroviários a sudoeste não tinham sofrido maiores danos".

Em algumas áreas de Dresden, as sirenas soaram, mas em muitos distritos a energia elétrica foi interrompida no primeiro ataque e o segundo pegou a população inteiramente de surprêsa. Quando os Lancasters Iluminadores cruzavam Dresden em chamas, minutos antes da hora marcada, os bombardeadores podiam ver as estradas e Autobahn levando a Dresden, cheias de movimento. Longas colunas de carroças de carga, de faróis acesos, arrastavam-se em direção à cidade. Deviam ser os comboios de carroças com abastecimentos e as brigadas de bombeiros chegando das outras cidades da Alemanha Central; evidentemente, o segundo tempo da estratégia de duplo golpe de Harris estava sendo efetivo: o aniquilamento, não apenas das defesas passivas de Dresden, mas também de grande número de fôrças chamadas de cidades vizinhas.

"Foi a primeira vez que lamentei os alemães (conta o bombardeador de um Lancaster pertencente ao Esquadrão 635). Mas o meu pesar demorou apenas poucos segundos; a tarefa era ferir o inimigo e feri-lo muito duramente."

Lancasters da Fôrça lIuminadora Cega iluminaram antes disso tôda a área com os seus feixes de pára-quedas luminosos.

Do ponto de vista alemão, o início de um ataque maciço a uma cidade, precedido pelas vagas de Esclarecedores, deve ter sido um espetáculo de mau augúrio: os indicadores de objetivos descendo em oscilantes cascatas, faiscavam envoltos em névoa sôbre a cidade destruída, com terríveis resultados. As tripulações dos bombardeiros haviam sido instruídas para que procurassem logo êsses indicadores descendo sôbre o objetivo; mas as luzes raramente eram necessárias. A 1h24m da madrugada de 14 de fevereiro de 1945 não havia absolutamente dúvida entre os tripulantes de que estavam realmente sôbre Dresden. De ponta a ponta, a cidade era um mar de fogo. O Grupo Nº 5 havia usado uma alta proporção de incendiárias e, além disso, ali soprava um vento forte. "A cidade estava tão iluminada", escreveu depois um aviador no seu diário ,"que víamos tudo em volta de nosso avião e também os nossos próprios rastros de vapor."

“O fantástico fulgor de trezentos metros adiante aumentava cada vez mais vivamente à medida que nos encaminhávamos para o objetivo”, escreveu outro, piloto judeu do Grupo Nº 3, “A 6.000 metros podíamos ver detalhes no brilho sobrenatural nunca visto; pela primeira vez em muitas operações tive pena da população em terra” .

O navegador de outro avião do mesmo Grupo, escreve: “Era hábito meu nunca deixar o meu assento, mas o meu comandante chamou-me nessa ocasião especial para que viesse dar uma olhada. O aspecto era realmente fantástico. Vista de uns 6.000 metros de altitude, Dresden era uma cidade com cada rua explodindo em fogo.”

Um engenheiro de vôo do Grupo Nº 1 descreve o clarão lembrando que podia escrever o seu mapa de bordo à luz dos reflexos que enchiam tôda a fuselagem.

“Confesso ter olhado ràpidamente para baixo quando as bombas caíam”, lembra um bombardeador de outro bombardeiro do Grupo Nº 1, “e vi o aspecto chocante de uma cidade em fogo de um a outro extremo. Uma densa fumaça podia ser vista afastando-se de Dresden e permitindo uma perspectiva da cidade brilhantemente iluminada. A minha reação imediata foi uma atordoada comparação entre as ruínas em terra e os avisos dos evangelistas, nos meetings de Gospel antes da guerra.”

Podia-se esperar que as chamas dos indicadores de alvo ardessem durante uns quatro minutos cada um. Por êsse motivo, a chegada dos bombardeiros de enquadramento visual foi programada para que ocorresse a intervalos de 3 a 4 minutos, durante o ataque a Dresden. Poucas tripulações da fôrça principal conheciam a natureza dos alvos que atacavam; a menos que tivessem tido o trabalho de estudar os mapas e os planos do Serviço de Inteligência, na instrução da tarde anterior - e poucas tripulações estavam afiadas a êsse ponto – contentavam-se em apontar para as luzes lançadas pelos Esclarecedores, e em seguir as instruções irradiadas pelo Chefe de Bombardeio:

“O Chefe de Bombardeio voava muito abaixo de onde estávamos” - lembra um pilôto do Grupo Nº 3 - “Ele dirigia cada onda de ataque separadamente e estava muito ansioso para que não desperdiçássemos as nossas bombas em distritos já muito incendiados.”

Os bombardeadores estavam empenhados em saber como poderiam estar destruindo a estação ferroviária ou um Quartel-General do Exército alemão, ou mesmo o edifício da Gestapo ou fábrica de gás venenoso, o que haviam recebido com tanto entusiasmo, se o Chefe de Bombardeio estava constantemente ordenando à fôrça principal que lançasse as suas bombas em diferentes partes da cidade. Uma área que se recusava obstinadamente a incendiar-se era o Grosser Garten, o grande parque retangular de Dresden, comparável em tamanho ao Hyde Park, de Londres. Muitas toneladas de bombas foram gastas em inúteis

tentativas de incendiar o parque junto com o resto da cidade; as nuvens de fumaça espalhando-se para leste, sôbre a cidade, obscureciam esta parte da área do objetivo.

Pela segunda vez a fôrça de caças noturnos alemães foi paralisada. Desta vez, a dificuldade não consistia em falta de combustível, ou de preparação concernente aos aeródromos. Os pilotos dos caças noturnos no Aeródromo de Klotzche podiam ver claramente os grandes incêndios ardendo em Dresden, menos de oito quilômetros ao sul. Quando recebiam notícias, através do débil Canal Drahtfunk, de que outra fôrça se aproximava da Alemanha Central, vinda do sul, não havia um único aviador que duvidasse de que também o segundo ataque visava Dresden, tão claramente visível como um farol. De repente, o Comandante do Campo ordenou que tôdas as tripulações ficassem em estado de alerta, nos seus Me110. O pessoal de terra, alerta, preparando o equipamento de partida.

A 0h30m, a iluminação exterior e os refletores brilharam intensamente silhuetando brilhantemente as centenas de aviões reunidos em tôrno do perímetro do campo; esquadrões completos de aviões de combate e de transporte haviam sido encaminhados para Klotzsche, da frente oriental, por segurança, para evitar-lhes a destruição. Mas os refletores não eram para os caças noturnos. O Pôsto de Comando informou que um vôo de aviões de transporte era esperado de Breslau, então atacada pelos exércitos do Marechal Koniev. Os refletores somente podiam ser interrompidos de tempos a tempos. As tripulações de combate protestavam dizendo que todo o campo podia ser destruído se as tripulações dos bombardeiros vissem isso. O Comandante foi inflexível. Os refletores acendiam e apagavam como se convidassem os aviões inglêses a atacar.

Contudo, os dezoito caças Messerschmitt, abastecidos e municiados, estavam então prontos, aguardando na pista. Nessa ocasião era claro que teriam tempo mais que suficiente para atingir altitude de ataque. Mas, antes das dez, passaram-se então vinte, trinta minutos do primeiro alarme dado por Drahtfunk e ainda não havia sido disparado o foguete verde.

"Assim, esperávamos por nosso destino, sentados em nossas cabinas" lembra amargamente um dos pilotos de caças noturnos. "Impotentes, assistimos a todo o segundo reide a Dresden. Os aviões esclarecedores inimigos lançavam as suas Arvores de Natal exatamente em cima de nossas cabeças, iluminando brilhantemente o aeródromo, transbordando de aviões transferidos da frente oriental.

Os bombardeiros passavam sôbre as nossas cabeças, onda após onda, as bombas caíam assobiando na cidade. Os projetores ainda acendiam e apagavam esperando pelos aviões de transporte de Breslau.

Esperávamos a cada momento que os aeródromos fôssem varridos. Os nervos

esgotados de alguns dos técnicos e tripulantes de terra não suportaram mais: abandonaram os seus postos e correram para os abrigos. Não podíamos pensar que os aeródromos não seriam destruídos, mas, aparentemente, os tripulantes haviam recebido ordens e deviam cumpri-las; os aeródromos não podiam ter sido incluídos nos seus planos de objetivos. Em situação oposta, uma tripulação alemã dificilmente teria a disciplina necessária para deixar de atacar um objetivo exposto dessa maneira, justo na área do objetivo, ainda que o mesmo não tivesse sido mencionado em nossas ordens originais.

O foguete verde ainda não havia sido disparado. Os pilotos dos Me110, cujo pessoal de terra havia desertado, saíram resolutamente de suas cabinas; então os outros tripulantes os seguiram. O ataque a Dresden estava terminado. Tinham presenciado todo o espetáculo, de um aeródromo distante 8 quilômetros e não haviam sido capazes da menor iniciativa de defesa. O Comandante do Campo, que, por iniciativa própria, havia ordenado o embarque dos tripulantes, agora admitia cansadamente que não havia conseguido comunicar-se com Berlim-Döberitz para obter permissão para fazer levantar o esquadrão. As linhas telefônicas através de Dresden – explicou - estavam mudas; e por qualquer razão o canal de rádio de ondas curtas entre Döberitz, Quartel-General da 1 Divisão de Combate, e o aeródromo, estava fora de uso. As linhas telefônicas, naturalmente, passavam através da Cidade Velha de Dresden; as comunicações de rádio inimigas haviam sido bloqueadas durante cada grande ataque noturno desde a participação do Grupo Nº 100 (contra medidas de rádio), em novembro de 1943."

O pilôto alemão lembra no seu diário:

"Conclusão: um grande ataque a Dresden, a cidade foi reduzida a fragmentos. Nós devíamos ficar perto e olhar. Como pode ter sido possível uma tal coisa? O povo aludia cada vez mais a sabotagêm, ou pelo mênos a um derrotismo irresponsável entre os "Cavalheiros" do Comando. Tenho a impressão de que as coisas caminham ràpidamente para o fim. Que sucederá? Pátria infeliz!"

As defesas de terra estavam completamente silenciosas; muitos tripulantes de Lancasters ficaram espantados com a falta de reação. Muitas tripulações preferiram sobrevoar a cidade em chamas várias vêzes, não sendo perturbadas por qualquer espécie de defesas. Durante dez minutos um Lancaster equipado com câmaras de filmagem sobrevoou o objetivo filmando tôda a cena embaixo para a Unidade de Filmes da RAF. Os cento e poucos metros de filme, agora arquivados na filmoteca do Museu de Guerra Imperial, são um dos registros mais completos em horrores oriundos da Segunda Guerra Mundial. Mas o filme mostra um notável fenômeno físico, causado pela combinação do

frio extremo na altitude dos aviões e as condições similares às causadas por uma tempestade de trovões e relâmpagos produzida pelos violentos redemoinhos sôbre a cidade em fogo: trechos do filme são marcados por linhas denteadas de eletricidade estática dentro da câmara. E êste filme fornece a evidência conclusiva final de que Dresden estava indefesa; nenhum holofote, nenhuma defesa antiaérea apareceu em tôda a extensão do filme. "Quando chegamos à área do objetivo, no fim do ataque, era evidente a destruição da cidade", lembra o pilôto de um Lancaster do Grupo Nº 3, atingido e atrasado por fogo antiaéreo sôbre Chemnitz. Inicialmente instruído para chegar a Dresden cinco minutos antes do fim do ataque, o seu Lancaster estava agora dez minutos atrasado. Certamente foi êste o último avião sôbre o objetivo.

"Havia um mar de fogo cobrindo, ao que pude avaliar, uns 60 quilômetros quadrados. O calor subindo da fornalha embaixo podia ser sentido na minha cabina. O céu estava brilhantemente colorido de vermelho e branco e a luz no interior do avião era a de um suave pôr de sol do outono. Estávamos tão aterrorizados com as assustadoras chamas que, embora sózinhos sôbre a cidade, sobrevoamos guardando distância por muitos minutos antes de empreender o caminho de regresso, completamente subjugados pelo que imaginávamos quanto ao horror que devia estar acontecendo embaixo. Trinta minutos depois de partir, ainda podíamos ver as chamas do fogaréu."

Outro pilôto do Grupo Nº 3, no caminho de regresso, ficou tão impressionado pelo persistente brilho vermelho do céu, atrás dêle, que verificou com o navegador a posição do avião: estavam a mais de 200 quilômetros de Dresden. Ao invés de diminuírem, as chamas distantes no horizonte pareciam cada vez mais brilhantes. No seu diário, o pilôto anotou depois:

"Era a primeira vez que a RAF bombardeava a cidade - penso que não tenha que fazê-lo de nôvo."

Até o Ministério do Ar ficou impressionado com a quantidade de incêndios provocados em Dresden. Um comunicado do Ministério do Ar informou que os incêndios eram visíveis a "cêrca de trezentos quilômetros do objetivo". Aproximadamente 650.000 incendiárias foram lançadas na cidade, isoladas e em feixes. Centenas de 2.000 e 4.000 quilos estavam nos depósitos de bombas. A princípio foi anunciado que as operações da noite, das quais participaram 1.400 aviões do Comando de Bombardeiros, haviam custado apenas dezesseis aviões, uma perda de pouco mais de 1 % .

Mas, às 20h20m do dia seguinte, as baixas haviam caído para seis Lancasters; dez tinham aterrado por falta de combustível, no Continente. Um foi perdido no ataque a Böhlen e dois em Dresden - um dêles atingido por bombas caindo de aviões acima. Três

outros foram derrubados a caminho. O mais frutuoso reide noturno na história do Comando de Bombardeiros, cobrindo a mais profunda penetração na Alemanha, tinha sido realizado ao custo de perdas inferiores a meio por cento.

Às 6h49m da manhã de quarta-feira, 14 de fevereiro de 1945, o comunicado do Ministério do Ar começou a crepitar nos teletipos através do mundo de fala inglêsa:

"Urgente: Na noite passada o Comando de Bombardeiros despachou 1.400 aviões Ponto O principal objetivo foi Dresden Ponto Mensagem termina às 6h50m. 14-2-1945:'

Para Dresden porém não foi o fim. Para Dresden, o ataque estava exatamente começando de nôvo. Uma nova fôrça de bombardeiros americanos já estava voando. O principal objetivo para as 1.350 Fortalezas Voadoras e Liberators seria de nôvo mais uma vez Dresden. O terceiro ataque pesado em quatorze horas estava a caminho.

O TRIPLICE GOLPE COMPLETO

Em Moscou, a notícia de que Dresden seria atacada pelas Fôrças Aéreas inglêsa e americana foi recebida sem comentários pelo Estado-Maior Geral do Exército soviético. A 12 de fevereiro de 1945, o chefe da seção de aviação da Missão Militar americana em Moscou, Major-General Edmund W. Hill, anunciou ao Estado-Maior que a Oitava Fôrça Aérea atacaria parques ferroviários em Dresden na manhã de 13 de fevereiro. Mas, como vimos, embora as tripulações americanas fôssem instruídas para esta missão, as condições atmosféricas haviam, aparentemente, forçado o cancelamento da operação.

"Como se vê desta comunicação" - escreveu um histofiador soviético ao autor - "os aliados sómente informaram ao Comando Soviético de sua intenção de bombardear os parques ferroviários de Dresden. Ataques maciços à área da própria cidade não foram comunicados ao Estado-Maior do Exército soviético."

Não obstante, o Exército soviético deve ter sido perfeitamente avisado das implicações de um ataque em grande escala por bombardeiros inglêses e americanos aos parques ferroviários, do que êles próprios sabiam dos reides aliados a um grupo de outros centros ferroviários alemães. No dia seguinte, 13 de fevereiro de 1945, o Major-General Hill anunciou de nôvo que, se as condições do tempo o permitissem, a Oitava Fôrça Aérea atacaria no dia seguinte os pátios ferroviários em Dresden e Chemnitz. A 14 de fevereiro, as condições atmosféricas foram favoráveis nas primeiras horas da manhã e a ordem executiva foi dada pelos comandantes da Fôrça Aérea americana para o ataque a Dresden, o terceiro golpe à cidade em quatorze horas; um ataque quase simultâneo devia ser desferido a Chemnitz, 50 quilômetros a sudoeste. O ataque a Chemnitz devia preparar para uma renovada ofensiva noturna pelos bombardeiros de Sir Arthur Harris na mesma noite. Assim, Chemnitz devia sofrer o destino primitivamente planejado para Dresden - o ataque americano precedendo um duplo golpe inglês. Será importante por isso considerar adicionalmente a execução e fracasso do ataque a Chemnitz na noite de 14 de fevereiro, para julgar como também Dresden estêve perto de escapar da destruição total.

Um pilôto de bombardeiro americano escreveu em seu diário, naquele dia: "Fevereiro 14, 1945, Dia de São Valentim. Foi uma surprêsa ser acordado esta manhã para uma missão. O grupo devia ser inspecionado pelo Comandante Geral da 3ª Divisão de Bombardeio e tínhamos como certa a dispensa. Evidentemente, o alvo era de tal

importância que fomos dispensados da inspeção para voar."

Mesmo antes que os Lancasters do Comando de Bombardeiros, de retôrno, cruzassem a costa inglêsa, o pessoal de vôo de mais de 1350 Fortalezas Voadoras e Liberators e de todos os quinze grupos americanos de combate, estavam a postos para a habitual refeição de antes da partida, constante de ovos e café; a instrução começou às 4h40m da madrugada de 14 de fevereiro, muito antes que a aurora surgisse sôbre os gelados campos da Inglaterra oriental. A 1ª Divisão Aérea devia desfechar êste terceiro golpe a Dresden com uma fôrça de umas 450 Fortalezas Voadoras. Mais uma vez ainda os bombardeiros mais pesados, com capacidade máxima de transporte de bombas, foram dirigidos para Dresden: todos os demais foram despachados para tarefas secundárias para Magdeburg, Wesel e Chemnitz. Mais uma vez de nôvo o problema que preocupava os chefes de navegação foi o de como evitar falhas de orientação que pudessem levar as Fortalezas para trás das linhas russas. Para a Operação-Dresden resolveram encaminhar os bombardeiros para um Ponto Inicial no Rio Elba, os bombardeiros penetrando em território ocupado pelo inimigo, sôbre Egmond, na costa holandesa e marcando encontro com grupos de Mustangs P-51 num ponto ao sul do Zuider Zee. Grupos de caça deveriam acompanhar e escoltar as formações de bombardeiros, voando nas suas estreitas cabinas de 36-40 dos aviões fortemente armados, para Quakenbrück, a sudoeste do Bremen; de Quakenbrück, as formações de bombardeiros deveriam voar para sudeste por exatamente 300 quilômetros em linha reta dirigindo-se à Höxter para Probstzella. As formações de Liberators de Magdeburg deviam seguir a mesma rota e divergir de um ponto perto de Höxter numa direção que tanto os levaria a Magdeburg como a Berlim. As 450 Fortalezas da 1ª Divisão Aérea destacadas para a missão Dresden, acompanhadas por umas 300 outras da 3ª Divisão Aérea atacando Chemnitz, deveriam então orientar-se em direção nordeste para seus respectivos objetivos. Chemnitz distava 170 quilômetros ou mais das linhas russas e o perigo de erros de navegação não era muito grande. No caso de Dresden, os chefes de navegação no Grupo de Bombardeio foram instruídos para rumar para Torgau, oitenta quilômetros ao norte de Dresden, no Rio Elba. De Torgau, somente precisariam orientar-se para o sul, para a primeira grande cidade com um rio ondulando através dela; deveria ser Dresden. Deviam atacar a estação ferroviária, na área da Cidade Nova. Parece que as tripulações não foram instruídas para que procurassem um manto de fumaça sôbre a cidade; na verdade, os alemães gostavam tanto de instalar falsos indicadores de objetivo que os chefes do bombardeio dos grupos foram prevenidos para que sómente se orientassem pelos dados de navegação dos tripulantes, desprezando o aspecto do objetivo embaixo. A instrução somente num aspecto foi incomum: as defesas antiaéreas de Dresden

foram referidas como de "moderadas, a pesadas, a ignoradas". Somente houve outra instrução semelhante: foi para Royan, na França, onde as defesas antiaéreas protegendo uma fortaleza alemã foram dadas como "ignoradas". O sinal de chamada para os bombardeiros foi anunciado: Vinhedo. Se o tempo fechasse muito sôbre o continente, a palavra de código para a Operação-Dresden seria Cravo. Os vôos dos caças de escolta seriam identificados por vários nomes de código: Colgate, Martiní, Sweepstakes, Serrote e Roselee, entre outros.

É interessante assinalar que, embora o Objetivo do tríplice golpe contra a capital saxônia fôsse destruí-la e impossibilitar o seu uso pelos alemães como centro administrativo, os bombardeiros foram avisados de que estavam bombardeando "instalações ferroviárias"; o General Carl F. Spaatz, Comandante-em-Chefe da 8ª Fôrça Aérea, havia até aqui resistido firmemente a tôdas as propostas de tentar aterrorizar as alemães para que capitulassem. A 1º de janeiro de 1945, o General Baker o havia prevenido contra o envio de bombardeiros pesadas para o ataque a objetivos de transporte em pequenas cidades alemãs, pois isto provacaria muitas baixas civis e os alemães poderiam convencer-se de que os americanos eram bárbaros, tal como a propaganda nazista acusava:

"Nunca permitiremos que a história desta guerra nos convença a lançar bombas estratégicas no homem na rua." Não obstante, se êsses eram os sentimentos nos primórdios de janeiro de 1945, a primeira semana de fevereiro mostrou o que seria provàvelmente o resultado de qualquer ataque cego em grande escala, especialmente num objetivo pequeno, no centro de uma área residencial. O 3º ataque de fevereiro a "'Objetivos ferraviários e administrativos", em Berlim, o qual provocou a morte de uns 25.000 civis da cidade numa tarde, deve ter seguramente sido um fraco aviso à Fôrça Aérea americana do resultado dêsses ataques cegos; mas o General Arnold, Comandante-em-Chefe das Fôrças Aéreas do Exército americano, estava convalescente de uma doença e o reide da 8ª Força Aérea a Dresden ocorreu antes que as implicações do trágico ataque a Berlim tivessem desaparecido de todo (as tripulações dos B17 atacando a capital do Reich acreditavam que o Sexto Exército Blindado estivesse atravessando a cidade em direção à frente russa). A hora de chegada, para as formações de Fortalezas Voadoras sôbre Dresden, foi dada como sendo meio-dia, mas como os aviões voavam em formação defensiva e em contato visual, uma com a outra, não era exigível de seus navegadores a mesma atenção que a necessária aos bombardeiros noturnos procurando permanecer numa rota previamente traçada, de oito quilômetros de largura, sabendo que qualquer desvio os privaria da proteção de Window e os tornaria mais vulneráveis aos caças noturnos.

Os tripulantes das Fortalezas Voadoras que estavam a bordo de seus aviões pelas

6h30m ficaram aliviados ouvindo que a partida - provisoriamente marcada para 6h40m - - havia sido adiada por uma hora. Aparentemente, ainda havia alguma incerteza sôbre as condições de tempo sôbre o Continente. Os Lancasters fariam a volta sôbre a Costa da Anglia Oriental e os aviadores americanos devem tê-los visto passar, lá no alto, quando esperavam, ao lado de seus aviões, pelo sinal de decolagem. Finalmente, às 8 horas da manhã as luzes de sinalização foram disparadas; as Fortalezas rolaram pela pista e colocaram em posição as antenas de radar, que lhes permitiria encontrar outros esquadrões, outros Grupos de Bombardeio e finalmente encontrar-se com tôda a 1ª Divisão Aérea, rumando para a costa holandesa. As formações foram escoltadas por Spitfires até a ponta extrema da costa. No Zuider Zee, grupos de combate Mustang estavam pontualmente esperando pelos bombardeiros, e a fôrça completa rumou para cruzar a Alemanha. No caminho para Dresden, alguns dos Grupos de Bombardeiros dispersaram-se em formações de nuvens; havia colchões de nuvens tanta acima como abaixo dêles; o Continente ainda estava cem por cento coberto de nuvens; era improvável que as condições permitissem o bombardeio visual do objetivo. Em Kassel, as formações de bombardeiros foram acolhidas por nutrido fogo antiaéreo, mas poucos foram atingidos.

O 20º Grupo de Caça estava escoltando os dois primeiros Grupos de Bombardeio da 1ª Divisão Aérea até Dresden; as tarefas de escolta restantes cabiam aos 364º, 356º e 479º Grupos de Caça. Para as finalidades desta narrativa é suficiente descrever o papel do 20º Grupo de Caça na operação. Para esta missão, Nº 260 na história do Grupo, foi o mesmo subdividido em dois outros, chamados A e B. Ambos os Grupos de Caça A e B - setenta e dois P-51 ao todo - tinham encontro marcado na Zuider Zee com os Grupos de Bombardeio, logo depois das 10h45m da manhã. Os caças do Grupo B não podiam perder o seu contato visual com os bombardeiros, mas deviam repelir qualquer tentativa feita pelos caças diurnos da Luftwaffe para romper as formações. Os pilotos do Grupa A foram instruídos para que logo que tivesse início o ataque dos bombardeiros a Dresden, deveriam mergulhar para o nível dos topos dos telhados e varrer o que era eufemisticamente referido como "objetivos de oportunidade". Colunas de soldados entrando ou saindo da cidade arrasada deviam ser metralhadas, carros de carga atacados por fogo de canhão e locomotivas e outros meios de transporte destruídos por foguetes. Ambos os grupos de P-51 deviam separar-se das formações de bombardeiros às 14h25m, num ponto próximo de Frankfurt, onde os encargos de escolta deviam ser assumidos por Thunderbolts P-47.

As formações de bombardeiros alcançaram o Ponto Inicial da corrida a Torgau sem dificuldades e seguiram o curso do rio para Dresden. As primeiras bombas começaram a

cair na cidade, ardendo ainda furiosamente do ataque da noite anterior, às 12h12m. Durante onze minutos as salvas de bombas assobiaram caindo entre uma quase completa cobertura de nuvens na parte norte da cidade, a Cidade Nova de Dresden.

"As nuvens tornaram-se mais altas, não muito abaixo de nós" - conta um dos bombardeadores - "mas deixaram de ser totalmente fechadas e sôbre Dresden havia cêrca de 90% de nuvens. Nenhuma defesa antiaérea. Bombas caindo às 12h12m..."

Simultâneamente com o fim do ataque americano, às 12h23m os 37 P-51 do Grupo A do 20º Grupo de Caça voaram velozmente sôbre a cidade, junto com o Grupo A dos três outros Grupos de Caça operando sôbre Dresden. Do relato de muitas testemunhas oculares resulta que a maioria dos pilotos decidiu que as corridas de ataque mais seguras podiam ser feitas ao longo das margens do Rio Elba. Outros atacaram transportes nas estradas saindo da cidade, atulhadas de gente. Um Grupo A de P-51, do 559 Esquadrão de Caça, voou tão baixo que esbarrou num vagão e explodiu. Os outros pilotos de caça, porém, estavam desapontados pela falta de oportunidade para combater, especialmente as tripulações dos aviões do Grupo B, embora, de nôvo, nenhum dêles lamente a ausência, na área do objetivo, do temível caça a jato alemão, o Me262. Apenas três Me262 foram referidos durante a Operação-Dresden, fazendo evoluções à passagem das formações de bombardeiros na área de Estrasburgo, sem atirar; um dos jatos foi dado como avariado.

De maneira bastante curiosa, embora os combatentes do Grupo A fôssem instruídos para atacar objetivos de oportunidade, mais uma vez ainda o entulhado aeródromo de guerra de Dresden-Klotzsche não foi atacado. Todo o pessoal de vôo da Luftwaffe foi evacuado do campo (o V./NJG.5 sendo um esquadrão de caça noturno, não havia nenhuma oportunidade para os aviadores em operações diurnas) e deviam testemunhar o ataque americano a Dresden dos campos ao norte da cidade; todos estavam de nôvo certos de que os aviões armados de foguetes atacariam o campo, no qual enormes danos poderiam ter sido causados aos caças e aviões de transporte nêle pousados.

Para pelo menos um dos Grupos de Bombardeio, porém, a operação em Dresden falhou. O 398º Grupo de Bombardeio perdeu-se voando através de colchões de nuvens na altitude que lhe foi indicada e quando as B17 emergiram acima das camadas de nuvens o chefe de navegação não estava muito satisfeito quanto à posição da formação. Deviam reunir-se em Torgau e rumando suldeste, para a primeira grande cidade com um rio (o chefe de navegadores da Fortaleza Voadora estava operando o radar APS 15, para a sua navegação). De maneira bastante curiosa o esquadrão superior da formação foi atacado por caças alemães; pareceu característico a alguns aviadores que caças alemães pudessem tão tranqüilamente ter atacado uma formação de bombardeiros tão maciçamente escoltada.

Mas na realidade a escolta de caças americanos havia desaparecido há muito. A formação tinha feito voltas em 8 para gastar tempo de modo a chegar pontualmente sôbre o objetivo. O cálculo de navegação pela distância percorrida, feito pelo chefe de navegação, parecia não estar tão bem como devia. A formação do chefe de navegação arremeteu e "identificou" Torgau e orientou-se na direção que deviam tomar os bombardeiros para Dresden.

Algum tempo decorreu antes que o navegador de uma das Fortalezas, Stinkee Jr., do Adjunto do Chefe de Grupo, radiografasse para o Comandante do Grupo sugerindo que de fato haviam confundido Freiburg com Torgau; êle foi censurado e relembrado quanto às normas de silêncio do rádio sôbre a Alemanha. De tempos a tempos os bombardeiros informavam que podiam ver um rio embaixo. O operador do equipamento de radar APS.15 começou a ver na sua tela os ângulos visíveis entre o avião e a cidade à frente (um bombardeador atuaria como chefe; todos os outros acionariam os libertadores de bombas quando vissem as bombas do primeiro caindo). Seis ângulos de visão foram vistos e marcados no indicador do ângulo de visão da alça de mira Norden do chefe de bombardeio. Havia realmente um rio ondulado através da cidade à frente. O bombardeador não podia ver nenhum detalhe da cidade que lhe permitisse um ataque visual e um ataque cego foi feito por radar. Quando voltaram de nôvo, o navegador no Stinker Ir. quebrou outra vez o silêncio do rádio insistindo em que não haviam de fato bombardeado Dresden; o navegador chefe do Grupo verificou com os demais navegadores e as suas opiniões também divergiram da sua. Na verdade, os quarenta bombardeiros do 398º Grupo de Bombardeio haviam positivamente desferido um pesado ataque a Praga. Este foi um rude golpe para o pilôto do Stinker Jr. Ele era um cidadão tcheco, nascido e criado na cidade, que havia voado para a América quando os Nacional Socialistas ocuparam o seu país. Mas a maioria das outras B17 haviam encontrado Dresden e 316 delas haviam feito "sortidas efetivas contra os parques ferroviários". Este é o número dado no Sumário de Objetivos da Oitava Fôrça Aérea; a história americana oficial, a Fôrça Aérea do Exército na II Guerra Mundial, cita um número de 311 B-17. Outras 771 toneladas de bombas (americanas longas) foram lançadas em Dresden.

Muitas Fortalezas Voadoras tiveram sérios problemas de combustível no vôo de regresso à Inglaterra. Muitas aterraram em aeródromos na Bélgica e na França; muitos dos pilotos sediados na Inglaterra sofreriam a experiência de falhas de gasolina antes que pudessem taxiar o seu P-51 para os abrigos.

A 14 de fevereiro, o Alto Comando da Fôrça Aérea alemã resumiu a terrível seqüência de ataques da seguinte maneira:

"A oeste, durante a noite de 13 para 14 de fevereiro, os inglêses executaram um renovado ataque maciço sob a proteção de fortes ondas de aviões bloqueadores de transmissões e com as suas próprias formações de bombardeiros usando largamente Window: cêrca de cinqüenta Mosquitos atacaram Magdeburg; cêrca de trezentos bombardeiros quadrimotores apoiados por Mosquitos atacaram Böhlen e Tröglitz; e cêrca de trezentos bombardeiros quadrimotores apoiados por Mosquitos atacaram Dresden. Cêrca de três horas depois o ataque a Dresden foi renovado por outros trezentos bombardeiros quadrimotores com Mosquitos. Durante êste duplo golpe a cidade foi sacrificada ao máximo, enquanto que a cidade interior foi quase completamente destruída. Pesadas baixas. No decurso do dia, a ofensiva aérea contra o Reich continuou a oeste por cêrca de mil e duzentos bombardeiros quadrimotores americanos tendo Chemnitz por objetivo principal, enquanto grupos atacaram Dresden e Magdeburg. Grave pânico nas cidades atacadas. Somente 145 de nossos caças puderam ser lançados contra os atacantes."

E no fim de tudo isso, o perturbado Alto Comando Alemão inventariou os danos do furacão aliado, no seu relatório secreto sôbre a situação:

"Pela primeira vez foi desferido um ataque diurno a Dresden por todos os aviões pesados americanos disponíveis a oeste; tempestades de fogo foram causadas por êste ataque e pelos da noite anterior. A Estação Central foi destruída. Existem agora 500.000 desabrigados numa cidade de 650.000 habitantes - número enormemente aumentado por refugiados. Apenas 146 de nossos caças diurnos decolaram para defender Dresden; foram selvagemente repelidos por 700 caças americanos. Abatemos dois bombardeiros, mas vinte de nossos caças estão desaparecidos."

Mas agora o tempo favorável que havia permitido o ataque noturno do Comando de Bombardeiros da RAF havia sofrido uma completa deterioração.

O único sucesso parcial do ataque a Chemnitz foi o de fixar normas para o restante da ofensiva aos centros de população a leste. A opinião de que uma tal série de golpes poderia ter provocado a súbita capitulação do povo alemão é talvez melhor traduzida pela observação do ex-Reichsminister Albert Speer, o antigo Ministro de Armamento Alemão: durante o seu interrogatório de julho de 1945, assinalou que:

"Em cada caso em que a RAF subitamente aumentava o pêso de seus ataques, como por exemplo nos ataques a Dresden, o efeito não somente sôbre a população da cidade atacada, mas sôbre o de tôda a Alemanha era terrível, mesmo se apenas temporário."

O ataque a Dresden havia realmente atingido tudo o que era possível dêle esperar: acima de 1.600 acres da cidade foram devastados numa noite, comparados com os menos de seiscentos acres destruídos em Londres durante tôda a Guerra. Tripulantes de

bombardeiros voltando com as Fortalezas Voadoras de seu vôo de 8 horas e meia, referiam que "enormes incêndios ainda ardiam na cidade depois do último ataque noturno pelo Comando de Bombardeiros da RAF, com uma nuvem de fumaça sôbre tôda a cidade". Os cansados tripulantes do Comando de Bombardeiros que se tinham jogado na cama logo depois das nove da manhã foram acordados antes das 15 horas e avisados de que deviam esperar uma grande operação naquela noite. Quando se encaminhavam para as salas de instrução podiam ver as fileiras de tanques de gasolina abastecendo os Lancasters de nôvo, e podiam perceber pelas cargas mínimas de bombas colocadas nos depósitos que seria outro reide a longa distância.

Desta vez não se procurou tanto esconder a natureza real da cidade objetivo. Curiosamente, embora Chemnitz como cidade possuísse muitos objetivos nitidamente militares e legítimos - fábricas de tanques, grandes indústrias têxteis e de confecção de uniformes, e um dos maiores depósitos de reparação de locomotivas do Reich, em pelo menos dois amplamente separados esquadrões de dois Grupos de Bombardeiros, uma fala quase idêntica de instrução foi usada pelos oficiais do Serviço de Inteligência. Assim, os tripulantes do Grupo Nº 1 foram informados:

"Esta noite o objetivo será Chemnitz . Vamos para atacar os refugiados ali reunidos, sobretudo depois do ataque da noite passada a Dresden,"

E aos tripulantes do Grupo Nº 3:

"Chemnitz é uma cidade a uns quarenta quilômetros a oeste de Dresden e um objetivo muito menor. As razões para irem lá esta noite são para liquidar quaisquer refugiados que tenham podido escapar de Dresden. Levarão a mesma carga de bombas e, se o ataque desta noite fôr tão bem sucedido como o último, não farão muitas visitas à frente russa. "

O enunciado consta do diário conservado por um dos bombardeadores presentes a uma das reuniões de instrução do Grupo Nº 3.

Mais uma vez novamente Sir Arthur Harris dividiu a fôrça atacante em duas ondas: mas desta vez, como os controladores de combate alemães, na casa de ópera de batalha, em Döberitz, perceberiam provàvelmente o significado desta ofensiva concentrada a cidades orientais, Harris preparou uma estratégia muito mais complicada de fintas e falsos ataques para iludir os caças noturnos. Uma fôrça de Lancasters devia atacar a refinaria Deutsche Petroleum A. G., em Rositz, perto de Leipzig; êste ataque devia ser executado por 244 Lancasters do Grupo Nº 5. Na primeira onda do ataque a Chemnitz, 329 bombardeiros pesados, incluindo 120 Halifaxes e Lancasters do Grupo Nº 6, deviam incendiar a cidade; três horas depois, 388 bombardeiros, incluindo, ao contrário do que sucedeu no ataque a

Dresden, Halifaxes do Grupo Nº 4 e 150 Lancasters do Grupo Nº 3, deviam atacar a cidade em chamas. Varreduras diversionistas deviam ser efetuadas por uma fôrça semeadora de minas, no Báltico, enquanto a Fôrça de Ataque Noturno Ligeiro, fornecida pelo Vice-Marechal-do-Ar Bennett, atacava Berlim. Apesar de tôda a complexa estratégia por trás do ataque e de todo o desenvolvimento dado à ofensiva, o ataque a Chemnitz foi um fracasso. A previsão do tempo pelo Serviço de Meteorologia do Comando de Bombardeiros previu que Chemnitz não estaria obscurecida por nuvens, mas um adendo foi fornecido depois indicando o risco de tênues e fragmentadas nuvens alto-cúmulos, ou alto-estratos, ou ambas, e tênues nuvens estratos a baixa altitude; ao contrário das previsões muito exatas fornecidas para o ataque a Dresden, na noite anterior, esta previsão estava grosseiramente errada. Um pilôto australiano de Lancaster contou que quando estava a 180 quilômetros de Chemnitz o céu começou a fechar-se e sôbre a própria cidade havia cem por cento de nuvens, empilhando-se a 5.000 metros e impedindo a identificação visual do alvo. A cidade estava completamente coberta pelas nuvens quando chegou a primeira fôrça e os Esclarecedores foram obrigados a confiar inteiramente na sinalização do céu. As luzes desapareciam entre as nuvens quase com a rapidez com que haviam sido lançadas. O bombardeiro-chefe durante o segundo golpe, um canadense, estava visivelmente preocupado por ter que orientar os bombardeiros; pediu repetidas vêzes, pelo radiotelefone mais luzes; poucas iriam aparecer. Parecia indeciso, ao contrário do seu colega da noite anterior, e tinha dificuldades em localizar o objetivo. Some-se a isso a resistência que os caças noturnos ofereciam aos bombardeiros: a Fôrça Aérea alemã, desprezando, bastante tardiamente, a proibição de combates noturnos, escalou 118 caças noturnos para a defesa de Chemnitz. Os caças parece não terem sido iludidos pelas fintas preparadas: luzes de combate foram deixadas ao longo de todo o caminho, desde a fronteira até o objetivo, num e noutro sentido. As dificuldades que os jovens pilotos da Nachtjagd alemã estavam encontrando, o seu equipamento bloqueado pelo Grupo Nº 100 (Contra Medidas de Rádio), são descritas no resumo esclarecedor tirado do diário de um piloto de caça noturno:

"14 de fevereiro, 1945. Exatamente como previa: fui escalado esta noite. Desta vez as tripulações B também foram escaladas, e em boa hora. Objetivo: Chemnitz, um grande reide aéreo. A nossa operação estêve, desde o comêço, sob um mau signo: EiV (Eigenverstandiguns-Anlage, o sistema de reconhecimento do avião), quebrado. O rádio não captava nenhum sinal; o receptor FuG.16 VHF, bloqueado, (captando) previsões de defesa antiaérea, ecos de Window e a aproximação do inimigo no radar (Fishpond). A comunicação de rádio com Praga desapareceu subitamente, de modo que foi preciso voar em direção sudoeste. Não podendo encontrar um campo para aterrar, disparei, como

última esperança, ES (Erkennungssignale, foguetes de reconhecimento de emergência); Aeródromo em Laibach (Windisch), de manutenção e reparos, muito pequeno. Apesar de tudo, boa aterragem. Mais quinze minutos e teríamos tido que saltar." ..

Os esforços da Luftwaffe para neutralizar os golpes de Sir Arthur Harris ao coração da Alemanha não poderiam ser mais bem retratados do que nas notas dêste jovem pilôto, lutando desesperadamente para enfrentar uma fôrça aérea nitidamente superior, tecnicamente.

Os resultados do dilúvio de fogo que havia irrompido em Dresden eram visíveis para os tripulantes da força do Grupo Nº 5 atacando Rositz: quando passavam a oitenta quilômetros de Dresden, os incêndios ainda lavravam (Dresden ardeu, como anotou em seu diário, dia a dia, um prisioneiro de guerra inglês, durante sete dias e oito noites). Cêrca de 730.000 incendiárias foram lançadas em Chemnitz; mas o reide foi um fracasso, em comparação com o de Dresden. Tôdas as apreciações históricas dêste ataque concordam em que a cidade não foi severamente danificada, nem pelo ataque diurno das Fortalezas Voadoras americanas, nem pelo duplo golpe inglês: a história do Grupo de Bombardeio Canadense refere:

"Não havia grande concentração de bombardeio e os numerosos incêndios que deixavam um brilho nas nuvens estavam espalhados por uma larga área."

O sistema ferroviário de Chemnitz foi apenas afetado; não é admissivel que realmente o sistema ferroviário através Dresden tenha recebido um impacto demorado; na verdade, como veremos, o General alemão encarregado de reconstruções de emergência de ferrovias em cidades fortemente atacadas era capaz de tornar viável uma linha dupla através do comprimento da cidade, em três dias. Em Chemnitz, contudo, a danificação das ferrovias era menor. Um número de incidentes através da cidade foi reportado, mas em nenhuma parte nada parecido com uma tempestade de fogo.

Mais uma vez ainda isto demonstra claramente como os métodos indiscriminados de bombardeio cego através do céu encoberto ou de sinalizadores do céu deixaram de obter o grau de devastação atingido pelo método de ataque por setor, do Grupo Nº 5. Talvez, se Sir Arthur Harris tivesse ordenado ao Grupo Nº 5 iniciar também o ataque a Chemnitz – todos êles comprovaram depois a sua capacidade no duplo golpe a Dresden - um dilúvio de fogo, de violência suficiente para permitir às tripulações do segundo ataque uma luz suficientemente brilhante para apontar em volta, podia ter sido provocado. Não há porém explicação anotada porque êle confiou a tarefa ao Grupo de Esclarecedores Nº 8, a menos que seja permitido suspeitar de que em parte resultou do desejo de agradar ao Comandante dos Esclarecedores - que ficou naturalmente feliz quando a honra de chefiar os ataques em

massa foi concedida à sua fôrça – e em parte à convicção de Harris, neste estágio da guerra, quando os campos de óleo da Romênia e outros campos orientais haviam sido finalmente destruidos e o ataque a meios de transportes estava produzindo um certo grau de trombose no conjunto ferroviário alemão, de que o ataque ao conjunto de petróleo de Rositz merecia a precisa atenção do Grupo Nº 5, enquanto que o ataque a Chemnitz, não. Êste último foi o motivo que certamente levou o comando de bombardeiros americano a retomar, depois de Chemnitz, a ofensiva de objetivos de petróleo, como veremos.

O antigo Ministro de Armamentos alemão, em comentário aos ataques de 1943 a Hamburgo, publicado em momento no qual o moral alemão provàvelmente nunca estêve mais elevado, admitiu no seu interrogatório de julho de 1945 que:

"Eu ... disse ao Führer que a continuação dêstes ataques podia determinar o rápido fim da guerra."

Na batalha de Hamburgo, que durou mais de uma semana, morreram uns 48.000 habitantes civis, a maioria na noite da tempestade de fogo de 27 de julho de 1943. Mas o duplo golpe a Dresden e, em menor escala, os ataques americanos à luz do dia custaram a vida a pelo menos 135.000 habitantes da cidade: pela primeira vez na história da guerra, um reide aéreo atingiu um objetivo de maneira tão ruinosa que não havia sobreviventes em número suficiente para o sepultamento dos mortos. A esperança de repetir a catástrofe em Chemnitz, porém, falhou, não de todo pelas condições de tempo; a oportunidade de abater o moral dos civis alemães por "dois Dresdens" em 48 horas, foi perdida - ou desperdiçada. Tivessem os dois ataques atingido as suas finalidades, tivessem realmente forçado a capitulação precipitada do povo alemão, então provàvelmente não teria havido alarido; se o resultado tivesse sido a rendição imediata do inimigo, como nos recentes casos de Hiroshima e Nagasaki, onde os dois primeiros engenhos atômicos usados operacionalmente provocaram um número de mortos, cada, um tanto menor do que o de Dresden, então poucas recriminações teriam sido ouvidas.

Parte IV

O EPILOGO

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Ao despontar a aurora de Quarta-Feira de Cinzas, dia 14 de fevereiro, sôbre a Alemanha Central, o vento ainda soprava com fôrça de noroeste. Em Dresden, a chegada do dia dificilmente foi percebida: a cidade ainda estava obscurecida pela coluna de fumarada amarelo-parda, de 4.500 metros de altura, e pela fumaça característica de uma tempestade de fogo. Talvez a côr diferente da nuvem de fumaça da tempestade de fogo resultasse da extraordinária flutuação de destroços fragmentados e queimados de casas, árvores e escombros da infeliz cidade, os quais haviam sido apanhados nas garras do furacão artificial e estavam ainda sendo aspirados para o céu.

Quando as nuvens de fumaça eram impelidas ao longo do Rio Elba para a TchecoesIováquia. a população das vilas e cidades pelas quais elas passavam deve ter olhado para o céu e achado que resultavam de um reide fora do comum, que as colunas de fumaça espalhando-se sôbre os campos eram na verdade os últimos restos mortais de uma cidade que doze horas antes abrigava um milhão de pessoas e seus pertences. Quando a nuvem de fumaça foi mesmo carregada para longe da cidade ainda ardendo, o ar esfriou; quando o ar esfriou, as nuvens úmidas carregadas de poeira e fumaça começaram a dispersar; choveu em todo o Vale do Elba. Não foi somente chuva o que caiu do céu: os campos do lado exposto ao vento em relação a Dresden foram inundados por uma chuva regular de fuligem: prisioneiros de guerra inglêses trabalhando no grande armazém de separação de pacotes, na Stalag IVB, a mais de quarenta quilômetros a sudeste de Dresden, informaram que a nuvem de fumaça demorou três dias e que partículas de vestuário carbonizado e papel queimado ainda flutuavam sôbre os campos por muitos dias depois disso. A dona de uma casa em Mockethal, a uns vinte quilômetros de Dresden, encontrou o seu jardim cheio de receitas e de caixas de pílulas de uma farmácia; as etiquêtas mostravam que provinham do coração da Cidade Interior de Dresden. Papéis e documentos do arruinado Escritório de Registro de Terras, na parte interna da cidade, choveram na aldeia de Lohmen, perto de Pirna, uns vinte e cinco quilômetros adiante; escolares gastaram vários dias para dêles limpar os campos.

Essas foram as manifestações da última e mais terrível tempestade de fogo da ofensiva por área da RAF contra cidades alemães. A tempestade de fogo, que parece ter surgido cêrca de quarenta e cinco minutos após a hora marcada para o primeiro ataque e

que somente desapareceu aos poucos, causou a morte de milhares de pessoas velhas e fracas que, não fôra isso, teriam podido fugir do cêrco do anel de incêndios.

A Batalha de Hamburgo, em julho de 1943, trouxe a primeira tempestade de fogo: arderam doze quilômetros quadrados da cidade como uma só fogueira. Tão horrível foi o fato que o Chefe de Polícia determinou uma investigação científica das causas da tempestade de fogo, para que outras cidades pudessem ser prevenidas.

Uma estimativa da intensidade da tempestade de fogo poderia ser obtida apenas analisando-a simplesmente como um fenômeno meteorológico: como resultado da súbita fusão de vários incêndios, o ar acima estava tão aquecido que ocorria uma violenta corrente de ar ascendente, a qual, por sua vez, determinava a sucção para o centro da área do incêndio do ar fresco em volta. Esta tremenda sucção provocava movimentos de ar de fôrça muito maior que os ventos normais. Em meteorologia, as diferenças de temperatura em causa eram da ordem de 20 a 30º C. Na primeira tempestade de fogo foram da ordem de 600, 800 ou mesmo 1.000°C. Isto explica a fôrça colossal dos ventos da tempestade de fogo. A sombria previsão do Chefe de Polícia era a de que nenhuma espécie de precauções da ARP poderia mesmo conter uma tempestade de fogo uma vez que ela tivesse começado: era claramente um monstro criado pelo homem, o qual ninguém poderia jamais subjugar.

Em Dresden, parece, pelo exame da área mais de 75 por cento destruída, que a tempestade de fogo consumiu uns doze quilômetros quadrados; agora, as autoridades da cidade a estimam em quinze quilômetros quadrados. Contudo, o dilúvio de fogo foi o mais devastador jamais tentado na Alemanha. Todos os sinais observados em Hamburgo foram repetidos em Dresden em escala muitas vêzes maior. Árvores gigantescas foram desenraizadas ou partidas ao meio. Multidões procurando pôr-se a salvo foram subitamente apanhadas pelo vendaval e atiradas ao longo de ruas inteiras para o centro dos incêndios; telhados e móveis que haviam sido empilhados nas ruas após o primeiro reide, foram levantados pelos violentos ventos e jogados no centro da Cidade Interna em fogo.

A tempestade de fogo atingiu o máximo de sua intensidade nas três horas de intervalo entre os reides, exatamente o período durante o qual aquêles que estavam abrigados nas adegas e corredores abobadados na Cidade Interna deveriam ter fugido para os subúrbios próximos.

Um ferroviário abrigado perto da Post-platz viu como uma mulher com um carrinho de criança foi violentamente jogada através da rua dentro das chamas. Outras pessoas, lutando pela vida ao longo das plataformas ferroviárias, as únicas vias de fuga ainda não bloqueadas por escombros, contaram como pranchas ferroviárias, em trechos expostos das

linhas, eram empurradas pelos fortes ventos. Mesmo os espaços abertos das grandes praças e parques não eram proteção contra êste furacão anormal.

Uma vez começada a tempestade de fogo, nada havia que as fôrças de combate ao fogo pudessem fazer para contê-la ou controlá-la. Em tôdas as grandes tempestades de fogo alemãs, o rápido e incontrolável desenvolvimento dos incêndios foi assegurado por uma precoce interrupção das comunicações telefônicas entre o Centro de Contrôle da ARP e reforços externos. Na Alemanha, como na Inglaterra, as brigadas de bombeiros haviam sido reorganizadas durante a guerra em base nacional, paramilitar, um aspecto da qual era a constante reserva móvel de regimentos de bombeiros mantidos fora das zonas perigosas.

A maioria das grandes cidades foi, nesta fase da guerra, equipada com comunicações telefônicas alternativas e com cadeias de rádio entre importantes postos de contrôle. Mas invariàvelmente êstes eram inatingíveis quando chegava a ocasião, e as autoridades da ARP deviam recorrer às instalações de telefone dos Correios. Contudo, muito dependia de por quanto tempo êste sistema funcionou até finalmente acabar. Na Batalha de Hamburgo as comunicações telefônicas foram logo interrompidas na noite do primeiro ataque e quando três noites depois, chegou a tempestade de fogo, as comunicações não haviam sido completamente restabelecidas; acrescente-se a isso que, como vimos (Os Antecedentes), o incêndio da Chefatura de Polícia, com o Centro de Contrôle da ARP, havia seriamente prejudicado durante êsse tempo medidas adequadas de combate aos incêndios. Em Kassel, o serviço telefônico foi interrompido vinte minutos depois do início do ataque e o serviço de mensageiros em motocicletas revelou-se ineficaz para esta emergência: por êsse motivo, brigadas de incêndio chegando a Kassel de cidades da vizinhança esperaram várias horas sem qualquer ordem definida de ação.

Agora, em Dresden, a quase imediata destruição das comunicações telefônicas devia selar o destino da cidade. Dresden, com uma brigada de bombeiros local inferior a mil homens e com reduzido equipamento contra fogo sob o direto contrôle da cidade, dependia da chegada de assistência imediata de fora da cidade. Mas, logo depois que a primeira bomba caiu, foi interrompido o fornecimento de energia para o sistema telefônico. Em adição a isso, o fornecimento de energia de emergência, no edifício, foi irreparàvelmente prejudicado pela queda de uma parede.

Tanto a principal estação de fôrça como todos os edifícios administrativos estavam incluídos bem no setor assinalado para ataque. Dêste pôsto de vigilância, os relatórios deviam ser transmitidos ao Quartel-General do IV Comando da Zona Aérea (Luftgaukommando), na General WeverStrasse, e o Comandante devia então transmitir

diretamente ao QG do Führer, em Berlim. Agora, isto era impossível. Não seria possível, nem informar Berlim dos reides aéreos, nem enviar relatórios dos postos de observação na Saxônia aos Quartéis-Generais do Comando de Combate Divisional, em Döberitz, perto de Berlim. Somente das cidades próximas de Dresden podiam ser esperados reforços imediatamente depois do primeiro reide; o resplendor além do horizonte falava por si. Pela altura de 1 hora da madrugada, transpunham os subúrbios de Dresden brigadas de bombeiros locais provenientes de tôda a Saxônia. As sirenas elétricas não puderam soar o alarme para o segundo reide.

"As fôrças de combate a incêndio e de defesa passiva da cidade" - podiam os comandantes aéreos aliados informar sêcamente - "foram esmagadas pelo duplo golpe".

Não são disponíveis estatísticas exatas sôbre tôdas as fôrças de bombeiros em ação na cidade. Um exemplo poderia dar uma clara indicação do destino da maioria dêles: a brigada de bombeiros despachada para Dresden por Bad Schandau, a quinze quilômetros de Dresden, chegou logo depois de 1 hora da madrugada. Não havia um único sobrevivente dos homens desta brigada. Foram todos esmagados pelo segundo reide.

A 1h05m, o engenheiro da ARP da cidade, Georg Feydt, comunicou-se com a sala de contrôle da ARP, um abrigo de concreto vários andares abaixo do Edifício Albertinum, na rua da Chefatura de Polícia, agora em chamas. O abrigo estava cheio de material do Partido e da ARP, apesar de pequeno - apenas dois metros por três; também o Gauleiter Mutschmann lá estava. Estavam ainda tentando fazer um levantamento da destruição, procurando descobrir o foco principal da tempestade de fogo. Mas, assim como a interrupção das linhas telegráficas e o colapso das comunicações impediu que os pedidos de socorro fôssem feitos ràpidamente, também lançou confusão nas suas comunicações com vigias de incêndio e postos de contrôle local da ARP. Poucos minutos depois do início do segundo reide, o Albertinum estava rodeado de edifícios em chamas e o maciço edifício de alvenaria estava correndo o risco de desabar. O Gauleiter e a sua equipe fizeram então um frenético esfôrço para se salvarem através das ruas em fogo e da agonizante Cidade Interior, em direção das áreas abertas exteriores; naquela mesma noite, de acôrdo com um relatório oficial, todos compareceram para serviço na sala de contrôle de emergência construída em Lockwitzgrund; Lockwitz era uma aldeia uns oito quilômetros a sudeste de Dresden, onde o NSDAP tinha um quartel-general provincial auxiliar para uma emergência exatamente como aquela.

Como era o caso em tôda parte na Alemanha, a organização da ARP da cidade foi incorporada à estrutura do Partido Nacional Socialista, com o Chefe de Polícia da cidade no papel ex officio de Chefe da ARP. Cada um tinha um papel a desempenhar, dos mais

aos menos graduados, não somente a Juventude Hitleriana, mas também a Deutsches Jungvolk, uma organização comparável aos Rapazes Lôbos. "Em fevereiro de 1945 eu tinha quinze anos de idade e durante tôda a guerra a minha tarefa foi a de mensageiro de reide aéreo (lembra um dos tais rapazes da Deutsches Jungvolk) .

13 de fevereiro foi o dia de têrça-feira gorda de Carnaval e eu passei a tarde no Circo Sarrasani, o qual tinha uma instalação permanente na Cidade Nova de Dresden. Durante o último número do programa, uma hilariante execução de cavalgada em burros, feita pelos clowns; soou o grande alarme através dos alto-falantes. Os espectadores, no meio das brincadeiras dos clowns; foram avisados para que se encaminhassem para os subterrâneos abobadados do edifício do circo. Graças ao meu passe de mensageiro foi permitida a minha saída do edifício.

A cidade já estava iluminada como de dia, pelas primeiras luzes brancas dos Lancasters Iluminadores, e, como a maioria dos dresdenenses nativos, os jovens meninos não faziam mesmo idéia do que essas luzes significavam.

Na ocasião, fiquei muito impressionado pelas chamas. A Cidade Nova de Dresden não foi absolutamente atingida durante o primeiro reide, de modo que corri logo para casa. Não havia nada a fazer ali, assim, de acôrdo com as ordens, apresentei-me para serviço, como mensageiro, no Quartel-General do Partido, no Grupo Local Hansa do NSDAP, na Grossenhainer-Strasse. O Chefe do Grupo Local, no seu uniforme (pardo) da SA, entregou-me, e a outros mensageiros mais moços, notícias sôbre os danos para que fôssem levadas à sala de Contrôle da Defesa Civil, no centro da Cidade Interior. Recebemos capacetes azuis de aço, máscaras de gases, bicicletas, e fomos despachados."

O Castelo, a Residência Paroquial e a Ópera já ardiam furiosamente e as pontes sôbre o Elba, cheias de bombas incendiárias, já consumidas ou ainda ardendo. As ruas estavam inundadas de água das principais canalizações destruídas. Os alegres, mas apenas adequadamente equipados mensageiros da ARP, apenas haviam chegado à Praça do Correio quando começou o segundo reide. Somente conseguiram abrigo no subterrâneo de um hospital perto da Praça. As mensagens ainda estavam em suas mãos, mas nunca seriam entregues.

Assim, a organização da ARP, no centro da cidade foi conservada na total ignorância da localização e desenvolvimento dos incêndios, à medida que, uma após outra, eram suprimidas as linhas de comunicação telegráfica, telefônica, por rádio e finalmente as feitas por via humana.

Durante os anos de pós-guerra tomou corpo a lenda referente a esta infeliz cidade,

encorajada pelas atuais autoridades de ocupação, de que não somente Dresden não estava defendida por canhões ou aviões de combate, mas de que nenhuma espécie de medidas da ARP havia sido tomada.

Até certo ponto isto era verdade: não foi considerado necessário construir grandes abrigos antiaéreos públicos, de concreto e aço, da espécie dos que haviam salvo as vidas de centenas de milhares de pessoas em outras cidades vítimas de tempestades de fogo. Em Hamburgo, até os hospitais haviam sido providos de abrigos especiais - por volta de 1º de junho de 1943 havia quatro salas de operações e três maternidades construídas em abrigos. Em Dresden, nenhum dos maiores hospitais, Priedrichstadt e Johannstadt, dispunha dêsses recursos. Pouca atenção foi dada à construção de fontes alternativas de água ou de energia elétrica para estações de bombeamento na eventualidade de um colapso mais sério das canalizações de água ou das centrais elétricas. Mas, por outro lado, não se esperava que Dresden fôsse bombardeada. Quando, em fins de 1944, foi anunciado que, como parte do plano de desenvolvimento Führer, "vários milhares de Reichmarcks seriam gastos para desenvolvimento da ARP, a população da cidade apenas riu despreocupadamente. Por segurança, do início da guerra em diante, a Polícia da ARP (Luftschutzpolizei) havia trabalhado em dois turnos na construção de um túnel subterrâneo de fuga, havia levantado grandes depósitos de água, fixos, na Praça Altmarkt, na Seidnitzer-platz e na Sidonien-Strasse, e havia mesmo iniciado a construção de depósitos de água subterrâneos. "Neste esquema foram usados carregamentos de cimento, de trem, justamente não de pranchas", acentuou o engenheiro da época da ARP da cidade; as providências foram dirigidas por arquitetos antigos da Escola de Arquitetura da Cidade.

Sem dúvida, os cidadãos de Dresden estavam mais bem protegidos contra os reides do que os de muitas cidades inglêsas comparáveis, os quais julgavam-se a salvo com os seus abrigos Morrison ou Anderson, dispositivos que, numa tempestade de fogo, seriam perfeitas armadilhas mortais.

Mais tarde, quando Dresden estava cheia de refugiados de Leste e Oeste e quando o troar dos canhões na frente oriental podia ser por vêzes ouvido, as autoridades da cidade adotaram nervosamente outras medidas limitadas de proteção para a sua população. Escolares foram postos a trabalhar abrindo trincheiras em ziguezague à prova de estilhaços de bomba, na Bismarck e na Wiener-Platz (de cada lado da Estação Central), na Barbarossa-platz e na maioria dos parques e relvados da cidade; foi construído um complexo sistema de Mauerdurchbrüche, comunicações especialmente construídas nas paredes separando as adegas de casas adjacentes. Em caso de emergência, se as casas se incendiassem durante reides aéreos, os habitantes poderiam passar para a adega contígua e

fugir através dela; se, porém, ela também estivesse ardendo, os habitantes poderiam derrubar uma parede após outra até alcançarem uma casa da qual pudessem fugir.

Estas medidas foram adequadas para os pequenos ataques que outras cidades, e mesmo Dresden, sofrera antes de fevereiro de 1945. Ninguém contudo, poderia prever o mar de fogo e chamas que engolfaria a Capital da Saxônia. As adegas e subterrâneos de cada casa vitoriana abrigavam umas oitenta ou noventa pessoas quando começou o ataque, com um número cada vez maior de pessoas descendo os degraus da rua. Quando o primeiro ataque diminuiu, começou a corrida para a fuga. Muito freqüentemente prevaleceram as mesmas circunstâncias: refugiados das regiões orientais que nunca haviam ouvido antes o som de uma sirena ou a explosão de bombas, encontravam-se agora mergulhados no centro do maior fogaréu da história; não podiam fugir para as ruas - eram alcançados pelas línguas de fogo de 100 e 150 metros de comprimento. Podiam apenas passar de uma adega para outra, quebrando as delgadas separações, até finalmente alcançarem o ar livre - ou o fim da rua.

A situação havia sido realmente prevista pelo Chefe de Polícia de Hamburgo, Major-General Kehrl, quando advogou a construção de um sistema de caminhos de fuga subterrâneo: depois de referir o "terrível" número de pessoas mortas em subterrâneos nas áreas de tempestade de fogo, havia prevenido que onde o correr de casas fôsse interrompido por cruzamentos, as casas opostas da rua poderiam ser ligadas por túneis. O seu aviso, porém, não foi ouvido em Dresden, e um sistema que poderia ter evitado uma tragédia maior quando completado, causou na realidade a morte de grande número de pessoas até então não ameaçadas por monóxido de carbono ou fumaça, como veremos adiante.

A maioria das pessoas esperava que os incêndios diminuíssem, e que então pudessem sair indenes, e com os seus pertences salvos. Assim as pessoas estavam ainda esperando nas suas adegas e túneis subterrâneos, à 1h30m, quando, sem aviso, começou o segundo reide. O comandante de uma companhia de transporte Reichsarbeitsdienst que havia corrido em socorro de uma aldeia fora da cidade descreveu-o:

"As detonações sacudiam as paredes das adegas. O som das explosões misturava-se a um som nôvo e estranho, que parecia cada vez mais próximo, o som de uma trovejante cascata; era o ruído do poderoso furacão que soprava na Cidade Interior. Quando o reide declinou" - contou outro oficial da RAD, também encurralado com os seus homens - "tive certeza de que estávamos rodeados de incêndios por todos os lados: chamas enormes espalhavam-se pelas ruas. Soube pelos outros que no extremo da rua havia uma praça

aberta, com o edifício do Circo Sarrasani. Ordenei a meus homens que abrissem caminho, de casa em casa e assim saimos finalmente ao ar livre. No meio da praça, estava o edifício do circo; acredito que tenha sido um espetáculo especial de noite de carnaval. O edifício ardia furiosamente e estava caindo no momento em que olhávamos. Numa rua junto, vi um grupo aterrorizado de cavalos do circo, mosqueados, com arreios de côres brilhantes, parados em círculo, uns perto dos outros."

Êsses magníficos cavalos árabes não iam viver muito; durante o segundo ataque da RAP, foram mortos quarenta e oito dos cavalos do Circo Sarrasani. Nos dias seguintes aos dois reides, as suas carcaças tiveram que ser empurradas para a margem norte do cais do Elba, em Königsufer, entre as pontes Albert e Augustus, onde, a 16 de fevereiro, foi possível testemunhar uma cena horrível quando chegou um bando de abutres fugidos do Zoológico da cidade.

Em muitos casos, durante os reides noturnos, as pessoas, achando que a densa e sufocante fumaça do alto descia nas adegas não ventiladas, quebravam as aberturas das paredes. Assim a fumaça penetrava na adega vizinha. Êste foi um dilema que também embaraçou os habitantes de Hamburgo e Colônia, enrijados como foram por longa experiência de ataques aéreos aliados. Para mais de milhão de habitantes de Dresden, na noite de 13 de fevereiro, repousando numa falsa sensação de segurança e absolutamente inexperientes nas práticas de Defesa Civil - uma descrição que pode agora mais uma vez ser aplicada a cada grande cidade inglêsa - o dilema tornou-se um pesadelo, um pesadelo ao qual muita gente estava finalmente preparada para resignar-se.

Um capitão de cavalaria, a caminho de sua unidade na frente oriental, relata em detalhe o destino que sofreram as pessoas que o acompanhavam, neste segundo ataque; entre sessenta e oitenta delas, na maioria idosas e crianças, pereceram como resultado da inalação de fumaça. O seu alojamento provisório era na Kaulbach-Strasse, no coração da área que se tornou o centro de uma tempestade de fogo no segundo reide:

"Alguém, loucamente. quebrou a abertura da parede da adega contígua; esta casa ardia furiosamente e o crepitar das chamas e uma densa fumaça pairavam no ar. Alguma coisa devia ser feita. Informei a todos os presentes que ficaríamos sufocados na adega se não saíssemos para o ar livre; disse a todos que molhassem os seus casacos nos baldes contra incêndio existentes na adega. Poucos, apenas, atenderam, pois as mulheres não queriam estragar dessa maneira os seus valiosos casacos de peles; foram as primeiras coisas que haviam apanhado. Mandei que todos me seguissem na escada, e quando gritasse "agora" deviam correr para a rua. Os meus apelos não produziram nenhum resultado; assim, finalmente, gritei a ordem e corri para a rua. Somente alguns poucos me

acompanharam.”

Um homem com a coragem dêste capitão de cavalaria, condecorado, incidentemente, com um dos mais altos galardões militares germânicos, pôde arriscar a vida dessa maneira e escapar para contar a história. A maioria dos habitantes não era jovem nem valente; muitos preferiam compreensivelmente morrer em paz em suas casas a procurar salvar a vida fugindo através dos incêndios. Essas brechas nas adegas foram a perdição dos que nelas se abrigaram.

Abaixo da Post-platz havia um extenso conjunto de túneis do tipo descrito. Mas também se revelou de pouca utilidade quando chegou a ocasião de utilizá-lo; embora êsses túneis ligassem realmente os principais edifícios administrativos em volta da praça e embora outras ruas contíguas também dispusessem dêsse aperfeiçoado sistema de túneis, a intensidade da tempestade de fogo foi tal que êles se revelaram pràticamente inúteis. A ventilação no túnel da Ostraallee falhou, determinando muitas baixas. Estando em fogo tôda a Cidade Interior, tôdas as saídas do conjunto de túneis ficaram bloqueadas.

A Caixa Econômica foi atingida por uma mina aérea, e dos pavimentos térreos das residências contíguas emergiu uma multidão vinda dos túneis de comunicação - contou um operador de telefones da Repartição Central de Telégrafos. Recordo de uma anciã que perdeu a perna. Algumas das outras môças sugeriram sair à rua e correr para casa.

Uma escada levava do térreo da Telefônica a um hall com teto de vidro; a Telefônica havia sido construida em volta dêste retângulo quadrado. A sua idéia foi fugir através da porta principal do hall para a Post-platz. Não gostei da idéia; de repente, quando as môças - doze ou treze delas atravessavam o hall e procuravam abrir a porta principal o teto de vidro, iluminado de vermelho, desabou, sepultando tôdas elas. Todo o edifício estava agora ardendo.

Assim encurralados no centro da Cidade Interior, sômente podiam aguardar que a tempestade de fogo amainasse e esperar que as suas reservas de ar no abrigo durassem até lá.

Se as desinteressadas medidas da ARP em Dresden tivevessem sido completadas, haveria uma quantidade suficiente de abrigos adequadamente ventilados, como em outras cidades alemãs na ocasião, e a catástrofe que atingiu Dresden durante as quatorze horas do tríplice golpe poderia ter sido evitada. Tendo em vista a crença dos chefes nazistas de que Dresden nunca seria bombardeada, essas falhas podem parecer desculpáveis; embora mais de uma centena de milhar da população civil da cidade tivessem agora que pagar pela falta de cuidado de seus lideres quanto às suas vidas.

AS VITIMAS

Não haviam ainda chegado os bombardeiros americanos do terceiro golpe quando as primeiras colunas de trabalhadores para as operações de recuperação e salvamento começaram a aparecer em Dresden, vindas de tôda a Alemanha Central; os chefes locais da ARP encontraram afinal meios de irradiar um apêlo, e comboios motorizados com suprimentos alimentares de emergência, medicamentos e vários batalhões de Engenheiros TN (Technische Nothilfe) foram encaminhados para a Capital da Saxônia. De locais tão distantes como Berlim e Linz, na Áustria Superior, grupos de homens capazes estavam sendo ràpidamente preparados para trabalhos de extinção de incêndios e de salvamento em Dresden. Além disso, a Polícia da ARP e a Polícia de Defesa contra Incêndios (Luftschutz e Feuerschutzpolizei) estavam sendo postas em ação.

Entrementes, chegavam à Nord-platz, na Cidade Nova de Dresden, a Hilfszug Herman Goering, um comboio motorizado de cozinhas móveis e carros de primeiros socorros. Um segundo comboio, a Hilfszug Goebbels, encaminhava-se para Dresden-Seidnitz. Embora em cada comboio houvesse apenas vinte carros, os fornecimentos eram desesperadamente necessários à cidade. Pela altura de 16 de fevereiro, chegavam a Dresden, vindos de cada canto da Saxônia, Hilfszugs para o fornecimento de refeições quentes e frias às famílias desabrigadas e às equipes de salvamento. "Ninguém deverá preocupar-se com comida" declarava orgulhosamente, de maneira otimista, o jornal do Partido, em Dresden, o Der Freiheitskampf, de 17 de fevereiro,

A organização do Partido pôde assegurar, junto com a Cruz Vermelha Alemã, que as dezenas de milhares de mães da população sabiam onde conseguir leite e alimento para as crianças; nos principais centros do Partido Nacional Socialista de Dresden, postos de socorro, atendidos pelos Bund Deutcher Mädchen e Frauenschaften do Partido- o equivalente germânico das Escoteiras Femininas e WVS - foram ràpidamente organizados.

"Foi", disse uma mulher que fugia do bombardeio, com uma criança de dez dias, "uma verdadeira prova de bondade do Partido poder conseguir alimento para os bebês, bebidas quentes para as crianças e alimento para os mais crescidos." Indubitàvelmente, êsses pequenos atos de bondade do Partido serviram para reforçar o vacilante moral em outras cidades devastadas pelo Comando de Bombardeiros; a destruição de Dresden, porém, era tal, que não havia bebida quente ou alimento para bebê que a pudessem reparar.

Também estava chegando o General Erich Hampe, chefe das operações de reparos de emergência dos sistemas ferroviários das cidades destruídas. Veio de Berlim, com um ajudante, viajando à noite:

"Eu não podia alcançar imediatamente a Estação Central (informou êle), porque as comunicações com a cidade estavam completamente bloqueadas. A primeira coisa viva que eu vi ao entrar na cidade foi uma enorme lhama. Deve ter fugido do Zoo. Tudo na Cidade Interior estava inteiramente destruído, mas minha preocupação era apenas a Estação Central e o sistema de estrada de ferro. Nenhum dos principais oficiais da estrada de ferro estava à vista. Eu tive de mandar vir um importante oficial Reichsbahn de Berlim para desfazer a confusão e discutir medidas a serem tomadas para o restabelecimento do tráfego.

A primeira fase dos trabalhos de reparo da estrada de ferro era limpar os destroços das paredes da estação e encher as crateras de bombas ao longo dos cais de embarque; êste trabalho era feito por soldados dos aquartelamentos, prisioneiros de guerra e trabalhadores forçados. A segunda fase, a construção de linhas de emergência, era tarefa das tropas especiais de Hampe (Technische Spezialtruppen); em Dresden, havia dois batalhões dessas tropas de engenharia, cada um com 1.500 robustos, na maioria idosos engenheiros, além da idade militar.

A carnificina na Estação Central de Dresden-Altstadt, ao sul do Elba, foi a pior que o General Hampe jamais vira. Dois dias antes, o último trem oficial de refugiados da Frente Oriental, havia chegado à cidade, com seus passageiros amontoados em vagões primitivos e mesmo pranchas de carga. Os refugiados ainda continuavam a chegar à cidade, atrapalhando, entretanto, a passagem regular dos trens de leste. As intermináveis e organizadas colunas de refugiados, cada qual com seu próprio führer, foram dirigidas em fila para as áreas de recepção designadas: para o Grosser Garten, onde milhares agora estavam mortos; para o Exhibition Site, onde centenas tinham sido mortalmente queimados pelo petróleo ardente que escorria dos transportes arrasados da Wehrmacht acumulados ali e aquêles que esperavam viajar mais para oeste, para as praças públicas de cada lado da Estação Central. Dos refugiados que se haviam acotovelado na estação na têrça-feira de Carnaval, poucos escaparam com vida, porém: somente um trem que estava na estação quando soaram as sirenas havia escapado para oeste - o expresso para Augsburg e Munique.

Nos abobadados subterrâneos por baixo da Estação Central havia amplos corredores nos quais tinham sido abrigadas umas duas mil pessoas. Não havia ali, porém, nem portas à

prova de explosão, nem sistemas de ventilação. Realmente, as autoridades da cidade haviam providenciado o alojamento provisório de vários milhares de refugiados da Silésia e da Prússia Oriental, e de suas bagagens, nessas passagens subterrâneas, embaixo da estação, onde eram atendidos pela Cruz Vermelha, RADWJ (Serviço de Trabalho das Mulheres Alemãs), Frauensehaften, e NSV (Serviço de Bem-Estar Nacional Socialista). Em qualquer outra cidade alemã, a combinação de tanta gente, com tanto material inflamável, num local tão vulnerável e potencialmente perigoso como a Estação Central, poderia ter parecido suicida; mais uma vez ainda, porém, êste lapso era compreensível tendo em vista, de um lado, a proclamada imunidade de Dresden a ataques, e do outro, a premente necessidade de qualquer espaço para abrigo, pois, afinal, estava-se no meio do inverno.

"Mesmo os degraus para as plataformas mais elevadas estavam instransponíveis devido às pilhas de bagagens nêles acumulados", contou o führer de uma coluna de refugiados chegando à Estação Central na noite do ataque. As próprias plataformas estavam sobrecarregadas de gente, que se movia para a frente e para trás, cada vez que chegava um trem vazio.

Do lado de fora, nas praças da estação, Bismarck e Wiener Platz, as filas de pessoas à espera tinham sido intermináveis.

No meio dêste caos e confusão, soou o grande alarme às 21h41m de 13 de fevereiro, ecoando de repente e de maneira clara através da cidade, de Klotzsche, ao norte, para Racknitz, ao sul, da Freidrichstadt a oeste aos subúrbios do leste. Tôdas as luzes da Estação Central foram apagadas, ficando somente as de sinalização, na extremidade do hall da plataforma. Também estas foram apagadas. O povo, porém, estava apático, recusando-se a admitir a possibilidade de um reide aéreo. Muitos refugiados tinham feito fila, durante dias, para os trens e não queriam perder os lugares para o que bem poderia ser o 1729 falso alarme. Acabavam de chegar dois trens de Königsbruck, cheios de crianças da Deutsches Jungvolk, dos campos de evacuação KL V, nas províncias, agora varridas pelo Exército Vermelho.

Apesar do acúmulo e da confusão no hall da estação, logo que as bombas começaram a cair, os trens foram desviados para o ar livre. Os alto-falantes instruíam para que fôssem todos para os subterrâneos embaixo da plataforma. A princípio poucos obedeceram, mas, quando as bombas começaram a cair, começou a corrida.

A Estação Central estava fora do setor marcado para o primeiro ataque e quando êste terminou pouco dano havia sido causado. Foi então que os oficiais das ferrovias cometeram o que veio a revelar-se um engano fatal. A interrupção de comunicações entre Dresden, Berlim e os postos exteriores dos Corpos de Observadores havia deixado os

chefes da ARP da cidade completamente alheios à situação do ar. Julgando que Dresden tivesse visto o bastante da RAF por uma noite, o chefe da estação mandou que os trens voltassem novamente às plataformas. Em três horas, a estação estava de nôvo trabalhando a todo vapor, com as correntes de povo da Cidade Interior em chamas aumentando a confusão. As plataformas estavam mais uma vez de nôvo fervilhando, com pessoal da Cruz Vermelha e da NSV, refugiados, evacutldos e soldados, quando, de maneira absolutamente inesperada, começou o segundo ataque. Nessa ocasião, a estação estava no centro da área atacada.

Os dois trens cheios de crianças evacuadas, de 12 a 14 anos de idade, tinham sido deixadas nos pátios abertos fora da estação, perto da Falkenbrücke. Depois que o primeiro ataque havia passado pela estação sem conseqüências, o chefe do campo de evacuados, um antigo oficial do Partido de uns 55 anos, havia tôlamente explicado às crianças curiosas que as luzes da Arvore de Natal branca sinalizavam a área para destruição pelos bombardeiros. Com o inesperado retôrno dos bombardeiros, êle deve ter-se amaldiçoado pela sua falta de tato; embora tivesse apressadamente mandado que as crianças descessem as cortinas, elas perceberam claramente que os pára-quedas luminosos agora sinalizavam um amplo retânguIo em cujo centro estava a própria estação.

Centenas de bombas incendiárias caíram atravessando o frágil teto de vidro da estação. As pilhas de bagagens e caixas amontoadas no interior da estação incendiaram-se. Outras incendiárias penetraram nos poços de ventilação dos túneis de bagagens, onde muitas pessoas se haviam refugiado, enchendo os túneis de fumaça tóxica e gastando o precioso ar. Os túneis e passagens sob as plataformas não haviam sido equipados como abrigos antiaéreos e não possuíam qualquer sistema de ventilação. Uma jovem mãe havia chegado num trem de passageiros, da Silésia, quando começou o primeiro ataque. O seu marido lhe havia escrito, do aquartelamento de Dresden, que havia um acôrdo segundo o qual a cidade não seria bombardeada porque "os aliados a desejavam para a capital alemã de pós-guerra"; ela havia trazido consigo, para Dresden e para a segurança, duas crianças:

"Somente uma coisa me salvou: meti-me num depósito de caldeiras, por baixo de uma das plataformas. No delgado teto havia um buraco feito por uma bomba incendiária que não havia explodido. Através dêle tinha ar suficiente para respirar de tempos a tempos. Tôdas as demais pessoas pareciam inclinadas de encontro a nós. Passaram-se várias horas. Então ouço alguém gritar e um oficial do Exército ajudou-me a sair através de uma longa passagem. Atravessamos o andar térreo: havia ali vários milhares de pessoas, tôdas muito quietas.

Na praça havia milhares de pessoas, juntas ombro a ombro, não em pânico, mas

mudos e quietos. Acima dêles rugiam as chamas. Nas entradas da estação havia montes de crianças mortas e outras já estavam sendo empilhadas à medida que iam sendo retiradas da estação.

Deve ter havido um trem de crianças na estação. Mais e mais mortos foram empilhados, em camadas, um por cima dos outros, e cobertos com lençóis. Tirei um dêsses lençóis para um dos meus filhinhos, que não estava morto, porém com muito frio. Ao amanhecer, chegaram alguns velhos da SA e um dêles ajudou-nos a ir para a cidade para pôr-nos a salvo.

Entre as vítimas havia crianças em vestes de Carnaval, talvez esperando na estação parentes vindos de leste.

Enquanto que somente a fortuita abertura do teto havia salvo êste punhado de pessoas no depósito de caldeiras da estação, vários milhares não tiveram a mesma sorte. O chefe do pôsto de ARP informou que de cêrca de 2.000 refugiados vindos do leste, que haviam estado abrigados no único túnel que havia sido reforçado, somente uma centena havia sido mortalmente queimada pela ação direta de bombas incendiárias; porém, mais uns quinhentos foram sufocados pela fumaça.

Havia deixado tôdas as roupas das crianças e medicamentos nas minhas valises, embaixo da plataforma" - continua relatando a refugiada da Silésia. - "A princípio foi totalmente impossível obter qualquer roupa para bebê, de modo que me aventurei a voltar a Dresden e à estação. Os subterrâneos da estação haviam sido isolados por SS e policiais. Disseram que havia perigo de tifo. Contudo, foi-me permitido entrar no subterrâneo principal em companhia de um oficial maneta da Reichsbahn. Ele me preveniu de que não havia ninguém vivo ali, todos estavam mortos. O que vi era um pesadelo, iluminado como estava pela fraca luz da lanterna do funcionário da estação. A totalidade do pavimento estava ocupado por várias camadas de corpos."

Mais uma vez ainda a maioria das pessoas na Estação Central havia sido vítima, não das "centenas de bombas explosivas de 2.000 e 4.000 quilos", nem das 650.000 incendiárias lançadas na cidade. A maioria das mortes havia resultado da inalação de gases aquecidos e pela intoxicação por monóxido de carbono e fumaça; em grau menor, a falta de oxigênio aumentou o total de mortos. "O que vimos ao fugir não foi tanto cadáveres como pessoas aparentemente adormecidas, jogadas contra as paredes da estação", lembra um cadete dos Granadeiros Panzer, que teve de mudar de trem em Dresden, a caminho de Berlim. Dos oitenta e seis cadetes que o acompanhavam, menos de trinta escaparam com vida para gozar a permissão em Berlim. Contudo, embora as incendiárias realmente provassem a sua

eficiência como arma contra pessoas e provocadoras de incêndios generalizados na própria cidade, diflcilmente seriam consideradas a melhor arma para um ataque à cidade como centro ferroviário e de comunicações principais".

Tendo em vista a insistência dos governos aliados em que o tríplice golpe foi desferido para interromper o tráfego através de Dresden e que o ataque teve muito êxito neste particular, algumas estimativas devem ser feitas para o tempo durante o qual as principais linhas atravessando Dresden estiveram fora de serviço.

Com a chegada a Dresden do General Hampe e seus dois batalhões de engenheiros, logo começaram os trabalhos de salvamento e recuperação do sistema ferroviário. De maneira bastante curiosa, como foi largamente referido, tanto por testemunhas oculares como pelo estudo de fotografias de reconhecimento após o reide, os muito amplos pátios ferroviários de Dresden - Preidrichstadt - foram pouco danificados. As fotografias mostraram 24 trens, de carga, de passageiros e hospital, estacionados nos pátios ferroviários, depois dos reides, enquanto que tudo em volta dos edifícios ardia furiosamente áreas enormes visivelmente incendiadas. Das três oficinas de reparação no pátio, uma havia sido atingida por incendiárias numa extremidade. Nos pátios de carga podiam ser vistos mais de 400 vagões de carga e de passageiros, ainda em perfeita ordem, esperando nos desvios e pontes de pesagem, raramente com um vão nas suas filas. A Marienbrücke, ponte ferroviária sôbre o rio, estava indene. Se êles realmente quiseram interromper o tráfego através da cidade - observou o General Hampe - bastaria que se concentrassem nessa única ponte; seriam necessárias muitas semanas para substituí-la, e durante êsse tempo todo o tráfego ferroviário teria que fazer longos desvios.

Trabalhando dia e noite, o General Hampe e os seus Technische Spezialtruppen foram capazes de preparar uma dupla linha ferroviária para trabalho normal, em somente três dias após o tríplice golpe.

A importância de Dresden como centro ferroviário - declara Hampe - sendo considerável não foi diminuída por mais de três dias em conseqüência dêsses três reides aéreos. Esta observação pode parecer surpreendente se encarada à luz das declarações dos aliados de que o ataque às instalações de comunicações de Dresden havia sido bem sucedido; a história oficial americana das operações da USAAF no teatro europeu, enquanto referia suspeitosamente como o relatório da RAF, após o reide, "estendia-se de maneira pouco comum para explicar como a cidade se havia transformado em grande centro industrial e era portanto um objetivo importante" tinha isto a dizer:

"Se as baixas foram excepcionalmente altas e grandes os danos nas áreas residenciais,

era também evidente que os estabelecimentos industriais e de transportes da cidade foram destruídos. "

A história da Alemanha Oriental referente à destruição e reconstrução de Dresden, diz:

"As linhas ferroviárias não foram de modo particular danificadas seriamente; um serviço de emergência foi capaz de repará-las tão ràpidamente que não houve perturbação séria do tráfego.

Muitas fontes não comunistas também apóiam esta afirmação. Deve ser lembrado que o Chefe de Bombardeio do segundo ataque noturno da RAF, reportou, durante o seu interrogatório após o reide, que parecia que os "pátios ferroviários não haviam sofrido dano maior"; embora não haja menção a esta infeliz preservação do sistema ferroviário de Dresden nos subseqüentes pronunciamentos públicos do Ministério do Ar, é evidente que a informação não foi ocultada aos próprios comandos de bombardeiros aliados; assim o relatório da missão Nº 266, do 390º Grupo de Bombardeio americano, ao descrever um ataque feito em 2 de março à cidade, relata:

"Os tripulantes foram impedidos pelo tempo de cumprir missão a objetivos de petróleo no Ruhland. Os grandes pátios ferroviários de Dresden, um dos poucos canais norte-sul para a Tchecoeslováquia que não haviam sido bombardeados severamente, constituíram o objetivo da PFF."

Depois de referir-se acerbamente à devastação causada aos tesouros culturais da cidade, a história da Alemanha Oriental continua dizendo que:

"Os escombros nas vias permanentes da Estação Central foram removidos em apenas poucas horas, e os trens desviados para vias secundárias."

Trens regulares estavam de nôvo atravessando a Cidade Nova de Dresden pela altura de 15 de fevereiro.

No interêsse da exatidão histórica, deve ser acrescentado que existem sinais de que as linhas ferroviárias de Dresden foram deslocadas em certa extensão. Em 16 de fevereiro, o Diário de Guerra do Alto Comando assinalava que, como resultado da derrota de Kottbus e Dresden, novas dificuldades haviam surgido no sistema de transportes: "Ainda há aqui várias centenas de milhares de refugiados esperando evacuação." O Coronel-General Alfred Jodl, Chefe do Grupo de Operações do Alto Comando, chegou mesmo a informar aos americanos, no seu interrogatório de 19 de junho de 1945, que os ataques a Dresden a "eliminaram completamente" como entroncamento ferroviário; mas acrescentou que êles não tiveram "efeito significativo" no abastecimento da frente oriental. Também um dossiê secreto de relatórios compilados em fevereiro de 1945 pelo Ministro dos Transportes

alemão citou os principais acontecimentos do mês incluindo o "completo esmagamento dos maiores centros ferroviários particularmente ativos, tais como, por exemplo, Dresden, Munique, Nuremberg, Leipzig etc" e acrescentava que a destruição de Dresden, Kottbus, Sanftenberg e Berlim havia contribuído fortemente para a confusão nas áreas da retaguarda. Persiste a pergunta, contudo, de que mesmo se Dresden foi "completamente eliminada" como centro ferroviário (e há também forte evidência sugerindo que isso não aconteceu) poderia êsse sucesso de algum modo justificar a miséria e o sofrimento infligidos a uma população humana, como foi feito nesse novo massacre do dia de S. Valentim?

ABTEILUNG TOTE

Cedo na manhã de 14 de fevereiro, milhares de prisioneiros inglêses marchavam na cidade; embora tôda a Cida de Interior estivesse agora ardendo furiosamente, os homens eram ainda encaminhados aos seus lugares primitivos de trabalho, escolas destruídas na Wettiner-Strasse, a área atingida pelo pequeno reide americano de outubro de 1944. Às 11 horas, porém, foram encaminhados de volta aos seus campos: os trabalhos de salvamento na Cidade Interior não eram ainda possíveis, com um calor de fornalha nas ruas estreitas e nenhuma das adegas bastante frescas para acolher alguém. Êste precoce retôrno salvou muitas vidas, pois se estivessem na cidade ao meio-dia, também seriam apanhados pelos ataques americanos.

Assim, os incêndios puderam lavrar sem contrôle por mais de 14 horas e poucos esforços foram feitos para abrir caminho aos ainda vivos, encurralados nos amplos subterrâneos da cidade. Em Brunswick, deve ser lembrado, a rápida decisão de usar a técnica das "aléias de água" salvou a vida de vários milhares encerrados no Hockbunker da cidade, no coração da área da tempestade de fogo, mesmo antes que o reide terminasse.

Somente às 16 horas, três horas e meia depois de terminado o reide americano, foram iniciados em Dresden as primeiras grandes operações de salvamento. Companhias de soldados dos quartéis King Albert, na Cidade Nova de Dresden, foram chamadas e embarcadas nos carros, com equipamento de tempestade, máscaras de gases, capacetes de aço, garrafas de água, ferramentas para cavar e alimento para um dia. As colunas de carros pararam nas margens orientais do Elba; as pontes haviam sido minadas quatro dias antes e as cargas podiam explodir a qualquer vibração.

Quando os soldados marchavam em fila simples atravessando a ponte Augustus, muitos devem ter parado e olhado para o convulsionado horizonte. A maioria dos pontos de referência familiares de Dresden havia desaparecido, as tôrres de muitas igrejas e da catedral haviam caído nos reides; o Castelo ainda ardia e o anoitecer era obscurecido pelos rolos de fumaça subindo vagarosamente para o céu. Milagrosamente, porém, o mais famoso ponto de referência de Dresden, o zimbório de cem metros da Frauenkirche Georg Bähr ainda se erguia, o manto de fumaça pardacenta agitado pelo vento em tôrno da cruz de ouro e das lanternas no seu ápice. A Frauenkirche sobreviveu a muitas guerras: foi do seu zimbório que o jovem Goethe contemplou em 17-68 a devastação causada durante o

longo bombardeio realizado pela artilharia do Rei Frederico lI, da Prússia, na Guerra dos Sete Anos. Os quadros de Canaldto, das ruínas em Dresden, oferecem grande semelhança com a destruição depois de 1945. Se a Frauenkirche ainda permanecia erguida, então, por uma razão ou outra, a destruição de Dresden era incompleta.

Nessa ocasião, porém, a população civil estava completamente chocada pelo pêso do golpe que havia atingido Dresden. Exatamente poucas horas antes, Dresden era uma cidade de conto de fadas, de tôrres e ruas restauradas, na qual era possível admirar as vitrinas cheias nas principais ruas, que às horas do anoitecer não traziam a escuridão do black-out total, as janelas estavam ainda intatas e as cortinas não haviam sido retiradas, uma cidade na qual as ruas à noite estavam cheias de multidões que saíam do Circo, da Ópera ou de numerosos cinemas ou teatros, ainda funcionando nesses dias de guerra total. Agora, a guerra total tinha pôsto fim a tudo isso. Agora, as colunas de soldados marchavam para o centro de Dresden, estranhamente quieta e muito vazia.

A ferocidade do ataque diurno da USStAF, de 14 de fevereiro, havia finalmente pôsto o povo de joelhos. O céu havia obscurecido e as bombas lançadas pelas fortalezas voadoras foram largamente espalhadas.

Mas não haviam sido as bombas o que havia finalmente desmoralizado o povo: comparadas com as noites de bombardeio por arrassa-quarteirão de duas e quatro toneladas, as bombas americanas para fins gerais, de 150 quilos, devem ter parecido bastante inofensivas; foram os caças Mustang, que apareceram repentinamente voando baixo sôbre a cidade, atirando em tudo que se movia e metralhando as colunas de carros que se dirigiam para a cidade. Um grupo de Mustangs concentrou-se nas margens do rio, onde multidões de pessoas fugindo ao bombardeio se haviam reunido. Outro grupo atacou objetivos na área do Grosser Garten.

A reação civil a êsses ataques punitivos, aparentemente executados para acentuar a tarefa traçada nas instruções dos comandantes do ar como “causando confusão na evacuação de civis vindos do leste” foi imediata e universal; verificaram que estavam absolutamente abandonados.

Caças americanos castigaram Tiergarten-Strasse, a estrada marginando o Grosser Garten, ao sul. Aqui se haviam refugiado os remanescentes do famoso côro infantil da Kreuzkirche. Baixas assinaladas aqui incluem o Inspetor, seriamente ferido e um dos meninos do côro, morto. Prisioneiro inglêses, liberados de seus campos em chamas, estavam entre os que sofreram os danos dos ataques a metralhadora nas margens do rio e que confirmaram o esfacelamento do moral. Onde quer que colunas de fugitivos

marchassem, entrando ou saindo da cidade, eram acossadas pelos caças e metralhados ou dizimados pelo fogo de canhões.

É certo que muitas mortes foram causadas por êsse castigo a baixa altura, mais tarde convertido em característica dos ataques americanos.

Havia, compreensivelmente, uma imediata e urgente necessidade de acomodações hospitalares. Mas a situação hospitalar era desesperada: não somente Dresden havia sido considerada como centro para os combatentes feridos ou convalescentes, de tôdas as frentes, mas quase todos os hospitais temporários haviam sido atingidos e, dos 19 maiores hospitais permanentes de Dresden, 16 haviam sido danificados e três totalmente destruídos. A Vitzthum High School, por exemplo, servia como hospital, com 500 leitos, todos ocupados; apenas 200 inválidos puderam ser evacuados na meia hora entre o alarma e o ataque: todos os demais morreram.

Outros arranjos provisórios foram feitos para cuidar de limitado número de feridos e doentes civis de Dresden. Um grande hospital-eutanásia para mentais incuráveis, o Haus Sonnenstein, em Pirna, foi transformado para atender as suas necessidades; parte do abrigo, sendo escavado por uma unidade SS, por meio de explosões na superfície da rocha perto da ponte de Mordgrund, foi colocado à disposição da Cruz Vermelha para instalar um hospital provisório e refúgio para os desabrigados; o teto de vinte metros de espessura tornava o abrigo inteiramente à prova de bombas.

Dos dois maiores hospitais da cidade, o Friedrichstadt e o Johannstadt, o primeiro estava ainda parcialmente inabitáve1, enquanto o último, a leste da cidade, abrigando também a maior maternidade da cidade, a Fraunklinik-Johannstadt, estava completamente destruído.

Quando os bombardeiros apareceram sôbre a cidade, as clínicas não haviam sido ainda completamente evacuadas; o período de alarma foi muito curto. Uma bomba arrasa-quarteirão havia atingido o Bloco B. Duas seções de trabalho, uma sala de operações, a maternidade, a cirurgia ginecológica e o equipamento de esterilização nos três departamentos foram destruídos.

Foram feitas tentativas imediatas para transportar os doentes do Bloco B para o Bloco A; uma ala do Bloco A havia começado a arder, porém, e os seus inválidos tiveram que ser evacuados também. Ao amanhecer, o Bloco A ardia tão fortemente que não se podia pensar em combater o fogo; o Bloco B havia sido destruído por cinco bombas de altos explosivos; o Bloco C havia sido arrasado até os alicerces e ardia inteiramente; mesmo o Bloco D mostrava pesados danos. Somente o Bloco E havia sofrido pouco, embora o

seu telhado estivesse em fogo. As bombas do ataque americano diurno não haviam atingido a Fraunklinik, mas um Mustang solitário havia metralhado os Blocos C, D e E.

O número de baixas permite uma idéia da importância dos danos causados a Dresden. Na Fraunklinik, no Johannstadt, onde os danos estão mais bem documentados, umas duzentas pessoas, por exemplo, foram mortas, das quais, porém, apenas 138 puderam ser identificadas. No hospital repetia-se, no mínimo, a rotina habitual dos resultados da tempestade de fogo: em Kassel, 31,2% das vítimas não puderam ser identificadas; na Fraunklinik do Johannstadt, onde as baixas foram analisadas em detalhe, 31 % das mesmas não eram identificáveis. Das restantes, 95 eram pacientes, 11, enfermeiras, 21, assistentes, estudantes, enfermeiros e atendentes, 2 eram franceses, trabalhadores do serviço de salvamento, e 9 eram alemães, do grupo de salvamento; do total de 95 vítimas identificadas, 45 eram gestantes.

Por todo o resto da guerra, êste hospital estêve fora de serviço. Foram tomadas medidas para que as gestantes sobreviventes fôssem transferidas para a ala indene do hospital geral Friedrichstadt, onde várias seções foram preparadas para êsse fim.

Muitos doentes necessitando de cuidados urgentes tiveram que ser removidos, e ainda existiam os problemas óbvios de cuidados cirúrgicos a milhares de feridos. Era inevitável que a assistência fôsse lenta e muitos doentes e feridos morriam antes que pudessem ser atendidos eficientemente. As listas de mortos, já enormes, aumentaram gradualmente e ainda não haviam começado trabalhos organizados para recuperar os que estavam sepultados sob os escombros das casas.

Foi somente ao cair da tarde de Quarta-Feira de Cinzas, 14 de fevereiro, que as tropas aquarteladas na cidade foram postas a trabalhar nas tarefas de recuperação: para as unidades do Exército estacionadas distante da cidade, a demora foi maior. Em Königsbrück, onde estavam concentradas unidades para ação na frente oriental, a situação de Dresden não havia sido ainda apreendida dois dias depois dos ataques. Uma das dificuldades, e não a menor, consistia no fato de situar-se a tempestade de fogo e portanto o dano à vida e segurança, na margem esquerda do Elba, ao passo que Königsbrück e a maioria de outras concentrações de tropas estavam na margem direita. Mas a margem esquerda do Elba era chamada de frente doméstica, enquanto tudo a leste do rio era designado como o Exército da retaguarda. Qualquer iniciativa para movimentar essas tropas devia vir das autoridades competentes. Somente a 16 de fevereiro chegaram as ordens de marcha necessárias.

No caso dos prisioneiros de guerra aliados estacionados em Dresden, dos quais havia

mais de 20.000 por ocasião do ataque as instruções para que participassem dos trabalhos de salvamento chegaram ainda mais tarde.

Embora houvesse mais de 230 prisioneiros aliados, por exemplo, em um destacamento de trabalho, o de Nº 1.326, em Dresden-Obigau, em conseqüência da tentativa de fuga de 14 de fevereiro, não foram escalados para trabalho até 21 de fevereiro, quando 150 prisioneiros foram mandados marchar, pelo Comandante do IV Distrito do Exército, em grupos de 70, 50 e 30, para a cidade, para auxiliarem nos trabalhos de salvamento. Durante uma semana inteira os homens ficaram confinados no campo.

Um prisioneiro, em outro campo, referiu amargamente que embora tôda a área em volta dêles tivesse sido pesadamente danificada no tríplice golpe, os guardas alemães os obrigavam a marchar exatamente para a cidade, cada manhã, para um lugar na parte leste de Dresden; a intenção evidente era a de "esfregar-lhes o nariz" nos horrores que os seus compatriotas haviam causado e para ajudar o quase completamente fracassado engajamento de prisioneiros no Corpo Britânico Livre, para combater os russos na frente oriental. A maioria dos prisioneiros inglêses trabalhava com entusiasmo nas operações de salvamento e recuperação. Era realmente uma situação anômala. Muitos deviam mais tarde pagar com a vida pela sua boa vontade, quando, após semanas de rações mínimas, os trabalhos de salvamento os levaram a armazéns de víveres intatos, em lojas e hotéis destruídos. Assim, um americano de um campo em DresdenPlauen foi encontrado com uma lata de alimento no seu uniforme durante uma revista de rotina; um jovem soldado franco-canadense foi apanhado escondendo um presunto roubado no campo de Dresden-Qbigau. Ambos foram executados por esquadras de fuzilamento. Alemães e não alemães eram tratados da mesma maneira. Um trabalhador alemão foi apanhado escondendo cêrca de 180 alianças no bôlso, na Grunaerstrasse: foi também executado no local. Em Dresden foi declarado o estado de emergência a partir de 17 de fevereiro.

Por ordem do Gauleiter - anunciou impiedosamente o Der Freihestskampf naquele mesmo dia - alguns assaltantes e saqueadores foram ontem fuzilados, logo após a sua captura. Onde forem descobertos, saqueadores deverão ser imediatamente encaminhados aos oficiais do Partido ou a seus representantes; o Gauleiter Mutschmann não pretendia usar qualquer espécie de benevolência nesta sua tão cruelmente provada Gau. Êste era um assunto para tôda a comunidade: quem cometesse um crime contra a comunidade somente merecia a pena de morte.

Não apenas saqueadores foram executados em Dresden, aumentando a enorme lista de mortos do tríplice golpe. Descobriu-se que elementos inescrupulosos estavam cada vez mais espalhando boatos, não apenas falsos, mas também malévolos.

O negociante boateiro somente atende aos interêsses do inimigo e deve esperar morte imediata. O Gauleiter ordenou que todos êles deviam ser fuzilados imediatamente; isso já havia acontecido em certos casos.

Durante vários dias depois do trípice golpe, as ruas da cidade estiveram cheias com milhares de vítimas ainda jazendo onde haviam morrido. Em muitos casos os membros haviam sido arrancados; outras vítimas apresentavam uma expressão serena na face e pareciam ter adormecido. Somente a palidez esverdeada da pele mostrava que não estavam mais vivos.

Após os seus dois dias de lentidão, as tropas trabalhavam agora febrilmente desenterrando os sobreviventes; os soldados deviam trabalhar ativamente vinte e quatro horas, com reduzida alimentação; tôda espécie de organização tinha cessado e as tropas de salvamento não podiam esperar alimento até que fôssem substituídas por outras tropas.

"O trabalho era muito duro" - conta um soldado destacado para trabalhos de salvamento em Dresden. "Foram destacados quatro homens para o transporte de cada sobrevivente ferido. Outros soldados antes de nós já haviam começada removenda os escombros e abrindo as adegas. Às vêzes vinte, às vêzes mais pessoas haviam procurado abrigar-se das bombas. O fogo as havia privado de seu suprimento de oxigênia e o calor deve tê-las torturado terrivelmente. Ficávamos satisfeitos ao encontrar aqui e ali um ou dois ainda vivos. Isso durou horas. Jazendo sôbre a terra estavam os cadáveres, reduzidos pelo intenso calor a cêrca de um metro de comprimento."

Êle e a sua companhia foram depois empregados no trabalho de salvamento de sobreviventes encurralados na Ópera destruída; êste edifício de Semper havia visto as premiéres de Rienzi, The Flying Dutchman, Tannhaaser de Wagner, mais recentemente, Der Rosenkavalier, de Richard Strauss. Agora, nada mais apresentaria para a mundo de cultura. Foi destruído, como o Circo Sarrasani, deixando apenas um danificado arcabouço vazio e muitas pessoas sepultadas sob as suas ruínas.

Quando as colunas de soldados marchavam de volta atravessando o rio, podiam ver que agora o zimbório de Frauenkirche também havia desabado. Abrigados no subterrâneo da catedral havia uma copiosa filmoteca de arquivos do Ministério do Ar alemão e - exatamente quando os bombeiros da Catedral pensavam haver controlado as chamas o calor produzido no subterrâneo provocou a combustão do celulóide com violência explosiva. O zimbória desabou às 10h15m na manhã de quinta-feira, 15 de fevereiro. Agora, também estava completa a destruição da arquitetura da cidade.

O tríplice golpe tornou a Chefatura de Polícia inabitável e, em conseqüência, a sede da Polícia de Segurança e a organização do Partido SD foram transferidos com a sede da SS e do Chefe de Polícia para o incompleto abrigo rochoso escavado na pedra, em frente à Mardgrundbrücke em Dresden.

No dia 19 de fevereiro, Der Freihestskampf publicou o primeiro anúncio pedindo às pessoas que procuravam parentes desaparecidos que entrassem em contato com "uma recentemente organizada Vermissten-Suchstelle, um Escritório de Procura de Pessoas Desaparecidas no edifício ainda intato do Ministério do Interior, no cais Königsufer, do Elba; foi o primeiro passo para reunir as milhares de famílias espalhadas pelo tríplice golpe.

Ao mesmo tempo foi constituída uma organização de tarefa mais desagradável, a que compilava o registro das pessoas desaparecidas que nunca seriam encontradas. Em cada um dos sete distritos administrativos de Dresden a Vermissten-Nachweis - Centro de Pessoas Desaparecidas - foi estabelecida. Os escritórios para os distritos de Weisser Hirsh e Dresden-Central estavam no local da Town Halls; para os distritos de Blasewitz, Strehlen, e Cotta estavam nas escolas elementares locais; o escritório de Trachau estava na Dobelner-Strasse, e o de Leuben, na Nº 15 da NeuberinStrasse.

O escritório em Dresden-Leuben incumbia-se de inquéritos referentes a vítimas sem residência permanente em Dresden, incluindo refugiados, soldados e trabalhadores forçados; foi aqui estabelecido um Escritório Central para Pessoas Desaparecidas Vermissten-Nachweis-Zentrale - para centralizar as informações de tôdas os outros.

Na manhã de 15 de fevereiro, Hanns Voigt, professor-assistente de uma das escolas da cidade, a qual havia sido fechada em 4 de fevereiro como tantas das escolas de Dresden para conversão em hospital da Luftwaffe, teve ordem de apresentar-se ao nôvo escritório da VNZ em DresdenLeuben, o qual havia sido instalado em uma antiga creche diurna, na Neuberin-Strasse, uns 10 quilômetros a suldeste da cidade. Esta parte da cidade podia esperar ser poupada de ulteriores danos por ataques aéreos e tinha a vantagem de estar na margem esquerda do rio; predominava em Dresden a opinião de uma rápida invasão russa. Afinal, os russos estavam agora distantes apenas uns 110 quilômetros.

Voigt recebeu ordens para estabelecer um Abteilung Tote para o VNZ - um Departamento para Pessoas Mortas ao qual incumbiria o registro dos dados e pertences de tôdas as pessoas sabidamente mortas, e mais tarde, das milhares de vítimas que seriam retiradas das ruínas da cidade. Durante duas semanas, com a característica eficiência germânica,êle reuniu assistentes e formulou um plano para o que viria a ser a maior tarefa de identificação e registro da história. Em 19 de março, Voigt estava em condições de reportar ao VNZ que o seu departamento estava perfeitamente capaz de operar, com um

total de funcionários e oficiais superior a setenta; mais uns 300 trabalhavam no VNZ. O Abteilung Tote seria responsável pela identificação das vítimas e pela obtenção de alguma estimativa final sôbre o total de mortos. Em 6 de março, o Departamento foi reconhecido pelo Govêrno e incorporado ao VNZ. A cuidadosa e burocrática eficiência com a qual chegamos a associar o povo alemão foi bem demonstrada pela estrutura e atividade desta macabra instituição. Para fins de métodos de identificação, Dresden foi dividida em sete distritos operacionais, cada um com o seu próprio escritório SHD central: o SHD era o Sicherheits und Hilfsdienst, o serviço mais freqüentemente ativo em cidades após a blitz. A recuperação de cadáveres era confiada à supervisão de quatro esquadrões do Serviço de Reparos (Instandsetzungsdienst)e as suas quatro companhias de Serviços Médicos, por dois batalhões de soldados e os esquadrões do Serviço Técnico de Emergência (Tchnische Nothilfe). Foi organizado um pôsto de comando para o I.-Dienst no abrigo de concreto sob o Edifício Albertinum, como era o pôsto de comando da Technische Nothilfe.

Foram estreitamente coordenadas a organização dos trabalhos de salvamento, a identificação e a contagem. Havia oficiais disponíveis para supervisar no local os trabalhos de identificação, os corpos sendo alinhados por um ou dois dias no espaço para êsse fim desembaraçado nos pavimentos. Todos os pertences, incluindo jóias, papéis, cartas, anéis e outros objetos identificadores foram colocados em envelopes individuais de papel. Esses envelopes traziam as informações essenciais: local e data do encontro, sexo, e, se conhecido, o nome da pessoa junto a um número de série. Cada vítima trazia pregado um cartão de côr com o mesmo número de série escrito. Ao mesmo tempo, cada cabeça era contada por oficiais e essas listas diárias, junto com os carros carregados de pertences, eram reunidos pelo chefe da SHD dos sete escritórios distritais. Cada noite, o VNZ juntava todos os envelopes e registrava os nomes e números de série em suas listas, para permitir que os dados fôssem processados durante as semanas seguintes.

O trabalho de recuperação era a tarefa mais dura - explicou o diretor do I-Dienst em Dresden. - Os gases acumulados nos subterrâneos quentes eram um grave perigo para os nossos grupos de salvamento, pois não havia bastante máscaras contra gases para permitir eficiência no trabalho.

Na primeira semana, as unidades de I-Dienst, polícia, RAD e companhias de SHD foram obrigadas a trabalhar sem luvas de borracha - todo o estoque das mesmas perdeu-se nos incêndios. A experiência em outras áreas de tempestades de fogo havia demonstrado como os que trabalhavam em serviços de recuperação eram freqüentemente expostos a doenças e vírus pós-morte. Não obstante, durante a primeira semana, homens e mulheres empregados na recuperação de cadáveres tiveram que trabalhar com as mãos nuas ou com

proteção improvisada. Com uma falta de eficiência pouco germânica, os suprimentos de luvas de borracha começaram depois disso a aumentar em grandes excedentes até que logo foram mesmo vendidas ao público. Havia, também, grande necessidade de botas de borracha: adegas e subterrâneos, habitualmente secos, tornaram-se porém intransitáveis, com a umidade que se desprendia das serosidades dos cadáveres.

A êste respeito, Dresden estava tão mal preparada para a tempestade de fogo como o estivera Kassel: no distrito ARP Kassel, os fornecimentos de um e outro não haviam sido suficientes e estoques extras tiveram que ser entregues por avião. Nem eram, êsses os únicos suprimentos faltando em Kassel. "Para combater o muito acentuado mau cheiro de decomposição que aparecia após vários dias, tôdas as fôrças que participavam dos trabalhos de recuperação dispunham de conhaque e cigarros"; mesmo água de colônia e rações especiais de sabão eram disponíveis por ocasião dos reides de Kassel. Alguns esquadrões de salvamento haviam trabalhado usando máscaras de gases com chumaços embebidos em álcool colocados no dispositivo do filtro.

Em Dresden foram aplicadas as lições aprendidas de outros reides aéreos, no tocante às necessidades pessoais dos esquadrões de salvamento e era bom que somente os estoques de luvas de borracha tivessem sido destruídos: os grandes depósitos de schnapps nos profundos subterrâneos, tanto do Museu de Higiene como do Albertinum, continuavam intatos. A tarefa de retirar os cadáveres das adegas, freqüentemente a mais penosa, foi confiada às fôrças de trabalho auxiliares: os trabalhadores forçados, unidades de tropas ucranianas e romenas dos quartéis e prisioneiros de guerra. Algumas partes da Cidade Interior estavam tão quentes que por muitas semanas não se podia entrar nas adegas; isto aconteceu sobretudo onde, contrariando os regulamentos, grandes quantidades de carvão haviam sido armazenadas nas adegas e se haviam incendiado. Uma rua na Cidade Interior ficou intransitável durante seis semanas. Como em Hamburgo, o habitual resultado de uma tempestade de fogo, mistura de jarros de prevenção, vasilhas e utensílios de cozinha, e mesmo ladrilhos e telhas completamente queimados, foram descobertos em algumas adegas no centro da Cidade Interior. Tudo isso também testemunhava as temperaturas superiores a 1.0009 prevalecendo na área da tempestade de fogo.

Durante as primeiras semanas, a polícia da cidade estêve ocupada carregando as vítimas para os carros e tentando contá-las. Um oficial de polícia era enviado cada dia para receber dos armazéns trinta garrafas de conhaque por grupo. Os prisioneiros aliados, coletivamente considerados responsáveis pelos reides, não eram contemplados na distribuição, nem de conhaque, nem de cigarros.

As mulheres empregadas na recuperação, principalmente do Serviço de Trabalho do

Reich (Reichsarbeitsdienst), não tendo permissão para beber álcool, recebiam um xarope doce e 20 cigarros por dia para acalmar os nervos. A primeira tarefa dada a essas trabalhadoras foi a de retirar as vítimas das ruas.

"Uma cena que nunca esquecerei" - escreveu uma pensionista de Dresden à sua mãe, cinco dias depois dos reides - "foi o que restava do que aparentemente haviam sido mãe e filho. Eles haviam sido carbonizados e reduzidos a uma coisa única e haviam ficado rigidamente incrustados no asfalto. Haviam sido exatamente surpreendidos. A criança devia ter estado debaixo da mãe porque ainda se podia claramente ver a sua figura tendo os braços maternos abraçados em volta dêle."

Ninguém jamais poderia identificar um ou outro novamente.

Evidentemente, as autoridades que identificavam enfrentavam uma tarefa gigantesca. Outra testemunha, um dos soldados empenhados em trabalhos de recuperação, escreveu: "Em tôdas as vias através da cidade podíamos ver as vítimas jazendo de face para o chão, literalmente incrustadas no asfalto, amolecido e dissolvido pelo enorme calor."

O engenheiro da ARP da cidade, George Feydt, contava-se entre os 180 ou 200 corpos estendidos somente na Ring-Strasse.

"Um camarada pediu-me que o ajudasse a encontrar a sua mulher na Muschinski-Strasse" - referiu outro soldado dos quartéis da Cidade Nova. "A casa estava destruída pelo fogo quando a alcançamos. Ele gritou e tornou a gritar, esperando que as pessoas na adega pudessem ouvi-lo. Não houve resposta. Recusou-se a parar a busca e continuou a procurar em tôrno das adegas das casas vizinhas, apanhando até torsos carbonizados do asfalto amolecido para ver se um dêles era o de sua mulher.

Contudo, mesmo olhando os seus sapatos, o soldado não foi capaz de identificar um como sua mulher: a sua real incapacidade para reconhecer a sua própria espôsa era característica do problema que enfrentava o VNZ."

"Nunca poderia pensar que a morte pudesse atingir tanta gente de tantas maneiras diferentes" - disse Voigt, Diretor do Abteilung Tote do VNZ de Dresdell. "Nunca pensei ver gente enterrada nesse estado: mortalmente queimadas, cremadas, despedaçadas, esmagadas: às vêzes as vítimas pareciam pessoas normais aparentemente dormindo em paz: as fisionomias de outras estavam contorcidas pela dor, os corpos despedaçados quase nus pelo furacão; havia refugiados do Leste destroçados, apenas vestidos com farrapos e pessoas da Ópera com todo o seu requinte; aqui a vítima era uma figura informe, ali, um monte de cinzas amontoava-se numa bacia de zinco. Através da cidade, ao longo das ruas, flutuava o inconfundível odor da carne em decomposição."

Muita gente encontrou um fim terrível quando a usina central de aquecimento ardeu e os seus depósitos lançaram água fervente. Em muitos casos, porém, a morte havia sido tranqüila e lenta, ao mesmo tempo. Provàvelmente, mais de 70 por cento das baixas foram devidas à falta de oxigênio ou à intoxicação por monóxido de carbono.

ANATOMIA DE UMA TRAGEDIA

O efeito que parece ter tido nos mais elevados escalões de oficiais do NSDAP e no Govêrno alemão não foi o aspecto menos perturbador da onda de choque provocada pelo tríplice golpe a Dresden; durante um mês, com intensidade crescente, o Dr. Goebbels vinha pregando a história do Plano Morgenthau, o plano metade verdade, metade fantasia, para a Alemanha de pós-guerra, o qual o inimigo supunha que estivesse sendo discutido em Yalta. Agora, repentina e dramàticamente, o pesadelo que êles, na sua própria mente desorganizada haviam criado, parecia tornar-se real. Durante a noite, como mostravam os primeiros números correntes em Berlim, "entre 200 e 300.000 pessoas" haviam sido massacradas numa grande cidade alemã. O Inspetor do Serviço Alemão Contra Incêndios escreveu depois da guerra, em suas memórias:

"Os grandes incêndios em Dresden permitem a suspeita de que os aliados ocidentais estavam apenas interessados na liquidação do povo alemão. No fim, Dresden reuniu os alemães sob a bandeira da swastika e os lançou nos braços de seu serviço de propaganda, o qual, agora, com mais crédito do que antes, podia acentuar a nota do mêdo: mêdo de impiedosos reides aéreos, mêdo do Plano Morgenthau ratificado e mêdo da extinção."

Outros graduados oficiais alemães sustentavam opiniões opostas sôbre o moral após o tríplice golpe: "Quando tôda a Alemanha soube desta catástrofe", disse o Coronel Edgar Petersen, da Fôrça Aérea Alemã, segundo os historiadores oficiais, "o moral desintegrou-se ràpidamente. " (Deve ser assinalado que os historiadores oficiais deixam de dizer que, quando o mesmo Coronel foi mais tarde, no mesmo interrogatório, perguntado se o moral alemão era mais afetado pela destruição de cidades do que pelos danos causados às indústrias essenciais, Petersen respondeu francamente: "Não posso responder a isto. Nunca tive contato com o homem na rua") Para todos aquêles em Dresden que sobreviveram ao primeiro ataque, porém deve ter realmente parecido que tudo o que esperavam concernente ao Plano Morgenthau dos aliados estava sendo materializado, apenas de maneira demasiado rápida. Adolf Hitler, que havia sido acordado meia hora depois da meia-noite de 14 de fevereiro com as notícias de que Dresden estava ardendo, e que havia permanecido de pé até às 6h30m da manhã esperando a chegada dos relatórios, ordenou urgentes e drásticas medidas de vingança adequada: exigia que a Alemanha renunciasse à Convenção de Genebra, e a execução de aviadores aliados abatidos e

capturados nesses reides; o Dr. Goebbels procurou o Führer logo depois das sete horas da tarde, advogando o desencadeamento da guerra de gases contra os inglêses. Felizmente prevaleceu a razão e nenhum dêsses odiosos métodos foi adotado.

No Altmarkt-Square, em Dresden, sob o Memorial da Vitória, erguido depois da Guerra Franco-Prussiana, haviam sido construídos grandes tanques de água, fixos, de cêrca de 30 metros quadrados. Várias centenas de pessoas haviam tentado salvar-se e apagar o fogo de suas vestes mergulhando nos tanques; mas, embora as paredes dos tanques estivessem cêrca de um metro acima do terreno, na verdade, a água estava a uma profundidade de três metros. As paredes inclinadas dos tanques de concreto tornavam impossível sair dêles; os que podiam nadar eram puxados para baixo pelos que não podiam. Quando as turmas de salvamento abriram caminho até Altmarkt-Square, na tarde seguinte, os tanques estavam pela metade a água havia-se evaporado com o calor. As pessoas, nos tanques, estavam mortas.

O comandante de uma Companhia de Transporte da Organização Speer contemplou um quadro horrível quando êle e os seus homens conseguiram chegar à Lindenau-platz, ao sul da Estação Central, onde estavam os seus quartéis. A Lindenau-platz media cêrca de 100 por 150 metros. No centro havia canteiros, com poucas árvores. No centro da praça jazia um velho, com dois cavalos mortos. Centenas de cadáveres, completamente nus estavam espalhados à sua volta. O abrigo dos bondes havia sido destruído pelo fogo; mas a coisa mais extraordinária era ver como as pessoas jaziam nuas em tôrno dêle. Próximo ao abrigo dos bondes havia um lavatório público de aço corrugado. Na entrada do mesmo havia uma mulher de uns trinta anos, completamente nua, deitada de face para o chão sôbre um abrigo de peles; não muito distante estava o seu cartão de identidade revelando que era de Berlim. Poucos metros além estavam dois meninos, de 8 a 10 anos, estreitamente agarrados um ao outro; suas faces mergulhavam na terra. Também êles estavam completamente nus. As suas pernas estavam rígidas e projetadas para cima. Numa coluna Litfass (uma coluna cilíndrica de advertência) a qual havia sido derrubada, havia dois cadáveres, ambos nus. Viram essa cena uns vinte ou trinta de nós. Tanto quando podíamos compreender o povo havia demorado demais nos subterrâneos; quando foram finalmente retirados, estavam sufocados por falta de oxigênio.

Neste caso é improvável que a causa da morte tenha sido a intoxicação por monóxido de carbono: o rigor mortis não se teria instalado como foi descrito.

Algumas áreas de Dresden haviam sido tão severamente atingidas que era improvável que alguém tivesse escapado vivo. Uma dessas áreas era em tôrno da Seidnitzer-platz. Nela

também havia um tanque de água fixo, de uns 20 metros quadrados, mas não tão profundo como os da Altmarkt. Era uma visão grotesca. Entre 200 e 250 pessoas estavam ainda ali sentadas, nas bordas do tanque, exatamente onde estavam na noite do reide. Havia uma abertura, aqui e ali, por onde alguns haviam caído no tanque. Mas todos, ainda, estavam mortos.

No ângulo da Seidnitzer-Strasse com a praça, havia estado o alojamento local para as môças da RAD, e próximo dêle, um hospital provisório para soldados sem pernas. Quando as sirenas do Grande Alarma soaram, no dia 13 de fevereiro, as môças da RAD e os soldados estavam assistindo a um espetáculo carnavalesco de marionetes, nos subterrâneos do hospital. No hospital, no qual as môças da RAD tiveram depois que empreender tarefas de salvamento, verificaram que entre 40 e 50 pacientes e dois médicos haviam sucumbido por causa dos incêndios; somente escaparam dois médicos e uma enfermeira. O ataque foi desferido antes que os soldados pudessem ser evacuados.

"Nunca pensei que cadáveres pudessem encarquilhar-se tanto em calor intenso; nunca vi nada parecido antes, mesmo em Darmstadt", disse a chefe da unidade da RAD, ela própria sobrevivente da tempestade de fogo em Darmstadt.

Ao longo do lado sul do Grosser Garten estendiam-se os disseminados jardins zoológicos, abrigando uma das mais famosas menageries na Alemanha Central. As bombas que haviam atingido o zôo também libertaram muitos animais das jaulas despedaçadas. O zôo Hagenbeck, em Hamburgo, havia sido especialmente preparado para evitar a fuga de animais selvagens provocada por reides aéreos: as jaulas receberam barras duplas e os limites do zôo foram rodeados por trincheiras e armadilhas. Em Dresden, a maioria das jaulas foi danificada e, para evitar uma fuga em massa, os soldados foram chamados para matar todos os animais restantes às primeiras horas da manhã, depois dos reides.

Mesmo dez dias depois dos reides, as vítimas humanas não haviam sido ainda retiradas dos grandes canteiros do Grosser Garten. Um residente suíço descreveu como, duas semanas depois dos reides, êle percorreu a área devastada para visitar um amigo em Dresden-Gruna. A jornada levou-o ao longo do amplo bulevar de Stübel-Allee, onde o Reichsstatthalter Mutschmann, Gauleiter da Saxônia, tinha a sua vila; o caminho era áspero, não somente por causa das crateras e dos escombros, mas também por causa da horrível visão de montes de vítimas espalhadas por tôda parte. Ele descreveu mais tarde, num dos principais jornais suíços, as suas experiências durante a tragédia de Dresden, num relato sôbre os três dias do tríplice golpe das fôrças de bombardeiros aliados, começando em 22 de março, depois que conseguiu retirar secretamente as notas da Alemanha. O seu relato chocou não somente a Suíça; menos de seis dias depois, o Foreign Office representou ao

Primeiro-Ministro, presumivelmente acêrca do efeito que as operações de bombardeio dessa escala estava tendo sôbre a opinião mundial. Esta testemunha neutra escreveu:

"A visão era tão horripilante que, sem um segundo olhar, resolvi não orientar a minha marcha entre êsses cadáveres. Por isso voltei e dirigi-me para o Grosser Garten. Mas aqui ainda era mais horrível: andando através do terreno podia ver braços e pernas retorcidos, troncos mutilados e cabeças que haviam sido arrancadas do corpo e rolado longe. Em alguns lugares os cadáveres estavam tão amontoados que devia procurar passagem entre êles para não esbarrar em braços e pernas."

Para a RAD, os reides de Dresden foram especialmente trágicos. Môças foram engajadas para trabalhar um ano na organização e mais seis meses (pelo decreto do Führer, de julho de 1941) no Serviço de Guerra Auxiliar (Kriegshilfsdienst) trabalhando nos Correios, serviços de Ônibus e bondes, e hospitais. O VII Bezirk Dresden, que dirigia todo o trabalho feminino da RADWJ na Saxônia (as unidades masculinas da RAD estavam subordinadas à autoridade do XV Arbeitsgau, Dresden havia recebido muitos pedidos de pais para que deixassem as suas filhas cumprir os seus seis meses finais de KHD em Dresden, a qual era universalmente considerada como o mais seguro abrigo antiaéreo da Alemanha, mais do que na Alemanha Central e Ocidental. Agora, as baixas nesta seção da frente alemã de trabalho eram as mais pesadas de tôdas: na estimativa de uma das chefes das unidades de môças (Maidenführerin), morreram, durante o tríplice golpe, somente da KHD, umas 850 môças. Na Konig-Johannstrasse estavam estendidas para identificação por parentes e vizinhos. Um grupo era de doze jovens condutoras de bondes uniformizadas da KHD. Numa delas havia sido colocado um cartão: "Por favor, entreguem-me o corpo; eu mesma quero sepultar a minha filha." Já os sobreviventes dos reides assistiam aos sumários sepultamentos em massa das vítimas, fora da cidade.

Quando as môças da RAD e KHD empreendiam tarefas de salvamento eram tão capazes como os mais resistentes soldados ucranianos e trabalhadores forçados. Elas não recuavam quando acontecia terem de entrar nos subterrâneos, mesmo no meio da noite - durante os primeiros dias os trabalhos de salvamento eram ininterruptos - e retirar os corpos para os pavimentos. Em tôdas as vítimas eram procurados papéis pessoais, que ajudassem a identificá-las; se a identidade podia ser provada sem dúvida, a mesma era escrita num cartão amarelo, de numeração em série, o qual era pregado com um alfinête no cadáver. Também as môças eram solicitadas a abrir o vestuário de vítimas não identifica das e cortar amostras das blusas e roupas interiores, parte das quais era pregada nos corpos, o restante guardado nos envelopes de objetos pessoais. Corpos não identificados eram numerados em série com cartões vermelhos, para evitar confusão.

Para as môças da RAD, porém, a tarefa mais penosa era a de cuidar de suas próprias colegas. No grande alojamento em Weisse Gasse, por exemplo, uma rua estreita limitada pelo Altmarkt, o subterrâneo estava cheio com 90 môças; tôdas elas haviam perecido.

As môças estavam ali sentadas, como interrompidas no meio de uma conversação - descreveu a chefe do esquadrão que primeiro chegou ao subterrâneo do alojamento. - Pareciam tão naturais, embora mortas, que era difícil acreditar que na verdade não estavam vivas.

Os prisioneiros aliados participavam das operações de salvamento com entusiasmo, desenvolvendo os seus próprios equipamentos de escuta, introduzindo cilindros de oxigênio nas adegas para fornecer ar a qualquer sobrevivente e procurando sinais de vida, e engajando-se nas mais perigosas operações de salvamento. Em muitos casos, porém, havia cenas de violência quando a população extravasava a sua amargura nos prisioneiros indefesos; sabe-se que êles eram controlados de maneira adequada por seus guardas quando participavam de operações de busca e salvamento, mas, por vêzes, os civis alemãs perdiam a calma; não se opunham quando alemães eram recuperados vivos por prisioneiros aliados, mas irritava-os que os seus inimigos tivessem que manipular os seus mortos.

O Diretor Voigt, do Abteilung Tote do VNZ desejava, na ocasião, presenciar a abertura de tantas adegas quanto possível, para verificar pessoalmente a situação. Uns dez dias depois do tríplice golpe êle foi chamado pelo chefe de esquadrão de uma das unidades de SHD a uma casa perto da Pirnaischer-platz. Um grupo de soldados romenos recusava-se a entrar num dos subterrâneos; haviam-se encaminhado para êle, mas algo fora do comum havia certamente acontecido no seu interior. Os trabalhadores permaneciam em atitude hostil em volta da entrada do subterrâneo enquanto o Diretor civil, querendo dar exemplo, encaminhava-se, uma lâmpada de acetileno na mão, para os degraus da adega. Êle tranqüilizou-se ao deixar de perceber o habitual cheiro de decomposição. Os primeiros degraus estavam escorregadios. O piso da adega estava coberto de uma espêssa mistura líquida de umas 11 ou 12 polegadas de sangue, carne e ossos; uma pequena bomba altamente explosiva havia atravessado quatro andares do edifício para explodir no subterrâneo. O Diretor disse ao chefe da SHD que não esperasse salvar qualquer das vítimas, mas que derramasse cal clorada no interior do subterrâneo e o deixasse secar. Uma entrevista com o Hausemeister do quarteirão informou que "devia haver 200 a 300 pessoas ali naquela noite; sempre havia ali tanta gente durante outros alarmas aéreos".

Na Seidnitzer-Strasse também, cenas horríveis ofereciam-se aos trabalhadores das tarefas de salvamento. Mesmo soldados rudes não podiam manter a cadência do trabalho

por muito tempo: dois homens, trabalhando aqui na recuperação de corpos dos subterrãneos, recusaram-se a prosseguir no trabalho. Foram mandados voltar ao trabalho pelos seus chefes de esquadrão, mas novamente recusaram-se a obedecer. Foram ambos executados no local por um oficial do Partido. Os corpos foram imediatamente carregados para os carros puxados por cavalos, junto com os corpos putrefatos das vítimas do reide. Enormes pilhas de cadáveres formavam-se ràpidamente nas ruas, junto aos numerosos cinemas e bares da cidade onde centenas de pessoas haviam estado na tarde de Carnaval do ataque. Por ocasião do início do tríplice golpe, os cinemas e teatros ainda estavam funcionando.

A primeira visão que o Diretor Voigt teve da Estação Central mostrou-lhe montes de cadáveres sendo reunidos nas linhas ferroviárias, em pilhas de dez a vinte metros quadrados e três metros de altura. Os soldados mortos, que haviam estado atravessando a cidade, ou em permissão por ocasião do reide, foram retirados das ruínas durante vários dias e empilhados com forcados em carruagens que permaneciam no exterior das praças, tôdas as cabeças no mesmo sentido. A primeira estimativa, no dia em que êle aí inspecionou as baixas, foi de 700 a 1000 mortos somente na estação.

Como em muitas outras ocasiões, os números para a área destruída divergiam largamente; há duas estimativas para a área danifica da em Dresden. Os achados da unidade de Informações de Bombardeio Britânico, baseados na informação aérea, foram de que 1.681 acres da "área edificada do objetivo" haviam sido destruídos. Em 1949, contudo, o Stadtplanungsant de Dresden publicou a sua própria informação detalhada dos danos causados, da qual resultam os números seguintes: 3.140 acres sofreram destruição superior a 75 %; outros 1.040 acres, destruição superior a 25%. Como esta área central não era a que devia sofrer dos ulteriores reides pesados da USSAF de 2 de março e 17 de abril, é difícil de compreender a disparidade, mas pode ter resultado dos diferentes métodos de avaliação usados pelos inglêses e pelos alemães.

Quanto mais avançavam os trabalhos de salvamento nos centros das áreas mais duramente atingidas, tanto menor era a esperança de conseguir-se um registro perfeito das vítimas. Finalmente, os esquadrões de salvamento limitavam-se à tarefa de retirar alianças e de obter amostras das roupas usadas por cada vítima. Em Dresden-Leuben, o Diretor Voigt, do Abteilung Tote, havia em poucas semanas, aperfeiçoado um sistema de fichário, bastante simples para ser fàcilmente operado pelo seu escasso pessoal, porém bastante compreensível para fornecer a cada investigador uma chance positiva de saber do destino

dos seus parentes.

Em 19 de abril, o Oberburgermeister de Dresden anunciou que como o Escritório Central de Pessoas Desaparecidas era agora a melhor fonte de informações sôbre vítimas, mortos e sobreviventes, o escritório de investigações antes operado pelo CIO no edifício do Ministério do Interior seria fechado imediatamente; as informações do CIO e os pertences salvos já reunidos junto com os que estavam sendo recuperados seriam encaminhados ao Escritório Central, e daí ao Abteilung Tote, em nome de Hanns Voigt.

Um após outro, êle organizou e aperfeiçoou quatro sistemas de fichários, cada um baseado em dados diferentes. O primeiro continha vários milhares de fichas de vestuário (Kleiderkarten); nesses cartões estavam pregadas amostras do tamanho de uma polegada quadrada, de tôdas as vestes encontradas em corpos não identificados, junto com detalhes da localidade, data do achado, lugar do sepultamento e o número de série universal. As fichas de vestuário eram catalogadas de acôrdo com as ruas e o número das casas e conservadas à disposição dos investigadores em salas de arquivo, em um barracão na extremidade do jardim do escritório, por causa do cheiro de decomposição. "Até a capitulação tínhamos quase 12.000 fichas completas", informou o diretor.

O segundo sistema de fichário consistia em fichas, novamente organizadas rua por rua, nas quais estavam anotados diversos efeitos pessoais de vítimas não identificadas encontradas em casas ou nas ruas. O terceiro sistema era um simples registro alfabético de corpos; identificados por cartões de identidade ou papéis pessoais. Esta lista, porém, era uma das menores e foi finalmente encerrada em 29 de abril de 1945.

O quarto e último sistema era talvez o mais melancólico de todos: uma lista das alianças recuperadas. Elas haviam sido cortadas dos corpos, por meio de instrumentos, para ulterior identificação: o costume alemão exigia a gravação das iniciais do usuário na face interna do anel; freqüentem ente o nome completo ou os nomes eram gravados, com a data do noivado e a do casamento. Pela altura de 6 de maio havia entre 10 e 20.000 dêsses anéis guardados em recipientes de dois galões, no Ministério do Interior, em Königsfer. Todos êsses anéis não pertenciam necessàriamente a mulheres; o uso de aliança estendia-se, segundo o costume alemão, também aos homens.

Entrementes, com êsses quatro sistemas de fichários, o Abteilung Tote estava em condições de esclarecer a identidade de uns 40.000 mortos. Outra estimativa, não muito diferente, é fornecida pelo Engenheiro-Chefe de Defesa Civil da cidade; êle escreveu:

"O número oficial de mortos identificados foi dado como chegando a 39.773 na manhã de 6 de maio de 1945.:Esses números representam o total mínimo da lista de mortos em Dresden."

Contudo, como resultado da prematura intervenção de oficiais de Berlim, os trabalhos de identificação foram várias vêzes interrompidos ou descuidados. No início de março, um Kommando SS de Reichssamt Berlim, chegou a Dresden e apresentou-se ao escritódo da VNZ, em Dresden-Leuben; o trabalho de identificação sendo dirigido pelo Abteilung Tote, o sepultamento das vítimas estava sendo retardado e aumentava o perigo de epidemias na cidade. O trabalho de identificação devia ser no futuro parcialmente transferido para os terrenos do sepultamento.

O Escritório de Sepultamentos de Dresden estabeleceu três novas filiais, pois era incapaz de atender, sozinho, à enorme procura de seus serviços.

Todos os esforços foram utilizados para permitir que o maior número de vítimas tivesse sepultamento condigno, mesmo se apenas em campas coletivas. No Heide-Friedhof, até o fim da guerra, os despojos mortais de 28.746 vítimas haviam sido sepultados. Este número, para um dos cemitérios de Dresden é exato apenas na medida em que representa o número de cabeças literalmente contado pelos esquadrões de salvamento. Contudo, como assinalou o Chefe dos Correios: "Os cadáveres mutilados e despedaçados, cujas cabeças haviam sido carbonizadas ou destruídas podiam ser tão pouco contadas como as que haviam sido cremadas em vida na tempestade de fogo e das quais nada restava além de disperso monte de cinzas."

As tropas de sepultamento, um grupo de doze homens, foram reforçadas por 40 aviadores da escola de aviação e de treinamento de radar de Dresden-Klotzche e mais tarde por 80 prisioneiros russos e 60 inglêses; ali havia também inicialmente vinte e cinco italianos mas êles eram "preguiçosos e inúteis para qualquer coisa". Campas coletivas foram abertas no cemitério de Heide-Friedhof por escavadoras e bulldozers. Às primeiras vítimas a chegar coube um espaço de cêrca de um metro para cada uma. Dos quinze carros fúnebres da cidade, quatorze haviam sido destruídos pelos reides aéreos. Os fazendeiros e sitiantes das aldeias vizinhas receberam ordem para que levassem os seus cavalos para Dresden, para o trabalho. Ao mesmo tempo chegava uma interminável fila de pessoas trazendo para sepultamento os seus próprios mortos. Algumas vítimas eram transportadas em carros de carvão, outras em bondes. Ninguém se ofendia se os corpos eram envoltos em papel de jornal ou papel pardo amarrado com barbante. As unidades da RADWJ numa ocasião receberam o estoque de sacos de papel de uma fábrica de cimento para nêles colocar os troncos mutilados. As unidades SS e de Polícia foram mandadas de Berlim, com os seus carros, para transportar as vítimas para os cemitérios. Os oficiais de polícia mandavam descarregar todos os cadáveres de um carro numa campa coletiva; depois de sua partida, as tropas de sepultamento deviam retirar novamente o amontoado de corpos para

que finalmente um esbôço de ordem pudesse ser preservado neste desordenado império de caos. Os esquadrões de salvamento haviam colocado cartões amarelos nos corpos identificáveis e vermelhos nos demais. Eram sepultados em lugares diferentes do cemitério.

Tornou-se óbvio que o metro destinado a cada vítima era excessivo e logo os corpos foram colocados lado a lado na sepultura comum. Com a chegada das autoridades de Berlim, as ordens foram modificadas de modo que os cadáveres foram sepultados mais profundamente. O enorme Heide-Friedhof oferecia aparentemente espaço ilimitado para os cadáveres de tôdas as vítimas dos reides aéreos dos aliados na cidade, mesmo que fôssem em número duas vêzes maior. Mas embora o espaço permitisse um funeral decente para tôdas as vítimas não o permitia o tempo cada vez mais quente. Como as semanas passassem e o trabalho ainda não tivesse terminado, um odor de decomposição invadiu a cidade.

O Exército levantou barricadas em tôrno do centro da Cidade Velha, a área fechada sendo um quadrado limitado por ruas de três quarteirões de cada lado do Altmarkt. Os esquadrões de recuperação receberam novas ordens. Os cadáveres não deviam mais ser levados todos para os cemitérios fora da cidade mas sim para o Altmarkt, no centro da área cercada pelo Exército. Funeral no Heide-Friedhof implicava no trânsito de longas colunas de carruagens fúnebres através da Cidade Nova, a qual, apesar dos quartéis militares e das áreas industriais, havia sido muito pouco atingida; as autoridades não desejavam que a população presenciasse êsse deprimente espetáculo.

A identificação das vítimas tornava-se caótica. Grandes montes de cadáveres não identificados acumulavam-se nos cemitérios. Alguns cemitérios foram capazes de realizar milagres: no Johannis-Friedhof, em Dresden-Tolkewitz, por exemplo, o chefe da unidade de Polícia foi capaz de completar a identificação de quase tôdas as vítimas. Mas em outros, as pilhas de cadáveres começaram a subir acima dos campos coletivos e surgiram as complicações; oficiais SS, que voltaram e viram um monte de umas 3.000 vítimas no HeideFriedhof ordenaram o seu imediato sepultamento sem identificação; os corpos foram jogados na fossa comum.

As primeiras semanas de março foram frias e sombrias mas em meados do mês o tempo mudou e os raios de sol de uma precoce primavera normalmente quente banharam a morta Cidade Interior. Os edifícios destruídos secavam, mas centenas dos arruinados e bloqueados subterrâneos não haviam ainda sido desimpedidos em fins de abril. Ratos anormalmente grandes foram vistos deslizando entre as ruínas, o pêlo marcado pela cal colocada nas casas destruídas. Soldados trabalhando noite adentro nas áreas de mortos limitadas contaram ter visto macacos rhesus, cavalos e até um leão escondendo-se nas

sombras dos edifícios nos quais haviam vivido e se haviam alimentado desde que as suas jaulas haviam sido destruídas dois meses antes. Mas o Altmarkt já estava presenciando cenas mais horripilantes do que animais antes enjaulados e agora movendo-se sorrateiramente na escuridão.

ELES COLHERÃO TEMPESTADES

Como o Inverno foi substituído pelos meses quentes da primavera, o ritmo da vida diária em Dresden acelerou-se. Onde a recuperação e funeral das vítimas havia sido calculado em dois ou três dias, impunha-se agora uma nova urgência apressando os trabalhos das turmas de recuperação: o perigo real de uma epidemia de tifo.

As pessoas procuravam por muitos dias por parentes desaparecidos de maneira a poupá-los da inglória fossa comum; mas agora, enquanto êles saíam à procura com carrinhos de mão para transportar as vítimas para um cemitério e sepultálas êles próprios, também muito freqüentemente os grupos SHD haviam com esfôrço transportado os corpos além, e já estavam perfeitamente estendidos em carros de transporte, sob uma pilha de trinta outros corpos em decomposição, deslocando-se em procissão ao longo da Grossenhaimer-Strasse, em direção às florestas de pinheiros e de coníferas ao norte da cidade. Quem estava certo? Os parentes que desejavam um funeral decente para as vítimas, ou as turmas da SHD, cujo dever consistia em evitar epidemias e procurar obter um trabalho de identificação rápido, nos cemitérios? Muitos dos que viam as intermináveis caravanas de carros de cavalos e carruagens arrastando-se em direção ao norte, para fora da cidade, devem ter jurado no íntimo que êles nunca permitiriam que os seus parentes fôssem levados para os seus túmulos dessa maneira.

Na Markgraf-Heinrich-Strasse, três homens falaram comigo - lembra um evacuado de Colônia que estava na cidade. Êles transportavam juntos um sobretudo prêto no qual estava um corpo. Um dêles perguntou-me: Para que fim era antes usada essa casa? Respondi: era uma escola, mas agora é um hospital militar. Tudo que êle pôde dizer foi: tenho que sepultar a minha mulher posso muito bem fazê-lo aqui. Mais tarde vi-os cavando uma sepultura pouco profunda. Não havia qualquer ataúde e o homem parecia ser um estranho na cidade.

Alguns não compreendem, queixou-se o esgotado Diretor do Abteilung Tote, que êles não têm um direito pessoal aos corpos de seus parentes. Em alguns casos, os parentes retiravam os cadáveres da fossa comum e os levavam para os túmulos da família. Dessa maneira, ficava desesperadamente confusa a situação legal e estatística.

Um homem fornece outro exemplo do desejo predominante de não permitir que os esquadrões de salvamento cuidassem de seus parentes próximos:

“Para poupar a seus pais um sepultamento em fossa comum, a minha cunhada, antes do mais, retirou o seu pai da cidade num carrinho de mão, para sepultá-lo, e depois voltou para procurar a mãe. Mas no intervalo, um grupo de salvamento a havia levado; assim a maioria das pessoas que morreram não deixou vestígios e seus atestados de óbito consignavam, como para os seus pais: MORTO EM DRESDEN, 13 DE FEVEREIRO DE 1945.”

Êsse foi o efeito do tríplice golpe em Dresden, em têrmos de sofrimento humano. Analisado em detalhes estatísticos, o golpe não foi menos impressionante.. Na medida em que os ataques a Dresden e a Chemnitz tenham visado destruir as áreas residenciais da cidade e impossibilitar o Exército alemão de nela abrigar soldados, os reides de Dresden podem ser realmente descritos como um brilhante sucesso. Em novembro de 1945 o Escritório de Planejamento da cidade publicou detalhes estatísticos dos danos causados à mesma -não somente pelos ataques do Comando de Bombardeiros da RAF mas por todos os ataques, incluindo também os mais recentes da USSAF. Êsses dados são reproduzidos ocm apêndice, no fim do livro. Das 35.470 construções residenciais na área de Dresden, apenas 7.421 ficaram intatas ou não destruídas. Em têrmos de casas e pavimentos, das 220.000 unidades residenciais, mais de 90.000 foram destruídas ou tornadas absolutamente inabitáveis pelos ataques. Em têrmos de metros quadrados, 17.050.000 metros quadrados de espaço vital foram completamente destruídos e 16.285.000, moderadamente avariados. Dito nos têrmos secos próprios das estatísticas alemãs de reides aéreos, enquanto, por comparação, havia para cada cidadão de Munich 8,5 metros cúbicos de escombros, em Stuttgart havia 11,1 metros cúbicos, em Berlim, 16,5 e em Colonia, 14, em Dresden, para cada um dos cidadãos (incluindo os que haviam morrido) havia 19 metros cúbicos de escombros, mais do que 11 cargas de carro de escombros por habitante.

O dano aos setores industriais da cidade pode ter a princípio parecido mortal: dos doze serviços de utilidade pública vitais e instalações de energia na cidade, apenas um estava completamente ileso; mas em 15 de fevereiro, a maioria de Dresden-Neustadt estava de nôvo abastecida de energia elétrica e, como o indicava a rápida volta ao serviço das linhas exteriores de bondes, a maioria dos subúrbios dispunha novamente de eletricidade uma semana depois dos reides. Pela altura de 19 de fevereiro, os serviços de bondes elétricos haviam sido restabelecidos entre o Estádio Industrial, Weixdorf e Hellerau; entre Weissig e a ponte Mordgrund, devendo ser estendidos pouco depois até a própria cidade devastada; entre Michten e Coswig; entre Cossebaude e Cotta; e entre Niedersedlitz e Kreischka. Como compensação pela total destruição do serviço de bondes através da Cidade Interior, foi instalado um serviço de barcaças de carga no Elba, entre Pieschen e

Laubegast, entre Blasewitz e a Cidade Velha, entre Dresden e Bar Schandau e Pima; a êsses serviços foi estipulado um horário de conexão com os serviços locais de bondes, nos subúrbios.

Na Cidade Interior, porém, a destruição era intransponível; mais de 500 quilometros de canalizações e canais haviam sido destruídos e 1.750 crateras de bombas deviam ser enchidas para que as ruas ficassem transitáveis; 92 quilômetros de trilhos de bondes haviam sido arrancados. Um total de 185 bondes e reboques haviam sido completamente destruídos, outros 303 avariados em graus diversos. Esta última estatística é esclarecedora: os bondes podiam ser considerados como uniformemente distribuídos pela cidade por ocasião dos ataques; ao passo que em tôda a Batalha de Hamburgo 600 bondes foram avariados em uma semana de ataques aéreos maciços, em Dresden, 488 foram danificados numa única noite.

A recuperação industrial em Dresden, não obstante, foi rápida, como indicou Speer no seu interrogatório pós-guerra; as áreas industriais foram pouco danificadas em comparação com o resto da cidade e entre os maiores conjuntos industriais em Dresden somente a indústria óptica Zeiss-Ikon, em Dresden-Striessen, foi seriamente avariada; a fábrica, na área limitada pela Schandauer-Strasse, Kipsdorfer-Strasse e Glashütter-Strasse, estava exatamente a cinco quilômetros a leste do centro da cidade e no limite da área de devastação total; acredita-se que estivesse incapaz de voltar a produzir antes de maio de 1945.

Os dois conjuntos de produção de componentes eletrônioos da Sachsenwerk, em Dresden-Niedersedlitz (oito quilômetros a suleste do centro da cidade) e Radeberg (quatorze quilômetros a noroeste) não foram atingidas por bombas explosivas, o conjunto de Niedersedlitz foi atingido por alguns feixes de incendiárias, eficientemente pescadas pelos vigias contra incêndios e sofreu por outro lado apenas destruição de vidraças. Na manhã após o tríplice golpe, poucos trabalhadores do conjunto compareceram ao trabalho e a princípio não havia energia elétrica, nem gás; contudo, os operários do conjunto da Sachsenwerk sofreram, surpreendentemente, poucas baixas: embora todos os dados referentes ao conjunto tenham sido destruídos antes do fim da guerra, grupos mais antigos referiram que certamente menos de trezentos dos cinco mil empregados deixaram de comparecer ao trabalho durante uma semana e foram dados como mortos; dos oitenta empregados do departamento de máquinas, por exemplo, todos, sem exceção, compareceram no prazo referido.

A explicação para esta aparentemente notável divergência é na verdade simples: por um lado, poucos dos trabalhadores do complexo de Niedersedlitz moravam na área da

cidade, a maioria tendo sido recrutada em oito aldeias vizinhas; por outro lado, as áreas de destruição total em Dresden abrangiam os subúrbios da classe média, deixando as areas operârias de Neustadt, Striessen, Lõbtau, Friedrichstadt, Mickten e Pieschen mais ou menos indenes. Similarmente, a fábrica de fusíveis da Zeiss-Ikon Goechlewerk, na Grossenhainer-Strasse, em Dresden-Neustadt, provàvelmente a única fábrica construída em Dresden pensando na possibilidade de um ataque aéreo, estava indene, como o estava o Estádio Industrial, no lugar do antigo Arsenal, em Dresden-Neustadt; todos êsses conjuntos e fábricas sofreram naturalmente os efeitos indiretos imediatos do reide; falta de energia elétrica, desmoralização e falta de trabalhadores e diminuição do transporte. Mas, em nenhum caso, exceto o da fábrica da Zeiss-Ikon, de Striessen, foi a destruição física do conjunto paralisante, embora danos severos a uma fábrica de sôro tenham causado graves problemas às autoridades médicas alemãs.

Menos de duas semanas depois de desferido o tríplice golpe, as autoridades policiais de Dresden adotaram uma medida muito mais draconiana do que qualquer outra antes empregada, em qualquer estágio da ofensiva aérea aliada. As vítimas que estavam sendo ainda retiradas às centenas e milhares, cada semana, das ruínas das ruas e subterrâneos da Cidade Interior, não seriam mais levadas para as fossas comuns nas florestas de pinheiros e coníferas ao norte de Dresden. O perigo de epidemias e da disseminação de tifo por essas extensas caravanas de carruagens de corpos putrefatos era muito grande. Todo o centro da cidade em tôrno do Altmarkt já havia sido fechado. Parentes que tropeçavam pelas ruas ainda intransitáveis da Cidade Interior eram desviados pela polícia e pelos oficiais do Partido. O jornal Nacional Socialista de Dresden, o Freihestskampf, referindo o fuzilamento sumário de um grupo de civis alemães encontrado saqueando uma casa destruída, advertia que a Cidade Interior somente era acessível a civis portadores de passes: "O Chefe de Polícia de Dresden, como Diretor Distrital da ARP decreta: Circunstâncias especiais obrigam-me a acentuar que vias de acesso, excetuadas as passagens já liberadas, são estritamente proibidas. As pessoas encontradas em qualquer outro lugar, que não possam explicar satisfatàriamente os seus propósitos e provar a sua identidade, serão consideradas saqueadoras e tratadas em conseqüência, mesmo que nada de suspeito nelas tenha sido encontrado." Essas instruções foram dadas ao Exército, polícia e patrulhas de Volkssturm; as pessoas que quisessem procurar pertences foram formalmente convidadas para que se dirigissem primeiro ao pôsto de polícia local para obter uma guia. As carruagens rurais carregadas de cadáveres, cada uma puxada por dois cavalos, eram agora dirigidas para os limites da área fechada, pela SHD e conduzidas por trabalhadores

forçados e ali entregues a dirigentes da Wehrmacht e oficiais. As carruagens eram conduzidas para o centro do Altmarkt e ali as suas cargas eram despejadas no pavimento de paralelepípedos da praça. Grupos de oficiais de polícia estavam ali a postos, fazendo os últimos esforços para identificar as pessoas; haviam jurado segrêdo em relação ao que estava acontecendo. As pilastras retas da loja de departamentos da Renner haviam sido puxadas a guindaste das ruínas do edifício e estavam agora colocadas sôbre montes de blocos de concreto. Uma série de maciças grelhas de oito metros de comprimento estavam sendo levantadas. Debaixo dessas hastes de aço e barras foram colocados montes de pano e palha. No tôpo das grelhas foram pendurados os cadáveres de 400 ou 500 vítimas, com camadas de palha entre cada carga. Os soldados, muitos dêles de tropas ucranianas de Vlassov, subiam e desciam do alto dos montes putrefatos, endireitando os corpos, procurando fazer lugar para mais e construindo cuidadosamente a sua pira. Muitas das crianças mortas, imprensadas nesses horríveis montes, ainda traziam farrapos das coloridas roupas de Carnaval que haviam vestido na Têrça-Feira Gorda, duas semanas antes.

Um oficial graduado desembaraçou o quadrado de todos os soldados desnecessários e acendeu um fósforo junto ao monte de pano sob a grelha. Em cinco minutos as piras ardiam intensamente. "As vítimas magras e mais idosas demoravam mais a incendiar-se do que as gordas ou jovens", contou uma testemunha ocular. Às últimas horas da tarde, depois que o último corpo foi completamente incinerado, os soldados foram chamados de volta para que espalhassem as cinzas nas carruagens que ainda esperavam; com um toque adequado de reverência, os oficiais do Partido lhes disseram que as cinzas foram reunidas e levadas para que também fôssem sepultadas nos cemitérios. Foram necessários vários carros pequenos e dez grandes carruagens com reboque para o transporte das cinzas para o cemitério Heide-Friedhof. Nêle, as cinzas de 9.000 das vítimas assim cremadas a céu aberto, foram sepultadas em uma cova de oito metros por cinco. Apesar das tentativas de conservar secreto o destino das vítimas retiradas das ruínas da Cidade Interior, a história transpirou. Alguns cidadãos, arriscando a vida, dirigiram-se para o Altmarkt, procurando confirmação para o boato. No dia 25 de fevereiro, uma pessoa conseguiu mesmo bater uma série de fotografias, muitas delas em côr, da horrível cena; não foi tão feliz como muitos outros e foi detido quase imediatamente por oficiais da Polícia; em lugar de executá-lo no ato, porém, como haviam ameaçado, levaram-no à presença do Brigadeführer SS, encarregado da Chefatura de Polícia, há pouco transferida para o abrigo da SS, escavado na rocha fronteira à Mordgrunbrücke. O Brigadeführer ordenou a libertação do fotógrafo e assim as fotografias das cenas, que de outra maneira dificilmente teriam crédito, sobreviveram àquele dia.

Em Dresden, a história repetia-se de maneira cruel e impediosamente irônica: a Crônica da Cidade de Dresden, de 1349, lembra como nesse ano, o Margrave de Meissen, Frederick II, queimou os seus inimigos em estacas. Na ocasião foram os judeus acusados de terem introduzido uma praga na cidade; então, também a incineração foi no largo do Altmarkt e, por uma cruel coincidência, então, também, o golpe aconteceu numa Têrça-Feira Gorda de Carnaval.

Na verdade, não era esta a primeira vez que se havia murmurado a sugestão de que as vítimas dos reides aéreos deviam ser secretamente cremadas em espaços abertos para acelerar os trabalhos de limpeza. O relatório do Chefe de Polícia de Hamburgo sôbre a tempestade de fogo também descreve como:

"Para evitar epidemias e por motivos morais ficou resolvido incinerar os corpos nos locais em que forem encontrados, na área da tempestade de fogo. Mas após deliberação, ficou estabelecido não haver perigo de epidemia, de modo que os funerais voltaram a ser em fossa comum."

Ataques a Berlim, às cidades do Ruhr e outros centros industriais, os chefes alemães estavam preparados para aceitá-los como necessários e inevitáveis. Mas os bárbaros, que haviam preparado o ataque a Dresden com tais pavorosas conseqüências, encorajaram algumas das mais virulentas invectivas dos chefes do Partido.

"É o trabalho de lunáticos" - é reportado como tendo sido dito pelo Ministro de Propaganda do Reich. "É o trabalho de um lunático especial que reconhece ter perdido a capacidade de construir templos poderosos e assim está determinado a demonstrar que no mínimo é perito na sua destruição. "

Exatamente como bastante precocemente, os aliados haviam aprendido o valor das campanhas de propaganda baseadas nos reides indiscriminados da Luftwaffe, do mesmo modo também estava agora o Dr. Goebbels começando a compreender o valor positivo da ofensiva aliada por área. Quando Coventry foi bombardeada, os jornais tiveram permissão para dar grande destaque a notícias do massacre no centro da cidade; no mesmo ano foi dada grande publicidade à declaração do Govêrno holandês no exílio de que no ataque de maio de 1940 a Rotterdam "30.000 civis haviam sido brutalmente mortos." Na verdade, inquéritos de pós-guerra em Rotterdam mostraram que o número verdadeiro era antes inferior a 1.000. Não obstante, o público britânico e americano, ignorando a verdadeira proporção de baixas causadas por ataques inimigos, estava exatamente irritado por esta aparente brutalidade e somente ficou verdadeiramente satisfeito quando o Comando de Bombardeiros da RAF e a 8ª Fôrça Aérea dos EUA estavam desfechando ataques com a

intensidade dos já descritos neste livro; assim a campanha de propaganda foi capaz de canalizar a simpatia pública para uma ofensiva que, analisada agora sine ira et studio como o Dr. Goebbels disse uma vez, a maioria dos cidadãos renegaria ràpidamente.

No dia 6 de maio, Hanns Voigt, do Abteilung Tote, foí chamado ao QG da Polícia Criminal, no Ministério do Interior e instruído para que se encarregasse dos depósitos de pertences e alianças; a chefia do Partido na cidade estava aparentemente cobrindo as suas pegadas e voltando-se para oeste, mas estavam, não obstante, aptos para assegurar-se de que os pertences não cairiam em mãos inimigas. Sete ou oito grandes depósitos metálicos de alianças, a maioria de ouro, haviam sido reunidos em tôda a cidade. Êle pessoalmente recusou-se a aceitar a responsabilidade por tantos bens, avaliados em mais de um milhão de libras. Assim, continuavam ainda esperando na margem direita do rio, quando os russos chegaram à cidade, dois dias depois, no dia 8 de maio. Foi o último dia da guerra: pode na verdade ser dito que a destruição da capital saxônia não acelerou de nem mesmo um dia a sua queda.

Os oficiais do Exército Vermelho ocuparam os edifícios do Ministério e a coleção inteira de bens, incluindo as alianças, caiu em suas mãos; também foi removida a inavaliável coleção de quadros, incluindo a Madonna Sistina, a qual havia sido escondida nos últimos meses da guerra em um túnel ferroviário; durante onze anos os quadros ficaram em Moscou, até que voltassem para o Govêrno da Alemanha Oriental, em 1956.

Os 300 e tantos escriturários que trabalhavam nos sete escritórios da organização VNZ, espalhados em Dresden foram afastados. O Diretor Voigt recebeu ordens para transferir os arquivos para novos alojamentos na Town Hall de Dresden-Leuben. Foi-lhe permitido manter três escriturários na sua instalação de Dresden-Leuben para que trabalhassem sob as suas ordens nos sistemas de arquivos existentes: cessaram inevitàvelmente quaisquer esperanças de que prosseguisse o registro de novas vítimas, e o trabalho do escritório transferiu-se para o ulterior processamento de 80.000 a 90.000 fichas reunidas de vítimas conhecidas e desconhecidas, durante os meses seguintes ao tríplice golpe.

O Exército Vermelho havia substituído os antigos oficiais do Abteilung Tote na Neuberin-Strasse, como contou outro oficial da VNZ, e soltaram uma manada de porcos na casa que abrigava os fichários, os quais eram a última esperança de identificar umas onze mil outras vítimas; poucos dias depois as fichas foram queimadas por causa do seu cheiro desagradável.

Quanta gente morreu realmente nessas quatorze horas infernais? Nunca

provàvelmente o saberemos ao certo. O monumento que agora existe no lugar dos sepultamentos em massa, no Heide-Friedhof de Dresden, traz a inscrição:

"Quantos morreram? Quem conhece o total? De suas cicatrizes podemos ver o sofrimento da multidão incontável que aqui ardeu até a morte, num inferno de fogo, ateado por mãos mortais."

Logo depois da guerra, por boas razões políticas, as autoridades russas de ocupação publiçaram um comunicado dizendo que os reides a Dresden haviam custado a vida de apenas 35.000 pessoas, o qual teve o apoio do primeiro Prefeito pós-guerra de Dresden, Walter Weidauer. Na verdade, a documentação indica muito fortemente que o total estava certamente entre um mínimo de 100.000 e um máximo de 250.000. O próprio Hanns Voigt estima que o número definitivo pode ter sido 135.000, mas sabe-se agora que havia outros escritórios trabalhando paralelamente com êle no registro das vítimas, uma unidade de polícia, por exemplo, com um escritório exatamente atrás do Zwinger. Tudo demonstra que o total era agora muito mais elevado.

Pouco depois dos reides, as autoridades competentes em Berlim para auxílio às vítimas de reides aéreos e serviços de assistência social, aceitaram uma estimativa de entre 120.000 e 150.000, enquanto segundo dados do Ministério Federal de Estatística, em Wiesbaden, logo depois dos ataques, as autoridades locais, em Dresden, estimavam o total como sendo de 180.000 a 220.000. Em 22 de fevereiro de 1945, nove dias depois dos ataques, durante uma visita a campos de prisioneiros de guerra aliados, em Dresden, o chefe suíço de uma delegação da Cruz Vermelha Internacional, Mr. Walter Kleiner, foi, em presença de testemunhas, informado pelo Comandante da cidade, General Karl Mehnert, de que a estimativa corrente do total de mortos era de 140.000 e alguns dias depois, o Professor D. Fetscher, perito médico da defesa civil, posteriormente fuzilado pelos SS, disse a um oficial médico graduado que o número era 180.000. Depois da guerra, Mehnert foi surpreendido pelo baixo total de 35.000, publicado pelas autoridades na imprensa central alemã.

Outro elemento de prova é um relatório confidencial da polícia de Dresden[1] assinado pelo Coronel Grosse e datado de 22 de março de 1945[2], segundo o qual o total de mortos era de aproximadamente 207.040 e esperava-se que chegasse a 250.000 quando tôdas as vítimas tivessem sido encontradas. O historiador da Alemanha Oriental, Professor Max Seydewitz (autor de Zer Stomng and Wiederaafbau von Dresden), também obteve uma cópia dêste documento, mas dêle utilizou apenas um par de sentenças, sugerindo que era uma fraude. Do texto completo resulta evidente que foi certamente escrito por alguém com

1 Der höhere S. S. und Polizeiführer, Dresden, 22 de março de 1945: "Tagesbefehl Nr. 47: Luftangriff auf Dresden". Publicado na íntegra pela primeira vez como Apêndice, p. 293.

2 Publicado como Apêndice, p. 292.

conhecimento genuíno dos acontecimentos em Dresden e de nível muito elevado, pois o horário dos ataques concorda estreitamente com os reportados nos relatórios operacionais aliados e a descrição dos tipos de bombas lançadas, das quantidades e dos danos à cidade é toda notàvelmente exata. Por exemplo, enquanto o relatório da polícia refere que "havia 13.441 casas residenciais totalmente destruídas ou pesadamente avariadas em outras palavras, 36% de todos os edifícios residenciais em Dresden", sabemos agora, da informação independente levantada pelo Escritório de Planejamento da Cidade de Dresden, em 5 de novembro de 19452 que, na verdade, 13.118 edifícios residenciais do total de 35.470 (36.9%) haviam sido totalmente destruídos ou fortemente avariados.

O próprio Coronel Grosse morreu em 1949, prêso na França, mas êle freqüentemente referiu à sua mulher o quarto de milhão de mortos, e ela confirmou que a "maneira e o estilo" do relatório eram típicos de seu marido. Finalmente, em 19 de julho de 1945, dois graduados oficiais médicos alemães foram interrogados pelo Serviço de Informações de Bombardeio Estratégico dos EUA e êles declararam que "a cidade mais pesadamente danificada, na sua opinião, é Dresden, com um total de mortos estimado em 250.000". Infelizmente, como ficou dito em um capítulo anterior, o último trem de refugiados, oficialmente organizado, das províndas a leste de Dresden havia sido descarreçrado apenas um dia antes do primeiro dos três ataques aéreos aliados: o primeiro trem de refugiados escalado para viajar para oeste não pôde partir senão alguns dias depois. Por êsse motivo, exatamente na noite do tríplice golpe, a população da cidade era a maior que jamais tivera, ou jamais viria a ter. Este fator, associado com a mais violenta tempestade de fogo da história, provocou inevitàvelmente um total de mortos maior do que em Hamburgo.

Como em Hamburgo, a tempestade de fogo abrasou a área mais densamente povoada; das 28.410 residências no centro da cidade (Dresden IV, incluindo os distritos 1, 2, 5 e 6) foram totalmente destruídas 24.866, de acôrdo com a informação de novembro de 1945; um habitante de Dresden voltando à cidade após os reides foi informado no escritório da VNZ de que, de 864 habitantes na Seidnitzer-Strasse registrados na polícia na noite do ataque apenas oito, ao que se sabia, haviam sobrevivido; no nº 22 da Seidnitzer-Strasse, sua antiga residência, disseram-lhe que de 28 habitantes apenas um havia escapado; no vizinho nº 24 morreram - contaram-lhe - todos os 42 habitantes .Este único exemplo é mais do que suficiente para mostrar a cruel eficiência do tríplice golpe em Dresden.

É sabido que em Hamburgo morreu, no coração da tempestade de fogo, cêrca de um têrco de tôda a população. No distrito de Hammerbrook, a proporção de baixas durante o dilúvio de fogo havia sido da ordem de 361.5 por mil habitantes. Se um total de mortes

dessa importância pode ter sido possível numa cidade como Hamburgo, onde haviam sido tomadas as mais rigorosas medidas de proteção contra reides aéreos não parece desrazoável aceitar no mínimo a mesma proporção - e muito provàvelmente uma percentagem de baixas mais elevada - durante o tríplice golpe, quando uma população inexperiente, desprovida de abrigos antiaéreos públicos ou Hochbunker, quando as brigadas de bombeiros eram incapazes de ajudar, quando a ausência de defesas permitiu uma concentração de bombardeio muito superior em tempo e espaço à da Batalha de Hamburgo, e quando, acima de tudo, o tríplice golpe não consumiu uma semana de dias e noites ansiosa e alerta, como em Hamburgo, mas caiu subitamente sôbre a cidade e tudo havia terminado em quatorze horas.

Em Hamburgo, os mais propensos a perder a calma, aquêles que perturbando o trabalho dos bombeiros ou entrando em pânico poderiam aumentar a lista de baixas, todos êles haviam sido há muito evacuados; mas Dresden, ao contrário de ser evacuada, estava, na ocasião, superpovoada por causa dos refugiados de outras cidades.

Mesmo o ataque de fogo a Tóquio, na noite de 9 para 10 de março, desferido pelas superfortalezas do 21º Comando de Bombardeiros dos EUA não fêz exceder o total de mortos em Dresden, embora em Tóquio, ainda o bombardeio convencional tenha produzido um total de baixas superior ao de Himshima - 83.793 mortos, segundo as informações oficiais de Tóquio, comparados com 71.379 em Hiroshima. Tóquio não estava, naturalmente, tão pobremente defendida como Dresden, nem possuía a multidão de refugiados que esta abrigava na noite de sua destruição.

Parte V

NEM LOUVOR
NEM CENSURA

A REAÇÃO DO MUNDO

Logo depois das nove horas da manhã de 14 de fevereiro, quando as novas formações de fortalezas voadoras já voavam rumo a Dresden, foi liberado pelo Ministro do Ar o primeiro boletim extenso comunicando a execução dos ataques da RAF na noite anterior.

Numa declaracão descrevendo de maneira incomum a cidade-objetivo em detalhes, o Ministério do Ar acentuou a importância vital de Dresden para o inimigo: como centro de um conjunto ferroviário e como grande cidade industrial tornara-se do mais alto valor para controlar as defesas alemãs contra os exércitos do Marechal Koniev. Os serviços telefônicos e os meios de comunicação eram quase tão essenciais para o Exército alemão quanto as ferrovias e estradas que levavam a Dresden; acrescentava o boletim que os edifícios da cidade eram tremendamente necessários às tropas e serviços administrativos evacuados de outras cidades. Com antes menor exatidão, a declaração assinalava que "entre outras indústrias de guerra, Dresden possuía grandes fábricas de munições no velho Arsenal e grande número de indústrias de maquinaria leve para tôda espécie de produção de guerra". Havia importantes indústrias fabricando motores elétricos, instrumentos ópticos e de precisão, e produtos químicos; a cidade comparava-se, em tamanho, a Manchester. Ao emitir êsse boletim, o Ministério do Ar estava fazendo um julgamento da importância estratégica da cidade e de suas instalações industriais, para o qual o Setor de Inteligência do Comando de Bombardeiros não havia encontrado base nos dias que precederam os ataques. O Comando de Bombardeiros da RAF foi mais modesto em suas declarações sôbre a cidade que com tanto sucesso havia atacado: no seu secreto Weekly Digest nº 148, que não se julgava ter a mesma ampla circulação dos boletins do Ministério do Ar, o Comando satisfazia-se citando Dresden como uma cidade que se havia transformado em um objetivo de importância de primeira classe e de alta prioridade como centro de comunicações e ponto de contrôle na defesa da fronteira oriental da Alemanha.

No boletim de notícias das 18 horas, a British Broadcasting Corporation deu ao público as primeiras notícias sôbre os reides aéreos. O reide foi descrito como um dos mais poderosos golpes prometidos pelos líderes aliados em Yalta.

"Informam os nossos pilotos que, como o fogo antiaéreo era fraco, puderam voar sôbre os objetivos de maneira eficiente e direta, sem maiores preocupações com as defesas;

foi provocada uma pavorosa concentração de incêndios no centro da cidade."

Talvez significativamente, foi omitido no principal noticioso das 21 horas, o franco reconhecimento de que os reides ao leste alemão haviam sido prometidos aos russos; o reide a Dresden, a qual foi citada como uma grande cidade industrial, comparável a Sheffield, foi agora considerado como um exemplo da "mais estreita cooperação entre os aliados" .

Quando tôda a extensão da tragédia de Dresden foi amplamente conhecida através do mundo, e especialmente depois que o Primeiro-Ministro escreveu a sua aparente censura aos Comandos Aliados de Bombardeio pelo tríplice golpe, como veremos, a tentação e a tendência implicavam em que os russos haviam pedido o reide. Os regimes comunistas não perderam a oportunidade, no pós-guerra, de provocar propaganda antiocidental na Alemanha Oriental e Central, por causa da tragédia de Dresden e tornou-se um acontecimento anual, em cada 13 de fevereiro, o repique dos sinos das igrejas, nesses lugares, das 22h10m às 22h30m, a duração do primeiro ataque do Comando de Bombardeiros da RAF a Dresden; para embaraço dos aliados ocidentais, êste costume ganhou até a Alemanha Ocidental, e foi numa tentativa de acabar com essa prática que o American State Department anunciou em 11 de fevereiro de 1953, para sobrestar outras demonstrações, que "o destruidor bombardeio de Dresden, durante a guerra, foi feito atendendo a pedidos soviéticos de aumento do apoio aéreo, e foi previamente esclarecido com as autoridades russas". Embora, como vimos antes, esta declaração não estivesse em contradição formal com os fatos, era evidente a esperança de que, ou na ocasião ou depois, êste pronunciamento seria usado como prova de um pedido russo para um ataque a Dresden e não exatamente consentimento; se esta foi realmente a esperança, os americanos não foram desapontados, pois, em fevereiro de 1955, décimo aniversário dos reides, mesmo jornais responsáveis, como o Manchester Guardian, lembravam detalhadamente o bombardeio de Dresden, "executado por aviões britânicos e americanos atendendo ao pedido soviético de ataque a êste importante centro de comunicações".

Na própria Alemanha, o primeiro relatório publicado sôbre o assunto Dresden apareceu em 15 de fevereiro de 1945, no comunicado do Alto Comando Alemão, o qual dizia sucintamente:

"14 de fevereiro de 1945. Na noite passada, os inglêses dirigiram os seus reides de terror para Dresden."

Nos jornais alemães não houve outras referências diretas aos reides ou suas conseqüências até depois do início de março. A linguagem do rádio alemão no estrangeiro

não era tão reticente, porém, e uma virulenta onda de invectivas contra inglêses e americanos foi desencadeada no éter.

O Serviço de Escuta da BBC publicou durante a guerra um Relatório Confidencial diário sôbre irradiações, tanto aliadas como inimigas, chegando a somar 70 ou 80 páginas duplas por dia; no dia 15 de fevereiro, o principal Resumo de Escuta prefaciando o Relatório era incomum por acentuar, num tópico apenas, a reação não somente alemã mas também a dos países neutros e aliados às primeiras notícias sôbre os reides de Dresden; de tôdas as estações sob contrôle alemão era aparente desde logo que o Ministério de Goebbels estava utilizando todos os recursos de seu órgão de propaganda, usando todos os meios de explorar ao máximo a tragédia de Dresden.

Às 15 horas daquele dia, os rádio-escutas da BBC captaram uma transmissão em árabe de uma estação que se intitulava África Livre, evidentemente uma estação alemã clandestina:

"Foi informado de Londres que o número de refugiados em Dresden havia aumentado enormemente; ao mesmo tempo o serviço de informação inglês anunciou que aviões aliados desferiram o maior ataque da história a Dresden. Essas informações dispensam comentário; é óbvio que êsses pesados reides foram dirigidos contra os milhões de refugiados e não contra objetivos militares."

Isto serviu para fornecer um quadro bastante claro dos "chamados sentimentos humanitários aliados", sugeriu o comentador, "mas paciência, o amanhã não está distante". Às 15h37m o serviço telegráfico oficial alemão de informações estrangeiras comentou amargamente a descrição de Dresden feita pela BBC, como grande centro de comunicações:

"As fábricas de Dresden produziam principalmente pasta de dentes e talco para bebês" - insistia o serviço de informações estrangeiros. "Não obstante, foram bombardeadas. Como em tôdas as grandes cidades, as estações de carga situam-se nos subúrbios da cidade; somente a de passageiros está no centro. Mas tropas e material de guerra não são embarcados em estações de passageiros, somente nas de carga. "

O ataque ao centro de Dresden não podia, portanto, ser explicado por motivos militares. "Os americanos" - continuava o despacho - "que proclamam possuir os melhores visores de bombardeio do mundo, provaram em outros lugares que podem atingir objetivos com precisão sempre que o desejarem. Teria sido portanto possível poupar os distritos residenciais de Dresden e o histórico centro da cidade. O uso de bombas incendiárias prova que os tesouros arquitetônicos e os distritos residenciais foram deliberadamente atacados. É despropositado lançar bombas incendiárias em instalações

ferroviárias; nunca foram usadas para destruir instalações ferroviárias nesta guerra."

Com uma nota de efetivo sarcasmo, o boletim concluía que os aliados proclamavam estar no limiar da vitória, ainda assim haviam julgado necessário reduzir Dresden e Chemnitz a cinzas. A inclusão de Chemnitz foi uma tática característica dos propagandistas alemães: embora, como foi descrito acima, o ataque a Chemnitz tenha sido um fracasso total, o Dr. Goebbels, como Ministro da Propaganda, sabia há muito tempo que se o inimigo ouvisse do próprio rádio alemão que um objetivo havia sido destruído, não haveria a mesma pressa em aí desfechar um segundo ataque, Chemnitz, com as suas grandes fábricas de motores para tanques, era um objetivo que precisava de um longo indulto.

Os países neutros estavam igualmente horrorizados com as histórias que lhes chegavam de seus próprios correspondentes no interior da Alemanha; alguns tentaram verificar que o povo alemão, também, era informado dos acontecimentos na Alemanha Central e também informar os territórios ocupados. Às 22h15m de 15 de fevereiro, um boletim de notícias sueco transmitido para a Dinamarca ocupada, em dinamarquês, anunciou que entre 20.000 e 35.000 pessoas já eram consideradas mortas: "Na manhã de ontem foram retiradas 6.000 vítimas." Quinze minutos depois, a New British Broadcasting Station, como a Free Africa, estação controlada pelos alemães, irradiou para a Inglaterra uma curiosa peça de propaganda sôbre os reides, a qual, novamente, o Serviço de Escuta da BBC julgou necessário referir na íntegra ao Govêrno britânico:

"Na noite anterior à última, estava sentado com um colega que entende um pouco de alemão, e estávamos ouvindo um programa especial de rádio na Alemanha, que se presume informa aos alemães que parte do Reich os nossos bombardeiros estão atacando - começou o falso inglês. O alemão que estava falando, repetia-se, interrompendo a música com o seu gutural Achtung, Achtung! Então o meu amigo quis traduzir o que êle dizia. Devo dizer que êle parecia muito perturbado, ali sentado e ouvindo acêrca do rumo das nossas ondas de bombardeiros que iam lançar as suas cargas de morte e destruição em Dresden. Por um momento, eu próprio pensei:

"Bem, contra guerra aérea como esta, os alemães não poderão agüentar muito tempo. Mas então, no momento seguinte, pensei: Quem no final das contas vai aproveitar alguma coisa de tudo isso? Nós pagamos as bombas e as máquinas e os tripulantes que não voltam dêsses reides. Os próprios dresdenses não vão, naturalmente, aproveitar nada disto. Os únicos que esperam alguma coisa são os russos - tiveram Dresden à nossa custa. "

"Não quero estender-me de modo aborrecido em considerações humanas" - concluiu a voz francamente. "Afinal, precisávamos ganhar a guerra. Mas não vejo qualquer razão para que tenhamos que ir matar gente para único proveito dos russos. Vê você?"

No próximo dia, o Escritório Telegráfico Escandinavo, controlado pelos alemães, informou que Dresden era agora “um grande campo de ruínas” e acrescentou que tôdas as comunicações entre Dresden e o resto da Alemanha haviam sido interrompidas; o número de mortos dado era de 70.000. Agora, mesmo os jornais de Moscou falavam dos reides.

Não desejando incorrer em mais censuras da opinião mundial, já profundamente abalada por relatos inundando os cabos telegráficos do mundo sôbre o destino dos centros populosos de Leste, o Comando de Bombardeiros Americano havia prudentemente mandado que os seus aviões, na têrça-feira 15 de fevereiro, atacassem instalações de petróleo em Ruhland e Magdeburg, como objetivos primários; 1.100 aviões do 89 Comando de Bombardeiros empreenderam “colocar a defesa do petróleo em forma”. O destino foi mais uma vez desfavorável a Dresden e Chemnitz; a visibilidade sôbre os objetivos primários era má e os bombardeiros foram desviados para ataque aos objetivos secundários - o único objetivo primário ainda visível para ataque sendo a refinaria de petróleo de Brabag, em Rothensee, perto de Magdeburg. Umas 210 fortalezas foram, porém, desviadas de Ruhland para Dresden, onde às 12h30m, aproximadamente, mais 461 toneladas de bombas foram lançadas, por instrumento, na área da cidade. Outros grupos de bombardeiros, sobretudo os da 1 Divisão Aérea, haviam sido instruídos tendo Dresden como objetivo secundário para ataque, mas tôdas as operações foram canceladas antes da decolagem. As bombas lançadas na área de Dresden não foram particularmente percebidas pela população e devem ter parecido insignificantes depois do que a cidade já havia sofrido. A 3Divisão Aérea, pode ser observado, foi instruída para atacar Kottbus-cidade, um detalhe que foi depois aprovado na história oficial americana como Kottbus-parques ferroviários; um milhar de toneladas de bombas foi lançado. O ataque foi mencionado, significativamente, como sendo “bem à vista do Exército Vermelho que avançava”. Aos críticos, na Inglaterra, que poderiam estar tentados a reiterar a observação de que êsses reides somente favoreciam aos russos, a resposta foi dada assim:

“As frentes oriental e ocidental não são suficientemente próximas para que golpes dirigidos contra cidades alemãs situadas entre elas possam ter um efeito simultâneo sôbre ambas, e os objetivos foram escolhidos para êsse fim.”

Os Comandantes Aliados do Ar no Supremo Quartel-General, na França, devem ter percebido que a opinião mundial estava sendo, lenta mas seguramente, impressionada pelo derrame de invectivas alemãs desencadeado pelos massacres em BerIim e agora em Dresden; foi exatamente nessa ocasião ainda, na tarde de 16 de fevereiro, quando a campanha de propaganda alemã aproximava-se ruidosamente do clímax, que os Comandantes-do-Ar incumbiram um Comodoro-do-Ar da RAF, adido ao SHAEF como

oficial A. C. S. 2 (Inteligência) de dar uma entrevista à imprensa.

Segundo a história oficial americana, o nôvo plano aliado que êle delineou consistia em "bombardear grandes centros populosos e então tentar evitar que os fornecimentos os alcançassem ou que os refugiados delas saíssem - tudo parte de um programa geral para provocar o colapso da economia germânica".

No decurso de uma resposta a uma pergunta feita por um correspondente, o Comodoro-do-Ar refutou, referindo-se aparentemente às alegações germânicas de reides de terror - êle estava bem enfronhado na Inteligência das operações alemãs - e, depois que falou a palavra ficou na mente do correspondente da Associated Press. Em uma hora, o despacho do correspondente estava sendo expedido de Paris, pelo rádio e cabografado para a América para publicação na próxima edição matutina dos jornais:

"Chefes aliados do ar declararam a decisão há muito esperada de adotar bombardeios de terror deliberados de centros de população alemã como recurso impiedoso para apressar a queda de HitIer. Outros reides como os que foram recentemente executados por bombardeiros pesados das fôrças aéreas aliadas em setores residenciais de Berlim, Dresden, Chemnitz e Kottbus estão reservados aos alemães, para o reconhecido propósito de provocar mais confusão nas estradas alemãs e no tráfego ferroviário, e para solapar o moral alemão. A guerra aérea total na Alemanha tornou-se evidente com o nunca antes verificado ataque diurno à Capital apinhada de refugiados, com civis fugindo da onda vermelha no Leste."

Assim, durante um extraordinário momento, parece ter caído o que pode ser chamada a máscara do Comando de Bombardeiros aliado. O despacho que era naturalmente uma versão altamente tendenciosa das palavras mais moderadas do Comodoro-do-Ar foi irradiado através da França liberada e impresso na América como manchete: não apenas o Comando de Bombardeiros da RAF cuja própria ofensiva aérea era há muito tempo encarada com suspeita nos Estados Unidos mas agora também a sua própria Fôrça Aérea Estratégica estavam fazendo reides de terror contra civis alemães. Na ocasião em que a notícia apareceu na América, muita gente acabava exatamente de ouvir uma mensagem radiofônica transmitida através do Atlântico por operadores alemães, na qual era condenado o grande rei de de Berlim de 3 de fevereiro.

"O General Spaatz sabia que estava sobrecarregando a capacidade inventiva da organização alemã em lutar com sucesso para atender à alimentação e abrigo de refugiados não combatentes, dos quais centenas de milhares haviam fugido diante da metódica selvageria e terrorismo do Exército Vermelho comunista invadindo a Alemanha Oriental. O General Spaatz sabia também que as fôrças aéreas alemãs disponíveis estavam

concentradas na frente oriental para combater a invasão russa que procurava destruir a Alemanha e toda a Europa. Êsses são atos de excepcional covardia."

Foi anunciado inicialmente que a Wehrmacht havia conferido ao General Spaatz a Ordem da Pluma Branca pela sua participação neste crime.

Agora a propaganda sectária de Berlim estava sendo aparentemente confirmada de maneira oficial por um comunicado oficial do SHAEF; aos ouvintes inglêses foi felizmente poupado êste dilema: o Govêrno britânico, que recebeu notícia da entrevista do SHAEF à imprensa às19h30m da tarde de 17 de fevereiro, proibiu imediatamente a publicação do despacho nos jornais.

A notícia foi levada ao General Dwight E. Eisenhower e ao General Henry H. Arnold ambos muito aborrecidos, não somente porque o assunto tivesse tido tão grande repercussão mas também porque uma ofensiva aérea americana, dirigida, como pensavam, unicamente contra exatos objetivos militares, estava sendo tão claramente deturpada. O General Arnold telegrafou a Spaatz para que verificasse se de fato havia qualquer diferença significativa entre bombardeio cego por radar, de objetivos militares em áreas urbanas, e bombardeio de terror, tal como diziam os americanos, era agora aceito pelo comunicado do SHAEF na versão da Associated Press. O General Carl Spaatz, respondeu, talvez de forma um tanto sibilina, que não se havia afastado da história política americana na Europa nem mesmo nos casos do reide de 3 de fevereiro a Berlim e de 14 de fevereiro a Dresden. Êste debate e a explicação subseqüente satisfizeram o General Arnold e a controvérsia arrefeceu.

O General Carl Spaatz havia evitado claramente o ônus da responsabilidade pelos reides de Dresden e suas conseqüências, mas justamente bem a tempo; a sua renovada garantia de que a USSAF somente estava atacando objetivos militares, como sempre, contentou a ambos, Eisenhower e Arnold.

O Govêrno alemão, porém, conhecedor, numa extensão que nem o mundo exterior, nem realmente o próprio público alemão podia saber, do que havia realmente ocorrido na Capital da Saxônia, não pretendia desistir de um recurso de propaganda tão suculento. A maneira pela qual a informação havia sido dada pelo SHAEF e então como sucedeu depois ràpidamente detida, o modo pelo qual o Govêrno britânico havia proibido totalmente a sua publicação, sugeriram que algo mais havia no telegrama da AP, o qual estava agora shegando a Berlim através da Suécia, do que o que era superficialmente evidente.

Enquanto, até então, muitos alemães haviam obedientemente descrito os reides aliados a cidades germânicas no habitual jargão nacional socialista como reides de terror, agora havia muitos que podiam acreditar que talvez fôsse isso o que êles realmente eram.

Certamente, se o Govêrno britânico recusava dizer ao povo o que estava sendo feito em seu nome pelo Comando de Bombardeiros da RAF, então o Govêrno alemão devia fazer o necessário para garantir que a verdade não lhes fôsse escondida. William Joyce, o locutor do Govêrno alemão para a propaganda antibritânica, teve ordens para incluir no seu próximo Aspectos das Noticias, irradiado para a Inglaterra, uma fala sôbre Dresden; novamente o Serviço de Escuta da BBC julgou necessário submeter o texto completo ao Govêrno.

Às 22h30m de 18 de fevereiro, a voz familiar e odiosa do Alemanha Chamando começou a tarefa informando ao povo inglês sôbre os reides de terror a Dresden; os alemães, aí de mim! dificilmente poderiam ter escolhido um menos verossímil locutor se tivessem querido influenciar a opinião pública britânica:

“A propaganda inglêsa gaba-se de que atacando cidades como Dresden, a RAF e as fôrças aéreas americanas estão cooperando com os soviéticos. Ela não consegue recordar qualquer ocasião na qual o Alto Comando soviético se tenha preocupado em cooperar com os esforços inglêses. Incidentalmente, o QG de Eisenhower emitiu agora uma estúpida e imprudente negativa da verdade evidente de que o bombardeio das cidades alemãs tem um objetivo terrorista. Os porta-vozes de Churchill, tanto na imprensa como no rádio, orgulham-se agora dos ataques aéreos a Berlim e Dresden, a refugiados vindos do Leste. Vários jornalistas inglêses escreveram como se o assassínio de refugiados germânicos fôsse um resultado militar de primeira grandeza. Devo sempre lembrar como, aludindo ao ataque a Dresden, um locutor da BBC palrou alegremente: Não há porcelanas em Dresden, hoje. Isto tenha sido talvez considerado brincadeira; mas de que espécie? Longe de mim carregar na nota sentimental no meio das severas e sombrias realidades desta fase, num conflito gigantesco destinado a decidir algo mais do que o destino de porcelanas. . . “

Joyce concluiu a sua irradiação enumerando os tesouros arquitetônicos destruídos em Dresden e também descrevendo a sorte dos refugiados.

Defrontando esta maciça barragem de propaganda de cada estação de rádio européia controlada pelos alemães, a única contra-ofensiva registrada foi uma contribuição francesa através da irradiação em alemão da Rádio Bir Hakeim; transmitindo para a Alemanha, anunciava que durante o reide aéreo em Dresden, haviam sido apressadamente organizadas brigadas de bombeiros constituídas por membros da Juventude HitIeriana e por pessoas idosas.

Ao invés do equipamento contra fogo, que esperavam e desejavam, receberam rifles, foram levados para a estação e obrigados a embarcar para a frente sem se despedir dos pais.

Completamente à parte do detalhe dolorosamente evidente de que a Estação de

Dresden, assim como tôdas as linhas para a frente, eram dadas como totalmente destruídas, muita gente admitia que houve tempo em que a irradiação de propaganda alemã inspirava-se decisivamente nas da França e outros países aliados.

O segundo comunicado do SHAEF, no qual a primeira informação era oficialmente retirada, foi expedido no sábado, 17 de fevereiro. Infelizmente, o oficial de instrução no momento, não o mesmo Comodoro-do-Ar de antes, descreveu a morte de refugiados como acidental: o bombardeio de objetivos alemães continuava sendo o único meio de destruir cidades como centros de transporte e de petróleo; o ataque a Berlim havia sido feito para destruir comunicações através da Capital: o reide a Dresden havia tido o mesmo objetivo. Foi um simples acidente que por ocasião dos reides Dresden estivesse apinhada de refugiados.

A reação alemã foi rápida e acerba:

"Mesmo depois que o Marechal-em-Chefe-do-Ar Harris, chefe inglês dos bombardeiros, declarou que o principal objetivo dos reides consistia em quebrar o moral dos civis alemães, mesmo depois que o Primeiro-Ministro britânico esboçou o quadro sombrio de uma Alemanha onde a fome e a peste iriam destruir os inimigos da Inglaterra da mesma maneira que os reides" comentou amargamente o serviço telegráfico alemão a 19 de fevereiro "não houve dúvidas de que os criminosos de guerra do SHAEF ordenaram a sangue-frio o extermínio da inocente população alemã por meio de reides aéreos de terror."

Como a campanha de propaganda contra inglêses e americanos ganhasse ímpeto, como os suecos, suíços e outros paíes neutros começassem a imprimir, para leitura do mundo, descrições horripilantes sôbre o que os aliados haviam feito a Dresden, o serviço de informações alemão, com os seus clamores constantemente reiterados de que o Comando de Bombardeiros da RAF estava fazendo apenas reides de terror contra civis alemães, estava ganhando o seu mais surpreendente prosélito no Govêrno britânico, o qual, na realidade tinha mais razões para saber a verdade acêrca do ataque do Comando de Bombardeiros a Dresden.

UMA QUESTÃO IMPORTANTE

Apesar da ansiedade do Secretário americano para a guerra a respeito da opinião pública sôbre a tragédia de Dresden, outro ataque americano diurno foi desferido em 2 de março de 1945, pela 3ª Divisão Aérea da USStAF. Mais de 1.200 bombardeiros, escoltados por todo o 15º Grupo de Caça, decolou depois das 6h30m da manhã para o ataque a refinarias de petróleo em Magdeburg. Mais uma vez, como resultado de tempo desfavorável para ataques de precisão, os parques ferroviários de Dresden e Chemnitz foram reportados como tendo sido atacados como objetivos secundários. Em Dresden, o ataque foi noticiado como durando das 10h26m às 11h04m da manhã, os bombardeiros voando sôbre a cidade em cinco ondas e aparentemente atacando outros tantos objetivos; observadores do reide sugeriram que o ataque havia tentado destruir a linha ferroviária de Dresden para Pirna, mas que os foguetes de fumaça sinalizadores disparados pelo avião esclarecedor haviam sido desviados pelo vento.

A presença do 15º Grupo de Caça completo, nesta operação, indicava a fama dos temíveis jatos alemães Me262: os alemães haviam reunido três grandes formações de caças dirigindo-as para Berlim, errôneamente esperando um ataque à Capital. Finalmente, uns 75 dêles dirigiram-se para Dresden e a área da Ruhland contígua, onde a 3ª Divisão Aérea de Fortalezas atacara subitamente. Às 10h17m, com a cidade de Dresden ainda a nove minutos de vôo, as primeiras formações de jatos atacaram a ala de vanguarda dos bombardeiros, enquanto caças a pistão, mais vagarosos, atacavam os grupos da retaguarda, atraindo da vanguarda os caças americanos da escolta; os 35 jatos atacando a cabeça da formação mergulhavam e atacavam em grupos de três, cercando-os de tôdas as posições e alturas. Às 10h35m quando os jatos voltaram por falta de combustível, seis aviões da vanguarda do grupo haviam sido destruídos. Os restantes 406, conforme consta do Sumário de Objetivos da 8ª Fôrça Aérea, atacaram os "parques ferroviários em Dresden".

Os relatórios individuais do Grupo de Bombardeiros sugerem, porém, que, como anteriormente, os parques ferroviários eram apenas um eufemismo para a área da cidade; assim o 34º Grupo de Bombardeiros, uma fôrça esclarecedora com radar, que havia sido fortemente atacada pelos jatos, estando na ala da vanguarda, encontrou o seu principal ponto de impacto MPI no "centro da cidade", e o bombardeiro chefe percebeu que a finalidade determinada para o ataque (de acôrdo com o seu caderno particular) era "a

completa destruição da cidade". E o pilôto de um bombardeiro do 100º Grupo, notando que o seu avião havia sido carregado para esta missão com 10 bombas de 250 quilos para fins gerais, comentou: "Isto deveria indicar a finalidade da missão, no que nos diz respeito. Essas bombas deveriam simplesmente criar destruição e incêndios subsidiários." Similarmente, fotografias do objetivo tiradas pelo 447º Grupo de Bombardeiros, enquanto por um lado mostravam um objetivo menos de 30% encoberto por nuvens e, por outro lado, o tapête de bombas do Grupo, nessa ocasião constando de 288 de 250 quilos, explosivas para fins gerais e 144 de 250 quilos, incendiárias, explodindo no Distrito de Dresden-Obigau, a três quilômetros dos pátios ferroviários mais próximos, e sede de um grande campo de prisioneiros de guerra inglêses; grande parte do contingente do campo ofereceu-se para participar dos trabalhos de salvamento nas casas incendiadas.

Outros grupos de bombardeiros também alvejaram amplamente, se realmente estavam visando os parques ferroviários de Dresden-Friedrichstadt. Tôdas as variedades de bombas foram dadas como caindo em áreas muito afastadas dos parques. O relatório da missão 266, do 390º Grupo de Bombardeiros, explicou que os tripulantes foram desviados do seu objetivo de petróleo para atacar o grande pátio de Dresden, o qual não havia sido ainda bombardeado severamente; o 100º Grupo de Bombardeiros reportou atacando a "área fabril" de Dresden como objetivo secundário, depois do fracasso de uma tentativa para bombardear a refinaria de Ruhland, com "bons resultados".

A destruição estava espalhada pela cidade, o único sucesso notável sendo o afundamento do navio Leipzig, transformado em navio-hospital para atender às necessidades dos milhares de feridos nos reides de Dresden de duas semanas antes: o feixe de bombas abriu o navio fazendo explodir a pôpa; o navio afundou lentamente, em chamas, com poucos sobreviventes. Em outro incidente, um feixe de bombas destruiu o campo de trabalhadores russos, em Lattbegast.

Os alemães ainda estavam explorando os reides de Dresden ao máximo, embora a estimativa que estavam publicando para o total de mortos fôsse ainda deliberadamente mais baixa; apesar de a estimativa corrente em círculos fechados de Berlim, poucos dias apenas após os reides, fôsse a um total aproximado de 300.000; embora a autoridade em Berlim responsável pelo socorro a cidades atacadas tivesse tomado providências para um total de 120.000 a 150.000 mortos em Dresden; e não obstante o número de sepultados nas fossas comuns de Dresden já tivesse passado de 300.000, em março de 1945 um folheto alemão de propaganda, lançado na Itália, ainda falava apenas que "dez mil crianças refugiadas" haviam sido mortas; de um lado, o folheto reproduzia uma fotografia horrorosa de duas crianças queimadas e deformadas, nas ruínas de Dresden uma fotografia que a

gente involuntàriamente comparava com as até mais pavorosas fotografias mais tarde liberadas das vítimas do Reich encontradas em campos de extermínio alemães do outro lado condecorava o General Doolittle com a Ordem da Pluma Branca:

"O povo de Dresden, incluindo os prisioneiros de guerra e os trabalhadores estrangeiros, por meio desta, concede a Ordem da Pluma Branca e o Símbolo do Coração Amarelo ao Tenente-General James Doolittle, da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, por evidente covardia e por se ter transformado em sádico."

No dia 6 de março, a campanha alemã de propaganda conseguiu em Londres um sucesso que ela dificilmente poderia ter esperado antes: a ocasião foi o primeiro debate amplo sôbre a ofensiva aérea desde fevereiro de 1944, quando o Bispo de Chichester havia advogado o fim do bombardeio por áreas, de objetivos civis na Europa.

Desta vez, quando M. Richard Stokes iniciou o debate às 14h43m, tinha a vantagem de um público inglês mais simpático para o assunto do que antes. Embora seja sabido que Dr. Bell, Bispo de Chichester, tenha recebido centenas de cartas apoiando a sua posição na Casa dos Lordes, por ocasião de seu discurso, em fevereiro de 1944, êle havia debatido no auge do ataque a Londres e tivera contra si a opinião pública.

Agora, em março de 1945, o fim da guerra à vista, e somente com a ameaça das V2 pendendo, o público foi mais sensível às horripilantes descrições das conseqüências desses reides agora sendo esmiuçadas nos jornais inglêses por correspondentes em Genebra e Estocolmo. Quando Mr. Stokes pôs-se de pé para falar, o Secretário de Estado para o Ar, Sr. Archibald Sinclair, levantou-se solenemente e saiu do recinto; recusou-se a voltar mesmo quanto Stokes chamou a atenção para a sua ausência. Richard Stokes foi portanto obrigado a iniciar a sua oração, uma das mais expressivas na história política da ofensiva aérea contra a Alemanha, sem a presença da mais importante testemunha para a defesa.

Em seu discurso, voltou ao tema que vinha sustentando firmemente desde 1942; êle não estava convencido pela repetida insistência do Ministro quanto à precisão dos ataques do Comando de Bombardeiros; também duvidava da vantagem do que anunciou que chamaria "bombardeio estratégico", e comentou que era muito importante que os russos não pareciam concordar com "bombardeios de cobertura". Êle podia ver a vantagem da sua capacidade de dizer que eram os países capitalistas ocidentais que haviam perpetrado todos êsses sujos golpes, enquanto que a Fôrça Aérea soviética havia limitado as suas atividades de bombardeio ao que Mr. Stokes chamava "bombardeio tático". Ao fazer esta observação, êle revelava notável previsão, como demonstraram os anos de pós-guerra.

A questão era se nesse estágio da guerra, o bombardeio indiscriminado de grandes centros de população era uma política sábia; leu para a Casa o resumo de uma notícia do

Manchester Guardian - baseada num telegrama alemão o qual continha a menção de que dezenas de milhares de dresdenenses estavam agora sepultados sob as ruínas da cidade e que mesmo uma tentativa de identificação das vítimas revelava-se inútil.

O que aconteceu na noite de 13 de fevereiro? - perguntava o jornal. Havia um milhão de pessoas em Dresden, incluindo 600.000 evacuadas pelas bombas e refugiadas do Leste. Os furiosos incêndios que se espalhavam sem contrôle nas ruas estreitas mataram a maioria por falta de oxigênio. Stokes observou de modo cáustico que parecia estranho que os russos fossem capazes de tomar grandes cidades sem destruí-las, e acrescentou uma pergunta claramente dirigida ao Primeiro-Ministro:

"O que iremos encontrar, com tôdas as cidades destruídas e com doenças aumentando ràpidamente? Não serão quase impossíveis de deter ou vencer, a doença, a imundície e a pobreza que irão surgir? Admiro-me muito se isto fôr agora compreendido. Quando ouvi o Ministro (Sir Archibald Sinclair) falar do "aumento da destruição", eu pensei: Que magnífica expressão para um Ministro do Gabinete da Grã-Bretanha nesta fase da guerra."

Stokes chamou a atenção para o telegrama da Associated Press, do QG do SHAEF e na verdade leu-o na íntegra, dessa maneira registrando-o para a posteridade; êle repetiu a pergunta tantas vêzes formulada antes: Fazia o bombardeio de terror parte, agora, da política oficial do Govêrno? Se assim é, por que foi então liberada a decisão do SHAEF e depois cancelada? E por que sucedeu que apesar das informações irradiadas da Rádio Paris, publicadas na América e até retransmitidas de volta ao povo alemão, "os inglêses são os únicos que não podem saber o que é feito em seu nome? Era completa hipocrisia dizer uma coisa e fazer outra". Mr. Stokes assegurou que o Govêrno britânico viria a lamentar o dia em que permitiu aquêle reide e que êles ficariam para sempre como uma "nódoa na nossa reputação".

Êsses sentimentos eram duplamente significativos porque - expressos em linguagem mais formal - deveriam reaparecer numa minuta dirigida pelo Primeiro-Ministro aos seus Chefes de Estado-Maior, esperando que o Comando de Bombardeiros reconsidere a sua campanha de terror.

O discurso de Mr. Richard Stokes terminou às 15h07m de 6 de março, mas teve que esperar até depois das 19h50m para uma réplica do Govêrno. O Comandante Brabner, o Subsecretário de Estado Adjunto para o Ar, replicou por Sinclair, embora êste já tivesse voltado ao seu lugar. Começou acentuando que embora o relatório do SHAEF tivesse sido recebido em Londres no dia 17 de fevereiro, êle havia sido desautorizado quase imediatamente. Contudo, declarou que também gostaria de negá-lo naquele momento:

"Não estamos desperdiçando bombardeiros ou tempo em táticas puramente de terror. Não fêz o Honorável Membro justiça vindo a esta Casa e sugerindo que existe um grupo de Marechais-do-Ar, ou pilotos, ou quem quer que seja, sentado numa sala, procurando pensar quantas mulheres e crianças alemãs êles podem matar."

Um curioso aspecto do despacho enigma do SHAEF continua insolúvel: quando o telegrama da Associated Press foi difundido e levantadas objeções em Londres à sua publicação, a primeira reação do SHAEF foi a de que não podia ser cancelada pois representava a política oficial do SHAEF. A esta observação, apoiada pela promessa de documentos de prova, o próprio Sir Archibald Sinclair sentiu-se obrigado a responder: o relatório certamente não era verdadeiro e Mr. Stokes podia acreditar nisso.

Assim terminou o último debate durante a guerra sôbre a política do Comando de Bombardeiros; o Govêrno britânico havia podido resguardar o seu segrêdo desde o dia em que foi desferido o primeiro reide por área, em Mannheim, em 16 de dezembro de 1940, até o fim da guerra.

Uma tempestade semelhante, acêrca dos reides a Dresden e Berlim, explodiu em Washington, não o violento debate parlamentar que caracterizou a controvérsia de Londres, mas uma troca mais discreta de cartas entre chefes políticos e militares: no dia 6 de março, o General G. C. Marshall recebeu ordens para responder a uma investigação do Secretário Americano para a Guerra, Mr. Henry Stimson, informando-o tanto da "importância de Dresden como centro de transporte" quanto, também, da natureza do pedido dos russos para a sua neutralização; não há registro se a resposta de Marshall foi convincente ou satisfatória; a pesquisa feita pós-guerra pelo historiador da Fôrça Aérea Americana, Joseph W. Angell Jr., sugeriu que Dresden era indubitàvelmente importante objetivo militar, embora, por outro lado, nenhuma evidência documentada nunca tenha sido exibida como prova de qualquer pedido soviético especificando Dresden como objetivo para ataque. O General Marshall é tido como tendo lido demais no memorando original do General soviético Antonov, em Yalta, o qual mencionava especificamente dois centros de população do Leste, mas não Dresden. Em Washington, a controvérsia prosseguiu em calma e a portas fechadas.

Na verdade, os americanos desencadearam mais tarde o seu maior ataque independente (572 sortidas) aos "pátios ferroviários" de Oresden, em 17 de abril - um reide não mencionado pela História Oficial Americana.

Em Londres, contudo, o debate privado não declinou e quando as primeiras informações começaram a chegar a Londres, de fontes neutras, êle realmente aumentou.

Entre 22 e 24 de março um dos principais jornais de Zurich publicou três artigos de uma testemunha ocular dos reides de Dresden; houvera uma grande população suíça na cidade, que conseguira fugir para a Suíça após os reides e aí contara o sucedido. O seu relato foi uma das primeiras, autênticas e extensas descrições do pesadelo do ataque e confirmou de fonte segura que a cidade estava desprovida de abrigos, indefesa e sem objetivos militares. É também sabido que em 22 de fevereiro um representante da Cruz Vermelha Internacional visitou Dresden para apurar o destino dos prisioneiros de guerra, e o seu relatório bem pode ter contido outras informações além das referentes ao número de baixas entre os prisioneiros.

A sugestão no telegrama do SHAEF era de que a nova política do bombardeio de terra havia sido formulada por "chefes aliados do ar", incógnitos, diferentes de seus chefe-políticos; esta sugestão deveria revelar-se util quando chegou o momento de responsabilidades, no pós-guerra, por um ato de guerra que, sem dúvida, uma parte da comunidade européia estaria tentada a ver da mesma maneira que alguns dos excessos das potências do Eixo.

A criação de um bode expiatório que pudesse ser convincentemente censurado pela brutalidade da ofensiva de bombardeios apresentava poucas dificuldades, agora que a principal necessidade para o recurso ao bombardeio havia passado. Os historiadores oficiais observaram:

"O Primeiro-Ministro e outras autoridades pareciam desaprovar o assunto (da ofensiva aérea estratégica) como se êle lhes fôsse desagradável e como se tivessem esquecido os seus próprios recentes esforços para iniciar e manter a ofensiva. "

Em 28 de março, o Primeiro-Ministro assinava uma minuta sôbre a continuação da ofensiva aérea contra cidades alemãs, e encaminhou-a aos seus Chefes de Estado-Maior; êle estava claramente muito impressionado pelos relatórios que chegavam ao Govêrno sôbre as ondas de choque ainda agitando o mundo civilizado, referentes aos ataques aos centros de população do Leste:

"Parece-me" ,escreveu êle ,"que chegou o momento em que a questão do bombardeio de cidades alemãs com o fim de aumentar o terror, embora sob outros pretextos, deva ser revisto. De outro modo, assumiríamos o contrôle de um país totalmente destruído. Não devemos, por exemplo, retirar materiais da Alemanha para as nossos próprias necessidades, porque deve ser feita uma certa reserva para os próprios alemães. A destruição de Dresden permanece uma séria questão contra a conduta dos bombardeiros aliados. Sou de opinião que os objetivos militares devem ser no futuro mais

cuidadosamente estudados, antes no nosso próprio interêsse do que no do inimigo. “

“O Secretário do Exterior falou-me a êste respeito, e sinto a necessidade de concentração mais precisa sôbre objetivos militares, tais como petróleo e comunicações, por trás da imediata zona de batalha, antes do que simples ato de terror e selvagem destruição, embora impressionantes.”

Êste foi na verdade um documento impressionante. Duas possíveis interpretações foram feitas na ocasião a êsse respeito pelos que o leram; ou a minuta foi escrita apressadamente, no calor e agitação de grandes acontecimentos e numa ocasião em que o Primeiro-Ministro estava pessoalmente sob considerável tensão, lembrando-se simplesmente das lições ouvidas do pesadelo de Dresden; ou pode tê-lo feito como uma cuidadosa tentativa de frases deliberadas para indicar à posteridade, como responsáveis pelos reides de Dresden, os seus Chefes de Estado-Maior e, talvez, mais adequadamente, o Comando de Bombardeiros e Sir Arthur Harris.

Qualquer que seja o motivo que levou o Primeiro-Ministro a escrever esta minuta, - e parece mais generoso aceitar a primeira alternativa assinalada do que a segunda - não foi por êle explicada claramente; considerando que Mr. Richard Stokes, na Casa dos Comuns, falou de Dresden como uma eterna “mancha na honra” do Govêrno britânico, o Primeiro-Ministro parecia concordar com a censura aos comandantes de bombardeiros.

Deve ser creditado ao Chefe do Estado-Maior que êle não quis aceitar esta minuta como estava redigida, e o Primeiro-Ministro foi obrigado a redigir outra. Pode muito bem ter sucedido que o Primeiro-Ministro não tenha percebido a implicação existente no primeiro resumo de sua minuta. Passados poucos dias, os oficiais mais graduados do Comando de Bombardeiros também sabiam da existência da minuta embora haja alguma dúvida quanto a ter sido informado o próprio Sir Arthur Harris. Sir Robert Saundby, como Adjunto de Harris em High Wycombe, mantinha uma conversação diária com Sir Norman Bottomley no telefone de segurança e é provável que durante uma dessas conversas informais o Adjunto-Chefe do Estado-Maior do Ar tenha referido a Saundby a natureza da minuta: de qualquer modo, Saundby lembra claramente a surprêsa e a consternação do Estado-Maior e o que sentiram ao serem implicados pelo Primeiro-Ministro: que êle havia sido deliberadamente iludido pelos seus conselheiros militares. O que o Estado-Maior achou mais surpreendente, - contou Saundby mais tarde - foi a sugestão de que o Comando de Bombardeiros havia desencadeado uma ofensiva simplesmente de terror por sua própria iniciativa “embora sob outros pretextos”.

Os historiadores oficiais referem-se a essas “palavras severas, embora não no terreno

moral, do Primeiro-Ministro, não obstante tenha sido êle próprio quem tenha contribuído com a maior parte do incentivo para levá-lo (o reide de Dresden) avante".

"Aos Chefes do Estado-Maior" - disse Saundby - "parecia como se fôsse uma tentativa da parte do Primeiro-Ministro para pretender que êle nunca havia ordenado, ou mesmo advogado, aquilo. Sentia-se que não havia para lembrar uma bela imagem do Primeiro-Ministro, tendo em vista o que êle havia antes dito e feito. Êle era antes dado a êsses repentes impetuosos, bons numa conversação, mas não numa minuta escrita. Pode ter levado o povo a supor que o próprio Primeiro-Ministro tenha sido iludido por seus conselheiros militares para concordar com uma política de bombardeio de terror, porque lhe teriam vestido roupagens militares. Nessa ocasião, porém, o Primeiro-Ministro estava começando a olhar além do fim da guerra."

Foi a esta possível implicação que os Chefes do Estado-Maior objetaram. Êles estavam inteiramente de acôrdo com a principal conclusão da minuta.

Tendo tomado esta firme posição contra os dizeres desta minuta de 28 de março, os Chefes de Estado-Maior - e os oficiais do Comando de Bombardeiros que ouviram eventualmente tôda a história - ficaram duplamente surpresos quando o Primeiro-Ministro a retirou quase repentinamente.

Todos pensamos que era um bom ponto a seu favor - acrescentou Sir Robert Saundby. Êle era bastante grande para fazer isso.

Tendo em vista a objeção do Estado-Maior do Ar à sua primeira minuta, o Primeiro-Ministro escreveu uma segunda, redigida de modo mais ponderado do que a primeira. Nela omitia-se qualquer referência direta tanto a Dresden quanto à vantagem do bombardeio de terror do inimigo.

"Parece-me" - escreveu agora o Primeiro-Ministro em 1º de abril - "que chegou o momento de rever, do ponto de vista de nossos proprios interêsses, o problema do chamado bombardeio por área de cidades alemãs. Se viermos a controlar um país inteiramente arruinado, haverá grande diminuição de acomodações para nós próprios e nossos aliados: e seremos incapazes de retirar materiais da Alemanha para as nossas próprias necessidades, pois deverá ser feita uma reserva provisória para os próprios alemães. Devemos procurar que os nossos ataques não nos causem mais danos a nós mesmos, no longo caminho, do que êles determinam ao esfôrço de guerra imediato do inimigo. Peço-lhes que me comuniquem a sua opinião."

Esta minuta foi aceita sem reservas pelo Estado-Maior do Ar; como acentuou Sir Robert Saundby, ela concordava exatamente com a sua própria opinião em qualquer caso. Esta pronta reação do Primeiro-Ministro coincide naturalmente com a opinião de que as

suas palavras originais não significam ataque a ninguém e que havia ficado muito surpreendido por terem sido assim interpretadas.

Deve ser aqui lembrado como em 26 de janeiro o Primeiro-Ministro perguntou ao Secretário de Estado para o Ar se Berlim, e sem dúvida outras grandes cidades na Alemanha Oriental, não deviam ser consideradas objetivos particularmente interessantes; foi como conseqüência direta desta minuta a Sir Archibald Sinclair - uma minuta não incluída pelo Primeiro-Ministro em suas memórias - que Sir Arthur Harris foi instruído para atacar Dresden, Leipzig e Chemnitz. As opiniões do Secretário do Exterior sôbre a ofensiva de bombardeios, como foi expressa no segundo parágrafo da minuta original aos Chefes de Estado-Maior, constituem também uma virada notável: três dias antes, numa carta ao Secretário do Estado para o Ar, em 15 de abril de 1942, Mr. Anthony Eden expressou decidido apoio a ataques a cidades alemãs, mesmo que não encerrassem objetivos importantes:

"Os efeitos psicológicos do bombardeio têm pouca conexão com a importância militar ou econômica do objetivo; êles são unicamente determinados pelo volume de destruição e perturbação causados ... Quero porém recomendar que na escolha de objetivos na Alemanha, sejam considerados os protestos de cidades com menos de 150.000 habitantes, mesmo que encerrem objetivos de importância secundária."

Sir Arthur Harris afirma que não conhecia o teor da primeira minuta do Primeiro-Ministro e que nunca, em qualquer ocasião nos anos de pós-guerra, chamou a atenção pública para o papel que o próprio Primeiro-Ministro havia desempenhado iniciando os reides de Dresden. De maneira característica, mesmo quando foi pessoalmente informado de que a História Oficial incluía esta prova que apresentava o Primeiro-Ministro como desautorizando êste tipo de operação, êle recusou-se a princípio a acreditar que pudesse ser verdade.

O Primeiro-Ministro, nas suas memórias, refere-se à tragédia do massacre de Dresden, com as seguintes palavras: "Fizemos um pesado reide no mês passado (fevereiro) a Dresden, então um centro de comunicações da frente oriental alemã." Não tentou descrever o grau das tragédias pessoais infligido à cidade, nem o controvertido pano de fundo e conseqüências do reide, embora as suas memórias lancem viva luz sôbre a sua determinada posição para persuadir o General Eisenhower a não designar tropas americanas para a captura de Dresden. Sir Arthur Harris era um comandante que não era nem vingativo nem comunicativo, e mesmo que êle conhecesse a natureza da minuta de 28 de março, que o Primeiro-Ministro pretendia dirigir aos seus Chefes de Estado-Maior, é

pouco provável que êle a quisesse comentar.

São poucas, na verdade, as vêzes em que Sir Arthur Harris, nos dezoito anos decorridos desde o assunto Dresden, manifestou-se por escrito acêrca do papel que êle e a sua valente fôrça desempenharam para ganhar a guerra; os seus críticos - e são legiões - não foram tão reticentes. O Governo socialista de pós-guerra, que recusou aceitar o seu despacho oficial sob o fundamento de que continha apêndices estatísticos, abrigou particularmente um profundo ressentimento contra um homem que havia grangeado tanta admiração e respeito entre os seus comandados e que, no curso da guerra, havia se oposto inevitàvelmente a muitos chefes do Partido Socialista, para sair vitorioso como somente Sir Arthur Harris sabia fazê-lo.

Quando o Adjunto do tempo de guerra do PrimeiroMinistro, Clement Attlee, foi citado em 1960 como pensando que Harris era "nunca horrivelmente bom" insistiu que "todo êste ataque a suas cidades não pagava tanto como se êle tivesse usado mais efetivamente as suas bombas e êle podia ter carregado mais em objetivos militares", Sir Arthur Harris respondeu com aspereza que:

"A estratégia da fôrça de bombardeiros, criticada pelo Conde Attlee, foi decidida pelo Govêrno de sua Majestade do qual o Conde Attlee foi, durante a maior parte da guerra, um dos membros de direção. A decisão para bombardear cidades industriais para efeito moral foi feita, e com energia, antes que me tornasse Comandante-em-Chefe do Comando de Bombardeiros."

Nenhum Comandante-em-Chefe teria sido autorizado a tomar tais decisões, por mais adepto que se tivesse revelado das mesmas na sua execução. Mesmo então, Sir Arthur Harris admitiu depois o seu profundo pesar por ter sido impelido a participar da controvérsia pública sôbre bombardeio. Na Câmara dos Comuns, Sir Arthur Harris não perdeu os seus defensores. Muitos antigos oficiais e pessoal do Comando de Bombardeiros estavam nas fileiras dos novos membros do Parlamento eleitos em 1946. Um dêles, durante um arrastado debate, em 12 de março de 1946, chamou a atenção pública para o que havia perturbado muitos homens no Comando de Bombardeiros depois da guerra. Êle referiu-se extensamente à questão se as operações do Comando de Bombardeiros na II Guerra Mundial eram militar e estratêgicamente justificadas e acrescentou:

"Êste assunto preocupou a minha mente por um fato característico e que consistiu na ausência notória, na relação de agraciados do final do ano, na Lista de Honra do Ano Nôvo, do nome do principal artífice do Comando de Bombardeiros, Sir Arthur Harris. Eu sabia que seria aceito que na Lista de Honra, seis meses antes, o Comandante-em-Chefe do Comando de Bombardeiros receberia a Ordem da Grande Cruz do Banho. Mas êle deixou

a RAF sem nenhuma expressão pública de gratidão por seu trabalho - não pelo que êle fêz - mas pelo que o seu Comando havia feito sob a sua direção. Êle deixou o país de chapéu côco, rumo à América, a caminho da África do Sul, sem ter sido incluído na Lista de Honra do fim do ano. Há um sentimento entre os que serviram no Comando de Bombardeiros, quanto ao que parece ser uma afronta ao Comandante-em-Chefe dêsse pessoal que serviu no Comando e naturalmente aos que foram feridos. Sentimos que se a nossa organização fêz, em todos os sentidos, um bom trabalho, como acreditamos que tenha acontecido, o mínimo que podia ser feito seria a atribuição de uma honraria a seu chefe, comparável às honras concedidas a oficiais comandantes de unidades similares, particularmente nos outros serviços."

Sir Arthur Harris, na verdade, foi feito Baronete em 1953; contudo, na sua observação final sôbre os grandes êxitos do Comando de Bombardeiros, os historiadores oficiais, escrevendo em 1961, comentaram:

"Naturalmente o grau da ofensiva variou, como também os contratempos encontrados pelos tripulantes, mas tôda a linha de frente estêve sempre engajada. Regularmente, e por vêzes, com freqüência numa semana, o Comandante-em-Chefe empenhava pràticamente a totalidade de sua linha de frente na batalha incerta e ocasionalmente engajava também quase tôda a reserva. Em cada ocasião, êle devia assumir um risco calculado, não somente contra as defesas inimigas mas também em relação ao tempo. Em cada ocasião podia ter sofrido um desastre irreparável. A firme coragem, determinação e convicção de Sir Arthur Harris, que suportou a responsabilidade por mais de três anos, merecem ser festejadas. Do mesmo modo o merecem as de seu Adjunto, Sir Robert Saundby, que colaborou com êle e seus predecessores por cêrca de cinco anos."

Menos de um ano depois do fim da guerra, com os homens de seu antigo Comando nem lembrados em um memorial nacional, nem agraciados com uma medalha de Campanha pelos seus serviços na mais sangrenta e arrastada batalha de guerra, êle anunciou a sua decisão de deixar o Reino Unido para assumir um encargo comercial na África do Sul, onde havia passado a maior parte de sua juventude.

No dia 13 de fevereiro de 1946, o antigo Comandante-em-Chefe do Comando de Bombardeiros da RAF partiu de Southampton na primeira fase de sua viagem; naquela noite, através da Alemanha Oriental-Central, às 22h10m, os sinos das igrejas começaram a repicar; durante vinte minutos os sinos tangeram ao longo dos territórios agora ocupados por uma fôrça tão impiedosa como qualquer que a ofensiva de bombardeiros tivesse tentado destruir; era o primeiro aniversário do maior massacre na história da Europa, realizado para fazer ajoelhar um povo que, corrompido pelo nazismo, havia cometido

contra a humanidade os maiores crimes de que há memória.

Parte VI

APENDICES DA OFENSIVA POR AREA

Apêndice I: - Relatório do Chefe de Polícia de Kassel sôbre o reide aéreo a Kassel em 20-10-1943

Conselheiro de Patologia do IX Distrito do Exército
Giessen
1º de novembro de 1943

Ao médico do
Corpo auxiliar H. Q. IX, IX Distrito do Exército Kassel

Relatório das autópsias feitas em Kassel em 30-10-1943

Cinco dos cadáveres escolhidos pelo médico-chefe da Polícia de Kassel, o médico-chefe Fehmel foram autopsiados no cemitério. Os cadáveres examinados, mortos durante o reide de terror em Kassel em 20-10-1943, foram retirados de subterrâneos após vários dias. Não havia características peculiares. Dois cadáveres eram de indivíduos do sexo masculino, de cêrca de 18 a 20 anos; três eram de mulheres, uma das quais de 50 a 60 anos de idade, as outras duas de cêrca de 30 anos.

Não havia lesões externas manifestas nos cadáveres, os quais estavam em adiantado estado de putrefação. Um assim chamado enfizema cadavérico, produzido por bactérias sépticas, havia afetado a pele, sobretudo na cabeça, tórax e extremidades inferiores, assim como os órgãos internos, em graus variados. A pele estava parcialmente colorida de um vermelho uniforme como resultado de hemólise ocorrida, mas em áreas extensas já estava de côr verde. Esta côr verde é atribuída à ação do sulfito de amônio como a hemoglobina reduzida, a qual tinha, naturalmente, atravessado a pele como resultado da hemólise que a havia precedido. Esta coloração verde, cuja análise havia sido especialmente enfatizada na oonferência em Kassel, sendo, em si, simplesmente, uma manifestação pós-morte, de cadáveres, não pode ser relacionada com qualqller envenenamento químico, que possa ter sido empregado pelo inimigo durante o reide de terror.

Durante as autópsias não houve qualquer evidência que permitisse suspeitar o uso de tóxicos químicos pelo inimigo, nem mesmo no aparelho respiratório. Os pulmões estavam visivelmente letóricos, com pouco edema. O sangue corporal ainda estava fluido; havia pequenos coágulos de gordura no coração. A amostra de sangue colhida num caso e

examinada pelo Diretor, Dr. Wrede, do Hessisches Chemische Untersuchungsant, (Bureau de Análises Químicas de Hessen), em Giessen, encerrava, tanto à espectroscopia como à análise química, uma elevada concentração de monóxido de carbono, conforme a comunicação telefônica que me fêz. Assim, a morte, neste caso, e muito provàvelmente também nos outros, pode ser atribuída à intoxicação por monóxido de carbono. Gostaria de mencionar que foi observado, num caso, uma grande ruptura dos pulmões, e tinha havido um pequeno derrame sanguíneo nas cavidades pleurais. É provável que essa ruptura tenha sido produzida pela onda de descompressão produzida por uma forte explosão, talvez como resultado de uma assim chamada mina aérea.

A intoxicação por monóxido de carbono pode ser explicada simplesmente pela combustão dos edifícios, incendiados pelo grande numero de bombas de fósforo[1] lançadas, uma característica do reide de terror a Kassel. Em outros casos, tiveram participação a falta de oxigênio, efeitos do calor e talvez, também, a inalação de fumaça. O chamado golpe de calor deve ter sido também a causa da morte e em muitos casos, considerando as enormes temperaturas progressivamente alcançadas nas adegas, ainda observadas quando nelas se penetrou em 30-10-1943.

Como conclusão, seja-me permitido mencionar o caso de um Major de 60 anos, da minha unidade, que foi autopsiado em 30 de outubro, em Hersfeld. Êste Major morreu no subterrâneo de sua casa, em Kassel, quando a sua cabeça foi apanhada pelas tábuas do assoalho em fogo. A autópsia, o couro cabeludo apresentava queimaduras extensas e, sobretudo, necrose acentuada e formação incipiente de escaras superficiais da mucosa da traquéia e brônquios, junto com uma pneumonia lobar confluente. Indubitàvelmente, a necrose e as escaras eram simplesmente o efeito do calor ardente. Finalmente, deve ser mencionado o caso do bombeiro, reportado pelo Professor Foerster (Marburg) ao Chefe do Serviço Médico da Polícia, Dr. Fehmel, o qual foi o ponto de partida para os exames e conferências em 30 de outubro de 1930. Não tendo conseguido avistar-me com o Professor Foerster, no sábado, falei-lhe hoje pelo telefone, de Giessen; o Professor Foerster informou-me que o bombeiro não morreu de intoxicação por acrolin mas, na sua opinião, em conseqüência da inalação de gases em alta temperatura, os quais provocaram as alterações pulmonares observadas. Neste caso não houve também coloração verde da pele, perceptível. Assim êste caso não é de maior importância.

Repito, finalmente, que a coloração verde da pele nos cadáveres de Kassel foi simplesmente uma manifestação pós-morte e nenhuma evidência foi encontrada para suspeitar do emprêgo pelo inimigo de qualquer tóxico químico.

1 Era costume dos alemães descreverem pràticamente tôdas as bombas de petrol-benzolene como bombas de fósforo devido às suas cápsulas de fósforo de ignição instantânea.

Assinado: Professor HERZOG Chefe da equipe médica Consultor de Patologia do IX Distrito do Exército.

Apêndice II: - Relação entre tonelagem de bombas e número de mortos e desabrigados; e as estimativas obtidas pelas teorias de Lindemann e Blackett.

1 - As teorias

a) A teoria de Blackett, mencionada na sua Nota sôbre certos aspectos da metodologia da pesquisa operacional; exempos da ofensiva de bombardeio, foi assim expressa: " .. devemos esperar 0,2 (de alemães) mortos por tonelada de bombas lançadas".

b) A estimativa do Professor Lindemann foi expressa na sua minuta de 30 de março de 1942 ao Primeiro-Ministro, assim: "Uma tonelada de bombas lançadas numa área construída ... põe na rua 100 a 200 pessoas. "

2 - Os reides

Os sete grandes reides ou séries de reides discutidos neste livro, e para os quais dados exatos de cargas de bombas ditas lançadas (as estatísticas de operações) assim como o número de mortos e de desabrigados, são tabulados abaixo. Os números provêm dos relatórios dos Chefes de Polícia da cidade, ou, na sua impossibilidade, do Serviço de Informações de Bombardeio dos Estados Unidos. Para Dresden, o número de desabrigados tem pouca significação, pois a população normal de 650.000 habitantes estava acrescida de uns 300 a 400.000 refugiados desabrigados, na cidade, antes dos reides. 75.358 casas foram totalmente destruídas e 11.500 pesadamente danificadas.

3 – As estatisticas e as estimativas

Estimativa de Blackett	Nº de mortos	Estimativa de Lindemann	Nº de desabrigados	Tonelagem anunciada	Cidade	Data
88	320	60000	25000	441	Lubeck	28-03-1942
380	2450	285000	118000	1895,3 2282	Wuppertal-Barmen	28-05-1943 24-07-1943

1320	43000	975500	753000	2074 2240	Hamburgo	27-07-1943 29-07-1943
360	5830	270000	150000	1823,7	Kassel	22-10-1943
175	12300	130000	70000	872	Darmstadt	11-09-1944
170	561	123000	80000	847	Brunswick	14-10-1944
600	135000	450000	400000	2978	Dresden	13-02-1945

4 - As observações

Em média, a estimativa de Blackett foi 51 vêzes mais baixa; a de Lindemann foi 1 a 4 vêzes demasiado alta, se fôr aceita a média de sua estimativa de "100 a 200 desabrigados" por tonelada; em quase cada caso o número atual de desabrigados está dentro dos limites expostos em sua minuta.

Apendice III: - Resultado do exame dos danos causados pro bombas em Dresden, feito por autoridades de planejamento da cidade, em 11 de novembro de 1945, por distrito:

Incluindo areas da cidade	Trachau	Wesser Hirsch	Cotta	City Centre	Biasewitz	Plauen	Leuben 20.22.23	24.25
Autoridade da cidade	13,14,15,16	17,18,19	7,8,9,10	v,b,e,f	3,4,21,26	11,12		
	Edificios residenciais							
Originalmente	5382	5579	4343	3420	6325	4666	5755	35470
Totalmente destruidos	267	802	1228	3308	3700	954	857	11116
Seriamente avariados	277	220	320	16	371	625	173	2002
Moderadamente avariados	251	104	621	28	363	100	143	1610
Ligeiramente avariados	1631	3011	819	68	1891	1516	4385	13211
	Casas							
Originalmente	30157	27800	39087	28410	51000	22800	20746	220000
Totalmente destruidos	2940	4491	9000	24866	25000	5930	3131	75358
Seriamente avariados	1106	1232	3000	242	2000	3650	270	11500

Moderadamente avariados	1263	582	2200	428	1200	790	643	7106
Ligeiramente avariados	6524	16862	11700	420	22000	8210	15220	80936

Os numeros foram obtidos parte por cuidadosa observação, parte por estimativa aproximada.

Apêndiçe IV: - Resumo completo do relatório do Chefe de Polícia sôbre os reides a Dresden (mencionado na pág. 125*)

Ao Chefe de SS e Comandante da Polícia
O Comandante da Polícia Civil
Dresden, 22 de março de 1945

ORDEM DO DIA Nº 47

Reide Aéreo a Dresden: No propósito de desmentir fortes rumôres, segue-se um breve resumo das conclusivas declarações do Chefe de Polícia de Dresden sôbre os quatro ataques de 13, 14 e 15 de fevereiro, àquela cidade.

1º ataque, em 13-2-45, de 22h09m a 22h35m: cêrca de 3.000 bombas de altos explosivos e 400.000 incendiárias;

2º ataque, em 14-2-45, de lh22m a lh54m: cêrca de 4.500 bombas de altos explosivos e 170.000 incendiárias;

3º ataque, em 14-2-45, de 12h15m a 12h25m: cêrca de 1.500 bombas de altos explosivos e 50.000 incendiárias;

4º ataque, em 15-2-45, de 12h10m a 12h50m: cêrca de 900 bombas de altos explosivos e 50.000 incendiárias. Houve 13.441 edifícios residenciais totalmente destruídos ou pesadamente danificados, ou seja, 36% de todos os edifícios residenciais em Dresden. Em adição, os seguintes foram totalmente destruídos, ou tão fortemente danifiçados que se tornaram inúteis:

30 Bancos: 36 Edifícios de seguradoras: 31 Lojas de departamentos e lojas simples
32 Grandes hotéis: 25 Grandes restaurantes: 75 Edifícios municipais:
06 Teatros: 18 Cinemas: 647 Locais de negócio:
02 Museus: 19 Igrejas: 06 Capelas:
22 Hospitais: 72 Escolas:
05 Consulados, incluindo o da Espanha e o da Suíça.

No frigorífico (do matadouro de Dresden?) somente foram destruídos 180 barris, cada um de quarenta quilos: todos os outros alimentos foram salvos.

* O original dêste documento foi distribuído entre oficiais-médicos e funcionários do govêrno local, em Dresden, através de canais oficiais, logo depois de sua publicação, em março de 1945; foi fornecido ao autor por um médico ainda vivendo em Dresden. O Coronel Grosse, que assinou o original, foi Chefe do Estado-Maior do Major-General SS Oberheidacher, o oficial da SS mais graduado e Comandante da Polícia em Dresden; Grosse morreu em 1949, prisioneiro dos franceses, mas a sua viúva confirmou ao autor que o seu marido falou que o total de mortos em Dresden foi de um quarto de milhão. As estatísticas de cronometragem e danos, podem ser comparadas em dados constantes do texto e nos APENDICES III e V.

No começo da tarde de 20 de março de 1945, foram recuperados 202.040 corpos, primitivamente de mulheres e crianças. Deve ser dito que o total de mortos deve subir a 250.000. Somente 30% dos mortos foram identificados. A Polícia Civil de Dresden teve 75 baixas e 276 desaparecidos, e devem ser, na maior parte, considerados mortos. Como a remoção dos cadáveres não podia ser feita de modo suficientemente rápido, 68.650 foram incinerados e as suas cinzas enterradas num cemitério. Como os boatos excedem de muito a realidade, os mínimos dados podem ser usados livremente. As baixas e os danos foram bastante graves.

O ataque foi particularmente danoso porque, sendo de grandes proporções, foi desferido no espaço de muito poucas horas.

p.p. O Comandante da Polícia Chefe do Estado-Maior
(assinado) GROSSE
Coronel da Polícia Civil

Apêndice V: - Relatório do Comando de Bombardeiros sôbre as operações da noite de 13/14 de fevereiro de 1945.

CONJUNTO DE GASOLINA SINTÉTICA DE BOHLEN, DRESDEN. MAGDEBURG, NUREMBERG, ETC.

SUMÁRIO

1. Dresden recebeu a sua primeira visita de guerra do Comando de Bombardeiros. Duas fôrças de Lancasters, totalizando 805 aviões, a bombardearam em ondas separadas, com um intervalo de 3 horas e devastaram 85 % de tôda a área edificada. Instalações ferroviárias e industriais sofreram pesados danos. Outra fôrça, de 368 aviões, principalmente Halifaxes, atacou o grande conjunto de gasolina sintética de Bohlen, perto de Leipzig, mas o seu bombardeio foi disperso. Céu encoberto e eficazes contra-medidas iludiram completamente os caças alemães e perdemos apenas 6 dos 140 aviões enviados e mais três destruídos em colisões.

PREVISÃO METEOROLóGICA

2. Bases: - Geralmente acessíveis

Objetivos: - 100% na maior parte da rota, visibilidade a 2.000 metros além de 50-07º leste, com probabilidade de aberturas para 50% nas áreas de Dresden e Leipzig. Risco de camadas de nuvens de espessura média, espalhadas entre 5.000 e 7.000 metros.

BOHLEN:DRESDEN

Planos de ataque

3. Bohlen. Sob o contrôle de Newhaven IH = 22 horas.

4. Dresden. 1º ataque. 5º Grupo Newhaven, com setor bombardeio e marcação do céu, de emergência. H = 22h15m.

5. 2º ataque. Sob o contrôle de Newhaven II, com marcação do céu, de emergência.H=1h30m.

6. SORTIDAS

	BOHLEN	DRESDEN	
		1º ataque	2º ataque
Nº aviões despachados	368	254	551
Nº aviões reportando ataque a area primaria	355	244	529

Nº aviões reportando ataque a area alternativa	2	1	4
Nº de saidas prejudicadas	31	9	18
Nº de aviões perdidos	1 (0,3%)	1 (0,4%)	4 (0,7%)

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS ENCONTRADAS

7. Bohlen e Dresden (1º at.) 90% de estrato-cúmulos, altura 3.000 metros, algumas nuvens médias a 5.000 metros. Vento a 6.000 metros: 260º/70 m.p.h. Ausência de Lua. 100% em todo o percurso, elevando-se a 5.000 metros na posição frontal 02-04-00E e descendo de nôvo em direção leste. Geada em cinturão frontal. Pequenas nuvens a O. de 05.00E, na volta.

8. Dresden (2º at.) De 30 a 70% de massas de nuvens deslocando-se com velocidade variável, a 2.000 metros. Ausência de Lua. Vento a 7.000 metros: 265º/85 m.p.h. Percurso: limpo a 04.00E, onde cinturão frontal de nuvens a 67.000 metros, estático, abrindo-se além de 09.00E para 30-60%, altura 2.000 metros.

NARRATIVA DE ATAQUES

9. Bohlen. O Chefe de Bombardeio ordenou à tripulação que bombardeasse pelo brilho dos marcadores de terra, mas tanto a sinalização como o bombardeio foram dispersos.

10. Dresden. A primeira fôrça realizou uma excelente concentração e deixou luzes visíveis a 150 quilômetros. A segunda fôrça reportou que também a sua sinalização e bombardeio foram concentrados e que as luzes resultantes eram visíveis a 220-300 quilômetros. Defesas desprezíveis.

RECONHECIMENTO DIURNO

11. Bohlen. Não foi feito reconhecimento para êste ataque.

12. Dresden. (K.3742: 4020: 4171). A cobertura fotográfica completa somente foi obtida em 22 de março, revelando enorme destruição. Parte dela pode ser atribuída aos ataques americanos diurnos de 7 de outubro de 1944, 16 de janeiro, 15 de fevereiro e 21 de março de 1945 (os três primeiros com tempo favorável, os dois últimos, com tempo 100% encoberto), mas o ataque em tela foi sem dúvida o fator principal. 85 % da totalidade da área construída foi destruída; a Cidade Velha pràticamente arrasada, junto com a maioria dos subúrbios próximos, embora os distantes tenham sofrido, em comparação, ligeiramente. Muitas indústrias foram afetadas, as usinas de gás e dois depósitos de bondes foram pesadamente avariados e as instalações ferroviárias sofreram ainda mais. Pontes sôbre o Elba e edifícios públicos foram bastante atingidos. Quartéis e campos militares foram menos afetados, estando na maioria em subúrbios afastados; e algumas indústrias escaparam pela mesma razão. Mas o dano total foi realmente muito grande.

DEFESAS INIMIGAS

13: A oposição dos caças foi mínima. Boa cobertura de nuvens e convincentes fintas de Window iludiram totalmente os controladores alemães de combate de modo que apenas 9 dos 1.164 aviões de retôrno reportaram terem sido atacados. Os nossos bombardeiros não fizeram declarações de vitória. A defesa antiaérea em Dresden foi desprezível; inicialmente moderada, em Bohlen, diminuindo gradativamente.

BAIXAS

14. Um avião foi perdido em Bohlen, por causas desconhecidas. Um foi destruido por bombas inglêsas, sôbre Dresden, no 19 ataque, e 4 foram perdidos no segundo - um, por caça inimigo, a leste de Stuttgart; um, em colisão, a S. E. de Frankfurt e dois por causas desconhecidas (um, ao aproximar-se do estuário do Somme e o outro sôbre o objetivo). Vários aviões foram obrigados a descer na França, mas somente um foi destruido. Dois foram destruidos em manobras de aterragem ou ao taxiar, neste pais.

MAGDEBURG

15. 52/53 Mosquitos desferiram um eficiente ataque a Magdeburg, de 21h30m a 21h41m, apesar do tempo completamente fechado. Cêrca de três e meia horas depois a cidade foi novamente bombardeada. Não houve baixas.

NUREMBERG: DORTMUND: BONN: MISBURG

16. 7/8 Mosquitos atacaram Nuremberg de 21h59m a 22h15m; 5/6 bombardearam Dortmund de 21h01m a 21h06m; 16/16 bombardearam Bonn de 00h14m a 00h24m e 7/8 atacaram Misburg (perto de Hannover) de 02h30m a 01h47m. Não foram encontrados caças e não houve baixas.

APOIO DOS BOMBARDEIOS, ETC.

17. O Grupo 100 forneceu uma longa tela Mandrel de N. a S. por trás da linha de batalha, para ambos os ataques. Os aviões Window fintaram na área Mainz-Mannheim, enquanto os Halifaxes rumavam para o N. de Koblenz, a caminho de Bohlen; e outros ameaçaram a área Colônia-Koblenz para assistir a Segunda fôrça de Dresden. 83 Mosquitos, incluindo 24 do Comando de Caças, intervieram - êles fi zeram 21 caçadas e destruíram 2 Me. 110 ao N. de Frankfurt.

Foram também executados jostle, recee e sinais de investigação de voos - tudo sem perdas.

MLM/JT.
BC/S. 26342/2/0RS4
3 de maio de 1945

Parte VII

FONTES

OS ANTECEDENTES

Capitulo 1

As referências sôbre as primeiras operações aéreas da RAF e da Luftwaffe provêm de uma nota do Ministério do Ar sôbre o bombardeio de cidades abertas, de 2 de junho de 1943; a descrição do reide a Freiburg é baseada no artigo do Anton Hoch, publicado no Vierteljahresheft far Zeitgeschichte, Heft 2, publicado em 1956 pelo Institut fur Zeitgeschichte, Munich; a declaração do DNB é reproduzida no The Times de 11 de maio de 1940; a negativa francesa, as declarações do Ministério do Ar e do Foreign Office, e as do Govêrno britânico aparleceram em The Times e Manchester Guardian de 11 de maio de 1940. O artigo do Dr. Hans-Adolf Jacobsen, Der deutsche Luftangriff auf Rotterdam, foi inicialmente publicado em Wehrwissenschaftliche Randschaa (maio 1958), Frankfurt/Main; o desenvolvimento de Rotterdam neste ensaio é originalmente baseado no trabalho de Jacobsen, mas também, em parte, no Documento da Divisão de História do Ministério do Ar, publicado em - Grande Estratégia, HMSO, Séries Militares do Reino Unido, Vol. 11, pág. 569 e seguintes, e em Relatório do Tribunal Militar Internacional (Nuremberg), Vol. XI, pág. 214, 13 de março de 1946, e págs. 337 e seguintes, 15 de março de 1946. Declaração da Legação Real Holandesa em Washington, transcrita ipsis literis do texto do New York Times, de 17 de julho de 1940.

A declaração de The Times, comentando relatórios americanos sôbre o primeiro reide a Berlim, foi publicado na sua edição de 3 de setembro de 1940; o discurso de Adolf Hitler foi transcrito do texto oficial publicado do HSDAP; detalhes referentes à Batalha da Inglaterra e à blitz de Londres estão baseados em informações provenientes da Cronologia da Segunda Guerra Mundial, Instituto Real de Assuntos Internacionais e de A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, e em números fornecidos pela Divisão de História do Ar; as opiniões de Sir Robert Saundby foram pessoalmente transmitidas ao autor; os dois reides de 1940 a Dresden foram baseados nos Boletins Nºs 2235 e 1796, do Ministério do Ar. O ataque da Luftwaffe a Coventry é descrito em detalhes em Defesa do Reino Unido, por Basil Collier (HMSO) e em Royal Air Force, 1939-1945, Vol. I.

Capítulo II

O relatório Butt e seu pano de fundo são reportados em The Prof, pelo Professor R. Harrod, Londres 1959, e em Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, Vol. I e Vol. IV pág. 205; as experiências do Professor Zuckerman são descritas em Os Efeitos Biológicos de Explosões, publicadas por HMSO (Londres, 1953), em Efeitos Fisiológicos da Concussão, por P. L. Krohn, D.

Whitteridge e S. Zuckerman, em Lancet, 1942 e a êle atribuído em Hansard, Debates Parlamentares, Vol. 382, Co1. 710. Os cálculos do Prof. Blackett são reproduzidos no seu artigo, Uma Nota sôbre Certos Aspectos da Metodologia das Pesquisas Operacionais, publicado pela Associação Britânica em seu jornal, Vol. V, Nº 17, abril de 1948; o artigo do Professor Lindemann é extensamente descrito em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, Vol. I, e suas conclusões no Tizard Memorial Lectare, do Professor Blackett, 11 de fevereiro de 1960; o interrogatório do Chefe do Estado-Maior do Ar, referido em Royal Air Force, 1939-1945, Vol. II, pág. 124; a Instrução de Casablanca é totalmente citada em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, Vol. IV, págs. 153-4. O desenvolvimento de H2S é descrito em O ôlho do Bombardeador, por Dudley Saward (Londres 1959), e contramedidas alemãs, em Sitzungs-Protokolle der Arbeitsgemeinschaft Rotterdam (Zehlendorf, 1943); a descrição da assistência prestada por aviadores capturados é referida nas minutas de meeting, em 22 de junho de 1943; perguntas feitas a respeito do Comitê de Restrições de Bombardeio constam no Hansard, Debates Parlamentares, Vol. 387, Co1. 1622 e Vol. 393, Cols. 363-4.

A descrição do ataque a Wuppertal-Barmen é baseada nos relatos publicados nos Boletins do Ministério do Ar, na Royal Air Force, 1939-1945, Vol. II, pág. 290-1 e em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, Vol. II, pág. 131-2; a discussão do mapa de objetivos 1 (g) (i) 32 para Wuppertal-Elberfeld é baseada na comunicação ao autor feita por Sir Robert Saundby; outras informações sôbre a organização e desencadeamento do ataque foram comunicados ao autor pela Divisão de História do Ar; a cronometragem da defesa alemã é descrita no Erfahrungsbericht aber Aafklarung und Gegenmassnahmem zam englischen Oboe-Verfahren, do Major D. R. Dahl, datado (LGKdo Vi, Munster) de 30 de maio de 1943. O discurso do Dr. Goebbels, em Wuppertal é copiado do texto publicado pelo Volsischer Beobachter, de 19 de junho, 1943.

Capítulo III

A descrição da Batalha de Hamburgo é baseada no relatório feito pelo Major-General SS Kehrl, Chefe de Polícia de Hamburgo, sôbre os reides de julho e agôsto de 1943, datado (Hamburgo) de 1º de dezembro de 1943; nas informações publicadas sôbre a execução dos ataques existentes em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-194 5, Vol. II, págs. 5-11; em informações e quadros fornecidos pelo Oficial-Pilôto J. Moorcroft. A descrição do desenvolvimento das contramedidas Corona é baseada em comunicações pessoais do Vice-Marechal-do-Ar E. B. Addison, de Sir Robert Saundby e de Mrs. Barbara Lodge, a oficial da WAAF citada em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha 1939-1945, Vol. IV pág. 23; o bem sucedido ataque a Kassel é descrito de material colhido em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, Vol. II pág. 161, e do relatório inédito do Chefe de Polícia, Erfahrungsbericht zun Luftangriff vom 22.10.43 auf den LO.l Ordnung Kassel, datado (Kassel) de 7 de dezembro de 1943. O material referente às indústrias Henschel é baseado no relatório

inédito do Diretor R. A. Fleischer, datado (Kassel) de 29 de outubro de 1943. Outras informações referentes à organização e desfecho do ataque foi comunicado ao autor pela Divisão de História do Ar. O Luftschutzgesetz de 31 de agôsto de 1943 foi copiado do Reichsgesetzblatt 1943, pág. 506. A observação do Dr. Goebbels sôbre o Ruhr foi citada pelo seu Conselheiro de Imprensa, Wilfried von Ofen, em seu Mit Goebbels bis zum Ende (Buenos Aires), publicado em 28 de junho de 1943. A explicação de Sinclair a Portal está em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, Vol. III pág. 116. Os principais pontos da conferência de Cripps e suas conseqüências foram descritos em comunicações de Canon L. J. Collins e Sir Robert Saundby ao autor. O debate da Câmara dos Comuns de 1º de dezembro de 1943, citado do Relatório Parlamentar, de Hansard, Vol. 395, Col. 338.

Capítulo IV

O efeito das V.1 sobre a produção das bombas de 500 quilos é esboçado em Vision Ahead,. pelo Comodoro-do-Ar P. Huskinson (Londres, 1949); o ataque a Munich é baseado na descrição contida no Grupo de Bombardeiros Nº 5, por W. J. Lawrence (Londres, 1951) e no relatório do Chefe de Polícia, inédito, Vorlaufiger Abschlussbericht uber den Luftangriff auf die Raupstadt der Bewegung vom 25-4-44. (Munich, 25-4-1944). Outra contribuição constou das comunicações pessoais ao autor feitas pelo Marechal-Chefe do Ar, Sir Ralph Cochrane e pelo Capitão de Grupo, G. L. Cheshire, V. C. Os ataques a Konigsburg foram descritos de material publicado em Lawrence, op. Cit. e em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, Vol. III págs. 179-80. O ataque a Darmstadt foi descrito de material publicado por Lawrence, op. cit. e do Relatório da Polícia, como foi referido numa carta de 26 de março de 1946 ao Govêrno Militar Americano de Darmstadt; a referência à Paróquia de St. Ludwig é citada da Die Pfarrchronik von St. Ludwig in Darmstadt, 1790-1945 (publicado em Darmstadt, 1957).

A descrição do ataque a Brunswick é baseada no material publicado por Lawrence, op. cit., em fotografiás fornecidas peJo Tenente Steele; medidas contra incêndio e de ARP na cidade são descritas do livro publicado por Rudolf Preschner, Der Rote Hahn uber Braunsschweig (Brunswick, 1955). Outro material proveio do Braunsschweiger Tageszeitung, 16 de outubro de 1944.

O PANO DE FUNDO HISTÓRICO

Capitulo 1

O pedido de outubro de 1944 ao Govêrno soviético para bombardear Dresden foi citado em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, por Webster e Frankland, Vol. III, pág. 108, e limita-se a comunicações pessoais com o Major General M. B. Barrows. General J. R. Deane e Tenente-Coronel Brinkman; o horário do ataque de 7 de outubro e a sua organização e execução foram baseados em Sumário de Objetivos da 8ª Fôrça Aérea; os resultados são citados de Die Zerstoerung und Wiedemugbau von Dresden, pelo Professor Max Seydewitz (Dresden, 1955); com informações adicionais de vários prisioneiros aliados em Dresden; outros detalhes acêrca do efeito do reide, assim como informações referentes às instalações industriais e militares foram obtidas de declarações de habitantes de Dresden. Para informações detalhadas sôbre a produção de armamentos em Dresden devem ser consultadas as notas do Arquivo Nacional, ,em Washington, em particular o seu microfilme T-73, rôlo 23 e o microfilme T-77, rolos 186, 190, 195, 280, 287, 288, 290, 305, 334, 337, 354, 363, 365, 370, 401, 422 e 423. Êles contêm a correspondência, o diário de guerra e o relatório sôbre a situação do Comando de Munições de Dresden e Inspetorias IV e IV-A de 1937 a 30 de setembro de 1944, a última data disponível. Deve ser também consultada a seguinte fonte de documentos do Serviço de Informações de Bombardeios Estratégicos dos Estados Unidos (USSBS): 1.f(49) Mapa de Objetivos de Dresden e Freital; e 3.a(746) Dossiê sobre a avaliação de danos, contendo tudo sôbre Dresden, Alemanha. (Três envelopes). A informação especial sôbre a importância industrial de Dresden proveio das seguintes fontes: da USSBS sôbre a Zeiss-Ikon, fonte documento 50.6.(5) Zeiss-Ikon A G Dresden e ADI (K) Relatório Nº565/1945, a informação de 55 folhetos dos arquivos da Zeiss-lkon, apreendidos pelos inglêses. Quatro mapas, de tamanho grande, de Dresden, datados de 1947 até hoje, foram também obtidos. Detalhes sôbre a atividade da Schsenwerk e sôbre a Klauber e Siman e a Otto Bark Motorenbau, do relatório secreto da Inteligência Relatório sôbre a indústria alemã de motores de avião, compilado pelo Departamento Econômico Alemão do Ministério do Exterior, Lansdowne House, provàvelmente logo depois do dia VE (um documento de origem de USSBS). Dados sôbre Kach e Sterzel foram obtidos da agora VEB Rantgen und Transformatorenwerk, Dresden, durante uma visita do autor, em 1964. Dados sôbre o arsenal provieram dos arquivos da cidade de Dresden; informações sôbre a produção de peças de jato Me. 262 provieram de referências de Albert Speer, FD.3353/1945, apêndices III e V, enumerando o estado da descentralização de produção de Me.262, como a de fevereiro de 1945. O historiador americano citado foi Mr. J. W. Angell (veja Introdução). Para o interrogatório de Frydag, veja Relatório 353/1945 da ADI(K). A declaração do Gauleiter Mutschmann considerando Dresden uma "cidade

fortaleza" foi publicado no jornal da DNDAP de Dresden, Der Freihestkampf, em 16 de abril de 1945.

A nota do Serviço da Inteligência do Home Office consistiu numa minuta de McIvar (Chefe do Serviço da Inteligência do Home Office) dirigida a A. Nickalls, Divisão de História do Ar, em 12 de abril de 1947. A descrição da localização das defesas antiaéreas de Dresden baseou-se amplamente em declaração feita por Herr Gotz Bergander, Berlim; e sôbre a sua atividade, em várias informações privadas; o interrogatório do General Gerlach pode ser encontrado no Relatório Nº368/1945, Parte II, da ADI (K). Detalhes sôbre embarque de baterias antiaéreas alemãs para a frente oriental estão no Diário de Guerra do Alto Comando da Fôrça Aérea Alemã (GAF), especialmente anotações de 3 e 12 de fevereiro (Arquivo Nacional de Microfilmes T-321 rôlo 10).

Os fatos referentes à ofensiva de janeiro do Exército soviético estão amplamente baseados em Geschichte des Zweiten Welkrieges, por Tippelskirch, pág. 562 e seguintes; e no Diário de Guerra da Seção de Operações do Alto Comando Alemão (OKW), anotações de janeiro e fevereiro de 1945. O apêlo de Guderian ao Führer e a sua resposta negativa são citados em Tippelskirch, pág. 613. A evacuação do Leste e as circunstâncias levando ao afluxo de refugiados em Dresden, junto com a descrição da evacuação da Silésia e da Pomerânia, são baseadas em Dokumenation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa Vol. I. publicado pelo Bundesministerium fur Fluchtlinge, Vertriebene und Kriegsgeschadigte (Bonn, 1951). Outras aspectos menos importantes foram extraídos dos Vol. II e IV desta documentação histórica, disponível também em tradução inglêsa do Ministro Federal de Evacuados, Refugiados e Vítimas de Guerra, Bann.

O relatória-narrativa do reide aéreo de 16 de janeiro a Dresden provém de uma declaração ao autor feita por Mr. Richard Dugger, antigo aviador bombardeador, do 448º Grupo de Bombardeiros, da 2ª Divisão Aérea; os danos causados são descritos por referência de Seydewitz, op. cit., informações particulares e declarações de habitantes de Dresden. A morte do pessoal inglês no reide é descrita em Diário do Campo de Arbeitskommando 1326, Dresden; outras referências em cartas da frente aos pais do soldado Norman Lea, de 5 de fevereiro de 1945.

A ordem do Gauleiter Hanke proibindo a evacuação da Silésia por homens válidos foi citada em Tragédia da Silésia, 1945-1946 (Munich, 1952) pág. 53. Informações do Comando de Bombardeiros sôbre a situação dos prisioneiros de guerra foram lembradas em comunicação pessoal de Sir Arthur Harris ao autor; informação estatística detalhada foi fornecida para êste trabalho pelo Departamento de Informações Oficiais, do Ministério da Guerra (Londres) e pelo Arquivista-Chefe Sherrod East, da Divisão de Informações da II Guerra Mundial, Washington; detalhe sôbre campos em trânsito foram baseados em outras informações do Ministério da Guerra ao autor e no Diário do Campo de Arbeitskdo, 1326. O trabalho de refugiados nos distritos de Dresden foi descrito em diários da antiga Maidenführerin da RADWJ, Margarete Fuhrmeister, de Mannheim, e do Studienrat Hanns Voigt, e em declarações de outras cidadãos. A mudança da Rádio Breslau para Dresden foi descrita em detalhe em três artigos, no Aktuell (Munich), Nºs 5 e 7, 1962; a evacuação do Luftgaukammando de Breslau é descrita pelo Major

Victor Cheide ao autor. Notas finais do diário do Caporal S. Gregory.

Capítulo II

A discussão da relação entre a ofensiva aos centros de habitação do Leste e o plano Trovoada é baseada em documentos publicados na História Oficial de A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, na história das Forças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial e em comunicações pessoais feitas ao autor pelo Marechal da RAF Sir Arthur Harris e pelo Marechal-do-Ar Sir Robert Saundby. Cenas de refugiados em Berlim foram descritas em The Times, Londres, 25 de janeiro de 1945. A instrução de Sir Norman Bottomley a Harris é transcrita na íntegra em Webster e Frankland, op. cit., Vol. IV, pág. 301 (Apêndice 28), como carta de Bottomley a Harris, de 27 de janeiro de 1945. A discussão da organização do ataque americano é baseada em Fôrças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol. III, pág. 722 e seguintes, e em comunicações pessoais feitas ao autor pelo General C. A. Spaatz. A complicação da missão inglêsa em Moscou é descrita segundo comunicação pessoal feita ao autor pelo Tenente-General M. B. Burrows. As representações do Departamento do Ministério da Guerra ao CIGS em Dresden (veja pág. 37) são baseados em comunicações pessoais do Major (GS) D. Ormsby-Gore (agora Sir David Ormsby-Gore); a nova diretriz proposta é transcrita em Fôrças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol. III, pág. 725; o comentário do General Spaatz de como a mesma afetou o papel dos EUA é tirado de comunicação pessoal ao autor; a pergunta de Mr. Purbrick acêrca do bombardeio de Dresden, etc. foi transcrita do Relatório Parlamentar, de Hansard, Vol 407 Col. 2070.

As estatísticas sôbre refugiados silesianos foram obtidas do Documento sôbre a Expulsão op. cit., estatísticas sôbre cartões de racionamento foram fornecidas por Mr. Howard Gee, durante uma visita a Dresden, em junho de 1963. A descrição da distribuição de refugiados e soldados feita pela Polícia Militar é baseada no Aktuell, op. cit., e a declaração feita ao autor por um dêsses policiais, Herr Horst Galle, Ruhr. O folheto de propaganda inglêsa foi Nachrichten für dic Trupplen, de 13 de fevereiro de 1945. Forneceu um exemplar Herr Franz Azpf, de Dresden.

O relato da reação do Comando de Bombardeiros à ordem Dresden é baseado em comunicações pessoais do Marechal-do-Ar Saundby; o texto do Boletim correspondente da BBC foi fornecido ao autor pela British Broadcasting Corporation, Londres.

O telegrama americano a Hill é descrito em comunicação pessoal ao autor, feita pelo historiador soviético S. Platonov, Diretor do Jornal de Histórica Militar, de Moscou e posteriormente confirmada por comunicação pessoal do Major-General E.W. Hill; a reação de Kuter à notícia da nova política de bombardeio da USStAF está contida em mensagem de 13 de fevereiro de 1945, ao General Spaatz, e as suas conseqüências são acentuadas em comunicação pessoal do General Spaatz ao autor. A nota do Marechal-do-Ar Oxland é descrita em comunicação pessoal de Sir Arthur Harris ao autor. A previsão do tempo em Dresden foi fornecida ao autor pela Divisão de História do Ar 5, do Ministério do Ar.

A EXECUÇÃO DO ATAQUE

Capitulo 1

Há uma absoluta falta de informação, em qualquer das histórias já publicadas, no tocante à montagem e execução do tríplice golpe de Dresden; recorreu-se, porém, às declarações feitas ao autor pelos oficiais mais graduados que desferiram o ataque e, especialmente, às completas recordações dos dois Chefes de Bombardeio da RAF, Comandante-de-Ala Maurice A. Smith e Chefe de Esquadrão CPC de Wessdow, controladores do 1º e 2º ataques, respectivamente. O Comandante-de-Ala Smith, sobretudo, conserva uma minuciosa recordação pessoal das numerosas operações e isto forneceu inapreciáve1 material para a descrição do primeiro (Grupo nº 5) ataque.

A comparação com os reides de 1944 a Augsburg foi inspirada pelo Augsburg Field Report, da USSBS (1947), págs. 19-21. Outras informações oficiais sobre a execução dos ataques britânicos e americanos serão encontradas nos seguintes documentos classificados na coleção de documentos da USSBS: 2.a.(5)(g) "Narrativas da Inteligência da 8ª Fôrça Aérea, de 19 de fevereiro de 1945 a 31 de março de 1945"; 2. a. (6) (n) "Operações diárias da 8ª Fôrça Aérea em fevereiro de 1945"; 2. n. (3) (a) "Sumário Diário do Comando de Bombardeiros das operações de 19 de janeiro de 1945 e 28 de fevereiro de 1945."

O planejamento do ataque a Dresden como um duplo golpe apoiado por um ataque americano é citado em Bomber Offensive, de Sir Arthur Harris (Londres 1947), pág. 242, e foi elaborado em comunicações pessoais feitas ao autor por Sir Arthur Harris. A inclemência do tempo para vôos de longo alcance é citada em Royal Canadian Air Force Overseas Sexto Ano (Toronto, 1946) pág. 116, e apoiada por comunicações feitas ao autor pela Divisão da História do Ar (Relatórios Meteorológicos). Que os tripulantes americanos foram instruídos para o primeiro ataque a Dresden em 13 de fevereiro é confirmado por Mr. Edmund Kennebeck (antigamente do 384º Grupo de Bombardeiros) e pelo General Carl A. Spaatz. Em adição, o Professor John Clark, de Michigan (na ocasião pilôto do 100º Grupo de Bombardeiros) forneceu-me gentilmente resumo de seu diário e comentário sôbre os mesmos. A descrição do equipamento Loran é do Comandante-de-Ala, Smith, e de seu artigo na Revista da RAF, de março de 1946. A razão da escolha do Grupo Nº 5 para o primeiro ataque foi elaborada em comunicação pessoal de Sir Arthur Harris; a referência sôbre o alarme de sirenas é dos Arquivos da Cidade, de Flensburg, Alemanha do Norte. A descrição do plano de ataque pelo Grupo Nº 5 é baseada em declarações feitas ao autor pelo Comandante-de-Ala Smith, pelo seu navegador, Tenente-Aviador William Topper, e pelo pilôto do Lancaster da primeira Fôrça de Esclarecimento, Comandante-de-Ala, F. Twiggs. A composição das Fôrças Principais é baseada em declarações impressas em Royal Air Force, 1939-1945, Vol. III, pág. 269, em notas conservadas pelo Tenente-Aviador Edward Cook (Grupo Nº 3), impressas

em detalhe em RCAF no Exterior, Ano Sexto, pág. 116, e em informação anotada pelo Comandante-de-Ala Smith. O uso do H2S Mark IIIF, para Dresden, é citado em ôlho do Bombardeador (Londres 1959), pelo Comandante-de-Ala Saward. A composição da Fôrça Sinalizadora, em Dresden, foi comunicada ao autor pela Divisão de História do Ar; as operações executadas paralelamente às de Dresden foram elaboradas numa comunicação pessoal feita ao autor pelo Vice-Marechal-do-Ar D.C.T. Bennett; e informação fornecida pelos arquivos das cidades de Bonn, Nuremberg e Dortmund. A finta Window, do Esquadrão 223, em Bonn, foi descrita por Mr. K. Stone e o ataque diversionista a Magdeburg, pelo Comandante-de-Ala Mr. Sewell; o ataque prévio ao petróleo, em Bohlen, é citado em História da RCAF, já mencionada. As reações do AOC dos Grupos Nº 8 e Nº 1 foram sublinhadas em comunicações pessoais feitas ao autor pelo Vice-Marechal-do-Ar Bennett e pelo Vice-Marechal-do-Ar Buckle, respectivamente.

O relato da instrução do primeiro Bombardeiro-Chefe é baseado em comunicações pessoais do Comandante-de-Ala Smith e Vice-Marechal-do-Ar H. V. Satter1y. O setor atribuído para ataque ao Grupo Nº 5 foi assinalado em tinta branca no mapa de objetivos; diz o Vice-Marechal-do-Ar Satterly que êste setor foi assinalado pelo Comando de Bombardeiros, não por ele.

Capítulo II

A referência à necessidade de destruir os Mosquitos na eventualidade de uma aterragem forçada foi comunica da ao autor pelo Tenente-Aviador William Topper, Chefe de Sinalização. A descrição do Centro de Contrôle do Comando de Caças Alemão é baseada nas memórias do General Adolf Galland, Die Ersten und die Letzten 1955, e em comunicações feitas ao autor pelo Major Hans Kuhlisch. A crise de gasolina da aviação alemã é magistralmente documentada no Diário de Guerra do Setor de Operações do Alto Comando Alemão e do Alto Comando da FAA, anotações de 13 de fevereiro de 1945. A descrição de V./NJG.5 e as tentativas de defender Dresden são baseadas em informação fornecida pelo Oberleutnant Hermann Kinder, de Bielefeld. As instruções do Bombardeiro-Chefe e outros diálogos são reproduzidos textualmente da Transcrição do Resumo Telegráfico. Operações da noite de 13/14 de fevereiro de 1945, Dresden, cujo resumo foi conservado para fins de demonstração depois do tríplice golpe, e do diário de bordo do navegador do avião do Capitão de Grupo Smith, no qual o horário estava também incluído. As fotografias tiradas pelo avião do Tenente-Aviador Topper ostentavam os números oficiais (Coningsby) 2665-2668; os alertas da artilharia antiaérea de Dresden foram anotados por um antigo soldado daquela artilharia, Herr Gotz Bergander, de Berlim. O alerta público pelo rádio à população foi reproduzido no Aktuell (Munich) 1962, Nº 3.

Capítulo III

As observações meteorológicas de Dresden-Klotsche foram fornecidas ao autor pelo Serviço Meteorológico Central Germânico, em Offenbach. Detalhes sôbre instrução da Fôrça Principal foram fornecidos ao autor por Messrs. Hoffman, Abel, Lindsley e Jones, todos antigos tripulantes do Comando de Bombardeiros. Outros resultados provieram dos Messrs. Cook, Mahoney, Parry e outros aviadores e oficiais do Comando de Bombardeiros, na ocasião. Que o Ministério do Ar tenha falado de fábrica de gases tóxicos, indústrias de munições vitais, etc. foi acentuado em comunicação da Divisão de História do Ar ao autor. O horário do ataque atual a Dresden, marcado para começar à 1h30m da madrugada, é baseado no Livro de Notas Operacionais do Esquadrão 635 e nas anotações do livro de bordo do Chefe de Esquadrão CPC de Wesselow, do Comandante-de-Ala H.J.F. Le Good (Chefe de Bombardeio Adjunto) e nas anotações do livro de bordo, feitas pelos membros de sua tripulação. O navegador do avião do Chefe de Esquadrão, de Wesselow, Mr. A. H. Emmott (agora Prefeito de Burnaby, Colúmbiã Britânica) gentilmente descreveu as suas vívidas recordações do reide. Os riscos de eletricidade estática são nitidamente visíveis numa cópia do filme, foto C. 5131, da coleção do Museu de Guerra Imperial, em Londres. O Comunicado do Ministério do Ar que primeiro anunciou o ataque a Dresden foi o Boletim do Ministério do Ar Nº 17.506.

Capítulo IV

O relato do final do assunto Dresden em Moscou é baseado numa comunicação do historiador soviético S. Plutonov, diretor do Jornal de História Militar, de Moscou; o diario do pilôto bombardeiro americano foi fornecido pelo Professor John Clark, Michigan; a composição da fôrça americana atacante é descrita em Forças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol. III, pág. 733; o itinerário dos bombardeiros e escoltas de caças apóia-se no relato existente no Boletim da Inteligência do 20º Grupo de Caça, de 14 de fevereiro, 1945; o engano cometido pelo 398º Grupo de Bombardeiros é sublinhado em comunicações feitas ao autor pelo bombardeador Edward McCormack. O Sumário da FAA sôbre os reides provém do Diário de Guerra do Alto Comando da FAA, anotação de 14 de fevereiro de 1945; o relatório sôbre a situação do Alto Comando Alemão resulta da anotação de 15 de fevereiro do seu Diário de Guerra.

O EPILOGO

Capitulo 1

A nota sôbre roupas queimadas resultou de uma declaração feita por prisioneiros aliados, incluindo o Caporal E. H. Lloyd; a nota Mockethal proveio de Herr Hans Schmall, de Giessen; o relatório do Escritório de Registro de Terras veio de Herr Hanns Voigt de Bielefeld. Tôdas as anotações do relatório da Polícia de Hamburgo foram retiradas de Geheim: Bericht des Polizeiprasdenten in Hamburg als ortliche Luftschutzleiter aba die schweren Grossangrifle aaf Hamburg in Juli/August 1943 (inédita). A destruição da área de tempestade de fogo em Dresden, estimada em proporção superior a 75%, no mapa do Escritório de Planejamento da Cidade, de novembro de 1949. A informação da ferroviária foi referida pelo Prof. Max Seydewitz em Zerstorung and Wiederaufbau von Dresden (Dresden, 1955). A nota sôbre vagões de carga resultou de uma comunicação pessoal de Herr Hans Kremkoller, de Hamburgo. As instruções das brigadas contra incêndio foram assinaladas em comunicação pessoal do Major-General Hans Rumpf, Inspetor alemão do Serviço de Incêndios, e em comunicação pessoal do Chefe da Brigada de Incêndio de Dresden, Orthloph. O destino da brigada de Bad Schandau é citada por Seydewitz, ap.cit. O contrôle das operações pelo Gauleiter é descrito pelo engenheiro George Peydt, em artigo publicado em Ziviler Luftschutz (Koblenz) edição 4/1953.

O relato da organização do serviço de combate a incêndios apóia-se em informação de Herr Arnold Gunter, de Hamburgo, que foi mensageiro. A descrição dos recursos hospitalares baseia-se no Relatório da Polícia de Hamburgo, do Major-General Kehrl, ap.cit, e em Seydewitz, ap.cit. O relato das medidas de ARP na cidade tem apoio em Feydt, ap.cit, Seydewitz, ap.cit., e em comunicação de Herr Arnold. O Comandante da Companhia de Transporte RAP citado foi Herr Gerhard Nagel, de Lippstadt. O Segundo comandante da RAD foi Herr Heinrich Prediger, de Unna. O capitão de cavalaria citado foi o advogado Wolf Racktenwald, de Bonn. O sistema de túneis em caracol descrito por Frau Gertud Nimows, Visselhovede. As cenas nos Correios descritas por Frau Eva Antons, de Osnabruck.

Capítulo II

A informação referente aos grupos de salvamento austriacos, fornecida em comunicação pessoal de Mr. G. Conway e de Herr Karl Forstner, de Linz. As descrições das operações de salvamento são baseadas em Feydt, ap. cit., Herr Alfred Hempel, de Dortmund e Herr Hanns Voigt, de Bielefeld. Anotações sôbre a organização da Serviço de Bem-Estar Social do Partido provêm de comunicação de Frau Elsa Kodel, de Taubbischofsheim. A descrição da chegada de engenheiros ferroviários resultou de

comunicação pessoal do General Erich Hampe, de Bonn. A fuga do trem de Augsburg foi confirmada por Herr Voigt. O Führer da coluna de refugiados foi Herr Otto Thon, de Krefeld. O evacuado que descreveu a cena no interior do trem de crianças fai Herr Heinz Buchholz, de Koln-Sulz. A mulher que fugiu do subterrâneo da Estação Central foi Frau Hanne Kesseler, de Wulfrath; outros detalhes do chefe da ARP da Estação, Herr Schone, citado por Seydewitz, op. Cit. O relato das vítimas em túneis, de comunicação pessoal do cadete dos Panzer Grenadier Herr Hans Kremholler.

O negativo C. 4.973, do Museu de Guerra Imperial, mostra claramente os parques ferroviários de Friedrichstadt na manhã seguinte ao ataque. Anotações da história oficial americana provêm de As Fôrças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol III pág. 731; o relatório post-reide, da RAF, citado, foi o Bombel Comand Weekly Digest 148, o qual, como foi visto no último capítulo, não acentua a importância da cidade de maneira exagerada. O dano às ferrovias de Dresden foi referido por Jodl, em 19 de março de 1945 (em interrogatório da USSBS, relatório Nº 17). Num interrogatório posterior (USSBS Nº 62, em 29 de junho de 1962) foi-lhe perguntado: "Quantos civis foram mortos por ataques aéreos?" êle respondeu: "Não posso dizê-lo de maneira exata mas pouco antes de deixar Berlim, ouvi alguém dizer que foram 400.000. As maiores foram as catástrofes de Hamburgo e Dresden." Outros detalhes referentes, sobretudo as baixas civis, foram dadas por Robert Ley (Interrogatório da USSBS Nº 57) e pelo Professor Karl Brandt (Interrogatório da USSBS Nº 64). As referências do Ministério alemão de Transportes aos danos de Dresden podem ser encontrados no Relatório Nº 400/1945 da ADI/K. parágrafo 78/80.

Capítulo III

A descrição das baixas entre meninos do côro pelos ataques de metralhamento, citadas por Seydewitz, op. cit.; outros detalhes sôbre metralhamento, obtidos de Herr Nagel e do prisioneiro de guerra John Heard. As informações sôbre a mulher refugiada de Breslau, obtidas pela própria, Frau Anneliese Helimeyer, de Koln-Braunsfeld. O destino dos inválidos na escola Vitzhum, descrito por Seydewitz, op. cit. O uso de Hans Sonnenstein, referido pelo Major V. Scheide, de Leverkusen. O Centro de Comando da SS, descrito pela enfermeira que nêle organizou um pôsto de socorro, Frau Marga Staubesand, de Kalu-Lindenthal. A destruição da Fraunklinik é totalmente descrita em Seydewitz op. Cit. Dificuldades causadas pela disposição dos comandos do Exército em ambas as margens do Elba, descritos pelo advogado Wolf Recktenwald, Bonn. As atividades dos campos de prisioneiros de guerra nos trabalhos de salvamento são referidas pelos prisioneiros, sobretudo no diário do Campo 1326. As notas dos Corpos Britânicos Livres foram fornecidas por Mr. Brock. A execução de dois prisioneiros por saque, descrita no Diário do Campo de Kdo. 1376, em correspondência do Campo, pelo Caporal Gregory e por Brock. A execução do saqueador alemão é descrita pela Maidenfuhrerin da RADWJ, Margarete Fuhrmeister, Mannheim.

A organização da Vermisstenzentrale inteiramente baseada no diário de Herr Hanns Voigt, de Bielefeld. A situação do estoque de luvas de borracha, acentuada em George Peydt, op. cit.; comparação com Kassel baseada em Erfahmngsbericht zum Luftangrift von 22-10-1943 auf den Lufschutzort I. Ordnung Kassel, pelo chefe de polícia de Kassel. As ruas intransitáveis da Cidade Interior, citadas por Herr Voigt; a mistura de utensílios, referida por Herr Hans Schmall. A figura de mãe e filho, descrita em carta de Herr C.T. Rademann (agora Helmstedt) à sua mãe, datada de 22 de fevereiro de 1945. O soldado que descreveu vítimas jazendo nas ruas foi Herr Rudolf Schramm, de Buchholz, perto de Hamburgo.

Capítulo IV

A sugestão de que o Dr. Goebbels estava preocupado com o plano Morgenthau nos seus discursos de propaganda é sugerida pelo Volkischer Beobachter e pelo Das Reich, de fevereiro de 1945. A observação do Inspetor dos Serviços Alemães contra Incêndios foi obtida nas memórias do Major General Rumpf, Der Hochrote Hahn (Darmstadt, 1952) pág. 135; ponto de vista oposto foi colhido pelo Coronel Edgar Petersen, em 23 de julho de 1945; a sua opinião foi anotada em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945 Vol. III pág. 224. A parte que falta nas notas do Coronel Petersen pode ser encontrada no Relatório Nº 355ª/1945 do ADI (K). As atitudes de Hitler, na noite de Dresden, são registradas em Livro de Compromissos de Hitler, de outubro de 1944 a fevereiro de 1945, conservado pelo Capitão Heinz Linge; para o propósito de Hitler de renunciar à Convenção de Genebra veja inter alia Führer Conferences on Naval Aftairs. A descrição de tanques de agua no Altmarkt proveio de Hanns Voigt e outros. A descrição de Lindenau-platz, de Margarete Fuhrmeister. O fuzilamento dos animais do Zôo de Dresden, descrito por Hana Schmall e Peydt, op. Cit. A situação de RADWJ em Dresden antes do reide, relatada por Margarete Fuhrmeister, baseada em Aufgabe und Aufbau des Reichsarbeitscienstes, De. Phil. Wolfgang Scheibe (Leipzig, 1942). A condutora de bonde KHD, descrita em comunicação pessoal de Herr Rademann. A estimativa de 39.773 figurou no artigo de Feydt, op. cit. para o total de mortos identificados. O total para Heidefniedhof, citado por Seydewitz, op. cit. Anotações para Obergartner Zeppenfeld, citadas por Seydewitz e outros fatos para relacionar, em uma entrevista com Zeppenfeld, fornecida por Herr Franz Zapf, de Dresden.

Capítulo V

O incidente na Markgraf-Heinrich-Strasse, descrito por Frau Kate Jaeschke, de Koln-Klettenberg. As estatísticas dos danos foram obtidas nos arquivos da cidade, Dresden, e comparadas com o Vol IV (Apêndices) de A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha. Os detalhes sôbre as reparações do serviço de bondes são de Der Freiheitskampf. Os danos à fábrica de soros foram descritos pelo Prof. Karl Brandt (Interrogatório Nº 64, da USSBS, de 17 de junho de 1945). Para alguns dados sôbre a

avaliação do efeito moral pelos alemães veja um relatório secreto (um de uma série mensal), publicado em 24 de março de 1945 pela Divisão de Inteligência do setor de operações da FAA, intitulado: A guerra aérea inimiga contra a Alemanha durante janeiro e fevereiro de 1945 (Um documento originário da USSBS). Para outras informações sôbre danos, consulte o documento 193. a. (5) da USSBS Mapa dos danos em cidades alemãs e o 200.a. (47), Resultados da guerra aérea contra operações ferroviárias, conforme foi relatado pelo Ministério dos Transportes. A maior parte da descrição da remoção das vítimas é baseada no diário de Herr Voigt. Informações sôbre baixas foram fornecidas pelo Dr. Hans Sperling, Ministro Federal de Estatística, Wiesbaden; deve ser prestada atenção ao considerar a recente declaração do General Hans Rumpf, de que o Ministro lhe havia dito que 60.000 pessoas haviam sido mortas em Dresden, pois o Ministro havia baseado o seu total primitivamente numa estimativa feita por Rumpf, que nunca estêve em Dresden. O trecho do relatório da polícia é baseado em o Tagesbefehl Nº 47 (veja apêndice), fornecido ao autor por um particular de Dresden, em novembro de 1964. O relatório circulou entre oficiais médicos e oficiais locais através dos canais oficiais, em março de 1945, e um dêsses médicos forneceu a cópia aqui reproduzida. Até agora o autor dêste livro somente pôde usar as poucas frases anotadas por Seydewitz, op. cit., e concluiu que era provàvelmente uma fraude; o conjunto do relatório torna essa conclusão mais difícil de tirar. O Coronel Grosse era Chefe do estado-maior do Major-General SS Obernheidachr, o oficial SS mais graduado e Chefe de Polícia em Dresden. Alguns colegas de Grosse na polícia, durante a guerra, duvidaram de sua autenticidade. Outras informações foram fornecidas pelo Coronel Teske, dos arquivos militares Bundesarchiv, em Coblenz, enquanto informações da visita de Kleiner a Dresden foram dadas pelo Comitê da Cruz Vermelha Internacional, em Genebra; os totais dados ao autor foram fornecidos por um terceiro, cidadão de Dresden. Os dois oficiais médicos alemães citados são os Drs. Desaga e Hurd, interrogados pela USSBS em 19 de julho de 1945.

NEM LOUVOR NEM CENSURA

Capitulo I

O primeiro relatório completo sôbre os reides a Dresden foi publicado pelo Ministério do Ar em seu Boletim Nº 17.493, às 8h46m da manhã de 14 de fevereiro de 1945; o (secreto) Bomber Command Weekly Digest Nº 148 como foi referido ao autor pela Divisão de História Aérea Nº 5. O texto do boletim de notícias das 18 e das 21 horas de 15 de fevereiro foi comunicado ao autor pela British Broadcasting Corporation, Londres. A declaração do Departamento de Estado dos EUA foi citada em New York Herald Tribune em 12 de fevereiro de 1953; a declaração de o Manchester Guardian constava do seu relatório do Correspondente de Bonn de 14 de fevereiro de 1955.

O comunicado do Alto Comando Alemão foi publicado em Volkischer Beobachter de 15 de fevereiro de 1945; não houve no jornal outras referências a Dresden até 6 de março de 1945.

Tôdas as irradiações em língua estrangeira acêrca dos reides de Dresden e outros reides aos centros habitados do Leste estão no texto extraído dos Relatórios Confidenciais do Serviço de Escuta da BBC (inéditos) nºs. 2.039 a 2.045, inclusive, cobrindo o período de 14 a 19 de fevereiro, inclusive. A informação do Bureau Telegráfico Escandinavo é citado em o Daily Telegraph de 17 de fevereiro de 1945.

O relato da ofensiva aérea de 15 de fevereiro é baseado em Fôrças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol. III págs. 731-2, e as histórias publicadas de 100º, 447º, 441°, 34º, 390º, 384º e 401º Grupos de Bombardeiros; a resposta oficial a críticos foi publicada como editorial de o Times, em 17 de fevereiro de 1945.

A narrativa da conferência de imprensa do SHAEF e suas conseqüências é baseada em Fôrças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol. III, págs. 726-7 e em comunicações pessoais feitas ao autor pelo Comodoro-do-Ar C.M. Grierson; o texto do despacho da Associated Press provém da versão citada na Câmara dos Comuns por R. Stokes, Debates Parlamentares, de Hansard, Vol. 408, Col. 1901.

Capítulo II

A descrição da ofensiva aérea de 2 de março é baseada em Fôrças Aéreas do Exército na II Guerra Mundial, Vol. III pág. 739, em informações particulares de velhos cidadãos de Dresden e relatos contidos nas histórias publicadas do 34º Grupo de Bombardeiros; detalhes particulares foram fornecidos pelo Tenente Malcolm E. Corum, bombardeador-chefe do 34º Grupo de Bombardeiros, 3ª Divisão Aérea. Outras informações foram tiradas de histórias publica das do 100º, 390º, 401º e 447º Grupo de

Bombardeiros; também do Diário do Campo de Arbeitskdo 1326, Dresden Scharfenbergerstr. O folheto de propaganda alemã citado foi o 1325/3 45, acêrca de Dresden, intitulado: A Pluma Branca para o General Doolittle.

A controvérsia de Washington é descrita em Fôrça Aérea do Exército na II Guerra Mundial, Vol. III, pág. 731, citando memorando para Stimson, de Marshall, publicado por Loutzenheiser, em 6 de março de 1945. O resultado das pesquisas americanas pós-guerra sôbre os reides de Dresden estava num artigo inédito Estudo sôbre os Reides Aliados a Dresden, por Joseph W. AngeIl Jr Divisão de História das Fôrças Aéreas dos Estados Unidos, Washington. O relatório da Cruz Vermelha Internacional foi citado na declaração dos prisioneiros de guerra ao autor pelo Arquivista-Chefe Sherrod East, da Divisão de Notas da II Guerra Mundial, Washington.

As minutas de Mr. Churchill, de 28 de março e 1º de abril de 1945, são citadas na íntegra em A Ofensiva Aérea Estratégica contra a Alemanha, 1939-1945, por Webster e Frankland, Vol. III págs. 112 e 117, respectivamente. As opiniões de Sir Robert Saundby estavam contidas em comunicação pessoal ao autor, antes referidas. A atitude de Eden em 1942 em face da ofensiva aérea estratégica é reproduzida na minuta publicada em Webster e Frankland, op. cit., Vol. III, pág. 115. A reação de Sir Arthur Harris às primeiras notícias da pretendida minuta de 28 de março constou de comunicação pessoal ao autor. O fundamento da rejeição do despacho de Harris constou também de uma comunicação pessoal de Sir Arthur Harris ao autor. A observação do Conde Attlee foi feita durante uma entrevista citada textualmente em Sunday Times em 27 de novembro de 1960; a resposta de Harris constou de uma carta publicada no Sunday Times em 22 de janeiro de 1961. O discurso do Comandante-de-Ala, Millington, na Câmara dos Comuns, chamando a atenção para a afronta ao Comando de Bombardeiros é citado de Debates Parlamentares, do Hansard, Vol. 420.